

RENATA RIBEIRO DE MORAES

**“PARA JOÃO ANTÔNIO, PELA FORÇA AOS NOVOS E À LITERATURA”:
Dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário**

**ASSIS
2014**

RENATA RIBEIRO DE MORAES

**“PARA JOÃO ANTÔNIO, PELA FORÇA AOS NOVOS E À LITERATURA”:
Dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário**

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Doutora em Letras
(Área de Conhecimento: Literatura e
Vida Social)

Orientadora: Ana Maria Domingues de
Oliveira

**ASSIS
2014**

Dados internacionais de catalogação-na-publicação

M827 Moraes, Renata Ribeiro de
“Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura”: dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário / Renata Ribeiro de Moraes; orientadora Ana Maria Domingues de Oliveira. – Assis, 2014.
232 f. il. : color. ; 30 cm.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Área de conhecimento: Literatura e vida social.

1. João Antônio (1937-1996). 2. Dedicatórias. 3. Projeto literário. 4. Rede de sociabilidade. I. Moraes, Renata Ribeiro de. II. Oliveira, Ana Maria Domingues de, orient. III. Universidade Estadual Paulista. IV. Título.

CDD 809

Bibliotecária responsável
Beatriz Cristiane de Araújo
CRB 8/9252

*Para meu pai José Moraes, minha mãe
Dirce dos Santos e minha irmã Rejane
Patrícia – dedico-lhes com amor.*

Agradecimentos

Desenvolver um trabalho por aproximadamente quatro anos envolve muitos nomes. Não agradeço somente, mas, sobretudo, torno público o meu apreço a todos aqueles que passaram por mim, nessa caminhada.

Agradeço ao CNPq, pelo apoio durante o período de escrita.

Agradeço à Professora Ana Maria Domingues de Oliveira, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e pelas apreciações feitas durante o decorrer do trabalho.

Agradeço aos amigos que acompanharam os passos os quais me permitiram chegar onde estou: Rachel Müller, Ana Paula da Silva, Lúcia Kunieda, Elaine Diniz, Kelly Ribeiro, Lélia Rosiano, Mário Pinna, José Guimarães, Elaine, Tokiko, Geraldo, Antônio, Joanir Fernandes, Anderson, José Calderon, Alexandra e Jussara, Lélia, Yumi, Ana Paula Barros.

Aos amigos Deise e Orlando Gallantini, sempre presentes em todos os momentos.

Aos funcionários da Biblioteca Mário de Andrade, Nathan Serzedelo e Beatriz Araújo, pela força e paciência. Aos funcionários da Pós-Graduação de Assis, UNESP, Monique, Marcos e Iria.

Agradeço ao Professor Rony Farto Pereira pelas considerações a respeito do texto.

Agradeço ao Professor Juvenal Zancheta pelo apoio e carinho, pelo aprendizado e pela amizade.

Aos que participaram da defesa, em especial, Luciana Correa e Érica Ferreira (sobrinha de João Antônio).

A Caio Porfírio Carneiro e a Fernando Paixão pela atenção e disposição em me atenderem.

À Clara e Medeiros, amigos presentes. Amizade que se iniciou há 15 anos.

À banca de qualificação, pois sem as sugestões levantadas, o resultado não seria exitoso.

Aos componentes da banca, pela leitura atenta e pelas sugestões recebidas.

À Professora Sandra Aparecida Ferreira, com seus apontamentos que tornaram possível o aperfeiçoamento da escrita. Agradeço à Professora Regina Célia pelo reencontro e considerações atentas.

À Irene Messias Franco e Lucila Franco Vieira, pelo apoio constante, desde minha graduação.

Agradeço, por fim, a João Antônio, pelo legado deixado à cultura nacional.

MORAES, Renata Ribeiro de. **“PARA JOÃO ANTÔNIO, PELA FORÇA AOS NOVOS E À LITERATURA”**: Dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário. 2014. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

RESUMO

Esta pesquisa analisa textos de dedicatórias enviadas a João Antônio (1937-1996) por escritores que mantiveram contato com o autor paulistano. Tais paratextos se apresentam como elementos constituintes de seu projeto literário. Da coleção de obras dedicadas, enviadas entre as décadas de 1960 e 1990, elegemos alguns paratextos os quais abordam assuntos como o mercado editorial brasileiro da época supracitada, as filiações literárias do dedicatário (João Antônio), conhecidas pelos dedicadores, a profissionalização do escritor e outras que mostram os laços afetivos, de respeito e de admiração que os autores tiveram pelo contista. De um lado, autores como Jorge Amado, Caio Porfírio Carneiro e Cassiano Nunes, com suas respectivas dedicatórias, trazem à discussão as questões referenciadas acima. Por outro lado, a escolha de outros nomes, como os de Clarice Lispector, Cleonice Rainho, Nélida Piñon e Nelly Novaes Coelho, evidencia os posicionamentos de autoras brasileiras frente à produção literária nacional, cuja criação de autoria feminina demonstra os modos como se inseriram num universo marcadamente masculino, tendo em vista o maior número de autores publicados. Por meio desses dedicadores, portanto, verticalizamos nossa análise a partir das produções de escritores contemporâneos a João Antônio, permeadas pelos assuntos das dedicatórias, permitindo que se apresentem como elementos constituintes da formação do projeto literário desse escritor.

Palavras-chave: João Antônio. Dedicatórias. Projeto Literário. Rede de Sociabilidade.

MORAES, Renata Ribeiro de. "TO JOÃO ANTÔNIO, FOR THE STRENGTH YOU GIVE TO THE NEW ONES AND THE LITERATURE": Dedications as constituent elements of a literary project. 232 pg. Thesis (Doctorate in Languages and Literature)– College of Sciences, Languages and Literature, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

ABSTRACT

The present research analyses the contents of the dedications sent to João Antonio (1937-1996) by some renowned writers who had contact with the author from São Paulo. Such dedications appear as constituent elements of the story writer's literary project. From the collection of dedicated works, sent between the decades of 1960 and 1990, we have selected some paratexts. They approach themes like the Brazilian editorial market at the mentioned time, João Antônio's literary affiliations, his professionalization as a writer and others, that show the affection, respect and admiration links towards the addressee. Authors like Jorge Amado, Caio Porfirio Carneiro and Cassiano Nunes, with their respective dedications bring to discussion the themes above referred to. The dedications sent by Clarice Lispector, Cleonice Rainho, Nélida Piñon and Nelly Novaes Coelho, on the other hand, show the position of Brazilian female authors in face of the national literary production and whose creations show the ways they inserted themselves into a universe remarkably masculine, having in view the greater number of male authors published. From the context of authors who sent dedications, our research will attain to the paratexts whose authors were contemporary to João Antônio, for our goal is to demonstrate in what degree the dedications can be seen as constituent elements of this story writer's literary project formation.

Key words: João Antônio. Dedications. Literary Project. Sociability networking.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 DEDICATÓRIAS DE OBRA: HOMENAGENS DE JOÃO ANTÔNIO	22
1.1.1Dedicatórias de obra: inventário de circunstâncias.	26
1.1.2Dedicatória de obra e prefácio em <i>Malagueta, Perus e Bacanaço: marketing</i> editorial.....	29
1.2Vivência familiar e a relação com as dedicatórias impressas.....	43
1.2.1“À muito feminina nossa madrinha Nair Cardoso Gomes – avó -”	43
1.2.3“João Antônio Ferreira - meu pai – ainda firme na luta”	46
1.2.4Em nome do pai: homenagem a Daniel Pedro	49
1.2.5“Para Afonso Henriques de Lima Barreto, pioneiro”	50
1.2.6“À beleza de estilo de jogo do muito considerado mestre Carne Frita”	56
2 DEDICATÓRIAS E A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE ESCRITORES: CONSTITUINTES DO PROJETO LITERÁRIO DE JOÃO ANTÔNIO	60
2.1 Estudos paratextuais no contexto das dedicatórias manuscritas	60
2.2 Dedicatórias de Jorge Amado a João Antônio	66
2.2.1 Primeiros contatos entre Jorge Amado e João Antônio.....	68
2.2.2 Segundo contato: “com o abraço do velho Jorge Amado”	70
2.2.3 “Para / João Antônio, / agradecendo os Lambões de Caçarola”	73
2.2.4 Práticas da comunidade de escritores: texto de Apresentação realizado por Jorge Amado	76
2.2.5 <i>Capitães, O Menino Grapiúna e Gabriela</i> : inter-relações estabelecidas na década de 1980	81
2.3 Perfil de Caio Porfírio Carneiro	89

2.3.1	Dedicatórias de Caio Porfírio Carneiro a João Antônio: o <i>Trapiá</i> conhece o <i>Malagueta</i>	90
2.3.2	“Para o amigo João Antônio, gente boa, e muitas referências ao Trapiá”	94
2.4	Cassiano Nunes: poeta da solidão.....	103
2.4.1	Cassiano Nunes e João Antônio: encontro poético e narrativo estendido pelas dedicatórias manuscritas	104
2.4.2	“A João Antônio, que revela os ambientes esquecidos com mestria e poesia” - década de 1980.....	110
2.4.3	"A João Antônio, autor importante que nos revela a vida do submundo, este ensaio que dá voz aos humildes” - 1990	118
3	COMUNIDADE DE ESCRITORES-LEITORES E O BOOM DA LITERATURA BRASILEIRA.....	128
3.1	Dedicatórias manuscritas: registros de momentos e vivências entre escritores.....	128
3.2	"Para João Antônio, companheiro de lutas”	132
3.3	“João Antônio, espero que te agrade esse estudo – inevitavelmente apaixonado pelo nosso Lima Barreto”.....	140
3.4	"Para Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia e João Antônio – escritor”	145
3.5	"Para João Antônio o Paulo Emilio”.....	147
4	PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA: AUTORIA E PUBLICAÇÃO DE ESCRITORAS E AS INTER-RELAÇÕES COM JOÃO ANTÔNIO POR MEIO DAS DEDICATÓRIAS	149
4.1	De Clarice Lispector a João Antônio: amizade intelectual e pessoal	150
4.2	Nélida Piñon: encontro com outra narrativa feminina.....	156
4.3	Nelly Novaes Coelho: olhar da admiradora e da crítica	162
4.4	Encontro em Minas Gerais com Cleonice Rainho	165
	CONCLUSÃO.....	174
	REFERÊNCIAS	184
	ANEXO.....	192

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho faz alusão a uma das dedicatórias enviadas a João Antônio e aborda o tema que aqui se propõe apresentar: a formação do projeto literário desse escritor. A dedicatória foi escrita por Jeferson Ribeiro de Andrade¹, em 1976, o qual apareceu como um dos autores que manteve contato assíduo com João Antônio. Além da amizade estabelecida, vivenciaram momentos comuns à comunidade de escritores. Com outros autores manteve contatos e isso lhe permitiu estar próximo a vozes que objetivavam um único tema: fazer literatura.

A formação do projeto literário de João Antônio abrange diversas ações como os contatos profissionais mantidos com outros escritores, encontros com estudantes, trabalho na imprensa, assim como as correspondências trocadas com intelectuais e escritores. Por fim, as dedicatórias manuscritas ainda fazem parte da constituição de seu projeto literário. Trazem à tona diversos assuntos tratados entre a comunidade de escritores-leitores e, dessa maneira, essa fonte primária ajuda a compor a movimentação intelectual do escritor João Antônio entre demais autores de seu *métier* profissional e pessoal.

Com base na apresentação e no estudo das dedicatórias manuscritas, também se volta à observação e análise das dedicatórias impressas que João Antônio formulou, em todos os seus livros publicados. O conteúdo das dedicatórias impressas abre este estudo. Por isso, todas essas manifestações combinam-se à formação familiar do escritor, que o levou a buscar leituras variadas, pois, desde muito jovem, elas o acompanharam, formando-se por meio de influências literárias que o despertaram para um olhar crítico diante da realidade que o circundou, permitindo-lhe a composição de sua obra.

Escolhemos como *corpus* de estudo as dedicatórias enviadas por renomados escritores, num rol de 1100 livros dedicados que compõem, hoje, a coleção de obras com dedicatórias. Dentre muitos escritores-dedicadores, nomeamos Jorge Amado, Caio Porfírio Carneiro, Cassiano Nunes, Clarice Lispector, Nélida Piñon, Nelly Novaes Coelho e Cleonice Rainho, que ilustram a análise. Essa seleção de autores foi feita

¹ ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. *Edições marginais* - 2. Belo Horizonte: Copibel, 1976.

Dedicatória manuscrita: "Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura, os cumprimentos do amigo. Jeferson / 17/7/76." Esse escritor nasceu em 1947 e publicou 12 obras, dentre as quais *Anna de Assis* – história de um trágico amor (1987). Na década de 1970, começou a publicar pequenas edições de livros mimeografadas, pois a censura, em Belo Horizonte, não dava tréguas à literatura. Participou dos jornais *O Pasquim*, *Movimento*, *O Estado de Minas*. O autor morreu em 2013.

porque os escritores-dedicadores explicitaram muitas das temáticas abordadas por João Antônio, em inúmeros textos jornalísticos e ficcionais que escreveu.

No primeiro capítulo, analisa-se a função das dedicatórias, na grande maioria dos casos, veiculadas nas primeiras folhas dos livros e funcionando, muitas vezes, como manifestações das ideias de autores da obra remetida. Esses paratextos referem-se aos ideais de João Antônio ou ao teor que se encontra no texto ficcional oferecido. Tal função, originariamente legitimada como meio de se agradecer por algo, ganha novos parâmetros a partir do século XVIII, quando os autores não têm mais que agradecer a algum mecenas. A dedicatória aparece, portanto, como parte da obra, relacionando-se ao tema proposto por seu criador ou ao seu fazer estético. Quando, por exemplo, o dedicador recorre a outro escritor de sua preferência e coloca trechos da obra do dedicatário, pode-se indicar que determinado escritor está também entre suas filiações literárias. Em outros casos, surgem nomes de familiares que, de alguma forma, puderam colaborar para a feitura do livro, observando-se, deste modo, os movimentos extraliterários vivenciados pelo escritor-dedicatário.

Por isso, a família de João Antônio é relacionada em dedicatórias impressas e compõem esse capítulo inicial as figuras da avó materna, seu pai e seu filho. João Antônio teve a possibilidade de iniciar contato com a escrita, por meio de incentivo especial: o da família. Observou, desde criança, as atitudes do pai, cidadão português, casado com uma mulata e apreciador de boa música, que concretizou melodias e ritmos, com olhar de amador, segundo declarações da família Ferreira. Outra figura forte e marcante em sua vida, além do pai, foi a avó Nair, madrinha do coração, geniosa e com o sangue da geração afrodescendente. Assim, a relação familiar é frequente referência em suas obras, quando João Antônio os homenageou, oferecendo-lhes dedicatórias impressas.

Com esse clima familiar, observa-se que as homenagens se tornam constantes no conjunto da obra do escritor e jornalista João Antônio, difundidas por meio de dedicatórias impressas, outra possibilidade de análise que se atrela a este trabalho. O que se extrai desses paratextos é a caracterização de seres humanos que, de alguma forma, permitiram ao escritor o contato e o encontro com o mundo e com tudo o que o cercou, desde artimanhas econômicas e sociais até momentos de fabulação interna. Logo, o capítulo versa sobre esse momento de homenagens dedicadas e nele há a possibilidade de se mapear o quanto a família foi importante na trajetória do contista. Ainda nesse primeiro capítulo, desdobra-se a análise a partir da primeira dedicatória

impressa, realizada por João Antônio, em seu livro de estreia *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), verificando de que maneira dedicatória e crítica de orelha são vistos como impulsionadores para sua carreira de escritor.

O autor de *MPB*² (1963), *Leão-de-Chácara* (1975a), *Casa de Loucos* (1976), *Dedo-Duro* (1982) e *Abraçado ao meu rancor* (1986), destacando algumas de suas obras, envolveu-se com outros escritores, por meio de cartas, com jornalistas, editores e tantos outros. Esses contatos mostram sua formação intelectual, possibilitando que se conheça o cabedal de leitura, pesquisa e reflexão que João Antônio encontrou e vivenciou, ao longo de toda sua trajetória profissional, formando, assim, seu projeto literário.

Dessa forma, analisa-se o quanto as dedicatórias impressas formam um inventário de circunstâncias, visto que promovem variados nomes, cada qual com sua importância na vida do escritor João Antônio. Outro ponto relevante, neste primeiro capítulo, é o quanto *MPB* se revela como marco inicial para o *marketing* editorial de João Antônio, já que é sua obra de estreia e traz referências a outros nomes de sua vivência familiar e intelectual, além do valor da própria obra, que o leva a inúmeras consagrações³. Nessa parte do estudo, elencam-se os intelectuais que impulsionaram, de certa maneira, a carreira do escritor, como essas relações aconteceram e de que modo se atrelam à constituição de seu projeto literário.

No segundo capítulo, são apresentadas as dedicatórias manuscritas que, de modo geral, resgatam os assuntos caros a João Antônio, discutidos durante toda sua relação com a escrita. Mostram-se, nesse capítulo, dedicatórias diversas, com autoria variada, mas que se relacionam aos assuntos tratados pelo escritor e (re)conhecidos por sua comunidade.

Com Jorge Amado, por exemplo, e suas respectivas dedicatórias, há três aspectos relevantes a serem destacados. Primeiramente, observa-se como as filiações literárias de João Antônio, assumidas pelo dedicatário, confirmam não só os gostos literários do contista como também a sua escolha de formação cultural. Aquele autor reconheceu o quanto Lima Barreto, com seus livros, tornou-se, para João Antônio, um dos autores de leitura de cabeceira e de posteriores pesquisas sobre sua obra. Lima

² A sigla *MPB* refere-se ao primeiro livro de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) e ela será usada no decorrer do trabalho. Quando nos referirmos ao conto, seu título virá entre aspas.

³ “Seu primeiro livro, *MPB*, reeditado 12 anos após seu lançamento, ganha agora sua quarta edição. Um ‘clássico velhaco’, segundo Marques Rebelo.” (Literatura brasileira em fontes populares. Porto Alegre, *Diário de Notícias*, 4 set. 1976.)

Barreto foi, sem dúvida, para o contista, um dos escritores que melhor soube retratar sua nação. Com a criação de personagens que caracterizam a representação do povo brasileiro, deu-lhes espaço quando o que mais se fazia era priorizar, em muitas obras de ficção, as altas sociedades do século XIX, as quais ainda reproduziam padrões europeus e não nacionais.

O segundo assunto referenciado nas dedicatórias remetidas por Jorge Amado é o trânsito de João Antônio na região baiana, constituindo-se como uma experiência vivida pelo autor e compartilhada com o dedicador. Além desses dois aspectos, há o terceiro, que é a amizade e a admiração estabelecidas entre os dois, desdobrando-se em trabalho profissional que foi a apresentação feita por Jorge Amado em um dos livros de João Antônio, intitulado *Dedo-Duro* (1982), objeto de análise em capítulo especificado a seguir.

Em relação ao contato que João Antônio manteve com o escritor Caio Porfírio Carneiro⁴, nota-se um número significativo de obras dedicadas que totalizam dez paratextos e respectivos livros. O contato entre os dois iniciou-se na década de 1960, mesma época de estreia literária de João Antônio, quando o outro já se consolidava na história da literatura brasileira. Ao longo dos anos, muitas cartas foram trocadas⁵ entre os dois, escritores e amigos, inúmeros encontros se realizaram, e incontáveis trabalhos profissionais se avolumaram em igual medida a eles. No que tange às dedicatórias, visualizam-se quatro instâncias fundamentais que compõem “certa irmandade” entre ambos: a homenagem, o apreço, a admiração e, acima de tudo, a amizade. Essas representações de afeto proporcionaram-lhes, mutuamente, pedidos de divulgações de obras, realização de prefácios e apresentações em suas produções, paralelamente a muitas conversas literárias que lhes permitiram ser críticos de si mesmos.

No caso de Cassiano Nunes⁶, o número de livros dedicados, diante da coleção de dedicatórias, é o que mais chama a atenção, haja vista a assiduidade em enviar a João Antônio as suas obras dedicadas. São 23 livros que estão na coleção, todas dedicadas ao

⁴ Caio Porfírio Carneiro (1928) conta com 30 publicações, entre contos, novelas, romances e crônicas. Com *Os meninos e o agreste*, conquistou o prêmio Afonso Arinos e, com *O casarão*, ganhou o Jabuti. O mais recente livro é *Veredas da caminhada*, publicado pela RG Editores, em 2011. Caio Porfírio trabalha, atualmente, na União Brasileira de Escritores, sediada em São Paulo.

⁵ ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê Editorial; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2004.

⁶ Cassiano Nunes foi professor da UnB (Universidade de Brasília), poeta, ensaísta, crítico literário, dramaturgo e jornalista (1921-2007). Em 1958, foi um dos fundadores da Faculdade de Letras de Assis (UNESP), ao lado de Antonio Candido e Antonio Soares Amora. Sua trajetória e publicação de obras serão descritas no decorrer deste estudo, em subcapítulo dedicado ao escritor, que, junto com João Antônio, deixou sua marca literária no panorama cultural brasileiro.

contista, abordando temáticas variadas, tanto os livros de Cassiano Nunes quanto o teor das dedicatórias. Há muita afetuosidade, saudade causada pela distância e registros pela falta de tempo de se encontrarem, devido aos seus trabalhos, além de muita admiração e declarações de amizade sincera. O dedicador não se esconde de seus sentimentos e, enquanto faz confissão de João Antônio, soube expressar, por meio das dedicatórias manuscritas, os temas caros ao contista, como os ambientes esquecidos retratados, sua visão crítica sobre a imprensa nacional e a TV, a leitura de suas obras realizada pelo fã-escritor e pedido de divulgação, caso João Antônio as lesse. Outro assunto focalizado diz respeito ao reconhecimento de Cassiano Nunes em relação ao apreço que João Antônio teve diante da obra de Lima Barreto, igualmente lembrada por Jorge Amado.

Assim, o que chama a atenção, realmente, não é o número de livros dedicados, mas o conteúdo das dedicatórias que atuam, em muitos casos, como críticas literárias sobre suas próprias produções, sucintamente bem realizadas, se se pensar no espaço visual que uma dedicatória dispõe em um livro. Quando se evidenciam enquanto críticas, estas, tomadas então como minicríticas ou minirresenhas, são vistas como desdobramentos de muitos dos assuntos enfatizados por João Antônio em palestras, encontros com leitores, com o público estrangeiro e na publicação de seus textos jornalísticos e ficcionais.

No terceiro tópico dessa pesquisa, há a análise de alguns temas recorrentes para o dedicatário, tais como a profissionalização do escritor, assunto muito discutido por ele e por seus dedicadores, além das referências às suas personagens, as quais aparecem elencadas nos teores dos paratextos. Nesse capítulo, também vem à tona a fórmula clássica, “De X para Y”, denotando, portanto, que os dedicadores, muitas vezes, remetiam as dedicatórias e seus livros como simples protocolos de contato e pedido de divulgação.

O quarto capítulo tematiza as autoras Clarice Lispector, Nélida Piñon, Nelly Novaes Coelho e Cleonice Rainho, e suas atuações destacam-se por suas movimentações no cenário literário nacional, entre as décadas já mencionadas. Essa análise tem o intuito de discorrer sobre as escritoras que mantiveram contato com o escritor, de sorte a mostrarem suas aparições no cenário editorial, suas publicações e reconhecimento, tudo com base na obra dedicada. Além desse aspecto, a abordagem de autoria feminina é pertinente na medida em que as escritoras ganham voz e espaço no meio literário, muitas vezes marcado pela massiva publicação de escritores. As obras dessas escritoras inter-relacionam-se à produção de João Antônio, uma vez que o

diálogo se estabeleceu tanto pelas dedicatórias quanto pelo envio de textos jornalísticos sobre o dedicatário, caso de Cleonice Rainho, ou de entrevistas realizadas por João Antônio, nas quais referenciava a obra de determinada escritora, caso como o de Nélida Piñon.

E de que modo, seja a dedicatória manuscrita, seja impressa, atua nos estudos do campo extraliterário, quando se pretende entender os momentos de sociabilidade de determinada comunidade de intelectuais? Por meio das dedicatórias, sejam manuscritas ou impressas, demonstra-se o quanto João Antônio divulgou e apresentou nomes e os perpetuou, graças ao dinamismo do mercado editorial.

Com essas duas ocorrências – dedicatórias manuscritas e impressas – compusemos o repertório reflexivo que pretende mapear os caminhos literários e extraliterários – intelectuais e pessoais – percorridos pelo escritor João Antônio. O jogo estabelecido pelas dedicatórias pode contribuir para o entendimento do seu universo, como também dos demais escritores que acompanharam sua trajetória e que participaram da história literária nacional. Ao lhe remeterem obras, os assuntos que se vincularam ao ato de se dedicar uma produção artística desvendam situações que, de certa forma, serviram como práticas constituintes de projetos literários, quer efêmeros, quer legitimados, haja vista os nomes de escritores consagrados pela crítica literária.

Estes apontamentos mostram os estudos diante do universo das fontes primárias registram ainda possibilidades de entendimento não só de um único autor, mas de toda a sua comunidade. Observadas como fontes de registros que dimensionam o leitor a entender as realizações intelectuais de João Antônio, constituem documentação historiográfica e literária, permitindo a composição de um inventário consistente e delineador da herança cultural de determinado escritor.

Dessa coleção fazem parte inúmeros escritores, veteranos e iniciantes, detentores de uma única obra ou de várias, parceiros, amigos, confidentes, escritores que, de algum modo, pensaram sobre a sociedade brasileira, mostrando, em obras dedicadas, situações e discussões referentes às décadas de 1960 a 1990.

O objetivo é identificar os temas que interessaram a João Antônio, ao longo de sua jornada profissional, como assim se referia. Embora a profissão de escritor não tenha sido legitimada pela sociedade de sua época, o autor sempre trouxe para discussão esse tipo de tema. Por essa recorrência – a profissionalização do escritor – demonstramos, nos textos das dedicatórias, o quanto os escritores-dedicadores também abordaram o tema supracitado.

Quanto às suas filiações literárias, nomes como Lima Barreto, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Antônio de Alcântara Machado são descritos nas dedicatórias manuscritas, dado que pode revelar o leitor João Antônio, pois tais nomes compuseram sua formação literária e intelectual.

João Antônio, na condição de leitor das obras oferecidas, autoriza o dedicador a fazer-lhe um pedido de leitura e consequente divulgação, já que o autor manteve empenhado trabalho na mídia impressa. Outros aspectos observados são o reconhecimento dos demais escritores quanto aos temas que o contista abordou, ao longo de sua obra, como composição de personagens e temáticas abordadas, além dos ambientes que essas personagens percorreram. Para ilustrar esse argumento, é possível conferir os teores das dedicatórias manuscritas, elencadas a seguir, que confirmam tais explanações. A primeira, retirada da obra *A luta literária* (1964), de Fausto Cunha, teve como tema a referência a *MPB*:

Para João Antônio, o vitorioso autor de Malagueta, Perus e Bacanaço, com a amizade - tão recente e já tão funda! - e a admiração desde a primeira hora / do Fausto Cunha / Rio 22.V.65 (CUNHA, 1964⁷)

Quanto à dedicatória de Fernando Py, na obra *Antiuniverso* (1994), o dedicador também se referiu ao primeiro livro de contos de João Antônio:

Ao caríssimo João Antônio, criador de gente extraordinária, como Malagueta, Perus e Bacanaço, este Antiuniverso, e o melhor abraço amigo do leitor e admirador, Fernando Py / Rio, março 96. (PY, 1994⁸)

São estas algumas das manifestações que norteiam a análise quanto ao que se pretende demonstrar, a partir das dedicatórias e que, de certa forma, ajudam a entender a constituição do projeto literário de João Antônio. Com vistas a elaborar um panorama das relações do autor com demais escritores e com o contexto literário de sua época, as dedicatórias configuram-se como marcas autorais que evidenciam o mapeamento das

⁷ CUNHA, Fausto. *A luta literária*. Rio de Janeiro: Lidador, 1964.

⁸ PY, Fernando. *Antiuniverso*. Rio de Janeiro: Sette Letras; Petrópolis-RJ: Fumo, 1994.

representações de práticas socioculturais. Contextualizadas, as dedicatórias possibilitam o entendimento da construção da memória nacional e do panorama literário - e, conseqüentemente, cultural -, do cenário político e econômico, tornando-se relevantes para o mapeamento da história literária do país.

Nesse sentido, as obras dedicadas, impressas e manuscritas, permitem analisar uma prática social bastante utilizada pela comunidade, traduzida em sentimentos de apreço, admiração, produção cultural, formação, dentre outros temas. Os paratextos manuscritos, enviados pelos escritores aqui elencados, possibilitam que se mapeie a trajetória de João Antônio, a fim de se entender como se constituiu seu projeto literário. Enquanto gêneros textuais, as dedicatórias orientam-nos a compreender o percurso de João Antônio no meio literário e, por isso, elas aparecem como desdobramentos elucidativos a respeito da sua manifestação artística e da crítica articulada e reflexiva ante sua comunidade, além dos ideais de diversos escritores que igualmente se relacionaram com os do autor-dedicatário.

Uma dedicatória testemunha o contato com elementos pertencentes aos bastidores da cena literária e, por esse viés, o livro dedicado torna-se representativo, quando se revela como meio cultural e configura a aparição de um escritor entre demais contemporâneos. Descortinam-se ideias expressas em um texto, a princípio conciso e restrito, feito para circular em determinada rede de sociabilidade.

Para que se entenda melhor como foi construído o projeto literário de João Antônio, é interessante ressaltar o quanto os aspectos brasileiros discutidos por ele não ficaram apenas no âmbito do universo cultural, como a literatura brasileira, música ou artes e afins. Assuntos relacionados à política e à economia também lhe fomentaram ideias e pensamentos comprometidos e empenhados a partir de sua realidade, resultando em matérias jornalísticas ou em temas para contos, o que também se nota em alguns textos dedicados⁹.

⁹ "A João Antônio, cujo nome vi hoje na primeira página do Pasquim, como combatente de Maluf, o abraço afetuoso do antigo fã Cassiano 8/8/84" (NUNES, Cassiano. *O "Sonho Americano" de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, s.d.) Complementando esse assunto político, há a seguinte passagem, destacada por João Antônio em entrevista a um jornal: "Inclusive – e João Antônio enche o peito – concordo plenamente como decano dos escritores brasileiros, o grande Jorge Amado, que diz que mudará de País se esta figura tenebrosa for eleita para a Presidência. Temos que apelar para Deus, para o Diabo, para as forças auxiliares, até para as entidades transcendentais árabes, para que Maluf não chegue ao poder. Ele é o maior cínico da história política do País, um indivíduo cuja grande arma é a corrupção. A sua chegada ao poder seria a vitória do pior obscurantismo, da direita mais radical e vingativa. Até a própria direita se assusta com ele. Então, todas as oposições devem se unir para que ele não chegue ao poder. Este homem é a desgraça..." (MONTEIRO, Nilson. *João. O das quebradas*." (Acervo João Antônio).

Essa diversidade de temas, em certa medida, fez com que o autor discutisse com outros escritores os seus propósitos de trabalho. Ao se resgatar sua trajetória na imprensa¹⁰ e no campo literário, vê-se o quanto João Antônio se empenhou em divulgar autores estreantes ou consagrados, e sobre os quais anunciou as mais variadas informações, por isso a alusão à dedicatória que abre o título deste trabalho – “pela força aos novos e à literatura”. Sob esse ponto de vista, destaca-se o quanto o autor preocupou-se em difundir novos nomes os quais apareceram em seu ciclo profissional, alguns desses nomes compondo a história da literatura contemporânea¹¹. Além dos novos autores que despontavam, o escritor tinha a preocupação de preservar escritores consagrados, como numa espécie de culto ao patrimônio cultural à qual a literatura também tem a função de perpetuar.

Por meio da análise das dedicatórias, há reflexões sobre como João Antônio participou da cena literária nacional com o intuito, igualmente, de divulgar novos nomes da literatura e cultura brasileiras, como referido anteriormente. Enquanto jornalista do *Tribuna da Imprensa*, por exemplo, entre 1993 e 1996, teve a possibilidade de escrever sobre alguns dos livros dedicados.¹²

Atualmente, tanto as obras dedicadas quanto os demais livros que constituem sua biblioteca pessoal estão no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), situado no *campus* Assis, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). A coleção de livros com dedicatórias figura no Acervo João Antônio e permite o resgate de obras ficcionais de diversos escritores, obras presenteadas ao autor com respectivos textos dedicados. Esses textos são vistos como fontes que formam parte da história cultural brasileira, embasada por 36 anos (1960 a 1996) de participação ativa de João Antônio e consequente comunidade de escritores-leitores.

Como outros materiais que figuram em seu Acervo, as dedicatórias oferecem possibilidades de pesquisas frente ao legado deixado pelo escritor, por manifestarem opiniões de autores oriundos de diversas regiões do país.

Para se compreender um pouco mais a história de formação pessoal e cultural de João Antônio, vê-se que esse escritor, de origem simples, teve referências pessoais e

¹⁰ *Jornal do Brasil* (1964), *Revista Realidade* (1966), *Panorama* (1975), *Jornal Última Hora* (1976), *Tribuna da Imprensa* (1993), *O Estado de S. Paulo* (1995) dentre outros.

¹¹ "Para João Antônio - mestre de longa data - ofereço este meu primeiro livro de aprendiz. Com o abraço do autor Edson Amâncio Santos 14/9/86" (AMÂNCIO, Edson. *Em pleno delito: contos*. Santos-SP: Idiomax, 1986.)

¹² JESUS, Cleide Durante Assis de. *A crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa*. Dissertação de Mestrado. UNESP-Assis, 2001. (178 p.).

intelectuais; aquelas, a partir de seu local de vivências, em Presidente Altino, distrito de Osasco, também vivenciadas nas ruas da periferia. Percorreu o centro de São Paulo e andou em botequins e, por essas vivências, João Antônio apareceu como um dos intérpretes da cidade de São Paulo, assim como outros nomes da literatura brasileira, como Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado.

Ao se transferir para o Rio de Janeiro, trabalhou em redações de jornais e nelas sobreviveu por meio de sua escrita. Esteve também em casas de amigos; não só firmando amizades, mas principalmente compondo alguns de seus textos ficcionais, já que muitas vezes lhe faltava um ambiente que lhe permitisse centrar-se em sua escrita. Percorreu outras terras, cercadas por suas cores locais e, por isso, mais do que singulares. Um exemplo de trabalho profissional que levou João Antônio a outras terras aconteceu na cidade de Londrina, de vivência breve, mas significativa passagem pela cidade paranaense, onde obteve trabalho fora do eixo Rio-São Paulo¹³. Outra de suas atividades, repetidas vezes feitas por João Antônio, foi a de proferir palestras em várias regiões do país e de outros lugares do mundo, casos como a Alemanha, Holanda, Cuba, Espanha, divulgando sua obra, algo que gostava muito de fazer, entrando em contato com o leitor. Essas investidas, em diferentes lugares do mundo, podem ser vistas nos textos das dedicatórias e, por isso, fornecem elementos que confirmam todo o trânsito cultural vivido pelo escritor.

Assim, todos esses aspectos, relacionados às dedicatórias, realizam-se entre tantos assuntos tratados pelos demais escritores, aqui eleitos para embasarem este estudo e que funcionam como legitimadores, juntamente com suas dedicatórias, do projeto literário do escritor João Antônio.

¹³ MORAES, Renata Ribeiro de. *João Antônio de pés vermelhos: a atuação do escritor-jornalista em Panorama*. Dissertação de Mestrado, UEL, 2005. (Trabalho orientado pela Profª Drª Regina Célia dos Santos Alves).

1 DEDICATÓRIAS DE OBRA: HOMENAGENS DE JOÃO ANTÔNIO

O conceito de paratexto tem origem nos estudos de Gérard Genette, na obra *Paratextos Editoriais* (2009), que se detém nesse tipo de temática e aprofunda seus questionamentos a partir de observações e avaliações de obras, como as de François Rabellais, François Chateaubriand, Pierre Corneille, Honoré de Balzac. Esses escritores, assim como muitos outros, adornaram seus livros com os paratextos, e estes, para Genette, configuram-se como “[...] aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2009, p. 9). Eles exprimem características espaciais (de localização no livro)¹⁴ e pragmáticas.

Em se tratando de sua função pragmática, a que se detém em sua efetiva demonstração pessoal ou intelectual ao dedicatário, os paratextos impressos registram o quanto os envolvidos e vindos a público são vistos como “inspiradores ideais”. Ou seja, “[...] o dedicatário é sempre, de alguma maneira, responsável pela obra que lhe é dedicada, e à qual ele leva [...] um pouco de seu apoio e, portanto, de sua participação” (GENETTE, 2009, p. 124).

As dedicatórias de obra são sucintos textos impressos, tipos textuais que se vinculam ao texto ficcional e seu lugar de aparição se instaura nas páginas iniciais da obra, destacando nomes que, de alguma forma, se ligam ao fato literário ou aos caminhos percorridos pelo autor, até que se chegue à publicação e divulgação ao público. Antecedem o texto ficcional, mostrando inter-relação entre autor, obra e público.

O nascimento das dedicatórias impressas configurou-se no século XVI, na Europa, no período clássico, em que autores e patrocinadores das obras se relacionaram com objetivos de prestígio e que culminaram em agradecimentos a nomes eminentes da aristocracia, ou seja, o público leitor. Sob o crivo dos homens de poder, o rei ou o príncipe, estes viram os seus nomes perpetuados em verdadeiras obras de arte, já que os adornos utilizados nos livros obtinham requinte e sofisticação, valor real a que uma obra de arte como o livro deve usufruir.

¹⁴ “O lugar canônico da dedicatória de obra, a partir do final do século XVI, é evidentemente no começo do livro, e, com mais exatidão, atualmente na primeira página ímpar depois da página de rosto. [...] A dedicatória terminal é muito mais rara” quando colocada ao final do texto narrado ou de um posfácio. “Dentro do livro [...] E sem falar no grande número de coletâneas de poemas, novelas ou de ensaios nas quais quase cada elemento traz sua dedicatória particular [...]” (GENETTE, 2009, p. 116-117)

Com a circulação das dedicatórias de obra, ou seja, as impressas, em ambientes imponentes e detentores de poder, notabilizaram-se autor e soberano, cujo prestígio recíproco teve duas funções. Para o primeiro, conseguir benefícios da corte, bajulações e publicações posteriores. Ao rei ou ao príncipe, a dedicatória de obra, a qual registrou a referência aos soberanos, desdobrou-se em enaltecimento de seu poder. Dessa forma, a receptividade da obra fluiu de modo a impulsionar o nome do artista e, conseqüentemente, de seu patrocinador. Este, instituído como incentivador das letras, participou de uma prática editorial comum para a época, na qual se realizou ao ver seu nome impresso e perpetuado entre outros de igual posição aristocrática.

Um texto de dedicatória impressa e sua respectiva obra caracterizam certo poder sobre as ações dos outros, principalmente quando do período supracitado em que os protocolos sociais foram rígidos e instaurados com base no bem material ou simbólico que se possuía, ou seja, objetos materiais ou titulações honoríficas. Um bom exemplo disso vem das bibliotecas de reis, instauradas a partir de um crivo rigoroso, comandado pelo desejo de estar apenas diante de “[...] livros que constituem seu prazer” (CHARTIER *apud* BARATIN; JACOB, 2006, p.183).

As bibliotecas de reis formaram-se de acordo com o depósito de pelo menos cinco obras escritas por autores, as quais foram subdivididas em “[...] dois exemplares para a biblioteca do rei, um à comunidade dos livreiros-impressores, outro ao chanceler, e o último deve ir [...] para as conhecidos Gabinetes dos livros” (CHARTIER *apud* BARATIN; JACOB, 2006, p. 183). Portanto, essa prática existiu com a finalidade de oferecer prazer e deleite pessoal ao soberano, mas encontrou uma vertente pública, haja vista que essas coleções organizadas e compiladas foram registros de “[...] salvaguarda, que protegem do desaparecimento todos os livros que merecem e estão abertas aos sábios e aos eruditos” (CHARTIER *apud* BARATIN; JACOB, 2006, p. 184).

Na obra *A ordem dos livros* (1999), Roger Chartier relata que os modos de composição de uma biblioteca articularam-se por meio de questionamento único: como as relações com o texto se transformaram ao longo dos séculos, sobretudo porque as relações sociais se moldaram à medida que as descobertas e invenções surgiram, além de outros aspectos sociais, culturais, econômicos, dentre outros.

Se, para tudo há uma ordem, para os livros também há; com intenções variadas do autor ou com o conhecimento de mundo do receptor, às vezes erudito, outras, limitado, ou ainda por meio das convenções sociais que se atrelaram ao livro, logo, existindo uma ordem instaurada pela obra. Talvez uma imposição, “[...] apropriação [...]

ou inquietações dos seus diferentes públicos” traga uma pluralidade de significados, principalmente porque se tem aquelas diferentes possibilidades de inter-relação (CHARTIER, 1999, p. 10).

Os paratextos também ganham outras dimensões de entendimento e interação com a obra e, por isso, se tornam elementos que registram as relações realizadas ao longo da história cultural de um momento. No Brasil, as dedicatórias impressas que datam do período régio e da época da aristocracia joanina também se apropriaram desse ato sociocultural, apresentando-se como meios de se demonstrar determinada posição social que certo autor ocupava. Desde o século XVI até os dias de hoje, por exemplo, quando o assunto percorre os desdobramentos da produção intelectual, em se tratando de obras literárias ou científicas, a recorrência à dedicatória impressa foi e é bastante habitual e comum.

Em um dos trabalhos que versa sobre esse tema paratextual, em particular, na época de D. João, a pesquisadora Delmas enfatiza:

O grupo de letrados da elite era dotado ou procurava dotar-se de instrumentos materiais e culturais que lhe permitisse[m] assegurar o monopólio da cena política, do privilégio e da concentração do poder; em geral, tempo livre e capital cultural. No caso desse grupo de intelectuais que oferecia suas obras em homenagem observa-se, principalmente, o acesso ao conhecimento acadêmico, a habilidade com o uso da retórica, a capacidade de produzir uma publicação cujo conteúdo fosse do interesse das pessoas certas. Soma-se a essas características a capacidade de produzir um bem cultural digno de ser oferecido, e que também pudesse ser reconhecido pelos demais como símbolo de afirmação e enaltecimento do poder do rei - um bem cultural que fizesse uma declaração pública do poder real expressiva a ponto de ser recompensado por isso. (DELMAS, 2008, p. 27).

Diante desse contexto de relações, a dedicatória impressa instituiu-se cada vez mais no ambiente do soberano, possibilitando que o escritor recebesse prestígio financeiro ou social. Essas inter-relações consolidam-se como simbologias trocadas em forma de oferecimento e homenagem, e esta última, algumas vezes, não garantiu ao escritor a mesma retribuição em troca de favores ou o estreitamento de relações com a corte. Tais ações resultantes de práticas que se iniciaram no século XVI existem até hoje, porém, denotam outras intenções e, por esse motivo, atuam como textos que não mais se atrelam à prática do mecenato.

Hoje, o ato de se dedicar um livro, em se tratando das dedicatórias impressas, para João Antônio, constituiu-se como prática muito utilizada, pois em todas as suas obras há esta marca paratextual. Desde a publicação de sua primeira obra, *Malagueta, Perus e Bacanaço*¹⁵ (1963), até a edição da última *Dama do Encantado*¹⁶ (1996), o autor realizou dedicatórias impressas, homenageando nomes e lembrando-os, pois, para ele, foram pessoas e personalidades importantes em sua trajetória de formação.

A primeira constatação que se faz acerca de suas relações as quais resultaram em paratextos impressos é o fato de que João Antônio não se esqueceu de sua família, pois, para enaltece-la, empregou dedicatórias e a notabilizou em suas obras. Além do filho Daniel Pedro de Andrade, homenageou a avó, Dona Nair Ferreira Gomes, a figura feminina a lhe suscitar admiração e respeito, pela história de vida e de coragem que essa matriarca vivenciou e, com suas experiências, as passou aos netos. Quanto ao pai, João Antônio Ferreira, outro homenageado, foi um cultivador de orquídeas, além de um chorão apto com o manejo de instrumentos de corda, sendo lembrado pelo autor em algumas de suas obras.

Assim, esses três nomes de sua composição familiar receberam homenagem, atenção e respeito enquanto o contista produzia sua literatura. O autor teve a família como ponto de partida para sua formação enquanto homem e escritor. Trazer à tona essa filiação familiar marca o quanto esta possui relevância na trajetória do autor, porque esses três nomes se constituem como elementos importantes, representando, igualmente, nomes que ajudam a compor seu projeto literário.

Por isso, a formação de seu projeto literário não se dissocia de sua relação familiar, aliada às experiências pessoais, pelo contato com outras narrativas provenientes de filiações literárias, pelo gosto de se trabalhar com aquilo que se conheceu e vivenciou, e, portanto, com o que gostou e teve afinidade.

Ao constituir seu projeto literário (obras, dedicatórias impressas e manuscritas, prefácios, apresentações, resenhas em jornais, fortuna crítica, cartas, encontro com

¹⁵ Nas três partes desse livro de contos, há histórias compostas a partir de fatos corriqueiros, do dia a dia, mas que não versam sobre personagens comuns. Incomum também é seu leitor, cúmplice das histórias urbanas, ambientadas no espaço e esfera social da cidade de São Paulo da década de 1960. No contato com o mundo das personagens, o interlocutor apropriou-se não só de narradores em primeira ou em terceira pessoa, mas também se deteve sobre acontecimentos interiores os quais desestabilizaram os pensamentos das personagens de papel, fazendo com que se refletisse sobre a condição dos excluídos socialmente num país colonizado e que, ainda hoje, enfrentam uma estrutura política e social que os massacram.

¹⁶ O livro *Dama do encantado* reúne textos que versam sobre Aracy de Almeida, Noel Rosa e outros nomes da cultura brasileira.

leitores e autores), demonstrou sua preocupação com seu fazer literário e intelectual. Percorrendo escolas e faculdades, foi ao encontro de seu maior incentivador cultural: o leitor. Além de dar espaço e voz à comunidade considerada marginal, traçou perfis como os de Noel Rosa, Aracy de Almeida, Darcy Ribeiro, Garrincha, Cartola, Paulo Gracindo etc. Teceu, portanto, sua verve crítica em relação não só ao submundo, rótulo que o acompanhou por ser considerado porta voz da marginalidade, mas também por discorrer sobre nomes da cultura brasileira, que contribuíram para a elaboração de momentos sociais referentes ao período no qual viveram.

Se o projeto literário de João Antônio foi embasado em fontes primárias, tais como a fortuna crítica, imensa lista de textos epistolares, os livros dedicados os quais recebeu, ao longo dos anos, as obras consideradas clássicas, com respectiva marginália, às quais recorreu frequentemente, entre outras fontes de pesquisa, é pertinente pensar que o escritor se preocupou com os rumos que a memória cultural de seu país delineava. Sempre se questionou em relação a essa preservação memorialística, tanto em entrevistas quanto em cartas aos amigos jornalistas e escritores. Torna-se relevante entender que a construção ideológica e prática de seu arquivo vem de uma autoconsciência crítica. Esta, atenta à necessidade de se preservar materiais primários, permite compreender fatos importantes e representativos da história literária, cultural e social brasileira, para além da própria obra do escritor.

Com o trânsito no meio intelectual, o autor se movimentou entre vários escritores, com vistas a ser lido, discutido, comentado e divulgado, o que lhe propiciou o (re)conhecimento de seu trabalho com a palavra.

1.1.1 Dedicatórias de obra: inventário de circunstâncias

Trilhar um inventário das dedicatórias torna-se relevante, na medida em que há a possibilidade de se compreender os momentos de produção que uma obra literária apresenta. Há ainda outros dois propósitos substanciais a serem analisados: discutir seus modos de movimentação editorial e intelectual, além de refletir sobre como as dedicatórias atuaram como meios de representações socioculturais entre a comunidade,

compondo uma inter-relação e, dessa forma, atendendo ao projeto literário de João Antônio.

Com o passar dos tempos, a configuração inicial e tradicional da dedicatória de obra ganhou novos rumos, imprimindo nos contextos editoriais marcas mais livres e autorais, tendo em vista a evolução e desvinculação aristocrática frente ao ato de se dedicar um livro. O escritor dissociou-se da ideia de oferecer um livro ao seu protetor financeiro, ao seu patrocinador, e é interessante destacar o que Honoré de Balzac asseverou, ao se referir a essa prática, já enfraquecida quando de sua revelia a oferecer “forçadamente” sua produção cultural: “Senhora, o tempo das dedicatórias acabou” (BALZAC *apud* GENETTE, 2009, p. 113).

Tal repúdio ao ato “contratado” – entre dedicador e dedicatário – ganhou mais adeptos a partir do século XIX, cujo pensamento e ações afluíram de modo menos ritualístico e obrigatório. Nasceu, naquele momento, a opção pela escolha, ou seja, a dedicatória de obra recebeu atenção de seu criador, porque para os escritores com maior “poder sobre a opinião pública”, atingindo o seu leitor, antevia-se o texto ficcional cerceado pela dedicatória, realizada espontaneamente, sem regras ou associadas a um nome que suscitou obrigações.

A composição de dedicatórias de obra realizada por João Antônio permite entender o exercício frequente de perpetuar um nome de seu convívio social ou simbólico, e essa consciência de atitude não se desvencilhou do projeto literário que arquitetou, durante seu momento de escritor. Cada nome representou algo para o autor e cada um apareceu sob instâncias de criação as quais pressupõem leituras antes de se chegar ao texto ficcional.

Nos tempos modernos, o pensamento pautado em escolhas livres, na liberdade de se comunicar, mostrou novos rumos dos meios editoriais. Perpetuar um nome, vinculando-o a uma obra, por meio de uma dedicatória, apresentou-se não somente pelo fato de se divulgar uma admiração de cunho pessoal. Por isso, as marcas paratextuais saem do âmbito privado e passam a circular em esfera pública, apresentando os contatos mantidos entre os escritores. Em termos mais abrangentes, as dedicatórias trouxeram ao público a participação do dedicatário de maneira mais efetiva e participativa, na vida e na obra do criador.

Um ponto de destaque, resultando da prática de divulgação do outro em sua escrita, recaiu sobre o discurso paratextual o qual não figurou apenas como a fórmula clássica “De X para Y”, mas, acima de tudo e, de modo mais amplo, participou como

uma informação relacionada à obra ficcional. As dedicatórias receberam maior atenção quando se apresentaram em tons de elogio, configurando-se, como demonstra Genette, em epístolas dedicatórias: portanto, além de textos mais longos, eram ainda eloquentes e reflexivas. Esta definição de epístolas dedicatórias mostra um caminho incorporado de sensações de cunho informativo, descrevendo ora a gênese da obra, ideias do autor, frente ao seu momento de criação, ora posicionamentos inerentes à ocasião factual na qual se inseriram. A expressão “epístola dedicatória” atua também como um prefácio, apresentando obra e autor, e não mais tem o intuito de mostrar a figura do mecenas ao público. Se os textos discursivos são mais extensos, entende-se o quanto esta inter-relação entre paratexto e ficção procurou posicionar o leitor diante do que se propôs a ler e é ele que pode dirigir a leitura.

Um nome que se apresenta em um gênero discursivo como a dedicatória pode resgatar uma relação que nenhum outro vivenciou, não noticiado por nenhum telejornal, por crônica impressa em jornal de boa circulação ou em qualquer *press-release*. E é a partir dessa não divulgação que se desvendam e se desvelam os preceitos estéticos do autor João Antônio, cujo objetivo também foi partilhado pelos demais escritores de seu tempo.

Formula-se, por todas as dedicatórias de obra que realizou, um convite para se refletir sobre a escolha de se eleger determinados nomes para figurar em suas obras. Destaca-se essa prática como um dos elementos de formação estética que um autor pode vivenciar, haja vista os diferentes tipos de mensagens paratextuais veiculadas nos exemplares de obra a que se tem acesso.

Inventariar dedicatórias, qual é o propósito? Quais são as contribuições oferecidas pelos gêneros textuais, como as dedicatórias impressas, quando um estudo é idealizado? Como podem ser vistas, no contexto de formulação da historiografia literária, por exemplo? No tocante às de exemplar, ou seja, as manuscritas, por que a divulgação desse gênero textual? Se elas atuam como possibilidade de desvendamento do projeto literário de João Antônio, fato é que mapeiam seus propósitos e objetivos, cujas afinidades e intuítos comuns se amarram aos textos ficcionais e ao dedicatório. Ressalta Gérard Genette:

Qualquer que seja a dedicatória oficial, sempre existe uma ambiguidade na destinação de uma dedicatória de obra, que sempre

tem em vista pelo menos dois destinatários: o dedicatário, é claro, mas também o leitor, já que se trata de um ato público no qual o leitor é de algum modo chamado a testemunhar. Tipicamente performativa, como já disse, pois *constitui* por si só o ato que se supõe descrever, portanto, não é apenas: “Dedico este livro a Fulano” (isto é: “Digo a Fulano que lhe dedico este livro”), mas também e às vezes muito mais: “Digo ao leitor que dedico este livro a Fulano”. Mas, por isso, igualmente: “Digo a Fulano que digo ao leitor que dedico este livro a Fulano” (em outras palavras: “Digo a Fulano que lhe faço uma dedicatória pública”). (GENETTE, 2009, p. 123).

O instante marcado pelo contato entre dedicador e dedicatário torna-se único, singular, mas, ao mesmo tempo, torna-se público e impulsiona um diálogo para além de relações literárias. É um jogo que enfocou não mais a simples admiração, mas as vicissitudes de posicionamentos que convidaram a traçar um método de atitudes, ensejando princípios pessoais e profissionais. As formalidades discursivas retratadas pelos contatos intelectuais, com a dedicatória de obra, propagaram ideais de escritores compromissados com sua arte e com a realidade vivida. Foram, nesse caso, as circunstâncias vividas pela comunidade de escritores, com seu olhar crítico sobre seus momentos de aparição, registrando situações cotidianas em suas narrativas, sobrepostas, sempre que atraentes para o autor, às dedicatórias de obra.

1.1.2 Dedicatória de obra e prefácio em *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*: marketing editorial

Mapear o percurso do projeto literário de um escritor permite desvendar sua atuação no cenário intelectual. A constituição desse projeto fez com que João Antônio transitasse entre um sistema socioeconômico e cultural, por meio do trabalho profícuo que realizou com a literatura. Todo seu empenho vindo de esforço pessoal proporcionou-lhe ampla movimentação entre contemporâneos de escrita e leitores cuja trajetória e objetivo literários foram envoltos por ideias e preceitos conduzidos pelo que vivenciou, nos anos de 1950 a 1990. Observa-se, sob a perspectiva da construção e legitimação de seu projeto artístico, que as atividades profissionais do escritor também se apresentaram por meio dos paratextos.

Para compreender a dimensão que as dedicatórias expressaram, é necessário conhecer outras formas de manifestação escrita que o autor desenvolveu, ao longo dos anos. Depois de todo o percurso literário e jornalístico que realizou e que é tão representativo para a história da literatura brasileira, é possível ver João Antônio como um arquivista. Houve uma preocupação e consciência em guardar diversos materiais, como jornais, referindo-se a sua obra e à de outros escritores; livros enviados por editoras para sua apreciação ou mesmo como simples cortesia; as correspondências que manteve com outros intelectuais; os manuscritos ficcionais e jornalísticos e, por fim, a coleção de livros dedicados que chega ao número de 1100 títulos, além das dedicatórias impressas.

Aparece, desse modo, o homem preocupado em preservar o seu ato criativo, concomitantemente ao de diversos nomes da literatura brasileira. Se as dedicatórias manuscritas fornecem fatos e artefatos para composição de seu projeto literário, as dedicatórias impressas também se apresentam como modos de constituição desse projeto.

Esses paratextos homenagearam alguns nomes relevantes da sociedade brasileira e, de certa maneira, atuaram como meios de agradecimentos e inter-relações frente a fatos pessoais, sociais e literários.

O movimento intelectual de João Antônio aliou-se a sua produção literária e, conseqüentemente, consolidava-se a constituição de seu projeto literário. Toda essa movimentação ajuda o leitor a entender seus propósitos e funções, enquanto intelectual empenhado, durante 40 anos de atuação. O território literário difundido pelo escritor leva a inferir que os caminhos constitutivos de seu projeto divulgam o contato com os bastidores de sua produção literária e intelectual, além das ações comuns dos demais escritores.

Entende-se que seu empenho diante da escrita, movimentando-se entre o universo de produção de outros escritores, além do seu posicionamento quanto à crítica realizada, fez com que todo esse jogo de relações de João Antônio fosse visto como maior motivador de suas ações. O resultado foi o de figurar na história da literatura brasileira, disponibilizando ao público, crítica e companheiros de ofício, sua ficção. Acumulou termos que criou, ao longo de suas experiências com o meio literário e intelectual, tais como as expressões “imprensa nanica”, “corpo-a-corpo com a vida” e “merdunchos”.

O contista publicou a primeira obra em 1963, pela Civilização Brasileira, e, por meio desse livro de contos, obteve reconhecimento de crítica e de público. A primeira edição se esgotou “rapidamente”, ainda no ano de lançamento; em se tratando de Brasil, um caso raro, se se pensar na época de publicação de *MPB*. Um exemplo dessa recepção crítica, no ano de lançamento, pode ser verificado na afirmação de João Alexandre Barbosa, publicada no *Jornal do Comércio* (Recife), em 17 de novembro de 1963¹⁷. Entre outros aspectos, o crítico referiu-se à temática usada por João Antônio, observada no conto “*MPB*”:

Com este conto, a meu ver, João Antônio vem muito cedo firmar-se entre o que existe de melhor na nossa ficção urbana. Na linha de um Manuel Antônio de Almeida, de um Lima Barreto, de um Alcântara Machado, de um Mário de Andrade, de um Marques Rebelo, de um Gastão de Holanda. Nomes muito diferentes mas que são marcados por preocupações semelhantes: as vias de existência que podem oferecer as cidades com seu tûmulo de lugares e gentes, embora vistas sob diversas perspectivas. (BARBOSA, 1980, p. 139).

Outro ponto de vista sobre essa primeira obra vem com os comentários críticos de Clara A. Ornellas, a qual observou que, por meio dos temas escolhidos, a linguagem poética também se sobrepôs e “essa relação amorosa com a linguagem poética ocorreu porque a palavra escrita lhe oferecia outros patamares de reflexão sobre a vida e as relações sociais” (ORNELLAS, 2008, p. 30).

Essas duas opiniões críticas relacionam-se ao que o próprio autor registrou sobre sua composição estética, ou seja, ele expressou os objetivos de trabalho, já formando seu projeto literário:

[...] o de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. (ANTÔNIO, 1987, p. 316).

¹⁷ BARBOSA, João Alexandre. Malagueta, Perus e Bacanaço. In: *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

Esse compromisso assumido pelo escritor pautou a composição de seu trabalho com a palavra, durante sua trajetória literária, e, nesse sentido, a obra de estreia retratou a apreensão da vida dos marginalizados e do submundo paulistano, além de denunciar o temor singular vivenciado na ambiência dos subúrbios e centro de São Paulo. Logo após o lançamento e do sucesso obtido com *MPB*, João Antônio mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1964, para trabalhar no *Jornal do Brasil*, firmando sua trajetória de jornalista, a qual perdurou até o final de sua vida.

Ele realizou, dessa maneira, boa parte da produção literária e jornalística na capital fluminense¹⁸, cidade que o absorveu e o envolveu, fazendo com que se sentisse completamente em casa. Essa identificação com o Rio de Janeiro resultou em cenário para muitas produções e, prova disso, foram as referências à Cidade Maravilhosa, no livro de contos *Malhação do Judas Carioca*:

Nem chuva renitente, nem camburão de Polícia, nem abaixo-assinado impedem a malhação do Judas no Sábado de Aleluia nos lugares em que o costume é tradição viva na Zona Norte. A rapaziada trata de remexer, com espírito e humor, muita vez expresso em palavrões e licenciosidade, a vida e o amargo da vida suburbana. Por uma coincidência fotogênica, o Rio esquecido, pobre, ignorante salta para os corpos dos Judas. (ANTÔNIO, 1975b, p. 113, grifo nosso).

Presidente Altino, São Paulo, Rio de Janeiro, Londrina; Alemanha; Argentina, Espanha, Venezuela e Tchecoslováquia; mundos díspares e, muitas vezes, caóticos em suas particularidades, apareceram, em alguns momentos, como elementos espaciais de extrema importância para se entender o contexto pessoal e formativo de João Antônio. Escritor traduzido, ganhando espaço por meio de seus contos, esse trânsito estrangeiro atestou e confirmou a universalidade de sua produção.

A passagem por lugares diferentes de seu local comum foi vista positivamente pelo escritor, já que, ao regressar para o local de origem, dizia ver sua literatura firmar-se em solo brasileiro.

¹⁸ João Antônio chegou a voltar para São Paulo, posteriormente à sua primeira experiência no Rio de Janeiro, mas esse retorno durou apenas dois anos (1967-1968), já que novamente ele voltou para a capital fluminense. Em 1975, ele muda-se para Londrina, porém, residiu na cidade paranaense somente por três meses. À exceção dessas duas investidas, o Rio de Janeiro se firmou, de fato, como a cidade de seu encantamento até a sua morte, em 1996.

Mesmo desenvolvendo temas relacionados à realidade brasileira, sua obra obteve repercussão internacional, tendo em vista o foco central de sua produção: o homem marginalizado, das grandes cidades, com suas angústias e lutas constantes para garantir a sobrevivência. Portanto, os textos de João Antônio publicados no exterior podem ser vistos como textos universais, pois segundo o próprio autor:

Os formalismos e modas em geral não têm nada a ver com o recado visceral de uma literatura realmente brasileira. E mais. Desde Cervantes, Dostoievsky, Stendhal, Balzac, Zola, o universal sempre coube no particular pela captação e exposição da luta do homem e não de suas piruetas, cambalhotas, firulas e filigranas mentais. (ANTÔNIO, 1987, p. 318).

Por meio desse depoimento, verifica-se que a questão do universal relacionou-se com os propósitos estéticos de sua obra. Os temas abordados pelo escritor não são vistos apenas por marcações temporais (1950 ou 1970) ou espaciais (São Paulo, Rio de Janeiro ou Londrina). São temáticas já trabalhadas por Fiodor Dostoiévski e Lima Barreto e estão em qualquer ponto do planeta. Com efeito, a temática que ele optou em trabalhar dialogou, principalmente, com o fato de o ser humano se questionar, refletir sobre seu momento, buscar entender suas apreensões, ainda que muitas vezes não tivesse a oportunidade de confienciá-las a outrem.

Ao compor suas narrativas, o autor trabalhou para que seus doze livros fossem publicados, o que resultou em reconhecimento da crítica brasileira, cada qual com uma apreciação estética margeada por análises bem fundamentadas e representativas¹⁹. O crítico Antonio Candido assim se manifestou a respeito da coletânea *MPB*:

¹⁹ Fausto Cunha, ainda no ano de lançamento de *MPB*, assim se reportou à obra do estreante: “[...] ele [João Antônio] possui uma qualidade que contrabalança quase tudo: autenticidade vivencial. João Antônio estabelece uma ligação direta e por vezes instantânea entre o leitor e os seres humanos que enfoca. Transmite inclusive um código de fala, que dá o sopro de vida. [...] A meu ver, o melhor de João Antônio, o que mais promete do ponto de vista criador, não está nos excelentes contos da “Sinuca”. Não está certamente nos ruins contos da “Caserna” ou no péssimo “Fujie”. Está em “Busca” e na esplêndida “Afinação da Arte de chutar tampinhas” (CUNHA, 1963). Outro apontamento crítico sobre a coletânea *MPB* é feita por Marques Rebelo, nomeando a obra como “clássico velhaco”, pois segundo sua visão crítica, o livro de estreia pode ser considerado como um clássico.

João Antônio publicou em 1963 a vigorosa coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço*; mas a sua obra-prima (e obra-prima em nossa ficção) é o conto longo “Paulinho Perna-Torta”, de 1965. Nele parece realizar-se de maneira privilegiada a aspiração a uma prosa aderente a todos os níveis da realidade, graças ao fluxo do monólogo, à gíria, à abolição das diferenças entre falado e escrito, ao ritmo galopante da escrita, que acerta o passo com o pensamento para mostrar de maneira brutal a vida do crime e da prostituição. (CANDIDO, 1989, p. 210-211).

Essa legitimação literária, também (re)conhecida pelo próprio escritor, demonstrou o respeito e a admiração expressa por seus contemporâneos de escrita e críticos, seja por meio das avaliações analíticas, seja com sua representatividade por meio dos paratextos. Estas apontam como os bastidores de produção se articularam por meio das relações estabelecidas e por isso permitem igualmente que se confirme o quanto sua produção ocupou lugar de destaque no rol da crítica brasileira, por exemplo, entre as inúmeras entrevistas ou textos de jornais sobre ele ou sobre sua obra.

Desde sua morte, há vários trabalhos acadêmicos em desenvolvimento e alguns concluídos²⁰. Todos são significativos e reveladores, pois dão suporte a muitos outros que ainda estão por vir. Esses podem ser vistos como fruto da luta e insistência de João Antônio em construir seu projeto literário, porque se dedicou muito a ele, a fim de que pudesse se tornar um membro reconhecido em sua comunidade. Por isso, pode ser visto como um nome importante da narrativa das décadas de 1960 a 1990. Esses trabalhos contribuem, além disso, para a formação da crítica acadêmica, a qual se debruça cada vez mais ao estudo da obra joãoantoniana, possibilitando ao pesquisador entender seu percurso literário em consonância com os contemporâneos.

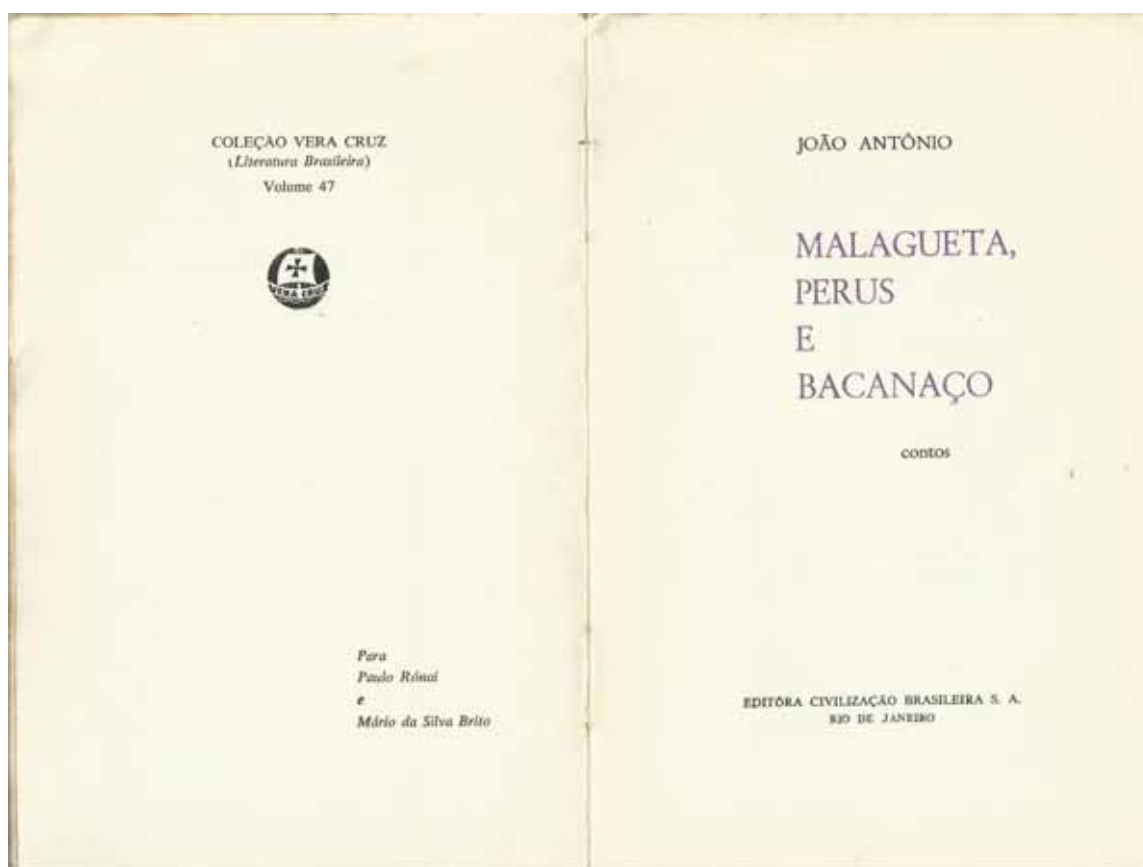
A função de um paratexto, no caso da dedicatória impressa, atua como eterno avaliador da obra. Assim, Paulo Rónai e Mário da Silva Brito são homenageados pelo escritor João Antônio, quando da publicação de *MPB*. Por essas aproximações intelectuais e profissionais, vê-se que as dedicatórias impressas, vinculadas às obras literárias, não se dissociam. Para Genette, é preciso observar que as obras literárias não são publicadas como textos nus, já que podem vir cercadas por elementos diferentes e que, de certa forma, se relacionam a elas e as “[...] prolongam, exatamente para

²⁰ Alguns desses trabalhos estão disponíveis, na íntegra, no site do Acervo João Antônio, em http://www.assis.unesp.br/cedap/acervo_joao_antonio/Pesquisas.htm

[apresentá-las], para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo” (GENETTE, p. 9, 2009)

Na primeira edição de seu livro de estreia, Paulo Rónai²¹ e Mário da Silva Brito²² receberam a homenagem, como se comprovou no livro *MPB*:

Ilustração 1: Dedicatória impressa em *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963)



Transcrição da dedicatória impressa: “Para Paulo Rónai e Mário da Silva Brito” (ANTÔNIO, 1963)

²¹ Paulo Rónai (1907-1992) nasceu em Budapeste, Hungria. Atuou como tradutor, ensaísta, professor. Desde criança sentia pelos idiomas uma espécie de paixão. Foi por meio deles que incursionou pelo território da tradução, cujo trabalho pode ser visto no romance *Os Meninos da Rua Paulo* (1971), de Ferenc Molnar. Atualmente, seu Acervo foi adquirido pela USP e conta com mais de 7 mil livros e mais de 60 mil documentos, entre cartas e diários. Seus principais prêmios são Silvio Romero e Machado de Assis, ambos da Academia Brasileira de Letras.

²² Mário da Silva Brito (1916) nasceu em Dois Córregos, São Paulo. Estudou na capital paulista e se formou em direito em 1943. Interessado em movimentos literários e colaborando desde cedo na imprensa, Mário manteve várias colunas de livros e trabalhou como assessor de editores de São Paulo e do Rio de Janeiro. Editor, poeta, crítico, historiador do modernismo, jornalista. Recebeu o prêmio de conjunto de sua obra da Academia Brasileira de Letras, em 1976, além do prêmio de Poesia Francisco de Paula Ferraiol, instituído pela revista *Juca Mulato*, Itapira, pelo livro *Universo*, em 1961.

Os dois nomes homenageados, de grande importância no cenário nacional das décadas de 1960 e 1970, impulsionaram a carreira do escritor, visto que acreditaram na temática desenvolvida, no estilo e forma de escrita do jovem autor que despontava. Paulo Rónai e Mário da Silva Brito apareceram nessa primeira obra e receberam a atenção do autor como modo de retribuição, porque os denominou padrinhos literários que lhe abriram caminhos. Segundo Gérard Genette, o fato de os nomes aparecerem em primeira folha representa notoriedade e perpetuação da obra literária. Acrescenta o estudioso:

A palavra dedicatória designa duas práticas evidentemente aparentadas, mas que é importante diferenciar. Ambas consistem em prestar uma homenagem numa obra a uma pessoa, a um grupo real ou ideal, ou a alguma entidade de outro tipo. (GENETTE, 2009, p. 109).

Devido à amizade, pelo respeito e admiração de seus trabalhos, João Antônio vinculou a sua obra de estreia aos nomes dos dois intelectuais. À época do lançamento do primeiro livro, 1963, Paulo Rónai e Mário da Silva Brito ocupavam lugar de destaque como críticos literários, pois ambos eram nomes que tinham proeminência cultural e social, no cenário da crítica literária nacional.

Ao observar algumas das correspondências depositadas no Acervo João Antônio, constata-se que, antes de publicar o primeiro livro, o então jovem candidato a autor tinha contato assíduo com os dedicatários. Mário da Silva Brito o auxiliou na reescritura dos originais perdidos em razão do incêndio ocorrido em um dos cômodos pertencentes à casa do escritor. Paulo Rónai, por meio de pontos de vista referentes à obra, permitiu a João Antônio refletir sobre sua incursão no gênero conto, como atesta o enunciado a seguir, retirado de uma carta do crítico ao contista, datada de 1962:

Prometi-lhe em minha última carta ler a sua novela na primeira folga que tivesse. Esta veio afinal e incontinenti me dediquei à leitura. Você tinha razão em reconstituir o original perdido no incêndio. Dou-lhe parabéns por *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, que é realmente um trabalho ótimo, original, bem arquitetado e muito bem escrito; li-o com o mais vivo interesse até o fim, apesar de não ter a menor noção de bilhar, nem conhecer a respectiva terminologia. As suas personagens são vivas, saborosas, exatas. Vejo agora que o seu

verdadeiro setor é o conto (ou a novela) desenvolvido em ambientes especiais que você conhece e sabe reviver. É neste rumo (e não no das notas críticas) que você deve prosseguir, não tenho dúvidas sobre a futura repercussão de seus escritos nesse gênero. A única coisa de que não gostei na novela são as dedicatórias, excessivamente espalhafatosas e pretenciosas (sobretudo a segunda). (“Carta de Paulo Rónai a João Antônio”, 3 ago 1962 – Acervo João Antônio) [destaque de Paulo Rónai].

Nesse trecho, há um evidente interesse e incentivo de Paulo Rónai ao então jovem e iniciante escritor. Além do olhar atento às qualidades de escrita de João Antônio, tem-se a observação do crítico quanto às dedicatórias que o autor realizou, atreladas à narrativa. Esse exemplo auxilia no entendimento das razões que levaram o escritor estreante a dedicar seu primeiro livro também a Paulo Rónai. Tratou-se de um ato interessado em homenagear renomado intelectual e ainda de reconhecer alguém que acompanhou de perto seu primeiro exercício literário, com vistas à publicação em livro²³.

Se, por um lado, verifica-se essa relação de reconhecimento e homenagem, por outro, percebe-se uma ressonância de vozes que ampliou o ato da dedicatória para além da publicação. O crítico húngaro, além de atuar como professor de francês e latim, desempenhou os ofícios de revisor e tradutor. Suas diversas formas de trabalho configuraram-no como um expoente do cenário intelectual brasileiro, tanto ao ocupar espaço representativo, nas editoras de sua época, quanto por conviver e trabalhar com escritores e poetas reconhecidos como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, entre outros.

Não foi diferente o papel que ocupou Mário da Silva Brito. Manteve constante produção crítica na imprensa, atuando no mercado editorial como editor da *Civilização Brasileira*, por aproximadamente 15 anos, além de atuar como poeta e historiador da literatura brasileira. O crítico incentivou João Antônio a publicar *MPB*, providenciando um espaço na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, para que reescrevesse seu conto. Essa relação de afeto e amizade para com o então jovem escritor paulistano resultou na crítica de orelha da primeira edição de *MPB*.

²³ Posteriormente, Jorge Amado faria o mesmo exercício crítico, analisando a obra *Dedo-Duro* (1982), de que nasceu o texto de apresentação para esse livro de contos. Em capítulo subsequente, há uma análise referente à atuação de Jorge Amado enquanto leitor e crítico de João Antônio.

Tais relações envolveram os três sujeitos. Os dois críticos reconheceram o trabalho de João Antônio e por isso houve a oportunidade para publicar sua primeira obra. Além disso, a editora Civilização Brasileira alcançou significativa notoriedade cultural, que, sob a direção de Ênio Silveira, tornou-se uma das principais editoras do país. Foi grande patrocinadora dos escritores brasileiros, proporcionando-lhes publicação, tanto dos nomes conhecidos, quanto dos desconhecidos. Neste último caso esteve João Antônio.

O autor paulistano estreou no contexto literário em uma das editoras de maior sucesso daquele período, um dos espaços mais aclamados do cenário intelectual daquela época.

Essa ascensão auxilia no entendimento quanto à função de um paratexto, pensando no contexto da história do mercado editorial, de sorte a compreender que a dedicatória feita por João Antônio aos dois nomes descritos acima se multiplicou para centenas de leitores interessados em acompanhar as produções da Civilização Brasileira.

Um conjunto de relações históricas e pessoais atestou sua vinculação a um dado momento da literatura brasileira. Todo esse contexto de produção pode ter proporcionado o sucesso de vendas de seu livro. Tão grande foi a repercussão de *MPB* que, logo no ano seguinte ao seu lançamento, 1964, João Antônio publicou a narrativa “Paulinho Perna Torta”, na coletânea *Os Dez Mandamentos*, também pela Civilização Brasileira, ao lado de nomes como Marques Rebelo, Jorge Amado, Orígenes Lessa, Helena Silveira e Carlos Heitor Cony²⁴.

O crescimento literário de João Antônio demonstrou que o apoio recebido de Paulo Rónai e Mário da Silva Brito foi significativo, pois semelhantes críticos não avaliariam a escrita do jovem autor se esta não fosse boa. O sucesso de *MPB* denotou o quanto os posicionamentos críticos de Paulo Rónai e Mário da Silva Brito estiveram corretos acerca da escrita de João Antônio.

Outro aspecto histórico que envolveu o primeiro livro de João Antônio deve ser referido. Segundo Antonio Candido (1989, p.140-162), a literatura da década de 1960 voltou-se, entre outros aspectos, para os problemas do subdesenvolvimento do Brasil. Questionando-se as origens colonizadoras baseadas na exploração do homem e das riquezas do país, perpetuada através dos séculos, houve também o saldo negativo da inserção de uma modernidade não planejada. Dentro dessa perspectiva, dar voz às

²⁴ ANTÔNIO, João *et al.* *Os dez mandamentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. Nesse livro, a crítica de orelha é realizada por Ênio Silveira.

camadas socialmente oprimidas esteve em evidência como forma de contrapor-se à ambiência de poder dominante, o qual impôs uma visão positiva de progresso e desenvolvimento. Viveu-se, em síntese, a vontade de utilizar a literatura como meio de reflexão e foi nesse segmento que se firmou o caso da obra de estreia do contista.

Este último dado reafirmou outro viés que permite entender as razões pelas quais Paulo Rónai e Mário da Silva Brito apoiaram a escrita do autor paulistano; afinal, tratou-se de uma abordagem de ordem literária diretamente vinculada às preocupações da ordem do dia daquele período. E a resposta positiva do público à coletânea também ratificou o quanto a abordagem das classes marginalizadas e do submundo de grandes cidades despertou o interesse pela obra.

São aspectos de ordem histórica que podem ser comprovados quando se recorre a outro paratexto, presente em *MPB*. Conforme foi aludido, Mário da Silva Brito foi quem fez a crítica de orelha do livro. É interessante verificar como esse crítico – e também editor responsável pela primeira publicação de João Antônio – posicionou-se a respeito da coletânea de contos *MPB*. É preciso ressaltar que coube ao editor, Mário da Silva Brito, fazer a nota de orelha. Somente a partir de outras publicações de João Antônio é que Ênio Silveira passou a escrever sobre as obras do contista.

Assim, na nota de orelha Mário da Silva Brito correlacionou-se a escrita do autor paulistano a autores como Alcântara Machado e Damon Runyon²⁵, porém, a diferenciou, apontando particularidades:

João Antônio lembra Antônio de Alcântara Machado, mas dele se diferencia porque envolve os seus personagens num clima de drama e solidão. Lembra também o universo de Damon Runyon, povoado de marginais e, especificamente, de jogadores e malandros às voltas com a polícia.

A arte de João Antônio, conquanto imediatamente faça emergir da memória a personalidade, forte e marcante, daqueles dois escritores, é muito dele mesmo, nada deve a ambos, não se lastreia, como inspiração e realização, nesses ou em outros modelos. João Antônio é João Antônio e só. (BRITO *apud* ANTÔNIO, 1963).

Ao longo da sua crítica, Mário da Silva Brito denominou-o um mestre na arte de narrar, cuja temática abordada, aliada à linguagem usada pelo jovem escritor, pluralizou

²⁵ Alfred Damon Runyon (1880-1946), escritor americano, tem muitas obras publicadas, dentre as quais *Guys and Dolls* (1932), *Money From Home* (1935) e *My Old Man* (1939).

as personagens e lhes deu voz, envolvendo o leitor no universo da malandragem. Ao discorrer sobre fatos reais, o trabalho literário do escritor contribui para a formação da cultura do coletivo. Se “cultura” é o cultivo da mente humana, é certo que a “[...] mente humana é modificada, no desenvolvimento social” (WILLIAMS, p. 15). João Antônio chamou para si a responsabilidade de trazer à tona temas não tão comuns de serem lidos, para a época brasileira, mas que aos poucos se infiltraram no processo de (re)conhecimento da identidade coletiva nacional.

Vistos em sua primeira obra, esses dois paratextos – dedicatória impressa e crítica de orelha – são apresentados como modos de inter-relação entre intelectuais e, conseqüentemente, atuaram como passaporte para firmarem o escritor no cânone literário. *MPB* constituiu-se como obra desbravadora e veio para legitimar o processo criativo do escritor.

Por meio das características apontadas em sua obra, como demonstrou Mário da Silva Brito, houve o empenho do autor na divulgação de seu nome, na percepção de seu espaço e no envolvimento com os demais intelectuais de sua época.

O sistema literário, discutido por Antonio Candido, alicerçou-se pelas inúmeras manifestações literárias produzidas em determinado país e, por isso, pode fundamentar caminhos os quais se vinculam ao trânsito da carreira de um escritor. Salienta o crítico literário:

A consciência de grupo por parte dos intelectuais, o reconhecimento que passou a existir de um passado literário local, a maior receptividade por parte de público, embora débeis e pouco numerosos, começam a definir uma articulação entre fatos literários. (CANDIDO, 2007, p. 33).

João Antônio legitimou sua trajetória a partir do trabalho coeso e profícuo atrelado ao seu trânsito no mercado editorial e soube construir boa movimentação no meio editorial, consolidando caminhos rumo aos seus objetivos profissionais: divulgar sua obra, literatura, pensamentos.

Diante do trabalho da crítica e do processo editorial realizado em torno do lançamento do primeiro livro, ampliaram-se possibilidades de discussões sinalizadas por seu trabalho artístico. Além do valor estético de *MPB*, em consequência, arrolaram-se comentários e apontamentos críticos, e, enquanto sujeito-receptor dos significativos

comentários, o escritor e jornalista destacou-se pela atitude compromissada ao utilizar a palavra, expor ideias e pontos de vista sobre sua realidade.

Para figurar entre nomes consagrados, o autor também se uniu a outros intelectuais, possibilitando-lhe o acesso a diversas discussões, o que lhe permitiu o encontro com a identidade coletiva de sua comunidade. Em se tratando de Brasil, as atividades intelectuais de João Antônio consolidaram-se como legado para seu país, atuando, portanto, como cidadão do mundo. Seu maior propósito de trabalho foi: “[...] escrever é um ato de coragem e humildade” (ANTÔNIO *apud* SILVA, 1975).

Atingindo o patamar de um dos escritores mais lidos dos anos de 1970, mostrou que o ato de pensar com seriedade estimulou-o a discutir sobre a gênese e construção do coletivo, quando o compromisso intelectual não se dissociou do enfrentamento com o real. Segundo as ideias de Eduardo Gianetti, a permanência de um pensamento converge para a originalidade ou à autonomia do ato de reflexão. E isso, de acordo com Gianetti, não se basta como mera repetição do passado, ao recorrer aos clássicos, aos já consagrados nomes do pensamento universal. Essa permanência se apresenta quando há o compromisso com a ação, com a mudança ou com a realização mais prática das ideias.

Os atributos citados pelo estudioso realizaram-se em João Antônio, pois pesquisas, leituras, interpretações e análises sobre o ato de pensar pressupõem a construção de um pensamento sério, lógico, coerente e desafiador. O contista teve a possibilidade de transitar entre os terrenos da filosofia, da literatura, das ciências humanas e sociais, quando deu espaço às personagens tidas como marginalizadas. O que prevaleceu foi a formação de um pensamento sério, porque é notório que o autor se comprometeu com a melhora do contexto social do qual fez parte.

Diante de sugestões críticas que também praticou, compreendem-se as instâncias socioculturais que lhe permitiram entrar para a historiografia literária brasileira. A legitimação de sua entrada no cânone firmou-se em função de quatro pontos fundamentais. O primeiro foi a publicação da obra *MPB*, esta na renomada editora Civilização Brasileira; o segundo foi a divulgação de dois paratextos – dedicatória e crítica de orelha; o terceiro aspecto deu-se pela projeção que a obra teve diante da crítica realizada, e, por fim, os prêmios literários que o contista recebeu após o lançamento de *MPB*²⁶.

²⁶ Sua consagração firmou-se ainda mais por meio dos prêmios literários: Prêmio Fábio Prado para contos (1962); Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo (1965); Prêmio Jabuti de revelação de autor, da

Dessa forma, o *marketing* editorial utilizado pelo autor de *MPB* obteve bons resultados, que o ajudaram a se firmar entre escritores e intelectuais brasileiros. Além disso, a editora Civilização Brasileira desempenhou papel fundamental e de vanguarda com o profissionalismo e instrumental acadêmico de Ênio Silveira²⁷, o que certamente auxiliou o escritor a despontar nesse cenário.

Por meio do posicionamento político que se afinou aos preceitos de esquerda, Ênio Silveira tentou separar seus objetivos partidários do trabalho editorial na Civilização Brasileira. Por isso, não só pelo distanciamento político, mas também pela atitude de vanguarda, renovou o cenário intelectual fluminense e brasileiro e, na década de 1960, a editora “[...] se tornaria o canal mais importante da nossa moderna ficção” (PAIXÃO, 1996, p. 125) como também afirmou o pesquisador Lawrence Hallewell, em seu *O livro no Brasil* (2005).

Enquanto diretor editorial, Ênio Silveira optou por publicar obras estrangeiras, como *Ulysses*, de James Joyce, cuja tradução foi feita por Antônio Houaiss. O editor também evidenciou tendências literárias para o público brasileiro, inovando seu catálogo de lançamentos ao publicar *Lolita* e obras de Bertolt Brecht²⁸.

Mesmo assim, não se desvinculou dos projetos editoriais que, desde o início construiu, na extinta Companhia Editora Nacional. Seu plano de trabalho, enquanto diretor editorial da Civilização Brasileira, resumiu-se, para ele, como uma tarefa social: a de divulgar cultura.

Em concomitância, o uso e a recorrência aos paratextos demonstraram a estratégia mercadológica do contista, e eles serviram ainda como mecanismos de inter-relações com os envolvidos no sistema literário, aproximando autor e obra. Para o contista era fundamental que se promovesse autor e obra, pois teriam a oportunidade de disputarem espaço com outros autores reconhecidos.

Os livros dedicados mostram que se pode mapear a trajetória editorial, profissional e pessoal do escritor, visto que, com as homenagens recebidas em forma de dedicatória, o autor-dedicatário informou ao seu leitor sobre quem esteve ao seu lado, tanto pessoal quanto profissionalmente. No caso da crítica de orelha, realizada em *MPB*,

Câmara Brasileira do Livro (1963); Prêmio Jabuti de melhor livro de contos, da Câmara Brasileira do Livro (1963). (ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.)

²⁷ A editora Civilização Brasileira foi instalada no Rio de Janeiro como fruto da ramificação da Companhia Editora Nacional. Esta, dirigida por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes, atuantes em São Paulo, nos anos de 1930, veio para ampliar o mercado livreiro.

²⁸ Esse tipo de atitude o levou sete vezes à prisão, tendo em vista que o momento social do país anunciava atos repressivos. E, em se tratando de seu posicionamento político, publicar esses textos com temáticas provocativas não era visto com bons olhos.

configurou-se como passaporte para a inserção de João Antônio no meio intelectual, abarcando, posteriormente, seu envolvimento com o espaço acadêmico e midiático.

A constituição desse projeto foi fruto da luta e insistência do escritor, com vários trabalhos realizados quando o assunto era divulgar sua obra. Essa composição é o resultado de seu projeto literário que, aliado ao trabalho de se autopromover, reafirmou-o e legitimou-o como um dos principais nomes da literatura contemporânea. Além disso, a autopromoção que fez em torno de seu nome permitiu-lhe transitar entre a comunidade de escritores-leitores e ter consequente reconhecimento.

1.2 Vivência familiar e a relação com as dedicatórias impressas

1.2.1 “À muito feminina nossa madrinha Nair Cardoso Gomes – avó -”

A partir dos estudos feitos sobre o conjunto da obra de João Antônio, percebe-se o quanto a história de composição de suas dedicatórias impressas abrangeu momentos pessoais, de sua formação e, posteriormente, intelectuais. Ao reverenciar a matriarca da família Ferreira, a comunidade de escritores e os leitores passam a conhecer sua avó materna, Dona Nair Cardoso de Sá Gomes. Segundo pesquisa de iniciação científica feita por Pedro Mendes da Silva, em 2005, “[...] a dedicatória que abre o livro traz por sua vez, pela primeira vez em suas dedicatórias, a figura feminina de alguém bastante próximo de sua história de vida, uma avó” (SILVA, 2005) O texto impresso dedicado mostra:

“À / muito feminina / nossa madrinha / NAIR CARDOSO GOMES / -
avó – / heroína do Morro da Geada, / firme / na bonita idade de 85
anos, / dedico / com humildade / o narrado²⁹”

²⁹ ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*: contos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

A dedicatória oferecida à avó figurou na obra *Abraçado ao meu rancor*, publicada em 1986, pela editora Guanabara, do Rio de Janeiro, uma das casas editoriais pelas quais passou o autor. Com ilustrações do artista Rubem Grilo³⁰, a obra recebeu o prefácio de Alfredo Bosi, com o título de “Um boêmio entre duas cidades”.

O texto dedicado³¹ está nas páginas iniciais, abrindo a leitura para o conto “Guardador”. Nesta homenagem carinhosa direcionada à avó, quatro observações referentes a ela são mostradas ao leitor. Primeiramente, quando João Antônio registrou algumas das características da avó, tais como “feminina” e “heroína”, apresentou ao seu leitor a sua formação e constituição literária e pessoal, que se configurou por meio de sua família, principal incentivadora e motivadora e que é importante para se compreender sua trajetória. Sua segunda significação surge ao ver-se um nome de sua família em uma obra literária que possibilitou à dedicatória o privilégio de participar, junto com o autor, de um momento significativo para sua carreira. O terceiro elemento a ser observado vem com o termo “firme”, pois, quando da publicação do livro, a avó estava viva, portanto, ainda que com idade avançada, viu a homenagem feita pelo neto.

Ao citar o Morro da Geada, um dos locais em que viveu em sua infância, o autor demonstrou seu percurso inicial, apresentando não só seu trabalho literário, como assim se referiu, como também a simplicidade de se declarar habitante daquele lugar. Esta quarta referência descreveu aquele local que estava à margem da sociedade, pois, tido como um morro, uma espécie de roça, já que naquela ambiência se cultivavam hábitos típicos de um meio rural e, por isso, simboliza a sua história da infância.

Na obra *Zicartola* – e que tudo mais vá para o inferno (1991), João Antônio escreveu uma crônica intitulada “No Morro da Geada” e, mais uma vez, menciona avó Nair e a bisavó Júlia, carinhosamente chamada de Lula, outra figura familiar que esteve bem marcada na memória do escritor:

³⁰ Rubem Grilo é mineiro, de Pouso Alegre, nascido em 1946 e até hoje em atividade, atuando como colaborador da coluna Ilustrada, da *Folha de S. Paulo*. Recebeu inúmeros prêmios, ao longo de sua carreira, como o Golfinho de Ouro, do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, em 2002; 2º Prêmio da Xylon Internacional, Suíça, em 1990; Prêmio de viagem ao exterior- 1984, no Salão Nacional de Artes Plásticas; 1ª Bienal Internacional Del Grabado, Montevideu, Uruguai – 1983. Em 2011, foi contemplado com o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, com o projeto intitulado *Rubem Grilo, a Trajetória do Artista – Aquisição de 500 Obras*. Fonte: <http://www2.cultura.gov.br/site/2013/03/22/rubem-grilo-a-trajetoria-do-artista/> <Acesso em: 25 out. 2013>

³¹ Junto com essa dedicatória dirigida à avó, no livro *Abraçado ao meu rancor*, há outra a Lima Barreto, umas das filiações mais importantes para a formação do escritor João Antônio e que será focalizado posteriormente nessa tese.

Não há lembrança que me chegue sem os gostos. Será difícil esquecer, lá no morro, o gosto de fel do chá para os rins, chá de carqueja empurrado goela abaixo pelas mãos de minha bisavó Júlia. () Vó Lula, escura e geniosa, cabelos lisos de provável mameluca, quem sabe, na mocidade sensual e com certeza supersticiosa e de arroubos imprevisíveis, acostumada e mandona. () Mas se o chá de carqueja me descia brabo pela goela, como me é difícil esquecer o gosto bom do leite quente na caneca esmaltada estirada, amorosamente, também no Morro da Geada, pelas mãos de minha avó Nair, filha da bisavó geniosa. () Muita sorte, inda agora tenho avó viva. É Nair, Dona Nair, Dona Nair Cardoso de Sá Gomes, que sabe fazer, até hoje, aos oitenta e seis anos, uns olhos azuis e sararás, tão femininos e bons fora da conta se viajam para os netos. E quando entenderá que eu não sou mais criança, que viajei e calejei, embora ela, quando em quando, esquecida ou lembrada, me chame de Joãozinho? (ANTÔNIO, 1991, p. 10-11).

A alusão a esse lugar atesta que João Antônio jamais omitiu suas origens, pelo contrário, reconheceu os lugares onde viveu e, por meio de sua obra, teve a possibilidade de mostrar ao leitor esses locais de sua ambiência. João Antônio desconhecia o significado da palavra solidariedade, mas, como se nota no trecho a seguir, vê-se que o senso de compartilhamento já existia a sua volta:

Nenhum de nós sabia dizer a palavra solidariedade. Mas na casa de outro tio, o nosso tio Otacílio, criavam-se até filhos dos outros e estou certo que o nosso coração era simples, espichado e melhor. Não desandávamos a reclamar da vida, não nos hostilizávamos feito possessos, tocávamos a pé pra baixo e pra cima e quando um se encontrava com o outro, a gente não dizia: “oi!”. A gente se salvava, largo e profundo:
- Ô, batuta! (ANTÔNIO, 1991)

Muitas vezes, suas narrativas se apresentam como autobiográficas, e isso permite ao leitor conhecer um pouco mais sobre a sua vida pessoal. Citar um dos locais de sua sobrevivência – o Morro da Geada – figurou entre a formação de seu projeto literário, pois os indícios que levam a essa reflexão se direcionam à linguagem presenciada nesse morro, sua vivência enquanto menino, além da observação dos tipos humanos daquele local. São fatos que, sem dúvida, adentraram em sua narrativa e foram emoldurados pelo olhar atento e sensível de João Antônio.

Em 1986, data da dedicatória impressa, o autor dedicou seu décimo primeiro livro, *Abraçado ao meu rancor*, à avó Nair Cardoso. Esse registro paratextual apresentou a história de lutas e enfrentamentos de situações sociais pelas quais as famílias Ferreira e Cardoso haviam passado. Figurar em um livro significa não apenas homenagem como também o compartilhamento com o leitor das memórias parentais vivenciadas pelo escritor. A dedicatória feita para a avó mostra parte de sua história de formação humana, pessoal e cultural.

A madrinha, assim carinhosamente chamada pelo neto, recebeu como um presente esse registro que simbolizou apreço e estima. Na data de publicação de *Abraçado...*, João Antônio consolidava cada vez mais sua presença na história da literatura brasileira. Por isso, a dedicatória representa forte afetuosidade a uma mulher que possibilitou ao homem, ora escritor, reconhecer a sua família como parte coadjuvante de seu sucesso literário. O paratexto, portanto, apresenta não só a homenagem destacada em algumas linhas, como também toda uma história de vida carregada de lutas, superações, alegrias e tristezas e, acima de tudo, companheirismo.

Como um registro que poderia figurar somente em âmbito particular, o nome feminino foi conhecido por seus leitores, deixando o nível privado e chegando à esfera pública, de modo a se tornar um nome e um caráter nacionalmente divulgados.

1.2.2 “João Antônio Ferreira - meu pai – ainda firme na luta”

O pai do escritor, João Antônio Ferreira, pela relação com as flores e com a música, enquanto homem simples e de formação conservadora, foi, para João Antônio, um de seus principais incentivadores, como se pode comprovar no trecho a seguir:

Se houve uma figura rica, contraditória, brutal e desconcertante, foi meu pai. Era um homem sofisticadíssimo e, ao mesmo tempo, de pouca leitura. Era um cavalheiro, um nobre. Sabia fazer hibridação de orquídeas, tocava vários instrumentos de cordas, lendo na partitura. Discutia problemas de harmonia e contraponto com maestros. Tinha uma força interior muito grande, com um sentimento ético. Patriótico, que achava um absurdo os brasileiros não correrem atrás de seus direitos, acreditava apenas na força do trabalho, mas também era um

místico, tinha crises religiosas. Falava pouco, só o essencial. Creio que herdei dele uma indignação permanente com a injustiça. Sempre trabalhou em funções humildes: operário, escriturário, motorista. Minha mãe também era operária. (ANTÔNIO *apud* SILVA, 1995³²).

Dessa forma, o filho escritor referiu-se ao seu pai, demonstrando, portanto, ao leitor, o quanto a figura paterna também foi importante em sua formação. Em muitas entrevistas que concedeu a jornais brasileiros e em referências em livro³³, o autor dirigiu-se frequentemente ao pai, pois muito do que idealizou e apresentou em suas narrativas foi fruto do que recebeu em casa, conforme ele afirma recorrentemente.

O escritor sempre se referiu ao pai como mestre condutor, que o levou a incorporar ritmo a suas narrativas. Prova disso é que o pai fez, muitas vezes, o filho ler alguns textos em voz alta para saber se estava lendo acontecimentos e fatos “saudáveis” para um menino de família. Esse exercício oral fomentou em João Antônio o encontro com o ritmo das palavras, das frases, dos períodos. A poesia de sua narrativa nasceu ali, naquele ato aparentemente desconfiado do adulto. Além disso, João Antônio Ferreira tocou chorinhos e compôs alguns outros. Quando se formavam rodas de choro, na casa dos Ferreira, o menino João Antônio fascinava-se com as melodias e a musicalidade do gênero.

Toda essa sensibilidade do pai percebida pelo filho não se dissociou daquela figura séria e austera. A “limpeza de caráter” passada de pai para filho também foi observada em Lima Barreto. Desse modo, para homenagear seu pai, João Antônio apropriou-se do espaço em que suas obras lhe permitiam usar seu discurso, e a dedicatória impressa foi uma delas. Em *Lambões de Caçarola* (1977), o pai assim recebeu o respeito e o carinho do filho:

Para / JOÃO ANTÔNIO FERREIRA / - meu pai – / ainda firme na
luta³⁴

³² SILVA, José Maria e Silva. Da encabulação ao desacato. *Jornal Opção Cultural*, Goiânia, Ano I, nº 61, 5-11 nov. 1995.

³³ Referência vista no conto “Abraçado ao meu rancor”, no livro de mesmo título (1986).

³⁴ ANTÔNIO, João. *Lambões de caçarola* – Trabalhadores do Brasil. Rio de Janeiro: L&PM, 1977.

A expressão “ainda firme na luta” traz à tona a história de erros e acertos do pai, diante das situações vividas, visto pelo filho como um homem muito trabalhador e um combatente insistente ante as dificuldades da vida.

Em outro momento, na obra, *Ô Copacabana* (1978), o dedicador registrou:

Para / João Antônio Ferreira / meu pai / firme ainda / e / também andejo³⁵.

Nesse paratexto, o termo “andejo” representa outra característica paterna, igualmente vivida pelo filho. Esse vocábulo reporta às várias formas de sobrevivência que o pai enfrentou, para sustentar a família, pois foi dono de bar, trabalhou como motorista de caminhão ou operário. O uso do possessivo “meu”, acompanhado de um substantivo expressivo como a palavra “pai”, demonstram forte representação para João Antônio, caracterizando a figura paterna como alguém que lhe concedeu um sentimento de orgulho por estar ao seu lado, acompanhando sua trajetória. Essa cumplicidade anunciada revelou um escritor que enalteceu sua família e a valorizou. Tal acompanhamento familiar foi registrado pelo autor em algumas notas dirigidas a amigos, por meio de cartas e artigos de jornais, como se observa a seguir:

Metáfora é metáfora e não devo abusar. Mesmo nas minhas licenças poéticas, que v. tão bem conhece e, segundo sei, aprecia. [...] Nesse momento, ouço Franz Liszt, *Concerto para Piano e Orquestra n° 4* e a palavra admirável é fraquinha. Compreendo na alma, agora [1996], porque meu pai tanto admirava o compositor e pianista húngaro. (LUCAS *apud* ANTÔNIO, 2004, p. 132, grifo nosso)³⁶.

Diante da batalha travada pelos Ferreira, em face das situações vividas, principalmente do aprendizado que recebeu do pai, o contista pronunciou: “Agradeço à

³⁵ ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

³⁶ Essa citação faz parte do livro *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas* (2004) e mostra como dois escritores e críticos movimentavam-se entre uma amizade mais do que literária, acima de tudo, compreensível. Esse trecho escrito por João Antônio, cujo título é “Copacabana meio enfarruscada e nevoenta, quase chuva, 31/3/1996”, data de 1996. Além da amizade entre os escritores, o que se vê nesse fragmento é a total entrega de confidências, tanto profissionais quanto pessoais, ou seja, a alusão ao trabalho poético e ao pai.

vida e a todas as Forças Superiores ter nascido de quem nasci”. (LOBATO *apud* SEVERIANO, 2005, p. 134).

1.2.3 Em nome do pai: homenagem a Daniel Pedro

Quanto ao único filho, Daniel Pedro, ele está presente em todas as dedicatórias das obras do autor, representando sentimentos de respeito, carinho e lembrança. Ao filho Daniel Pedro de Andrade Ferreira³⁷, as dedicatórias que lhe foram oferecidas figuraram desde a primeira obra, *MPB*, no entanto, seu nome apareceu somente a partir da segunda edição³⁸, totalizando nove edições. Daniel Pedro e o escritor Lima Barreto foram os que mais apareceram no conjunto da obra joãoantoniana.

O filho, além de estar na obra *MPB*, apareceu posteriormente no livro *Leão-de-Chácara* (1975a), mas, em uma ordem invertida da apresentada em *MPB*. Nesta, a homenagem foi feita, primeiramente, para Lima Barreto, Paulo Rónai e Silva Brito e, logo em seguida, o filho, conforme dedicatória transcrita na sequência:

Para / Afonso Henriques de Lima Barreto, / pioneiro, e / Paulo Rónai, / Mário da Silva Brito / e / Daniel Pedro de Andrade Ferreira³⁹

Desde a quarta (1976) até a oitava edição de *MPB*, João Antônio incorporou a expressão “meu filho”, ao se referir ao seu único herdeiro. Em *Leão-de-Chácara*, *Casa de Loucos*, *Malhação do Judas Carioca*, *Calvário* e *Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, *Guardador* e *Dama do Encantado*, as dedicatórias ao filho Daniel Pedro ganharam inversão gráfica, figurando o filho antes do nome do outro homenageado, Lima Barreto. Esse exemplo de posicionamento do nome do filho está no livro *Casa de Loucos*:

³⁷ João Antônio sempre registrou nome e sobrenome de seus homenageados.

³⁸ Daniel Pedro nasceu após a publicação da primeira edição de *MPB*.

³⁹ 2ª e 3ª edições de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* (1975).

Para / Daniel Pedro de Andrade Ferreira / - meu filho / A / Afonso Henriques de Lima Barreto / - pioneiro - / consagro (ANTÔNIO, 1976)

João Antônio apresentou suas obras ao público, oferecendo e dividindo seu trabalho ficcional com o filho, legitimando obra, artista e seu descendente. Com a importante missão paterna de criar um filho, a quem, frequentemente, negou atenção por estar envolvido com seu ato criativo, a homenagem apareceu como modo de agradecer por algo, mesmo que algumas vezes o filho não entendesse a ausência do pai-escritor.

1.2.4 “Para Afonso Henriques de Lima Barreto, pioneiro⁴⁰”

Ainda no universo das homenagens expressas pelas dedicatórias de obra, João Antônio realizou-as ao escritor Lima Barreto⁴¹. Além deste, é importante registrar suas outras filiações na esfera literária que foram suas fontes de leitura mais recorrentes, tais como Fiodor Dostoiévski, Anton Tchecov, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, entre outros. No entanto, Lima Barreto foi, para João Antônio, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira, que, pertencente ao movimento pré-modernista, soube retratar a realidade de sua época. Para o escritor-dedicador, o autor da República d’*Os Bruzundangas* (1956) sempre foi

[...] pioneiro, sempre vivo, a atualidade de sua obra ultrapassa tudo. Mais de cinquenta anos após sua morte, Lima Barreto está absolutamente presente, autor fundamental e uma lição de caráter, humildade e brasilidade. (ANTÔNIO *apud* TORRES, 1975).

⁴⁰ Alusão a uma das dedicatórias impressas dirigidas a Lima Barreto, no livro *MPB*, publicado em 1975, em segunda edição.

⁴¹ Lima Barreto foi uma referência constante para João Antônio, por isso, ofertou-lhe dedicatórias impressas dispostas em todas as suas obras.

O escritor tido por muitos teóricos como pré-modernista foi lembrado nas obras joãoantonianas por meio das dedicatórias impressas, e este ato de homenageá-lo em livros configurou, para João Antônio, por um lado, como uma forma de chamar a atenção do público e da crítica a um dos nomes tidos como relevantes na formação da história literária nacional. Em entrevista ao jornalista Gilson Rebello, o escritor declarou:

[...] fiz sempre questão de dedicar meus livros a Lima Barreto como uma forma de deboche, de provocação, para lembrar que mesmo sendo ele um dos maiores escritores brasileiros, ainda é um autor marginalizado, que nunca teve todos os seus livros reeditados. (ANTÔNIO *apud* REBELLO, 1982).

Por outro lado, quando o leitor entra em contato com a totalidade da obra de João Antônio, é convidado a conhecer Lima Barreto, constituinte da formação cultural do autor. Esse reconhecimento do escritor-dedicador à obra de Lima Barreto possibilitou não apenas a formalização de uma homenagem, mas também fez com que o contista paulistano permitisse ao outro escritor a ganhar mais espaço e notoriedade, enobrecendo momentos de criação e chamando a atenção do leitor para que cada vez mais lesse a obra barretiana.

Para João Antônio, dedicar a Lima Barreto uma obra tornou-se ação obsessiva, no bom sentido do termo, pois sua recorrência permite que se reconheça não só uma de suas filiações literárias, mas, sobretudo, o fato de se fazer conhecer os preceitos estéticos do autor de *Clara dos Anjos* (1948).

Portanto, essa alusão ao nome pré-modernista sugere que dois projetos literários sejam vistos tanto pela comunidade de escritores quanto pelos leitores. Em se tratando da comunidade de escritores, observa-se, a partir de paratextos manuscritos enviados a João Antônio, que ela reconhecia essa preferência literária. Nesses teores, apresentam-se registros que aludem a Lima Barreto, como se pode observar em três dedicatórias manuscritas elencadas a seguir:

Para o João Antônio, com as bênçãos (espero) do velho Afonso Henriques de Lima Barreto. / Consagro / Moura", maio / 85 (MOURA, 1984)⁴²

Ao caro amigo João Antônio, inimitável retratista da vida carioca e êmulo ímpar do / nosso Lima Barreto, com a amizade e a admiração do Lopo Alegria / Rio, 1/11/84 (ALEGRIA, 1984)⁴³

João Antônio / Neste quase final do século em que despontou Lima Barreto, trazer para a literatura / nossa vivência negra continua a ser desconcertante para a cultura brasileira. / SÃO PAULO, 14 MAIO 84 (BARCELLOS, 1982)⁴⁴

Muitos foram os modos de João Antônio se referir a Lima Barreto. Nome frequente, tanto nas manuscritas quanto nas impressas, tornou-se coadjuvante de uma ficção. Além daquelas, o escritor carioca apareceu por meio de matérias jornalísticas e cartas trocadas entre o contista e outros escritores. Na verdade, ele pode ser visto como um autor que se apresentou na condição de personagem mítico, idolatrado por outro escritor, ficcionalizando-se, de certo modo, junto aos preceitos de seu maior fã – João Antônio. Logo, a dedicatória é tomada como um registro eterno em uma obra, pois a alusão ao escritor “pré-modernista” apareceu ao público como o mestre de outros mestres, entre seus discípulos, cujo jogo de relações se firmou e se confirmou, diante do mesmo compromisso a que aspiraram em seus propósitos literários.

Lima Barreto, cercado por demonstração de afeto e respeito, recebeu de João Antônio atenção especial e, por meio dessa homenagem, o contista alinhou parte de seu projeto literário ao que se propôs escrever, narrativizar, de sorte que, ao referenciar seu mestre em um paratexto, atingiu seu leitor de modo a guiar sua leitura, apontando não mais a sua própria criação, mas a de outro autor.

Já na primeira obra de João Antônio, *MPB*⁴⁵, a aparição do escritor carioca em dedicatória impressa tornou-se recorrente. A princípio, parece-nos que só houve olhos para ele, para o que sua obra, ideologia e vivência apresentaram ao contista. Associa-se,

⁴² MOURA, Antônio José. *Dias de fogo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1984.

⁴³ ALEGRIA, Lopo. *Assim foi Roberto Lyra*. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1984.

⁴⁴ BARCELLOS, Luiz Claudio. *Cadernos negros - 5: poesia*. São Paulo: Copidart, 1982.

⁴⁵ Na primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), apenas Paulo Rónai e Mário da Silva Brito são homenageados e referenciados no texto da dedicatória impressa que João Antônio realizou.

dessa maneira, a inter-relação entre dois projetos literários, haja vista as inúmeras vezes em que o contista se referiu a suas obras, eternizando seu nome em paratextos ou em matérias jornalísticas.

No caso do escritor carioca, o que se pode notar é que ele não apareceu na primeira edição da primeira obra *MPB*. A menção ao dedicatário aconteceu apenas da segunda edição em diante, isto é, desde 1975. Em oito edições de *MPB*, Lima Barreto só não apareceu na de 1963, e o mesmo aconteceu com o filho do contista, figurando igualmente a partir da segunda edição.

Aparecer ao público mediante seu nome impresso motiva o leitor a conhecer outro projeto literário, que foi o de Lima Barreto. Em *Leão-de-Chácara* (1975a), o dedicatário continuou a aparecer, entretanto, nesse segundo livro de João Antônio, o autor carioca vem logo após a menção ao nome de Daniel Pedro. Desde essa data, o filho sempre estará em primeiro plano. O texto da dedicatória da primeira obra figurou da seguinte forma:

Para / Paulo Rónai / e / Mário da Silva Brito (ANTÔNIO, 1963)

Da segunda edição em diante, o texto dedicado foi:

Para / Afonso Henriques de Lima Barreto / pioneiro, e / Paulo Rónai, / Mário da Silva Brito / e / Daniel Pedro de Andrade Ferreira / - meu filho⁴⁶.

Outras variações de dedicatórias impressas referentes a Lima Barreto podem ser vistas entre as reedições de *MPB* e nas demais edições de outras obras do contista. No entanto, dispensa-se uma atenção especial à obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, publicada em 1977, que traz referências ao escritor Lima Barreto. Em *Calvário...*, em sua Nota prévia, João Antônio esclareceu ao leitor:

⁴⁶ ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Este roteiro dos bares urbanos frequentados pelo amanuense Afonso Henriques de Lima Barreto me foi passado no Sanatório da Muda da Tijuca, entre maio e junho de 1970, pelo professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, homem tido e havido como caduco, maníaco e esclerosado. Na mocidade, diretor político do *Diário de Notícias*, depois subsecretário de *O Jornal*. Conheceu Lima Barreto em vida e tinha setenta e dois anos quando me deu o depoimento. Os textos em destaque são de e em torno de Lima. Assim, não há aqui uma palavra minha. Como um montador de cinema, tesoura em punho, dei ritmo e respiração ao trabalho alheio. Participei, se muito, na linguagem da versão final do depoimento. (ANTÔNIO, 1977, p. 17).

Para compor esse livro, segundo vários depoimentos do próprio escritor João Antônio, ele internou-se também no mesmo sanatório que Lima Barreto havia ficado, pois considerou como fundamental conhecer esse lugar que o escritor de sua predileção vivenciou. Tentou reelaborar, com a ajuda de um interno intelectual, algumas situações que Lima Barreto viveu, esse que tão bem retratou o lugar do refúgio dos infelizes, o (des)conhecido subúrbio carioca. Nesse sentido, ao criar suas narrativas ou matérias jornalísticas, o autor-dedicador saiu a campo, como sempre disse fazer, pois para ele era preciso que o escritor conhecesse a fundo a realidade brasileira e os indivíduos dessa mesma realidade.

Assim como saiu atrás de seu leitor, vendo-se como “vendedor” de seus livros, também saiu às ruas para colher informações sobre o que desejou escrever a respeito de Lima Barreto. Portanto, *Calvário e porres...* é a suma homenagem ao escritor carioca, é a reverência ao homem que, para João Antônio, esquadrinhou a “história da escravidão no Brasil” além de discorrer sobre “[...] os nossos gurus e sabichões, a quem dava o nome de joões das regras”⁴⁷.

Além de o livro ser somente sobre Lima Barreto, a dedicatória impressa complementou-se à homenagem:

Consagro / ao talento e ao caráter / e (humildemente) / à atualidade / do / pioneiro aqui reverenciado / AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO (ANTÔNIO, 1977).

⁴⁷ ANTÔNIO, João. Lima Barreto, agora. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 13 mai., 1976, Coluna Corpo-a-corpo.

Enquanto leitor da obra barretiana, João Antônio “[...] retrata a sua admiração pelo autor carioca por este ter sido um dos pioneiros na abordagem da realidade das margens da cidade, daquela margem esquecida” (ORNELLAS, 2011, p. 20). A autora avança em sua análise, ao afirmar que João Antônio se envolveu com as temáticas abordadas por Lima Barreto, como se observa na citação a seguir:

Tal asseveração revela, ao mesmo tempo, a própria visão do escritor paulistano sobre o seu fazer literário, que também enfocou o lado pouco privilegiado na literatura nacional, a sociedade marginalizada, resgatando sua ambiência na cidade dividida entre os incluídos e os excluídos socialmente. (ORNELLAS, 2011, p. 20).

A ligação com a obra barretiana era muito importante para João Antônio, visto que, em qualquer oportunidade de trabalho jornalístico o contista reverenciava o autor carioca. Em artigo escrito para a coluna “Corpo-a-corpo”, do jornal *Última Hora*, João Antônio publicou um texto dedicado ao autor, tendo em vista o mês de maio, mais especificamente a 13 de maio de 1976, quando se comemorava o aniversário de Lima Barreto. Como discípulo retratando seu mestre, o tom não é só de homenagem, mas também do desejo de mostrar aos seus leitores o quanto a obra do autor carioca continuava atual e singular.

Assim, o que se considera como fator relevante para a construção do projeto literário do escritor paulistano é também a observação, a pesquisa, seu estudo sobre a obra de Lima Barreto, tendo como um de seus focos de empenho literário a divulgação daquela que foi uma de suas filiações literárias mais recorrentes, em suas falas e artigos de jornal:

Brasileira, muito mais que carioca, a obra de Lima é universalmente nacional e não adianta a nossa relapsia ou ingratidão diante, por exemplo, do romance “Clara dos Anjos”. Que o subúrbio carioca continua sendo o “refúgio dos infelizes” e os pingentes vão morrendo às centenas, nas competições imundas e ultrapassadas da Central do Brasil. E as províncias do país das Bruzundangas, potencialmente ricas, tendo diamantes, ouro, ferro, cobre e nada a pedir aos outros. No entanto, a população vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso e daquilo, gozem vencimentos e subsídios, duplicados e triplicados, afora os rendimentos que vêm de outra

qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres. (ANTÔNIO, 1995).

Nesse sentido, a visão de João Antônio sobre seu país alinhava-se ao olhar de Lima Barreto, que, de maneira consciente, expôs ao leitor de sua época todos os bastidores sociais que cada vez mais assolavam o mais simples, marginalizando-o ainda mais.

Remetendo à produção autoral, neste caso realizada por João Antônio, em todos os seus livros, as dedicatórias impressas funcionaram como marcas que antecederam os seus textos literários. Vinculado às narrativas, esse gênero paratextual registrou as preferências literárias e formativas do escritor e, por utilizá-las, propositada e conscientemente, o autor as transformou em um modo de demonstrar sua ideologia literária entre o momento, o lugar e as funções que a própria dedicatória de obra resulta. Tais nomes moldaram-se sob uma tríade de composição, manifestadas entre a dedicatória (texto) – dedicador (João Antônio) e dedicatários (destinatários do paratexto).

1.2.5 “À beleza de estilo de jogo do muito considerado mestre Carne Frita⁴⁸”

Walfrido Rodrigues dos Santos é o verdadeiro nome de Carne Frita, um dos maiores nomes da sinuca brasileira, hoje ainda vivo. Sua origem é de Sergipe, da cidade de Propriá⁴⁹. Sua história de vida e de taco é marcada por certa polêmica quando, aos 17 anos, resolveu fugir de casa para de fato sair a jogo e sempre a dinheiro. O jovem rapaz queria ganhar dinheiro jogando sinuca e por isso sua saída prematura de casa o fez chegar até o Rio de Janeiro, porque se ouvia falar que ali estavam os melhores jogadores. De lá, chegou até São Paulo, onde obteve igualmente lugar de destaque entre os mais conhecidos sinuqueiros.

⁴⁸ Trecho da dedicatória oferecida ao jogador de sinuca Carne Frita, realizada no livro de estreia *MPB* (1963).

⁴⁹ Carne Frita nasceu em Propriá e, aos 10 anos, mudou-se com a família para Penedo, também cidade sergipana. Em Penedo, conheceu um palhaço, quem lhe deu esse apelido que o acompanha até hoje, nome que o marcou nos salões de sinuca do Brasil (OLIVEIRA, André. Você sabe com quem está jogando? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jun., 2013.)

Nascido em 27 de outubro de 1929, desde sua juventude até a maturidade foi fazendo fama e jogou ao lado de nomes como Rui Chapéu. Outros existiram e se fizeram presentes nas rodas de sinuca, como Bola Livre, “Paraná, Detefom, Estilingue, Lincoln, Mãozinha... Eram artistas do pano verde. Mas Frita... quem entendia de sinuca era ele” (ANTÔNIO, 1963, p. 132-133).

Ele figura na coletânea *MPB* desde a edição de 1963, com seu nome e valor, abrindo a terceira parte do livro, cujo subtítulo é “Sinuca”, tema que delineia o que o leitor irá encontrar: são quatro contos que tematizam os ambientes dos salões de bilhar. Fazem parte de “Sinuca” os contos “Frio”, “Visita”, “Meninão do Caixote” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”. A dedicatória feita por João Antônio ao mestre do taco abre esta parte do livro e assim se apresenta:

À picardia, à lealdade / e em especial – à beleza de estilo / de jogo / do / muito considerado CARNE FRITA, / professor de encabulação e desacato / e / cobra de maior taco dos últimos anos, / consagro / com a devida humildade / estas histórias curtas (ANTÔNIO, 1963, p. 58).

João Antônio conheceu muitos tipos em suas observações pelas ruas das movimentadas capitais do país. Por isso pode ter matéria-prima para a composição de personagens que figuraram em seus contos e, com *Carne Frita*, não foi diferente. Prova disso é que o autor ficcionalizou sua presença em pelo menos dois contos: na obra de estreia *MPB* e em *Abraçado ao meu rancor*, contos dos livros homônimos. A dedicatória ao mestre da sinuca demonstrou sua homenagem e lembrança àquele que pode oferecer ao seu país o encanto do jogo, logo, seu reconhecimento diante da arte da sinuca.

A expressão utilizada no paratexto que abre a terceira parte de *MPB*, “à beleza de estilho”, denota “[...] que a um modo de ser tão característico corresponde uma estética que de certo modo o traduz” (MARTIN, 2008, p. 114)⁵⁰. Esse estilo de jogo fez com que *Carne Frita* fosse visto com admiração e respeito entre os que faziam a mesma atividade que ele. Quando se reporta ao seu nome, vê-se que o que se registra é a “[...]”

⁵⁰ Vima Lia Martin, no livro intitulado *Literatura e marginalidade: um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira* (2008), discorre sobre a aparição da dedicatória a *Carne Frita* e registra sua análise sobre as expressões dirigidas ao mestre do taco.

opinião geral dos dirigentes e praticantes da modalidade é a [de] que Carne Frita foi o melhor e mais completo jogador de sinuca do Brasil⁵¹”.

Os adjetivos usados pelo dedicador explicam-se por si só dentro do próprio conto, narrativa em que o artista do taco também se consagra. Por meio do olhar do narrador, Carne Frita assim é retratado:

Em cima dele foram e gramaram muitos e muito esperto perdeu o rebolado, e muito cobra ficou falando sozinho, esfacelado em volta da mesa, como coruja cega. E muito patrão de jogo caro se perdeu em apostas contrárias, em lances para mais de vinte contos. O homem ganhara tamanho, celebridade; uma curiosidade que se exibiu ensinando até na televisão. Seu nome e fotografia em pose de jogo foram para o jornal numa reportagem que assim dizia: “SINUCA DE CARNE FRITA É FALTA DE ADVERSÁRIO!” Era Carne Frita. Botassem respeito, sentido e distância com silêncio e consideração. (ANTÔNIO, 1963, p. 114).

Além do “estilo de jogo”, há outra característica que se alinha à de João Antônio e, talvez a aproximação entre ambos seja a de perambular por todo o centro de São Paulo. Para um, em busca de jogo, de dinheiro; para outro, exercitando o olhar para sua realidade e para as coisas que o atraem, matérias para compor suas histórias. Em se tratando de Carne Frita, no conto “Abraçado ao meu rancor”, vê-se novamente sua aparição, reportando-se ao mestre do taco e, conseqüentemente, ao seu estilo de jogo:

Toco para os lados da Praça da República. Não toco, eu desguio. Volto atrás. Enfio-me no Maravilhoso, uma lenda, com histórias nas rodas da sinuca e na boca das curriolas, um dos salões grandes da cidade. Conta-se. Ali, na primeira mesa do centro bateram-se e comeram-se, um correndo por dentro do outro, afiados e lisos, indo e vindo e dissimulando, rápidos ou pachorrentos, águias acostumadas, pacienciosas, cobras criadas, donos, coleiros dos sete estrelos, machuchões de piso e peso, tinindo e descartando recursos, escondendo o leite, dando açúcar ao adversário, os valentes Carne Frita e Lincoln. Na parada de cobras enfezadas, picardos adonando-se do pano verde, senhores, arreganhando os dentes da piranha ou fazendo batida inocente, carinhando as bolas coloridas ou enfiando de estalo, na porretada, na maciota, no tapa leve, na manha, no chega mais, no diálogo carinhoso com as bolas, vem cá, minha santa, amor,

⁵¹ Dados biográficos retirados do site da Federação Paulista de Sinuca: www.fpsb.com.br. Acesso em: 10 fev 2014.

boneca, num joguinho enjoado, ladrão, forte e dificultoso que durou doze horas. (ANTÔNIO, 1986, p. 107).

Para o autor, em um estilo de jogo e também de vida, em relação ao que escolheu para fazer ao longo de sua trajetória, há a maestria de mostrar ao leitor e fazê-lo acompanhar e encantar-se com o tipo de abordagem que fazia nas rodas de sinuca. Quando dois “cobras” se encontravam, observando-se mutuamente seus estilos, não havia um perdedor, havia a “picardia”, era o enganar os “otários”, porque, para estes, o que se via era a derrota de alguém. Mas não. Era a habilidade do estilo do jogo, “[...] no marmelo sonso do encobrimento” (ANTÔNIO, 1986, p. 108), era, enfim, a busca pela sobrevivência para quem se atrevia a viver do dinheiro vindo da sinuca.

Ainda hoje lembrado por seu estilo de jogo e pela ilustre história marcada no painel brasileiro desse tipo de esporte, Carne Frita foi homenageado pelo autor João Antônio, o que permite a todos conhecerem um pouco mais sobre sua trajetória de vida dedicada ao jogo dos salões de sinuca, pelos quais passaram os nomes mais famosos vistos pela sociedade paulistana.

2 DEDICATÓRIAS E A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE ESCRITORES: CONSTITUINTES DO PROJETO LITERÁRIO DE JOÃO ANTÔNIO

2.1 Estudos paratextuais no contexto das dedicatórias manuscritas

No ambiente literário do escritor João Antônio, diante do conjunto de livros dedicados, houve uma ação de divulgar, em resenhas críticas, as obras que apresentaram dedicatórias⁵². Esse tipo de paratexto realizado na obra configura-se como dedicatória de exemplar⁵³, também conhecida como manuscrita, haja vista que cada livro recebe uma marca pessoal e trata de assuntos os mais variados possíveis, os quais estabelecem, muitas vezes, referências às obras ficcionais.

Ofertar um livro a outrem significou, desde o século XIX, não só um ato de homenagem, mas, sobretudo, de reconhecimento pelo trabalho alheio, implicando leituras e apreciações estéticas e, frequentemente, manifestações mais afetuosas, demonstrando amizade, admiração, convergências de propósitos literários, entre outros temas suscitados pelo momento. A atitude de guardar livros dedicados apareceu como uma prática comum entre escritores e hoje, quando se objetiva constituir uma coleção desse tipo, percebe-se que ações extraliterárias desvendam e mapeiam os momentos de produção da obra literária, de seu criador e de quem os acompanha.

Esse ato de colecionar ou guardar livros com dedicatórias manuscritas é observado como prática natural entre autores, o que pode resultar em tema para variadas pesquisas. No caso de escritores brasileiros, que, de algum modo, abordaram o uso da dedicatória, destaca-se o livro de Manuel Bandeira, em seu *Mafuá do Malungo: Versos de Circunstância*, publicado em 1955. O poeta, nessa publicação, fez dedicatórias em verso a contemporâneos próximos, com o intuito de expressar seu apreço e, dessa forma, perpetuá-los para além de sua vida. Teve a possibilidade de referenciar nomes

⁵² Na dissertação de mestrado *A crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa* (2001), de Cleide Durante de Assis, há o registro de 23 obras dedicadas que foram resenhadas pelo escritor, realizadas entre os anos de 1993 a 1996.

⁵³ Gérard Genette, em *Paratextos Editoriais* (2009).

consagrados da cultura brasileira, como João Cabral de Melo Neto, assim registrado em *Mafuá do Malungo*:

A João Cabral de Melo Neto, / Impressor dêste livro e magro / Poeta,
como eu gosto, arquiteto, / Oferto, dedico e consagro. (BANDEIRA,
1955) (Dedicatória da primeira edição).

São, nesse caso, dedicatórias de obra impressas. No mesmo livro, também se vê uma homenagem a Ribeiro Couto, em forma de poema:

Não é ruim, não é do Couto, /É Rui, mas não é Barbosa: / É, sim, Rui
Ribeiro Couto, / Mestre do verso e da prosa. (BANDEIRA, 1955, p.
17).

A Alphonsus de Guimarães Filho, Manuel Bandeira assim se dirigiu:

Refrão de glória, eis vem no trilho / Do pai – dois mestres em refrões
– / Trás Alphonsus de Guimaraens, / Alphonsus de Guimaraens Filho.
(BANDEIRA, 1955, p. 17).

Com “versos de circunstância” ofertados a outras pessoas de seu convívio pessoal, existiram ainda as direcionadas às Joanitas, Marias e Franciscas:

Não é Joe, não é Joana, / Nem Juanita: é Joanita. / A diferença é
pequena, / Mas nessa diferencita, /Que em suma é tão pequenina, /Há
a graça que não está dita, /Que é privilégio da dona, /Que já toda a
gente cita /E assim talvez não reúna /Nenhuma moça bonita.
(BANDEIRA, 1955, p. 24).

Com esses exemplos, verifica-se que Manuel Bandeira compôs versos de circunstância e, por meio deles, fez homenagens àqueles que de alguma forma estiveram

próximos de sua vida pessoal e de seu meio literário e intelectual. Por isso, tais versos dedicados podem ser vistos igualmente como parte de suas filiações, na medida em que se relacionou com pessoas importantes para sua formação de escritor.

Outros tipos de atividades relacionadas à temática paratextual também foram registradas por Carlos Drummond de Andrade. Ao longo de sua trajetória com a escrita, ofertou, em forma de dedicatórias-poema, manuscritas ou impressas, homenagens e lembranças para nomes que mantiveram interesses afins. Além das ações comuns aos escritores, figuram dedicatórias-poema a pessoas desconhecidas do grande público que, por vezes, mereceram destaque, como afirma o pesquisador Marcos Antônio de Moraes:

[...] as construções discursivas lavradas pela criação artística são dirigidas, em grande parte, a parentes, amigos, colegas de ofício, próximos e distantes, a crianças e até mesmo a alguns desconhecidos; pessoas a quem o escritor, por afinidade ou gentileza, sente vontade de potencializar artisticamente a comunicação cotidiana. (MORAES *apud* FERRAZ, 2011, p. 15).

Nesse sentido, em *Versos de circunstâncias* (2011), o organizador Eucanaã Ferraz mostra a atividade fraternal de Carlos Drummond de Andrade, o qual, com as dedicatórias-poema, homenageou amigos e escritores de seu entorno. O trabalho enriquecedor de Ferraz registra momentos de Drummond, já que as dedicatórias iluminam “[...] a movimentação no tabuleiro do universo da cultura, descortinando afinidades e tensões mais ou menos silenciadas” (MORAES *apud* FERRAZ, 2011, p. 36).

Alguns exemplos de dedicatórias-poema ilustram a atividade de Carlos Drummond de Andrade nesse âmbito:

Ao meu caro Ribeiro Couto, douto / diplomata bem como fino poeta, / venho ofertar, roceiro, esta lavoura / feita de admiração e antigo afeto. / * A Freddy Guerreiro de Barros, / esta fazenda diferente: / terra em fumaça de cigarros, / e bois de nuvens já no poente. *” (ANDRADE *apud* FERRAZ, 2011, p. 103) (Dedicatória-poema manuscrita por Andrade nos exemplares de *Fazendeiro do Ar* que remeteu a muitos escritores, intelectuais e amigos).

Há outra ainda, endereçada ao escritor João Cabral de Melo Neto:

A João Cabral /A João Cabral, que tem por sina / a poesia gravada em carne, / não seja a vida Severina / e lhe dê sempre um novo carne / que entre duas águas humanas / acrescente o geral tesouro. / E viva assim por muitos anos, / a transformar o barro em ouro. *” (ANDRADE *apud* FERRAZ, 2011, p. 140). (Dedicatória-poema manuscrita a João Cabral de Melo Neto ao enviar-lhe o exemplar *Boas Festas*).

Em outra pesquisa sobre paratextos, em se tratando das manuscritas, o trabalho de Neusa Quirino Simões, intitulado *Dedicatórias a Mário de Andrade* (1981), foram sistematizadas todas as dedicatórias manuscritas que aquele autor recebeu de diversos escritores. Neusa Simões apresenta dedicatórias que tiveram o intuito de evidenciar as atividades de Mário de Andrade, no contexto de produção ficcional de sua época. Investigações como essa mostram o quanto o conjunto de paratextos pode descortinar os bastidores de criação de escritores, que, em certa medida, se firmaram diante da crítica especializada e dos demais autores de sua contemporaneidade.

Caso exemplar de estudo paratextual está em “*Ao querido Malungo...*”: dedicatórias a José Lins do Rego, fruto da sistematização dos livros dedicados a ele, realizada por Maria do Socorro Silva de Aragão (1991). Nesse trabalho acadêmico, a autora enumerou e descreveu todas as dedicatórias que José Lins do Rego recebeu, durante anos de produção literária. A inter-relação com Gilberto Freyre e José Américo de Almeida, por exemplo, está entre os “[...] que o acompanharam, incentivaram e apadrinharam em sua trajetória de escritor nordestino profundamente ligado às suas origens interioranas” (ARAGÃO, 1991, p. 4).

Dois exemplos paratextuais de Carlos Drummond de Andrade a José Lins do Rego ilustram o resultado das pesquisas de Aragão:

Ao grande e caro José Lins do Rego, com um abraço do poeta Carlos 22.07.1942. (Dedicatória manuscrita no exemplar *Poesias*, publicado em 1942).

A José Lins, grande romancista e escritor livre, cordialmente o seu amigo Carlos Drummond Rio, 06/01/46. (*A rosa do povo*, edição de 1945, enviada com dedicatória manuscrita a José Lins do Rego).

Ainda há dois estudos recentes sobre o gênero paratexto que aparecem para desvendar as relações vividas por escritores e intelectuais brasileiros. Um deles vem da pesquisadora Alcione Lidia Abreu Olivieri, disposto no livro *Incursões na Biblioteca de Francisco de Inácio Peixoto*⁵⁴ (2008). Esse trabalho visualiza as investidas intelectuais do poeta Francisco Peixoto como parte de seu projeto literário, divulgando não só sua poesia, mas também a cidade de Cataguases, já que gostaria de vê-la como um local cultural, assim como São Paulo e Rio de Janeiro. Ou seja, enquanto os olhos se voltaram à literatura produzida em São Paulo e Rio de Janeiro, Francisco Peixoto produziu seus escritos e participou, com outros escritores mineiros, da constituição e formação das chamadas poesia e prosa mineiras.

Na pesquisa de Alcione Olivieri, há o registro de uma dedicatória manuscrita ao autor remetida por Carlos Drummond de Andrade:

Ao caro Francisco Inácio Peixoto, / cuja casa mineira é / devidamente celebrada / neste livro, / com o abraço do / Carlos Drummond / Natal 1967. (O livro enviado a Francisco Peixoto foi *Brasil, terra & alma: Minas Gerais*, organizado por Drummond, publicado em 1967; página da dedicatória aqui ilustrada - 59) (OLIVIERI, 2008, p. 59)

Além do poeta, há no estudo de Alcione Olivieri outros registros de manuscritos dirigidos ao também poeta mineiro e, certamente, por meio das dedicatórias, é possível visualizar o quanto tantos autores tiveram a possibilidade de trocar experiências literárias e extraliterárias entre si.

O segundo trabalho recente sobre o gênero dedicatória é o livro organizado por Lucia Mindlin Loeb, neta do bibliófilo José Mindlin. Traz à luz parte da constituição da biblioteca de Mindlin, com o título peculiar “*Para a tão falada Biblioteca José e Guita*

⁵⁴ O poeta nasceu em 1909, na cidade mineira de Cataguases. Formou-se em Direito, mas atuou como industrial a partir dos anos de 1940. Iniciou carreira literária, escrevendo contos e poesia, cujas publicações são: *Meia-Pataca* (1928), *Dona Flor* (1940), *Passaporte Proibido* (1960), *A janela* (1967) e *Erótica* (1982). Tem textos publicados em Portugal e na Argentina. Faleceu em 1986. (OLIVIERI, 2008, p. 23-25)

Mindlin”⁵⁵: dedicatórias (2013), tendo por objetivo divulgar algumas das dedicatórias manuscritas enviadas ao casal Mindlin por vários nomes da intelectualidade brasileira e estrangeira. A iniciativa de Lucia Loeb, segundo ela,

[...] foi a de fazer um livro com algumas páginas de dedicatórias para meus avós. Eu queria que fosse uma surpresa. [...] Passamos algumas tardes olhando e procurando dedicatórias. Infelizmente, não consegui terminar a tempo de mostrar a ele. Mesmo assim, decidi finalizar o projeto, como homenagem a eles, pessoas tão queridas para mim e para tantos, para a biblioteca que formaram ao longo dos anos e para os vários autores que a habitam. [...] as que aqui estão falam da variedade de gostos dos meus avós, de suas amizades, dos percursos que alguns livros fizeram e continuam fazendo, uma vez que estão agora em novo endereço. (LOEB, 2013).

Lucia Loeb definiu, assim, os objetivos de seu projeto, cuja iniciativa e empenho junto à temática abordada permitem ao leitor comum e aos estudiosos do assunto conhecer mais a fundo o quanto os textos curtos têm muito a dizer. As relações que se estreitam e se multiplicam se tornam cada vez mais fraternas, suscitam reflexões, fomentam diálogos e, mais do que isso, incentivam novas publicações. Para ilustrar o trabalho com as dedicatórias, vistas como produtos culturais e que também estiveram em trânsito frequente na biblioteca de José Mindlin, destacam-se algumas das enviadas ao bibliófilo e à sua esposa Guita:

Ao José Mindlin, / grato pelo a/poio e ajuda, sem a qual / essa 2ª edição (sonho da / minha vida) não teria sido / possível, / com um abraço / do / Alfredo / S. Paulo março – 1979. (LOEB, 2013, p. 22-23).

Aos queridos Guita e José, / com o mais afetuoso abraço / do velho amigo / Antonio Candido / (A capa foi feita sem conhecimento do autor). (LOEB, 2013, p. 30-31).

⁵⁵ “Para a tão falada / Biblioteca José e Guita / Mindlin, atendendo a / repetidas reclamações / das bibliotecárias, encabeçadas por Cristina Antunes, / oferece este exemplar / de seu livro o / autor / 10.7.2000” – Esse oferecimento, feito pelo próprio Mindlin, aconteceu porque doava os exemplares da obra *Uma vida entre livros* a todos que o visitavam e por esse motivo, para que não se esgotassem os exemplares, a recomendação feita pelas bibliotecárias era a de que a Biblioteca José e Guita Mindlin deveria ter um exemplar para catalogação. A melhor maneira para não se correr o risco de ficar sem exemplar foi a de dedicá-lo e assim não poder doar para mais ninguém.

Para papai e mamãe, / para vocês lerem o / que saiu de vocês, / por caminhos compridos, / netinho meio diferente, / com muitos beijos / da / Betty / 26.8.85. (LOEB, 2013, p. 34-35).

Como se vê, os assuntos tratados pelas dedicatórias são diversos, denotam apoio e incentivo, carinho e amizade, homenagem familiar. Há as que desvendam aspectos particulares de relações sociais entre a comunidade de Mindlin. Por isso, o jogo estabelecido entre tantos intelectuais caminhou com o objetivo de dar espaço à arte literária e de deixá-la em trânsito frequente entre os leitores e frequentadores assíduos da biblioteca do bibliófilo.

Estes são alguns dos exemplos brasileiros com os quais se ilustra o presente trabalho, porque há outros nomes da literatura universal que igualmente se manifestaram por meio da ação paratextual, concebida como algo natural no universo dos livros e de seus criadores. Honoré de Balzac, Stendhal e Victor Hugo⁵⁶ também se apropriaram dessa prática, recorrente no meio intelectual⁵⁷.

O que se percebe é que o estudo que se debruça sobre a temática paratextual (dedicatórias) ainda é pequeno, pois não se encontra muitos trabalhos a este respeito. No entanto, o que se produziu até aqui, tanto no âmbito acadêmico quanto no mercado editorial brasileiro, já faz com que se visualizem alguns percursos de escritores, mapeando, portanto, parte de sua trajetória.

Por meio dessa ação entre autores, as dedicatórias manuscritas remetidas por determinado grupo apresentam-se como marcas elucidativas, quando mapeiam os caminhos do escritor, no espaço da intelectualidade. A oportunidade de entrar em contato com os propósitos pessoais e profissionais de João Antônio e dedicadores pode ser vista nos textos das dedicatórias, porque aparecem como constituintes de projetos literários, além dos encontros e contatos entre escritores.

2.2 Dedicatórias de Jorge Amado a João Antônio

⁵⁶ Honoré de Balzac (1799-1850) escreveu, dentre muitas outras, *A mulher de trinta anos* (1829-1842); Henri-Marie Beyle, mais conhecido por Stendhal (1783-1842), escreveu *O vermelho e o negro* (1831); Victor Hugo (1802-1885) notabilizou-se, entre tantas outras obras, com *Os miseráveis* (1862).

⁵⁷ Gérard Genette, em *Paratextos editoriais* (2009).

Destacam-se como exemplo dessa representatividade entre escritores as dedicatórias manuscritas enviadas por Jorge Amado (1912-2001) a João Antônio (1937-1996).

Esses dois escritores foram homens comprometidos com o fato social e, com o uso da palavra, se dispuseram a abordar situações de seus momentos e espaços nos quais e sobre os quais viveram, transformando-os em fatos ficcionais. Com filiações literárias correlacionadas, ambientes comuns vividos, ideais difundidos em suas literaturas, com atuações significativas para a literatura nacional, eles demonstram, pelas dedicatórias, situações particulares presenciadas por ações literárias e extraliterárias.

Entre as dedicatórias de Jorge Amado, interagindo não só com esse tipo de paratexto, mas também por correspondências e pelo envio de convites para lançamentos de livros, há dados que possibilitam constituir e traçar parte dos contatos de João Antônio.

Uma situação histórica pode ser anunciada pelo momento em que dedicador e dedicatário se encontram, sublinhando as relações de proximidade ou não. O encontro com o teor das dedicatórias indica, portanto, ações dos dois escritores sobre seus universos de produção.

Em se tratando de Jorge Amado e João Antônio, ou seja, dedicador e dedicatário, destacam-se sete livros dedicados, cujas dedicatórias datam de 1977 a 1992. Eles foram dedicados a João Antônio e em retribuição o autor enviou a Jorge Amado alguns de seus livros, como uma espécie de escambo cultural. Ao exercer algumas vezes função mercadológica – troca protocolar entre escritores consagrados – o livro com dedicatória propagou o intuito de divulgação ou apreciação crítica.

Com esses sete livros dedicados – de escritor a escritor – ou de um leitor a outro, houve o propósito de vislumbrar momentos de amizade, admiração, produção cultural, filiações literárias.

Os discursos das dedicatórias mostram cumplicidade, admiração, filiações literárias e delineiam aspectos discutidos pelos dois escritores, permeados, principalmente, e em igual medida, pelo compromisso que tiveram com a palavra e com a literatura.

As dedicatórias escritas por Jorge Amado estão nos livros *Farda fardão camisola de dormir* (s/d), *Capitães da Areia* (s/d), *Bahia de Todos os Santos* (1977), *Tieta do Agreste* (1977) *Jubiabá* (1979), *O menino Grapiúna* (1981), *Gabriela, cravo e*

canela (1983)⁵⁸. Por meio deles, quando da leitura feita por João Antônio, já se pode perceber o quanto esses livros apareceram como interesses culturais para o dedicatário. O fato de se conhecer um pouco mais sobre sua nação, sua cultura, história e desencadeamentos sociais fez com que o autor interagisse com o universo de produção de sua época, tais como o do escritor Jorge Amado. Este, reconhecendo o desbravamento de seu povo e nação por outro escritor, reafirmou igualmente essa apreciação, quando teve a atitude de enviar seus livros dedicados ao contista.

2.2.1 Primeiros contatos entre Jorge Amado e João Antônio

Na relação inicial instituída entre eles, o primeiro contato de Jorge Amado foi tímido e formal, porque provavelmente ainda não se conheciam pessoalmente. Ao longo dos anos e da recorrente publicação dos dois autores, os laços foram se estreitando, fato demonstrado pelas dedicatórias, quando se observa como seus modos de amizade foram ganhando espaço, além da admiração e respeito estabelecidos.

A primeira dedicatória de Jorge Amado a João Antônio revelou encontro formal entre os dois escritores. Ela se manifesta disposta em um papel avulso e figura no livro *Farda fardão e camisola de dormir* (s.d.). Seu contexto é:

Com meu abraço cordial do Jorge Amado (AMADO, s/d⁵⁹).

O que se observa, nessa dedicatória, é que não há alusão a datas. O paratexto denota formalidade como ação natural decorrente do fato de transitarem na mesma casa editorial, a Record. Além da comunhão entre temas brasileiros levantados pelos autores,

⁵⁸ A ordem descrita para as análises não corresponde à cronológica de publicação, mas à data de envio da dedicatória, ou seja, para realizar as análises, utilizou-se como ponto inicial o conteúdo das dedicatórias e não as datas de publicação dos livros. Esse critério se justifica em face do contexto paratextual, ao se observar os primeiros contatos que mostram maior formalidade até os que demonstram maior proximidade e, conseqüentemente, maior envolvimento intelectual entre os dois.

⁵⁹ AMADO, Jorge. *Farda fardão camisola de dormir* - fábula para acender uma esperança: romance. Rio de Janeiro: Record, s/d.

nota-se que as editoras tendiam a aproximá-los, pois a divulgação interna indubitavelmente aconteceu.

A expressão “cordial” denota um distanciamento discursivo, mas, por outro lado, a simples lembrança de remeter um de seus livros aponta que Jorge Amado também reconheceu o espaço de João Antônio na ficção brasileira. Até meados da década de 1970, o contista havia publicado ao menos seis livros, além de contos circulando em antologias nacionais e estrangeiras⁶⁰. No caso de Jorge Amado, o número de publicações cresceu significativamente e seu reconhecimento internacional o impulsionou a receber prêmios⁶¹ e consagrações entre intelectuais, elevando a sua obra e personagens a públicos estrangeiros.

Nessa dedicatória inaugural do contato entre os dois escritores, não há termos típicos para início de interlocução, característicos das dedicatórias, como “para” ou “ao”, mas vem a frase “Com meu abraço cordial do Jorge Amado”. O enunciado, aparentemente direto e objetivo, parece não denotar intimidade entre os escritores, no entanto, o uso do pronome “meu”, utilizado em primeira pessoa, é expressivo e, por isso, representa certa aproximação. Com o uso da preposição “do” atenta-se para o fato de que pode haver certa impessoalidade entre dedicador e dedicatário, visto que se registra uma relação motivada pela terceira pessoa. Porém, a contração das classes gramaticais “de + o”, justamente pelo uso do artigo, atenua essa impessoalidade. Por meio do “abraço cordial” depreende-se certa admiração e respeito, sentimento que simboliza os protocolos de contato entre os escritores.

Enquanto a comunidade de escritores se constituía, a admiração recíproca proveniente de e difundida por uma obra ficcional evocava a expressividade que a literatura tentava demonstrar, quando se pensa em sua função principal: humanizar o homem, segundo Antonio Candido⁶².

⁶⁰ *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, em terceira edição (1975); *Leão-de-Chácara*, em segunda edição (1975); *Malhação do Judas Carioca*, primeira edição (1975); contos em antologias no Brasil: “Meninão do caixote” (1963); “Natal na cafua” (1975) “Paulinho Perna Torta” (1973); contos em antologias estrangeiras: “Frio” (1964) – Espanha; “Busca” (1965) – Buenos Aires; “Aniz Posadas Staktu Jehu” (“Paulinho Perna Torta”) (1967) – Tcheco-Eslováquia.

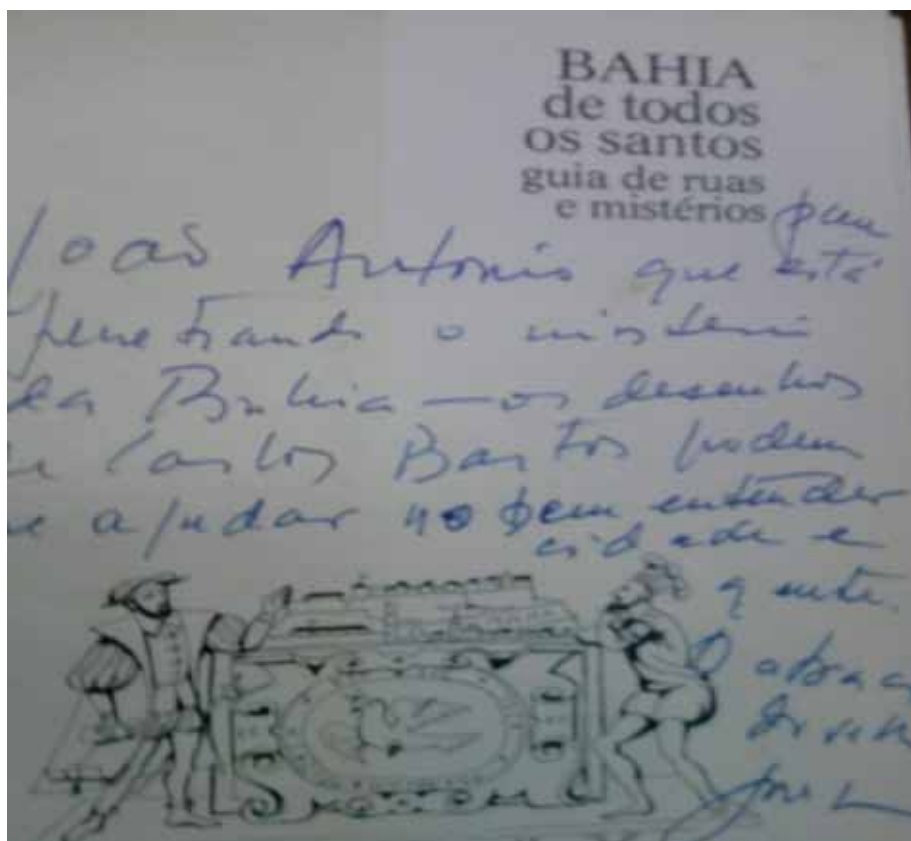
⁶¹ Prêmio Stalin da Paz foi o primeiro reconhecimento internacional de Jorge Amado; no Brasil, em 1936, conquistou o Prêmio Graça Aranha, além de dois Jabutis, nos anos de 1958 e 1995, dentre muitos outros.

⁶² CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Outro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

2.2.2 Segundo contato: “com o abraço do velho Jorge Amado⁶³”

O segundo paratexto manuscrito enviado por Jorge Amado, de acordo com a data da dedicatória (1978), figura em seu livro *Bahia de Todos os Santos* (1977), no qual há um teor discursivo com maior liberdade e simpatia, linguagem mais solta, beirando à intimidade e conhecimento frente aos gostos e preferências de João Antônio. A dedicatória exibida e transcrita abaixo exemplifica tais apontamentos:

Ilustração 2: Dedicatória manuscrita de Jorge Amado (1977)



BAHIA / de todos / os santos / guia de ruas / e mistérios / para / João Antônio que
está / penetrando o mistério / da Bahia – os desenhos / de Carlos Bastos podem /
lhe ajudar no bem entender / cidade e / gente. / O abraço / do velho / Jorge Amado.
(AMADO, 1977)

⁶³ AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios*. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

Como se observa, no contexto paratextual, a relação tornou-se mais próxima e, consequentemente, os dois autores se encontraram mais vezes por meio das obras dedicadas, permitindo-lhes leituras e estímulos sobre seus processos de criação. Ressalta-se que, sobretudo para João Antônio, a dedicatória referiu-se às suas ações, pois o escritor baiano parecia saber que João Antônio “penetrava” sua cidade com o propósito de conhecer alguma pessoa. A expressão “que está penetrando o mistério da Bahia” é dúbia e pode mesmo ser lida como maliciosa, se entendida como referência a um possível novo amor baiano que teria entrado na vida de João Antônio e do qual Jorge Amado tinha notícia. Pelo registro dessa dedicatória e pelas inferências realizadas, há uma relação de cumplicidade entre os dois escritores, pelo menos no momento de escrita do paratexto, já que ficou restrito somente a eles o conhecimento de suas ações.

Jorge Amado, àquela altura consagrado, vislumbrou positivamente o projeto literário de João Antônio, reconhecendo-se, por conseguinte, como seu leitor. Atuando como apreciador de sua obra, Jorge Amado destacou-o como um nome relevante diante de outros escritores de suas épocas.

Assim, o texto da segunda dedicatória revela, de certo modo, que João Antônio atuou como escritor compromissado em conhecer a realidade brasileira, de outros locais que não os de sua origem, conforme exposto no trecho do discurso paratextual – “para João Antônio que está penetrando o mistério da Bahia”. Isso mostra que o escritor paulista tentou compreender e analisar tipos e lugares, ou seja, entender gentes e cidade. Por esse aspecto pode-se perceber que Jorge Amado captou uma das questões centrais da obra de João Antônio: entender costumes de um povo e de seu local, ponto fundamental que constitui toda sua ficção.

As literaturas de João Antônio e de Jorge Amado ganharam momentos poéticos e vozes convergentes, frente às mazelas sofridas sob o jogo do sistema econômico e político.

Ainda sobre os sentidos da dedicatória transcrita acima, há a referência ao nome de Carlos Bastos, ilustrador de *Bahia de todos os santos*. Fazer referência a esse artista plástico foi o mesmo que reverenciá-lo, já que “os desenhos de Carlos Bastos podem lhe ajudar no bem entender cidade e gente”. Esse muralista e desenhista conheceu muito bem a Bahia, seu território, mesmo lugar de Jorge Amado, retratando-a segundo sua observação. Contextualizar esse renomado pintor, no teor de uma dedicatória, levou a seu dedicatário a mesma oportunidade de conhecê-lo, ilustrando leituras da obra e posterior aprofundamento da arte de um pintor local.

A dedicatória encerrou-se com um fechamento fraterno, carinhoso e despojado – “o abraço do velho Jorge Amado”, caracterizando também mais proximidade, pois, além do “abraço” e da expressão “velho”, há novamente o uso de contração da preposição “de” + artigo “o”, como exposto anteriormente. Assim, as dedicatórias legitimam testemunhos de uma relação entre mestres da literatura brasileira e, com merecido destaque, entre outros nomes da literatura mundial de seus momentos, haja vista as várias referências feitas no teor das dedicatórias, as quais se reportam a outros escritores de renome internacional.

Dois nomes que atuaram não somente em território brasileiro, mas fizeram esse espaço geográfico se destacar entre as demais nações, pois apareceram como porta-vozes de uma multidão que ainda engatinhava no quesito leitura e que em certa medida lutaram para ampliar o acesso a ela.

O teor da dedicatória manifesta o quanto o ato de dedicar uma obra registra pluralismo de vozes e de ações balizadas pelos assuntos pertencentes ao espaço de sociabilidade dos escritores. Para Michel Foucault (2004), um discurso infere e interfere nessa movimentação intelectual e se encaminha para configurações de poder. Tal acepção se cerca de pressupostos, de âmbito controlado ou não, e, no caso das dedicatórias, o momento de sua veiculação se tornou isento de objeções, visto que a circulação delas pretendeu o particular – de escritor para escritor.

O poder disseminado no discurso paratextual, de certo modo, foge à regra do que não pode ser dito. Foucault ressaltou que “[...] não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (2004, p. 9). O espaço utilizado pela dedicatória, no entanto, permitiu a ação livre para abordar qualquer tipo de assunto.

Por essa apresentação ao dedicatário e a futuros leitores das diversas obras que João Antônio recebeu, ao longo de sua aparição no meio literário, o paratexto manuscrito circulou para o autor-leitor sob circunstâncias de apreciação pessoal, tecendo, de certo modo, uma inter-relação entre temas, tratando tanto de tipos e gentes como de questões sociais. Os gêneros diversificados, como os casos de narrativas e poesias, recebendo a marca paratextual de seu criador, ora requerendo divulgação, ora apenas agradecendo a João Antônio, realizaram-se quando chegaram às mãos do dedicatário, haja vista seus posicionamentos ante o ato literário.

Em se tratando de um gênero textual como a dedicatória manuscrita, pensa-se na fruição estabelecida a partir de sua leitura, a fim de que esse paratexto se relacione ao

texto ficcional que o acompanha, de sorte a nortear essa leitura. Roland Barthes discute, em seu *O prazer do texto* (2010), como a fruição diante de uma escritura proporciona os mais variados sentimentos, iniciando-se, primeiramente, pelo prazer de estar em contato com a palavra. No caso de um texto, o jogo entre autor e leitor se firma, antes de tudo, em “[...] um espaço de fruição” (BARTHES, 2010, p.9) materializado pelo conjunto de signos e enunciados dispostos a representarem um sentido.

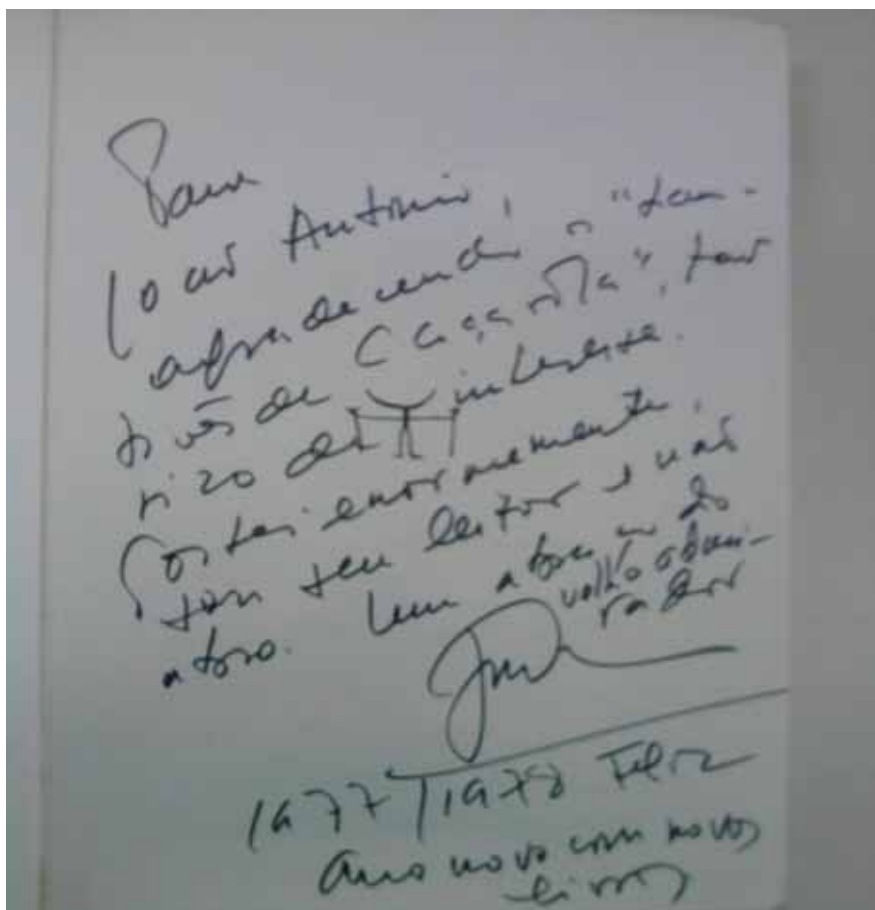
Por essa ótica, a dedicatória atrelada ao texto ficcional atua em igual medida de fruição junto ao leitor que aguarda a leitura, tornando-se uma ficção da outra. A fruição veiculada pela dedicatória soma-se ao texto ficcional e posiciona o leitor quanto ao que sente e ao que se pretende, quando interage com uma obra literária.

2.2.3 “Para / João Antônio, / agradecendo os Lambões de Caçarola⁶⁴”

O terceiro exemplo destacado neste estudo é o paratexto que se evidencia a seguir, disposto no livro *Tieta do Agreste*, de 1977:

Ilustração 3: Dedicatória manuscrita de Jorge Amado (1977)

⁶⁴ AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*: pastora de cabras ou a volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo – emoção e suspense: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.



Para / João Antônio, / agradecendo os Lam/ bões de Caçarola, tão/ rico de interesse. / Gostei enormemente, / sou seu leitor e não / abro. Um abraço do / velho admirador Jorge Amado / 1977/1978 Feliz / Ano novo com novos / livros. (AMADO, 1977).

A dedicatória trouxe à tona uma das obras de João Antônio, intitulada *Lambões de Caçarola* (1977)⁶⁵. O contista paulistano enviou a Jorge Amado a obra em questão, em um momento anterior e, retribuindo a gentileza e lembrança, o escritor baiano remeteu a João Antônio o seu livro *Tieta do Agreste*, em cuja dedicatória registrou: “[...] agradecendo os ‘Lambões de Caçarola’, tão rico de interesse. Gostei enormemente”.

Jorge Amado manifestou-se a respeito do livro e, pela troca de obras, os escritores tiveram, cada vez mais, maior contato, agradecendo-se mutuamente quanto ao envio de livros. Receber esse tipo de análise – “tão rico de interesse” – permitiu a João Antônio perceber-se como um autor o qual enveredou por caminho certo, visto que se firmar entre seus contemporâneos como um produtor cultural de literatura brasileira era

⁶⁵ Nesse livro, mostra-se um retrato da ambiência do autor nos idos dos anos de 1940, época de sua infância e do poder político de Getúlio Vargas. A situação econômica do Brasil veio à tona nesse livro e retomou a infância sofrida dos meninos e o mundo dos adultos que enfrentaram a vida na cidade de São Paulo, local de vivências e de formação do escritor João Antônio.

o seu propósito literário, afinal, queria uma literatura que se ralasse nos fatos e não que apenas relasse neles (ANTÔNIO, 1987, p. 318).

Com a expressão “sou seu leitor e não abro”, na dedicatória, Jorge Amado apareceu como leitor de João Antônio, atestando seu envolvimento e crítica em relação ao texto lido, além da admiração, posição do escritor baiano no momento da escrita paratextual.

O envio de obras dedicadas tornou-se assíduo entre os dois escritores, abrindo caminhos para uma relação de amizade e afeição, não só em instâncias intelectuais, mas também pessoais. Percebe-se, dessa forma, que outro momento relevante demonstrado pela dedicatória recaiu sobre o desejo de novas publicações, para ambos, mostrando seus objetivos de produzir mais obras, reafirmando seus propósitos literários em âmbito nacional, conforme atesta o trecho paratextual: “Feliz ano novo com novos livros”.

Até 1978, João Antônio contou com a veiculação de pelo menos sete obras⁶⁶, publicação em antologias nacionais e estrangeiras, além de frequente trabalho em jornais e revistas. Esse ofício que a imprensa escrita exigiu forneceu-lhe o sustento financeiro e visibilidade relativa e intensa entre escritores. Seu contexto de produção literária, paralelamente, manteve-se muito ativo e o jornal apareceu-lhe como outro meio de divulgar seus contos.

Caminhando nessa relação de proximidade, os dois escritores ampliaram e estenderam uma amizade respeitosa, pelas dedicatórias, anexando às obras convites para lançamentos de livros e encontros que possivelmente vivenciaram, à proporção que o assunto principal fosse o fazer literário. Essa combinação de estratégias editoriais não mais objetivou uma relação mercadológica, e o ato de dedicar um livro com teores livres de censura aliou-se aos pensamentos dos dois homens, fomentando discussões que sempre surgiram em suas atmosferas intelectuais. Fazer circular uma dedicatória manuscrita, em caráter privado – apenas de escritor a escritor – propiciou momentos de se dizer tudo o que se quis, sem medo de qualquer censura ou represália, porque era o que acontecia em algumas mídias impressas da década de 1970, devido ao cenário de ditadura que o país ainda vivia.

⁶⁶ MPB (1978), em quinta edição; *Leão-de-Chácara* (1978), também em quinta edição; *Malhação do Judas Carioca* (1976) em segunda edição; *Casa de Loucos* (1976), segunda edição; *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977); *Lambões de Caçarola* – Trabalhadores do Brasil (1977), quarta edição em 1978; *Ô Copacabana* (1978). Contos em antologias brasileiras: “Joãozinho da Babilônia” (1976); “Afinação da arte de chutar tampinhas” (1975); “Juiz” (1977). Contos em antologias estrangeiras: “Janek Zé Wzgórza Babilônia” (“Joãozinho da Babilônia”) (1977) – Polônia; “Doskonalenie Sztuki Kopania Kapsli” (“Afinação da arte de chutar tampinhas”) (1977) – Polônia.

Desse modo, entre 1960 e 1996, João Antônio publicou inúmeras obras, dentre as quais se incluem *Dedo-Duro* (1982), *Abraçado ao meu rancor* (1986), *Zicartola – e que tudo o mais vá pro inferno!* (1991) e *Dama do Encantado* (1996). Além de outros títulos, destaca-se a obra *Dedo-Duro* (1982), prefaciada pelo crítico Paulo Rónai e com Apresentação de Jorge Amado, dois nomes que certamente atenderam ao propósito estético e editorial do autor em questão. Ressalta-se a importância de um nome como o de Jorge Amado, que trouxe à cena a amizade dirigida a João Antônio. Até que se chegasse à Apresentação feita pelo autor baiano, muitas conversas e encontros se realizaram, considerando as relações feitas por meio das dedicatórias.

Essa postura de enviar livros dedicados dirigiu reflexões acerca da ambiência literária de momentos não só de elaboração ficcional, mas, sobretudo, de situações particulares que mapearam o pensamento de dois literatos sobre aos quais se instalou um jogo de relações com interesses comuns a essa comunidade.

A relação profissional entre os dois escritores é analisada a seguir, já que produzir um texto de Apresentação para uma obra deve ser visto como uma maneira de se articular entre sua comunidade e entre seus leitores.

2.2.4 Práticas da comunidade de escritores: texto de Apresentação realizado por Jorge Amado

Nesse jogo de contatos, vê-se que a atuação de Jorge Amado foi importante para João Antônio. Numa sequência de livros dedicados, como *Capitães da Areia* (s.d.), *Gabriela, cravo e canela* (1963)⁶⁷ e *O Menino Grapiúna* (1981), todos com dedicatórias manuscritas, datadas de 1983, apareceram um ano após a publicação de *Dedo-Duro* (1982), livro de contos do escritor paulista. No ano anterior, Jorge Amado esboçou o texto de Apresentação desse livro. Desde 1977, quando do primeiro contato entre Jorge Amado e João Antônio, por meio das trocas de dedicatórias, até 1992, último livro dedicado, a amizade firmou-se. Assim, colocaram-se em igual posição em face de outros textos que leram e os quais se somaram a outros repertórios de leituras e influências.

⁶⁷ Importante destacar que, embora o livro tenha sido editado em 1963, ele foi remetido ao dedicatário em 1983.

Sob essas atitudes intelectuais, permeadas pelas dedicatórias, a Apresentação de Jorge Amado pode ser entendida como um resultado de encontros de ideais e de estética, marcados, acima de tudo, pelo encantamento literário de Jorge Amado pela produção ficcional e jornalística de João Antônio.

Em 1982, os dois autores fixavam-se cada vez mais na história da literatura brasileira e, conseqüentemente, entre a comunidade de escritores e a crítica. Obter o reconhecimento de Jorge Amado, para João Antônio, principalmente estabelecido pela Apresentação de livro, impulsionou-o ainda mais no cenário da literatura brasileira. A seguir, ilustra-se o assunto com um rascunho datiloscrito de Jorge Amado, quando de sua elaboração para a obra *Dedo-Duro*⁶⁸ (1982), de João Antônio, antes de ser definitivamente impressa e publicada:

Ilustração 4: Rascunho da Apresentação feita por Jorge Amado para o livro *Dedo-Duro* (1982)

⁶⁸ Os contos que compõem este livro são: “Tony Roy Show”; “Dois Raimundos, Um Lourival”; “Milagre Chué”; “Excelentíssimo”; “Uma Memória Imodesta no Coração da Pouca Vergonha”; “Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha” e “Bruaca”.

Interessante enfatizar a alusão ao nome de Lima Barreto, tanto em dedicatórias impressas quanto no texto de Apresentação. Isso faz com que os dois paratextos confirmem o que João Antônio propagou entre demais escritores, ao estar diante da obra de Lima Barreto, para o contista, grande mestre. Tal conteúdo, analisado em capítulo anterior, traz os desdobramentos vinculados ao nome de Lima Barreto, tão significativos para a formação do projeto literário do escritor João Antônio. Tido como principal referência para João Antônio, é também resgatado por Jorge Amado, não só com a função de ter colaborado para a literatura brasileira, mas também por motivar leitura e (re)conhecimento de seu fazer estético a outro escritor.

A relação entre João Antônio e Lima Barreto foi observada por Jorge Amado, no texto de Apresentação, da seguinte forma:

Não por acaso “Dedo-Duro” é dedicado a Afonso Henriques de Lima Barreto. Existe um parentesco entre os dois narradores: sente-se, nas páginas de um e de outro, ranger-de-dentes, soluços estrangulados, desencontros, bruscas emoções e uma vida que jamais é fácil, uma vida destorcida, ganha a socos por homens e mulheres que são os de hoje, desse mundo injusto e desatinado. (AMADO *apud* ANTÔNIO, 1982, p. 10).

Nesse sentido, o texto de Apresentação mostra a crítica realizada pelo escritor baiano, o que comprova seu posicionamento reflexivo diante de uma das obras do contista, permitindo-lhe, portanto, o envolvimento que cada vez mais se estreitava, na medida em que a comunidade de escritores também desempenhava a função de leitor. Jorge Amado traz à tona o nome de Lima Barreto e coloca em evidência não só um projeto literário, mas dois, norteando, dessa forma, a leitura do leitor que busca na obra de João Antônio o conhecimento de sua abordagem narrativa.

O que se salienta, portanto, é o quanto Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida, Alcântara Machado e João Antônio pertencem à mesma linhagem de cronistas urbanos e de costumes, por isso, a filiação literária do dedicatário não é gratuita, visto que os lia e discutia as reflexões deixadas por esses homens das letras.

2.2.5 *Capitães, O Menino Grapiúna e Gabriela: inter-relações estabelecidas na década de 1980*

Três dedicatórias manuscritas, datadas de 1983, estão nos livros *Capitães da Areia* (s/d.), *O Menino Grapiúna* (1981) e *Gabriela, cravo e canela* (1963). As três foram enviadas no mesmo ano de 1983, no mês de novembro, e realçam algumas referências ao trabalho de João Antônio.

A primeira é:

Para João Antônio, com um abraço afetuoso do amigo Jorge Amado / Bahia 1983 – Nov.” (AMADO, s/d.)⁶⁹.

Tem um teor conciso e simples, porém, evidencia amizade e sugere leitura de João Antônio. Esse tipo de marca autoral – a dedicatória – realizada pelo próprio idealizador da obra, figurando na primeira folha do livro, introduz, por meio de Jorge Amado, o reforço de uma amizade que cresceu ao longo dos anos, de publicações e movimentações intelectuais vivenciadas pelos dois escritores.

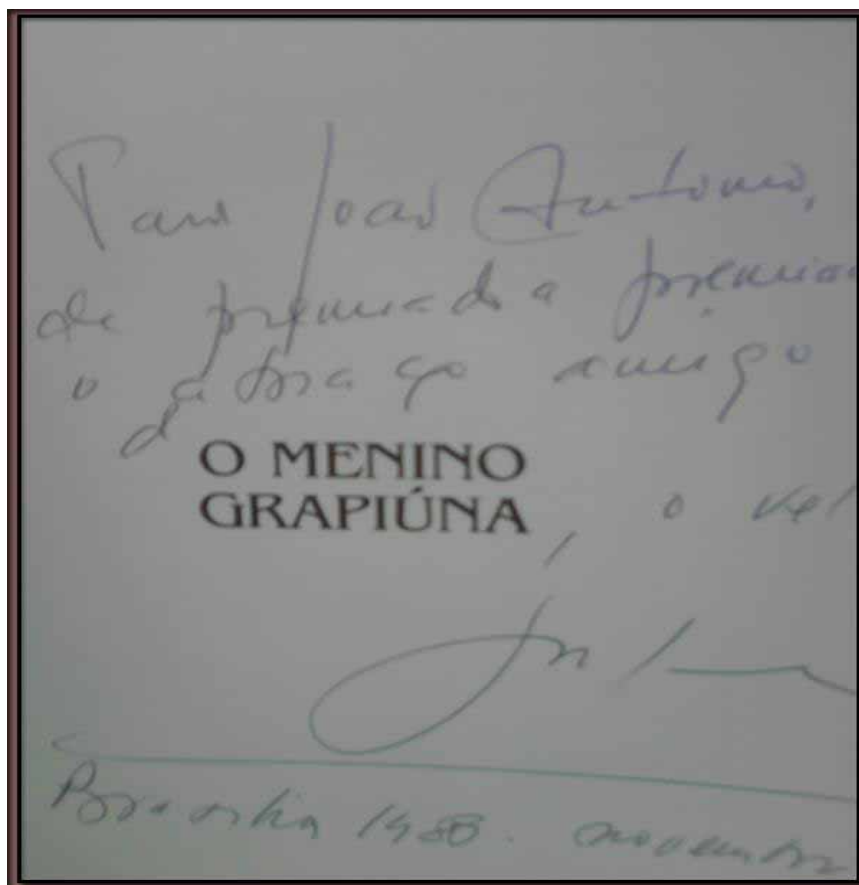
Com a expressão genitiva “Para João Antônio”, denota-se um posicionamento definido e dirigido exclusivamente ao destinatário da dedicatória. A expressão “Para João Antônio, com um abraço afetuoso do amigo Jorge Amado” registrou posição de carinho e de amizade pelo dedicatário, possibilitando compreender a relação de proximidade vivenciada, tendo em vista as publicações ficcionais ou jornalísticas que os dois escritores tiveram.

A segunda dedicatória da década de 1980, contida no livro *O Menino Grapiúna*⁷⁰, tem o seguinte teor:

Ilustração 6: Dedicatória manuscrita de Jorge Amado (1981)

⁶⁹ AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 5. ed. São Paulo: Martins, s/d.

⁷⁰ Em *Menino Grapiúna*, Jorge Amado traz um teor memorial e autobiográfico e revela-se um ficcionista em seus tempos de infância, narrativa ambientada entre o mundo de coronéis e jagunços, cuja personagem principal é a terra fértil, além do menino grapiúna.



Para João Antônio, / de premiado a premiado / o abraço amigo / d'O Menino Grapiúna, o velho / Jorge Amado / Brasília 1983. Novembro (AMADO, 1981)

Por meio dessa dedicatória, Jorge Amado colocou-se na mesma posição de João Antônio, reconhecendo-o e inserindo-o no rol de escritores brasileiros, cujo trabalho ficcional despontou entre tantos nomes. A premiação literária, cabedal e aporte para legitimação de um autor entre os demais escritores, propiciou o trânsito intelectual de ambos entre outros autores que objetivaram a mesma distinção e, de certo modo, a premiação atua como incentivadora de futuras criações. Um escritor premiado e notabilizado pode ser inserido no cânone historiográfico. Jorge Amado, ao reconhecer outro escritor, confirmou a importância do conjunto de sua obra para sua nação e para a história literária e, em se tratando de notoriedade, estimulou e valorizou seu fazer literário. A expressão “de premiado a premiado”⁷¹ descreveu a situação literária vivida

⁷¹ Até a década de 1980, João Antônio contava com os Prêmios Walmap – Paraná (1974), Grande Prêmio de Crítica e Ficção / APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte – 1975, Troféu Candango / Fundação Cultural do Distrito Federal – 1983, Prêmio Pen Clube – 1983, Troféu Golfinho de Ouro – 1986. No caso de Jorge Amado, além dos já mencionados, até a década de 1980, o autor havia conquistado os prêmios: Graça Aranha (1936), Prêmio Stalin da Paz (1951) e o Jabuti - Personalidade literária do Ano -1961.

pelos dois autores, momento de glória aos intelectuais que exerceram seu ofício de escritor, com o intuito de não só propagarem e divulgarem sua literatura, mas, principalmente, por apontarem a realidade brasileira em sua ficção.

O contexto da dedicatória e do livro de Jorge Amado relaciona-se com o conto de João Antônio, *Meninão do Caixote* (1980)⁷², já que seu criador, ao longo de sua trajetória, colecionou mais prêmios e publicações no exterior. Por isso, a referência aos “meninos” – do caixote e grapiúna – não foi gratuita e, por este viés, entende-se que Jorge Amado assistiu de perto às publicações do contista.

Quando da dedicatória manuscrita de Jorge Amado, o dedicatário já era um escritor estimado pela crítica e pelo leitor e, na época de recebimento do paratexto de 1983, o contista contava com 7 livros publicados⁷³, legitimando-se no meio literário e impulsionando seus textos no espaço da crítica.

A dedicatória de Jorge Amado afirma a representatividade do trabalho de João Antônio, no universo literário da década de 1980, elevando o nome do autor paulistano enquanto contista e intelectual engajado com seu fazer estético. Receber o aval do “menino grapiúna” certamente o destacou em posição de igualdade literária, favorecendo sua interlocução com um dos intelectuais mais atuantes da vida literária nacional.

Também se destaca a noção de autoria e a relação intersubjetiva que se estabeleceu entre quem realizou a dedicatória e o dedicatário, permitindo-se discutir o desmembramento dessa relação de amizade e de caráter cultural e que fomentaram registros memorialísticos e identitários da história literária brasileira.

Receber um livro dedicado permitiu a João Antônio o olhar crítico de um nome legitimado no cânone nacional. Em certa medida, ao guardar livros com dedicatórias, o contista paulistano contribuiu para perpetuar sua relação com outros nomes significativos para a história da literatura brasileira.

Dois “meninos”, com adjetivos díspares e que se aproximaram a partir do momento em que mostraram suas falas, suas ações, suas representações. Mostram-se, mais ainda, dois homens, dois escritores, que:

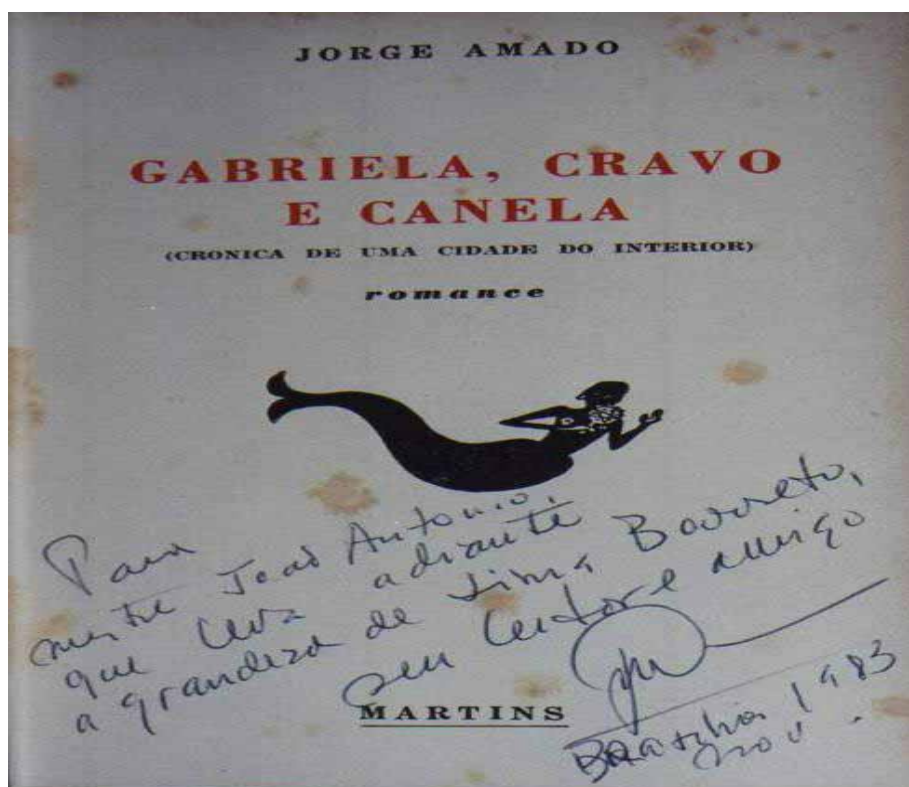
⁷² Esse livro tematiza a vida de garotos que percorreram as ruas paulistanas, com sonhos ainda pueris e em trânsito com suas sagas pessoais. Essa obra é composta pelos contos “Frio”, “Lambões de caçarola – trabalhadores do Brasil”, “Bolo na garganta” e “Meninão do Caixote”.

⁷³ MPB, em 8. ed.; *Leão-de-Chácara*, em 6. ed.; *Malhação do Judas Carioca*, em 3. ed.; *Casa de Loucos*, em 2. ed.; *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (primeira edição publicada em 1977); *Lambões de Caçarola*, em 4. ed.; *Noel Rosa*, em primeira edição.

[m]antêm um diálogo com o povo, que dele recebe alguma coisa e que a ele oferece alguma coisa; não aquele que guarda para si o que pensa e que se fecha às influências exteriores. Enquanto escritores, pois, têm uma situação de homem público, isto é, de homem que julga e que é julgado, cujas ações são acompanhadas e aplaudidas ou negadas e repudiadas pelo público. (SODRÉ, 1965, p. 74).

A terceira dedicatória manuscrita de Jorge Amado, também de 1983, foi feita no livro *Gabriela, cravo e canela* (1963) e aponta mestre e discípulo em relação de igualdade, cercados pelo significativo nome de Lima Barreto. Mais uma vez, houve a referência a esse singular escritor, ligando-o à obra do contista paulista e de seus preceitos estéticos:

Ilustração 7: Dedicatória manuscrita de Jorge Amado (1963)



Para / mestre João Antônio, / que leva adiante / a grandeza de Lima Barreto, / seu leitor e amigo / Jorge Amado / Brasília 1983 / Nov. (AMADO, 1963)

Jorge Amado, nessa dedicatória, revela três significações em um único texto: sua humilde condição de discípulo do escritor João Antônio, a filiação literária do contista

paulistano e a questão da amizade entre dedicador e dedicatário. A expressão “Para o mestre João Antônio” demonstra o reconhecimento ao contista diante de toda sua trajetória, tanto na imprensa quanto no meio literário. Além disso, a humildade de Jorge Amado, ao se referir ao dedicatário, delinea o quanto a comunidade de escritores se aproximava, seja em meio às temáticas trabalhadas, seja ao empenho em se tornarem lidos e discutidos. Representou-se, desse modo, uma relação não só profissional como de aproximação pessoal, confirmada ao longo do envio das dedicatórias.

O segundo aspecto visível nesse registro paratextual constitui uma convergência de influências literárias, pois Jorge Amado também apreciou a escrita de Lima Barreto e, ao mesmo tempo, notabilizou a inter-relação literária e intelectual entre o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e o de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). Os termos “[...] que leva adiante a grandeza de Lima Barreto” expressam a admiração intelectual do dedicador pelo trabalho literário do escritor carioca e registra o encontro com o gosto em comum, de Lima Barreto e de João Antônio, por trabalharem, em certos casos, com a mesma temática, a dos excluídos, e que atraiu igualmente Jorge Amado.

Na época da autoria dessa dedicatória, Jorge Amado já era um escritor consolidado, com 27 obras publicadas, além de ser um nome de sucesso com adaptações de livros para a televisão e traduzido em outros países. Nesse sentido, evidenciava-se o reconhecimento de Jorge Amado pela Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 23, a partir de 1961. Lima Barreto (1881-1922), segundo o próprio escritor João Antônio, aquele foi vítima de ostracismo literário, em razão das críticas à imprensa, com seu romance *Recordação do escrívão Isaías Caminha* (1909) e amargou, durante décadas, o esquecimento de sua obra literária e jornalística. Somente nos anos 1950, por intermédio do biógrafo Francisco de Assis Barbosa, toda sua obra foi publicada na íntegra, pela primeira vez.

Comparativamente a autores renomados à época de Lima Barreto, como Mário de Andrade, por exemplo, a posição do criador de *Bruzundangas* (1922) restava tímida. Por outro lado, João Antônio, na mesma época da dedicatória de Jorge Amado, tinha lugar consolidado, de certo modo, pelas suas coletâneas de contos, crônicas e ensaios e, por outro, pela atuação constante na imprensa. O reconhecimento social do autor paulistano avizinhou-se ao do escritor baiano, haja vista sua frequente movimentação na mídia televisiva e as inúmeras edições estrangeiras que o guindaram ao posto de escritor brasileiro publicado no exterior.

Escritores com perfis particulares, de tempos diferentes (no caso de Lima Barreto, morto antes da estreia literária de Jorge Amado), apareceram justapostos no contexto de uma dedicatória. Em termos dos estudos literários, observam-se os elementos externos e internos à produção deles, os quais auxiliaram no estabelecimento de algumas probabilidades. Um dos fatores comuns vivenciados pelos três nomes e que os aproximou é a experiência na imprensa, externa ao ato ficcional. Lima Barreto possui extensa produção de crônicas, fruto de mais de 20 anos de colaboração para pequenos e alguns grandes jornais cariocas. Jorge Amado trabalhou em jornais do Rio de Janeiro, por mais de 10 anos, antes que pudesse viver apenas da criação literária – um dos raros casos brasileiros de escritor que pôde se sustentar através de direitos autorais. João Antônio sempre atuou como jornalista, desde o lançamento da primeira coletânea de contos, *MPB*, até 1996, não tendo o mesmo privilégio de Jorge Amado de só viver de sua literatura.

A experiência na imprensa escrita, comum aos três escritores, além de lhes proporcionar um olhar atento à realidade brasileira, igualmente os auxiliou na composição de suas ficções, como no emprego de uma linguagem livre de excessos retóricos. Os estilos e as formas das escritas desses três autores primaram pela clareza da transmissão de suas ideias, sem a utilização de efeitos artísticos, o que costuma ser evitado no espaço jornalístico.

No âmbito interno de suas produções, registram-se ações em comum. Lima Barreto, Jorge Amado e João Antônio tiveram como ponto crucial de suas escritas o olhar para a cultura brasileira, que, em suas particularidades, transpôs tipos e elementos humanos, tornando-se matéria-prima para suas composições artísticas. À parte as peculiaridades de cada um, há, em Jorge Amado, a presença de personagens oriundas da periferia social como pescadores, moradores de subúrbio, gentes da rua. No que concerne ao desenvolvimento temático, tem-se a existência de denúncia social quanto à realidade das camadas marginais. Se Jorge Amado foi comunista, Lima Barreto comungou de alguns ideais libertários do anarquismo. Por sua vez, João Antônio não se filiou a nenhuma vertente política, porém, em sua obra, há a proposição de trazer à cena literária o lado obscuro da miséria social, característica em comum com os pensamentos dos outros dois escritores e que, de certa forma, pressupõe em sua obra uma crítica contra o sistema político e social vigentes.

Assim, como primeiras inferências, a terceira dedicatória revela um teor que reverbera instâncias mais amplas para além de sua ocorrência em determinado tempo,

lugar e obra, convergindo na correlação entre homens que se propuseram debruçar-se sobre sua nação. De início, como já se apontou neste trabalho, não é nada gratuita a presença do nome de Lima Barreto em correlação com João Antônio, no enunciado manuscrito de Jorge Amado. Em acréscimo, trata-se de uma tríade de criadores empenhados com os fatos da realidade brasileira, diante da cultura e dos problemas sociais, suscitando temas os quais balizaram suas produções literárias.

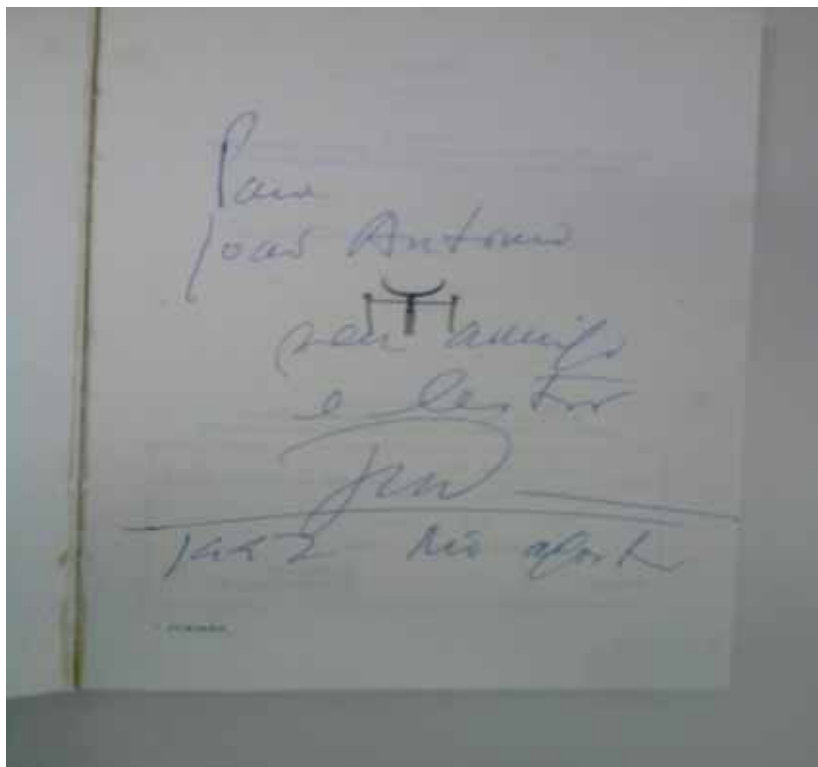
João Antônio, ao se envolver em questões sociais, como relações humanas, políticas, econômicas, culturais e literárias, trouxe para discussão o enfrentamento de diversas esferas do comportamento social e de seu entorno particular.

Por fim, ao reafirmar ser leitor de João Antônio, conforme se indicou, denota-se a apreciação que se fazia entre a própria comunidade ao se fazerem lidos entre si. Dessa forma, o que se pode considerar é que boa parte da comunidade de sua época acompanhava as publicações que o mercado editorial brasileiro divulgava. E nada melhor que acompanhar um representante de sua comunidade com a amizade estabelecida ao longo dos anos, “seu leitor e amigo”, rendendo-lhe não apenas contatos profissionais, mas, sobretudo, o caráter singular que somente uma amizade pode significar na existência humana.

Os diálogos suscitados pelas dedicatórias remetidas por Jorge Amado a João Antônio encerraram-se em 1992, data do último paratexto enviado. Propagaram a mesma ideia de companheirismo e amizade, de proximidade e acompanhamento de seu trabalho literário.

A última dedicatória, datada de 1992, demonstra dois modos de interação, pouco conhecidos do grande público: a amizade que os envolveu durante suas vidas. Ademais, agrupada no conjunto de dedicatórias, propagou o ato social de Jorge Amado ante outro escritor pertencente à mesma comunidade: a condição de leitor da obra joãoantoniana. Jorge Amado assim se pronunciou:

Ilustração 8: Dedicatória manuscrita de Jorge Amado (1979)



Para / João Antônio / seu amigo / e leitor / Jorge Amado / 1992 Rio agosto (AMADO, 1979)

Avaliar o percurso intelectual do autor paulistano e de Jorge Amado resulta no conhecimento de contribuições intelectuais em três décadas significativas para a história do país. Tal hipótese circunscreve-se pela perspectiva de que cada dedicatória, com suas marcas autorais, descreveu uma relação histórica e literária, tendo em vista que o contista lia, nos textos das dedicatórias, as referências feitas às suas publicações, conhecendo o posicionamento de escritores quanto às situações sociais da época dentre outros assuntos.

O viés literário-referencial indica que Jorge Amado conheceu as filiações culturais e artísticas de João Antônio, o que atesta o conjunto de obras dedicadas como um repertório textual que propiciou o reconhecimento desse autor, entre os demais escritores de sua época, ou seja, a valorização de sua comunidade ao realizar seu ofício de escritor. Para João Antônio, esse intercâmbio literário e extraliterário configurou-o como um escritor pertencente à comunidade de Jorge Amado. Tal trânsito transformou os sete livros dedicados em um círculo de caráter privado – de autor para autor – cujo material de interlocução entre dois intelectuais posicionou-os não só no momento de criação literária, mas também no âmbito social. Ao ganharem notoriedade pública, isto

é, serem conhecidas por mais nomes da comunidade de escritores, além do público em geral, as dedicatórias fomentam discussões as quais registram pensamentos e ações, visto que os assuntos discutidos figuraram entre instâncias comuns a esse grupo. A seguir, veremos como as relações de João Antônio desdobraram-se com outros escritores-dedicadores.

2.3 Perfil de Caio Porfírio Carneiro⁷⁴

Caio Porfírio Carneiro nasceu em 1928, em solo cearense. Sua formação intelectual se deu em geografia e história, e o contato com a literatura aconteceu desde sua época de adolescente, entre 11 e 12 anos, momento de estudos que vivenciou em uma escola dirigida por padres.

Iniciou-se nas letras com a necessidade de enveredar nesse universo que lhe exigiu escrever e apenas escrever. Em entrevista a Nilto Maciel, seu conterrâneo e parceiro de ofício, Caio Porfírio Carneiro definiu o ato da escrita como o “[...] instinto de perpetuar-se para além do sopro da vida passageira” (MACIEL, 2010).

Tendo a literatura como “[...] sombra, contra-espelho e pulsação da alma⁷⁵” mostrou, por meio do conjunto de sua obra, o homem nordestino que foge da opressão, em busca de seus direitos, e, mesmo que se movimente, querendo soluções, não as acha porque está à margem, não tem voz dentro do contexto sociopolítico no qual se insere.

O autor traz, em cada livro, “[...] um tempo e um momento criador” (MACIEL, 2010). Com 31 obras⁷⁶ publicadas, revelou mais do que um exercício de escrita, permitindo-lhe o reconhecimento através de vários prêmios literários que recebeu. Suas narrativas referem-se aos tantos temas que escolheu realizar, ao dar voz ao povo trabalhador, descortinando salinas⁷⁷ e homens brutos, que, na tentativa de melhorarem, social e pessoalmente, dialogam com o público na expectativa de serem ao menos

⁷⁴ O título deste subcapítulo faz alusão ao artigo “Meu perfil de João Antônio”, escrito por Caio Porfírio Carneiro, em 1999, publicado na Revista *Remate de Males*, em homenagem póstuma ao amigo e escritor.

⁷⁵ Trecho de entrevista de Caio Porfírio Carneiro concedida ao jornalista Nilto Maciel, em 20/11/2010, veiculada no site www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4814. Acesso em: 15 jul. 2013.

⁷⁶ Além dos sete livros listados neste trabalho, Caio Porfírio Carneiro publicou: *Bala de Rifle* (1963), *10 contos escolhidos* (1983), *Viagem sem volta* (1985), *Quando o sertão virou mar...* (1986), *A oportunidade* (1986), *Profissão: esperança* (1986), *Três caminhos* (1988), *Dias sem sol* (1988) entre muitos outros, os quais estão entre os gêneros conto, romance, novela e literatura infantojuvenil.

⁷⁷ CARNEIRO, Caio Porfírio. *O sal da terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1984. Romance que tematiza as apreensões e lutas do povo nordestino nas salinas, um dos seus modos de sobrevivência.

ouvidos e, mais do que isso, fomentar discussões a respeito do tema marginalização social e cultural.

Seja em veredas⁷⁸, seja em direção ao mar, voltando para a terra⁷⁹, ou até mesmo ficcionalizando a figura mítica de “Padrim Cícero⁸⁰”, a literatura de Caio Porfírio Carneiro reage a um sistema que não valoriza o ser, que o puxa para baixo, ao invés de impulsioná-lo e torná-lo tão cidadão quanto qualquer outro. A linguagem de que se vale arrasta o leitor a ambiências de terra batida, seca, cuja poeira forma rastro e dificilmente se pulveriza. Com sua linguagem atemporal, trabalha com os gêneros textuais conto, romance, conto-reportagem e crônicas. Foi por meio do conto, no entanto, que o destaque efervesceu, proliferou, ganhou consistência, além de consideração crítica.

Esse autor, como integrante de uma comunidade de escritores-leitores, registrou, por meio de entrevista, elementos elucidativos a respeito de alguns fatos vividos entre ele e João Antônio. Sua narração desvelou situações que viveram em parceria, ou seja, ajuda a entender dois momentos autorais de produção cultural. Com sete livros dedicados ao amigo contista e jornalista, Caio Porfírio Carneiro discorreu sobre assuntos que os aproximaram: a arte literária, os bastidores de sua produção e uma amizade atenciosa, rodeada por muita admiração.

2.3.1 Dedicatórias de Caio Porfírio Carneiro a João Antônio: o *Trapiá*⁸¹ conhece o *Malagueta*

A definição dessa amizade resumiu-se a duas palavras: conluio e errâncias. A expressão “conluio”, tão cara a João Antônio, transitou no conjunto de sua obra, atrelando-se às personagens que se movimentaram à espera de algo que as impulsionasse junto a seus sonhos narrados nas histórias. Os dois termos, dessa forma, percorrem a trajetória pessoal e profissional do contista, sempre aliado a outros nomes

⁷⁸ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Veredas da caminhada*. São Paulo: RGE, 2011. Este, o mais recente livro publicado pelo autor, contendo contos os quais focalizam caminhos que percorreu e que ainda percorre, em sua vida, transformando-os em matéria para composição de sua narrativa.

⁷⁹ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Da terra para o mar, do mar para a terra*. São Paulo: FTD, 1987.

⁸⁰ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Uma luz no sertão*. São Paulo: Clube do Livro, 1973. Conto-reportagem, dividido em três partes e que aborda a personagem histórico-religiosa de Padre Cícero.

⁸¹ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Trapiá*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961. *Trapiá* (contos), com primeira edição de 1961. Com ele, o escritor fez sua estreia literária.

de sua contemporaneidade. Sua atuação, cercada por ações e atitudes que comumente o seguiram por causa de objetivo maior – ser escritor lido e discutido – propaga sua composição ante o encontro com outros escritores de mesma safra intelectual.

Estar próximo a nomes de seu universo pessoal e literário, além de buscar o leitor, ajudou-o a formar amizades fiéis e, nesse caso, inclui-se o encontro com o contista, cuja amizade foi duradoura e cúmplice⁸². O encontro desses dois escritores brasileiros, homens com ambiências quase comuns, desde o momento em que se conheceram, resultou em plena interação, tudo por meio da escrita.

A história dos dois consagrou-se, posteriormente, em meio a outras mesas, além das dos bares. Na década de 1960, foi na Rua Conselheiro Crispiniano, no centro de São Paulo, um dos locais de trabalho de Caio Porfírio, que João Antônio pode recompor momentos de produção de “MPB”, segundo entrevista concedida por Caio Porfírio Carneiro⁸³. E, daí em diante, a relação de amizade adensou-se ainda mais, com a crescente troca de correspondências, as quais versaram sobre inúmeros assuntos e situações de que ambos desfrutaram.

Caio Porfírio Carneiro exerceu papel fundamental na vida de João Antônio, principalmente quando do incêndio ocorrido em sua casa, na década de 1960, o qual levou, entre chamadas e destroços, os originais do conto “MPB”. Parte dos rascunhos que João Antônio apresentou a esse outro escritor foi guardada por ele, para a sorte do contista paulistano. De acordo com o autor de *Trapiá*, era costume nunca jogar nenhum rascunho fora, seja dele, seja de outro escritor, de sorte que muitos autores mantiveram essa prática de mostrar a ele seus escritos para posterior apreciação. Em se tratando de produção artística, Caio Porfírio conseguiu devolver a João Antônio o que esteve sob sua guarda, e isso favoreceu ao amigo-escritor a reconstituição de partes da primeira obra, aquela que foi escrita a partir de suas vivências, com personagens reais, posteriormente ficcionalizadas, “[...] que infestam as calçadas [...] – vidas cujo lado humano e pungente sabe apreender e sobre as quais se debruça com grande ternura” (PEREZ, 1987).

O autor cearense, com esse ato de arquivamento quanto ao que recebeu de produção estética enviada por escritores de seu convívio, legitimou sua postura de

⁸² Em entrevista concedida, em março de 2012, na União Brasileira de Escritores, Caio Porfírio Carneiro referiu-se à amizade cúmplice entre os dois, o que se comprova também por meio de cartas trocadas, dispostas em ambos os acervos, de experiências profissionais vividas, como o caso da participação como jurados de concursos literários, entre outros encontros vivenciados ao longo de sua trajetória.

⁸³ Entrevista de Caio Porfírio Carneiro, já mencionada.

arquivista frente às escrituras de seu entorno, como uma espécie de protocolo literário, permitindo a propagação e a perpetuação de vasta produção artística, universo tão familiar e natural para esse homem das letras. Por ter essa consciência autoral, Caio Porfírio Carneiro possibilitou ao companheiro de ofício, João Antônio, não apenas recompor narrativas de ambiências errantes, mas principalmente porque o ajudou a levar para o público e para a crítica uma obra que recebeu muitas agremiações, críticas, encontros com leitores, traduções e contatos intelectuais.

Dois homens com duas obras de estreia – *Trapiá* e *MPB* –, livros de contos que entraram para o rol da historiografia literária contemporânea, desfrutaram, na década de 1960, as mais variadas premiações, alçando os dois nomes no cenário da cultura brasileira e da crítica nacional⁸⁴. Essas obras permitiram-lhes espaço em futuras publicações e participações como jurados em concursos literários. Com tais desdobramentos artísticos, os dois autores iniciaram suas trajetórias profissionais, tornando-se, ao mesmo tempo, parceiros e companheiros de ofício, vislumbrando possibilidades de atuação enquanto observadores da realidade nacional.

A amizade constituída entre os dois rendeu críticas recíprocas, visto que, por meio das cartas trocadas e das dedicatórias manuscritas, o pedido para divulgação de seus trabalhos acabou sendo hábito dessa atmosfera literária. Críticas feitas em jornais impressos, nos mais diversos lugares do país, foi prática constante dessa comunidade. Em tons de homenagem e de apreço diante da produção de João Antônio, por exemplo, Caio Porfírio Carneiro prestigiou o amigo, ao escrever o livro *Perfis de Memoráveis* (2002)⁸⁵, uma espécie de biobibliografia de 60 autores brasileiros.

Esse livro, além de descrever os primeiros contatos entre Caio Porfírio Carneiro e João Antônio, apresentou ao leitor perfis de sua teia de relações. Com dele, revela-se sua estima a João Antônio e a outros nomes da literatura da sua época, comuns aos dois nomes aqui destacados⁸⁶.

⁸⁴ A aparição dos dois escritores em entrevistas concedidas a jornais impressos demonstra os caminhos que percorreram. Um exemplo dessa publicidade profissional pode ser vista no *Jornal de Brasília*, com o texto “Dois depoimentos”, datado de 25 abril de 1976, no qual João Antônio e Caio Porfírio Carneiro falam sobre as obras *MPB* e *Trapiá*.

⁸⁵ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Perfis de memoráveis: autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio*. São Paulo: RG, 2002.

⁸⁶ Edigar de Alencar (1901-1993), Fernando Goés (1915-), Fontes Ibiapina (1921-1986), Henrique L. Alves (1931-1997), José J. Veiga (1915-1999), Juarez Barroso (1945-1976), Julieta de Ladeira Godoy (1927-1997), Marcos Rey (1925-1999), Moreira Campos (1914-1994), Nelson Palma Travassos (1903-1984), Osman Lins (1924-1978), Plínio Marcos (1935-1999), Ricardo Ramos (1929-2009). Importante destacar que esses escritores também fazem parte da coleção de obras dedicadas a João Antônio.

Em *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas* (2010), observa-se o teor dos assuntos tratados pelos dois em momentos vários de suas aparições no meio literário. Nessa obra, há a oportunidade de se conhecer um pouco mais os bastidores de produção literária pelos quais passaram. Ela também traz ao leitor um interessante universo partilhado por momentos de troca de favores ou, em outras situações, discorre sobre as aspirações dos dois amigos escritores, ou seja, “[...] vivendo, amando, bebendo, fandangando e praiando” (ANTÔNIO, 2010, p. 13).

O exame do gênero textual aqui discutido – a dedicatória manuscrita –, em se tratando de Caio Porfírio Carneiro e João Antônio, tem pelo menos duas funções importantes. A primeira é a de desvendar como a dedicatória apareceu como outro tipo de recurso textual que aproximou uma comunidade de escritores-leitores. A segunda função é a de constatar que as dedicatórias podem contribuir para a formação de um inventário, não só que se movimentou em meio a estratégias de leituras e futuros apontamentos críticos, mas, sobretudo, para constituir um registro elucidativo que teve como principal tema a literatura brasileira contemporânea.

Há, dessa maneira, oito livros dedicados que focalizaram duas atuações relevantes e anunciaram dois projetos literários, mapeando relações extraliterárias, capazes de enunciar as ações pessoais e profissionais de homens em constante envolvimento com o universo de produção cultural de um país.

Essas dedicatórias são significativas e representativas, porque norteiam não só o leitor quanto às produções realizadas por Caio Porfírio Carneiro, como revelam aqueles que se debruçaram sobre as práticas editoriais e críticas ante a obra literária. Os sete livros dedicados a João Antônio são: *Trapiá* (1961), *Os meninos e o agreste* (1969), *Uma luz no sertão* (1973), *O casarão* (1974), *Chuva: os dez cavaleiros* (1977), *O sal da terra*⁸⁷ (1978), além de *O contra espelho* (1981)⁸⁸.

Quando uma comunidade de escritores-leitores se movimenta ou se organiza pela remessa de livros dedicados, visualizam-se outros modos de discurso, considerando que os objetivos se arrolam diante de três ações básicas: a oferta do livro, devido à amizade construída, o pedido de divulgação da obra dedicada e, por último, a noção do

⁸⁷ A versão em italiano, traduzida como *Salle verde della terra*, em 1971, foi prefaciada por João Antônio. Este trabalho de João Antônio, feito para o amigo Caio, será analisado posteriormente.

⁸⁸ Neste estudo dirigido à relação de Caio Porfírio e João Antônio, a abordagem feita trabalha com a ordem cronológica das dedicatórias remetidas, visto que todas registram datas, tanto de publicação quanto de remessa das dedicatórias, diferentemente do caso de Jorge Amado, em que algumas delas apareceram sem datas, além de data de publicação e de dedicatórias serem diferentes das do envio.

trabalho e do nome que João Antônio construiu e que mereceu admiração de Caio Porfírio Carneiro.

Duas formações culturais diferentes, duas realidades socioeconômicas com nuances diversas, no entanto, desde o instante em que esses dois nomes se encontraram, mesmo que ainda estivessem em formação de propósitos estéticos e, acima de tudo, da própria vivência pessoal, as experiências vividas por Caio Porfírio Carneiro e João Antônio passaram a ser parecidas: a vontade de divulgar obras, a luta pelo reconhecimento do público, da crítica e dos demais escritores e membros da intelectualidade.

2.3.2 “Para o amigo João Antônio, gente boa, e muitas referências ao Trapiá”⁸⁹

Esses dois nomes se voltaram para a palavra, permeados por dois mundos semelhantes, no que tange ao universo de criação literária. Assim, a primeira dedicatória é apresentada:

Para o amigo João Antônio, gente boa, nossas conversas com cervejas, em bares públicos, e muitas referências ao Trapiá. (CARNEIRO, 1961).⁹⁰

O que se nota nesse paratexto é a amizade carinhosa e respeitosa, ligada pelo fazer literário que divulgou a publicação do livro *Trapiá*. Na dedicatória, há a informação de que os autores se encontraram em bares, lugares que certamente serviram como laboratório de observações, entrando em contato com tipos diversificados, enfim, uma gama variada de performances e atuações improvisadas e, muitas vezes, vexatórias, haja vista o uso e o abuso de bebidas alcoólicas. No mesmo tom, nesses ambientes, as

⁸⁹ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Trapiá*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

⁹⁰ Dentre os onze contos que compreendem *Trapiá*, é importante salientar o quanto esse local também se transforma em personagem, na medida em que atua como pano de fundo de homens, mulheres e crianças. Primeira obra de Caio Porfírio Carneiro, traz histórias cotidianas, muitas vezes amargas, todas presentificadas pela região conhecida como Trapiá, um local do Ceará impregnado pela força e capacidade de resistência daqueles que, em meio às situações pessoais, lutam pela subsistência.

conversas sobre literatura e suas produções aconteceram muito naturalmente, enfocando seu assunto preferido: a arte de criação.

Em face da afirmação de Caio Porfírio Carneiro, no trecho “conversas [...] e muitas referências a Trapiá”, percebe-se que o assunto principal que pautou os objetivos profissionais de ambos foi a literatura, mesmo que em momentos de descontração.

Dessa forma, pode-se perceber que as conversas em bares a respeito do livro *Trapiá* também fomentou a homenagem em dedicatória impressa a João Antônio, uma vez que, no conto intitulado “Candeias”, há a dedicatória ao contista, reportando-se a sua gênese clássica – “Para João Antônio”. Embora conciso, existe o grau de proximidade vivido pelos dois escritores e a homenagem feita. Quando Caio Porfírio Carneiro usa uma dedicatória impressa para João Antônio, denota não só uma relação fraterna e cúmplice, mas, sobretudo, projeta o dedicatário a outros leitores filiados a Caio Porfírio Carneiro. Oferecer uma de suas primeiras criações a outro escritor, compartilhando o momento de divulgação, cercada por uma linguagem paratextual manuscrita, sem formalidade ou preocupada em ocultar ações comuns, instaura o jogo extraliterário de dois autores.

Por esse envolvimento visceral com a literatura, as amarras intelectuais desdobradas na publicação de um livro fazem com que tanto um escritor quanto o outro estejam presentes em quase todas as etapas de criação e produção de uma obra. Mais do que conhecer os bastidores do universo de um livro, verificam-se as relações entre Caio Porfírio Carneiro e João Antônio que, aos seus modos, mutuamente se legitimaram.

Trapiá repercutiu na comunidade de escritores-leitores como elemento constituinte da trajetória que alçou Caio Porfírio Carneiro no meio literário. Depois dessa obra de estreia, o autor, na medida em que publicou outros livros, recebeu prêmios literários⁹¹, visto que, com o gênero conto, ele se sobressaiu, atingindo notoriedade e reconhecimento pelo trabalho estético apresentado ao público.

Assim, a amizade entre os dois escritores aprofundou-se não só por meio da palavra, como também pelo intuito de se produzir uma literatura que abordasse sua realidade. Outra homenagem oferecida, por meio do livro dedicado, na obra *Os meninos e o agreste*, registra e confirma uma relação forte e atuante, mesmo que entre distâncias espaciais, já que muitas vezes não podiam se encontrar pessoalmente, devido aos seus compromissos profissionais.

⁹¹ Em 1974, o escritor-dedicador foi agraciado com o Prêmio Jabuti, pelo livro de contos *O casarão*.

Homenageando João Antônio, seu teor paratextual expõe:

Ao João Antônio, a velha amizade, a homenagem e o abraço grande do Caio Porfírio / S.P., 2/1/1970. (CARNEIRO, 1969).⁹²

Essa amizade se vincula a uma obra que, com o passar do tempo, manifestou fatos vividos pela sociedade e permanece para sempre; na letra manuscrita, reverberando sentimentos pessoais e que só aos dois pertenceram, ganham visibilidade, quando estudos dessa natureza podem ser lidos pelo público. Por isso, a amizade que se configurou a partir do espaço extraliterário se consolidou nas linhas do texto dedicado, momento peculiar a dois nomes que se movimentavam entre demais escritores da comunidade e da crítica.

Tal companheirismo motivava, cada vez mais, o contato entre os dois, sempre por meio da palavra. Assim, defendeu-se uma literatura que tentou levar ao conhecimento de outros públicos, em terra italiana, por exemplo, um romance que fotografou um pedaço da realidade brasileira e que é mostrado na dedicatória:

Ao velho amico João Antônio, o Sal da Terra em língua de gringo, e que prefaciou com tanto carinho, / com o abraço grande do irmão Caio Porfírio / S.P. 27/4/72. (CARNEIRO, 1971).⁹³

O livro *O sal da terra*⁹⁴ chegou ao solo italiano com título parcialmente modificado. Complementando a obra, aparece o prefácio de João Antônio, de maneira que, por suas observações críticas, o leitor italiano pôde entrar em contato com a produção literária brasileira, com base no conhecimento dos dois nomes, nesse caso, o do autor e o do prefaciador. Observou João Antônio, prefaciando o livro:

⁹² CARNEIRO, Caio Porfírio. *Os meninos e o agreste*: contos. São Paulo: Quatro Artes, 1969. Além da dedicatória, o livro contém uma carta enviada a João Antônio e que está guardada no Acervo do escritor.

⁹³ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Sale verde della terra*: romanzo. Palermo: I.L.A. Palma, 1971.

⁹⁴ O livro aprofunda reflexões acerca do universo das salinas situadas no nordeste brasileiro, locais onde muitos trabalhadores deixam suas marcas e suor. Essas personagens manifestam opiniões oprimidas, mas há a possibilidade de conhecê-las um pouco mais interiormente. Nesse romance, Caio Porfírio Carneiro mostra ao leitor um cenário duro, sofrido, com um tom de opressão, no qual trabalhadores e familiares nutrem sonhos de voltar às suas raízes, visto que o interior da salina massacra cada vez mais o homem que também tem seus sonhos. Todavia, tais personagens duras e sofridas sabem que não há qualquer solução de melhora.

Esta história pisa em território virgem na literatura brasileira. O mundo branco e desconhecido do sal no Nordeste, visto de dentro para fora e devassado com uma autenticidade fotográfica, supera de pronto, as frouxas investidas literárias de que se tem notícia na área das salinas e de sua gente. [...] (ANTÔNIO *apud* CARNEIRO, 1984, p. 9).

Torna-se natural e comum essa prática paratextual, no caso do prefácio, como uma forma de estreitar as relações entre a comunidade de escritores-leitores, haja vista o fluente diálogo que mantiveram, nas correspondências trocadas, nos encontros em lançamentos de livros de outros escritores, em conferências, palestras, participações em concursos literários, ora sendo os escritores avaliados, ora como jurados. Prefaciando a obra de outro escritor mostrou a homenagem, compromisso intelectual e o reconhecimento pelo trabalho alheio, ambos se legitimando em espaços internacionais, já que o objetivo maior foi o de firmar-se cada vez no espaço da historiografia literária. Diante do renome do prefaciador, em 1970, bem requisitado no meio jornalístico, este atuou como crítico de literatura, ajudando outros a abrir caminhos em solo estrangeiro. Legitimou-se, por conseguinte, a obra perante a crítica, demais escritores e público leitor.

A dedicatória de Caio Porfírio Carneiro, em *Sal da Terra*, expressou e confirmou as atividades extraliterárias do dedicatário – com a função de prefaciador – e ainda mostrou o quanto o registro da dedicatória dialogou com seu projeto literário, constituindo-se como uma atividade relevante para que se compreenda a composição de um inventário memorialístico.

Em 1972, data da dedicatória, João Antônio contava com a terceira edição do livro *MPB*, além disso, entre 1960 e 1969, contos como “Meninão do Caixote”, “Visita”, “Fujie”, “Bolo na Garganta” e “Afinação da arte de chutar tampinhas” foram republicados em antologias nacionais, elevando ainda mais o nome de João Antônio. Assim, apesar de somente publicar o segundo livro em 1975 (*Leão-de-Chácara*), vê-se que o contista paulista não parava de produzir. Também é importante lembrar que alguns de seus contos foram traduzidos para outros idiomas, e esta era mais uma possibilidade de se aproximar de outros públicos e de propagar sua literatura, consequentemente, sobreviver por meio de sua produção literária.

Caio Porfírio Carneiro, em 1972, tinha três livros publicados: *Trapiá* (1961), *O sal da terra* (1965) e *Os meninos e o agreste* (1969). Esse autor recebeu reconhecimento

e premiações por seu trabalho com a literatura, tendo como causa suas publicações iniciais e seu objetivo de divulgação, visto que, assim como o outro escritor, igualmente obteve sucesso literário. Afinal, qual autor não se atém a esse propósito?

O paratexto manuscrito, inserido em *Salle verde della terra*, reafirmou amizade profícua entre João Antônio e Caio Porfírio Carneiro, instaurando laços frateros *dell'amizia*, “ao velho amico” e ao “grande irmão”, mostrando uma história pessoal e profissional de dois escritores.

Outra dedicatória dirigida ao contista está no livro *Uma luz no sertão*⁹⁵ (1973):

Ao irmão João Antônio, o abraço grande e a velha amizade do Caio Porfírio / S.P., 23/4/73. (CARNEIRO, 1973).⁹⁶

Esses são laços de fraternidade e apreço pelo contista que descortinaram momentos particulares e mostram ao leitor o quanto essa comunidade tentava se unir em prol da literatura, mas sem se esquecerem do quanto esta arte pode aproximar ideias e pensamentos.

No livro *O casarão* (1974), houve um pedido de divulgação, sem figurar no texto dedicado, mas estampado em uma folha à parte⁹⁷:

Ao caríssimo amigo João Antônio, a velha amizade e a velha admiração do Caio / SP (12-3-75). (CARNEIRO, 1974)⁹⁸.

⁹⁵ O autor trouxe à cena o espaço de Juazeiro, região do Cariri, Ceará, em que “Padrim Cícero” enredou-se em malhas literárias, fazendo conhecer o clima de sua época de aparecimento diante dos homens de muita fé e daqueles de movimentação política, enveredando em outro gênero textual – o romance-reportagem. Outro personagem que se fez presente nessa obra foi Lampião, cangaceiro destemido ao batalhar por seus ideais e muito temido por ações atrozess que apavoraram a todos quando dele se acercaram. Num relato tecido por movimentações inquietantes, o enredo ilumina os fatos vividos por Padre Cícero, de modo a se perceber seu posicionamento ingênuo e sem desconfiar daqueles que só queriam usar seu nome em prol de conquistas pessoais e partidárias. O romance-reportagem divide-se em duas partes: a primeira intitula-se “O romance”, e a segunda, “A Reportagem”. Caio Porfírio Carneiro ficcionalizou a figura de Padre Cícero, relatando a simbologia que recaiu sobre aquele representante das ações de fé e de esperança.

⁹⁶ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Uma luz no Sertão*. São Paulo: Clube do Livro, 1973.

⁹⁷ Nessa nota, o autor da dedicatória pede a João Antônio uma leitura crítica de sua obra e que faça publicidade da mesma, em jornais e revistas.

⁹⁸ CARNEIRO, Caio Porfírio. *O casarão: contos*. São Paulo: Do Escritor, 1974.

Nessa dedicatória a João Antônio, a amizade é sempre lembrada, como em cada paratexto enviado. Chama a atenção o pedido que o dedicador fez a João Antônio para realizar leitura crítica da obra e, posteriormente, divulgá-la. Há uma referência explícita, na solicitação ao contista-jornalista, para “publicidade em jornais e revistas”. Como João Antônio nunca abandonou seus trabalhos jornalísticos, outros escritores viam em sua figura a possibilidade de divulgação, haja vista os textos dos jornais impressos que produziu, à proporção que seus contemporâneos publicavam obras, circunstância igualmente vivenciada por João Antônio, em relação a outros escritores que também eram jornalistas.

Solicitar ao escritor-jornalista um apontamento crítico colocou-o como leitor, função que o destacou cada vez mais entre demais escritores, por sempre estar em interação com outros autores e publicações. Por esse motivo, Caio Porfírio Carneiro, além de estabelecer laços afetivos de proximidade, sentiu-se à vontade para pedir-lhe leitura e apontamento sobre essa obra. Aliás, trata-se de uma prática muito comum entre escritores, pois, diante das dificuldades de se chegar ao público leitor, nada melhor que uma indicação de leitura vinda de um autor reconhecido no cenário cultural de sua época.

No caso da dedicatória veiculada em *O casarão*⁹⁹, embora o pedido de leitura e divulgação não estivesse materializado no texto da dedicatória, aparecendo vinculado em uma nota à parte, é relevante observar o quanto os dois autores se articularam por meio da palavra, com vistas a ampliar a notoriedade de suas produções. Esse pedido direto, requerendo apreciação estética e posterior crítica, só aconteceu porque a amizade entre os dois permitiu a Caio Porfírio Carneiro tal estreitamento.

Depois de prefaciар uma das obras de Caio Porfírio Carneiro, apontada anteriormente, pressupunha-se não haver qualquer entrave para realizar-se uma crítica do livro *O casarão*¹⁰⁰. Solicitar a seu parceiro João Antônio olhar atento sobre o conjunto de narrativas curtas provou que a confiança existente entre os dois se tornava mais estreita, com o passar dos anos, motivo pelo qual o pedido de apontamento à obra do dedicador veio desvencilhado de qualquer formalidade protocolizada pela comunidade de escritores-leitores.

⁹⁹ Nesse livro de contos, mostra-se ao leitor histórias que versaram sobre a infância, na primeira parte, e sobre a velhice, na segunda. Apresenta vivências sofridas e cercadas por violências de todos os tipos, comumente experimentadas entre pessoas de grupos à margem, como as crianças – sem noção de defesa – assim como os idosos.

¹⁰⁰ Livro agraciado com o prêmio Afonso Arinos, em 1969.

Essas significações representam momentos de produção e de divulgação de livros, em um meio de vida ainda não visto e oficializado como profissional – a função de escritor -, lutando para que o fato literário estivesse em primeiro lugar em suas ações cotidianas. A “velha amizade”, envolvida por imensa admiração ao trabalho do autor paulista, percorrida no paratexto, reiterou a ação recíproca, vivenciada na década de 1970¹⁰¹.

Assim, a admiração – signo abstrato – materializou-se a cada dedicatória enviada, a cada carta remetida, a cada encontro, fossem em bares, fossem em lugares formais, versando sobre os mais diversos assuntos. Admiração de um para com o outro, principalmente quando o assunto foi a literatura. Para o dedicador, João Antônio foi o primeiro intelectual que conheceu, ao chegar a São Paulo, cujo depoimento é reproduzido a seguir:

No meio dos caixotes de discos e livros trazia, quase prontos, os originais do Trapiá. Não conhecia nenhum intelectual da terra. Passei, então, a concorrer a concursos de contos, para testar os trabalhos. [...] num desses concursos, na festa de entrega dos prêmios, conheci João Antônio. O primeiro amigo escritor que fiz em São Paulo. Surgiu entre nós uma amizade sólida pelos anos afora, que não é mais de amigos, é de irmãos. [...] (“Dois depoimentos”, 1976).

Por esse envolvimento, percebe-se, pelas dedicatórias, pelos textos de jornal, entre outras fontes, o registro de um compromisso recíproco com a literatura, principalmente pela referência de Caio Porfírio Carneiro, citada em “Dois depoimentos” (1976), propagando-o a outros leitores e intelectuais. Sob esse viés de admiração, o que se vê não é apenas um relato sobre a amizade, mas também o registro de um objetivo de trabalho, a formação do projeto literário de João Antônio, o qual inspirava a outros de sua comunidade. Nesse caso, tido como exemplo para Caio Porfírio Carneiro, contista-dedicatário parecia atuar como “irmão” à medida que o tempo passava.

Dessa forma, esses três últimos livros analisados, dedicados a João Antônio – *Os meninos e o agreste*, *Salle verde della terra* e *O casarão* – trouxeram, em suma, o “apeço, o abraço e a admiração”, sentimentos sempre direcionados por Caio Porfírio

¹⁰¹ Época emblemática para o universo de qualquer escritor, que comumente se viu obrigado a camuflar ideias devido ao momento político que o país enfrentou – a ditadura. Nesse caso, o envio da dedicatória possibilitava-lhes essa inter-relação, cujos assuntos tratados eram narrados sem preocupação com qualquer tipo de censura.

Carneiro ao seu companheiro de ofício. Além disso, pedidos de leitura e de divulgação nunca se dissociaram do ato de se dedicar um livro.

Assim, as dedicatórias endossaram situações e emoções que o outro escritor nutriu por João Antônio, confirmando a fluência que mantiveram, durante experiências comuns.

No livro *Chuva: os dez cavaleiros* (1977)¹⁰², houve o contato com mais uma produção literária encaminhada a João Antônio, visto que colocou o dedicatário em condições de leitura. João Antônio leitor, ao se deparar com os livros que recebeu, tacitamente apareceu como balizador e crítico, além de divulgador e disseminador da arte cultural produzida no mesmo momento em que igualmente se movimentou literariamente, com sua própria produção.

Com o paratexto veiculado no livro *Chuva: os dez cavaleiros*, reitera-se a amizade vivida entre os dois escritores:

Ao caro amigo João Antônio, a admiração, o apreço, a velha amizade, e aquele abraço / do seu Caio C. Porfírio / S.P., 28/06/77. (CARNEIRO, 1977).¹⁰³

Receber uma obra que discutiu assuntos sobre seu país, para João Antônio, constituiu-se para além de formalidade. As dedicatórias trazem, além do desejo do autor de tornar a obra lida, a vontade de a todo o momento demonstrar sua amizade e, por meio dela, formar uma teia de relações muito bem dirigida pelos dois escritores.

Outra obra dedicada informou o contexto de experiências vividas por Caio Porfírio Carneiro, dapresentando, portanto, ao menos três fatos significativos: a publicação de mais uma “obra-prima”, o interesse em saber o que João Antônio fazia, em termos profissionais e, conseqüentemente, o acompanhamento de sua produção em livrarias, feito por Caio Porfírio:

S. Paulo, 16/11/81 / Caro João, / Aí vai a minha mais nova 'obra-prima'. Bacana mesmo, pelo que dizem, é a foto na contra-capa. A

¹⁰² Ambiências narradas na região do Catolé, entrelaçando dez contos que ora se voltam ao fantástico, ora se manifestam por meio de parábolas.

¹⁰³ CARNEIRO, Caio Porfírio. *Chuva: os dez cavaleiros*. São Paulo: Hucitec, 1977.

(enchurrada?) está chovendo em cima... / O que tem feito, velho? Dê sinal de vida. / O abraço irmão do Caio Porfírio / PS. - Venho acompanhando sua presença nas livrarias. (CARNEIRO, 1981).¹⁰⁴

Em 1981, o dedicador teve significativas produções, traduzindo-se em outros países, participando ativamente de palestras e sendo resenhado por outros escritores. Paralelamente à atividade de produzir literatura, Caio Porfírio Carneiro seguiu de perto as peregrinações intelectuais de João Antônio, o que lhe permitiu estar mais próximo do amigo, pois muitas vezes a distância física os afastou, devido aos seus compromissos particulares.

Estar próximo a outro escritor de sua comunidade significou, algumas vezes, acompanhar suas publicações, ora em jornais, ora em livrarias, como se atesta no trecho “Venho acompanhando sua presença nas livrarias”. Essa afirmação contemplou a noção de trabalho intelectual vivida pelos escritores, muitas vezes justaposta pelo antagonismo que presenciaram, haja vista sua condição de classe e a consequente condição do escritor de sua época. Sobre essa temática, Nelson Werneck Sodré salienta:

O intelectual não é um capitalista: enquanto intelectual, enquanto trabalhando com os conhecimentos ou com as artes, ele não explora o trabalho alheio, não se aproveita dele, não o incorpora ao que produz. Na mesma linha, o intelectual   forçado, enquanto intelectual, a vender o produto do seu trabalho, que é um trabalho individual a que, em consequência, conserva um profundo apego, a que concede um valor muito grande, a que subestima. Não é apenas compelido a vender o produto do seu trabalho, mas, muitas vezes, a sua própria força de trabalho. (SODRÉ, 1965, p. 58-59).

Em sua comunidade, João Antônio mostrou sua luta por divulgar o próprio trabalho. Motivado pelo ato de escrever, teve a palavra como arma contra o mundo dissonante e obtuso, que ofusca as personagens da vida real. Estas apareceram como motivadores para as histórias criadas pelo escritor, pelo intelectual comprometido com sua nação e seu tempo. Os paratextos analisados revelaram os anseios e as expectativas de dois escritores comprometidos com seu ofício, com sua vontade e prazer em se dedicar à arte literária. As mensagens contidas nas dedicatórias representam anseios e expectativas quanto aos livros que lançavam, na medida em que o olhar da crítica os

¹⁰⁴ CARNEIRO, Caio Porfírio. *O contra-espelho: contos*. S/l.: Traço, 1981.

impulsionava em suas carreiras no meio literário. Desse modo, os paratextos também lhes proporcionavam contatos e os aproximavam, já que muitas vezes o trabalho assíduo em jornais ou em outros ofícios não lhes proporcionava o contato presencial.

Percebe-se que, ao longo dos anos, os dois escritores tiveram a possibilidade de firmarem a amizade diante do propósito maior que foi o de produzirem suas histórias e mostrá-las ao público.

2.4 Cassiano Nunes: poeta da solidão

A história que se estabeleceu entre João Antônio e Cassiano Nunes (1921-2007) começou em meados da década de 1960. O poeta, que se radicou em Brasília, manteve contato profícuo com o escritor João Antônio, diálogo observado em inúmeras correspondências que trocaram, além dos textos das dedicatórias.

Cassiano Nunes Botica é considerado por outros escritores e críticos como o poeta da solidão. Sua poética e lirismo esboçaram a visão de um autor que vislumbrou os fatos da vida cotidiana e de vivências, sempre com um olhar atento e profundo sobre o objeto a ser analisado. Também considerado um estudioso da história social do Brasil, suas reflexões pautaram-se sobre as aspirações do povo brasileiro.

Nascido em Santos, fez o seguinte registro poético: “Nasci perto do mar / como Ribeiro Couto / como ele, cantei / o cais de Paquetá / cheio de marinheiros, / estrangeiros, aventureiros...” Nesse trecho, retirado do poema “Sou de Santos”¹⁰⁵, Cassiano Nunes anunciou sua terra natal aos leitores. Em sua cidade natal, teve a possibilidade de dialogar com a cultura nacional e fornecer aos seus leitores temas que fossem interessantes e que suscitariam reflexões.

Atuou no meio intelectual com trabalhos relevantes os quais permitem inúmeras possibilidades de estudos e sobre os temas que escolheu trabalhar, em se tratando de ficção. Contador de formação trabalhou em muitos jornais, ensejando, assim, sua crítica literária. Cassiano Nunes atuou ainda como professor na Universidade de Brasília, a UnB. Pelo profícuo trabalho realizado por ele nesse ambiente acadêmico, recebeu o

¹⁰⁵ NUNES, Cassiano. *Livro na rua: poemas*. Org. João Carlos Taveira. Brasília: Thesaurus, 2000, p. 11-12 (Série Escritores Brasileiros Contemporâneos, 28).

honroso reconhecimento diante da magnitude de sua obra, cujo resultado está disponibilizado em forma de acervo, fonte para pesquisas e para apreciação de seu projeto literário¹⁰⁶. Com um gosto pela cultura estadunidense, escreveu obras sobre esse universo, o que o levou a redigir estudos sobre aquela temática, sobretudo porque, logo depois, conseguiu bolsa de estudos para que pesquisasse a literatura norte-americana. Esteve também à frente da União Brasileira de Escritores¹⁰⁷, enquanto secretário, em meados da década de 1940.

2.4.1 Cassiano Nunes e João Antônio: encontro poético e narrativo estendido pelas dedicatórias manuscritas

Em se tratando dos paratextos manuscritos enviados pelo poeta, estes figuram no Acervo João Antônio entre 23 obras, registro assíduo entre os dois escritores. Entre toda a coleção de livros com dedicatórias, a que ocorreu entre Cassiano Nunes e João Antônio tem o maior número, em termos de quantidade de obras enviadas e de temas narrados.

Os vinte e três livros que compõem a coleção de obras dedicadas foram remetidos por Cassiano Nunes entre os anos de 1970 e 1990, período intenso de diálogos marcados não só pelas dedicatórias, mas também pelas correspondências trocadas e pelos inúmeros artigos que ambos escreveram sobre sua poética¹⁰⁸. Nos textos das dedicatórias, estão alguns dos assuntos que formularam, ao longo de suas composições ficcionais, jornalísticas e acadêmicas.

Assim, na obra *Jornada* (1972) esta é a primeira dedicatória dirigida ao dedicatário:

¹⁰⁶ Para que novos trabalhos sobre sua poética se apresentem, aparece a figura de uma das maiores especialistas em Cassiano Nunes, que é a de Maria de Jesus Evangelista, pesquisadora que resgata e resguarda o valor do trabalho literário do poeta. É uma referência significativa, visto que seu empenho em perpetuar a poética desse autor se reflete em pesquisas direcionadas à área de Letras. O Acervo Cassiano Nunes Botica está alocado na Universidade de Brasília, em fase de catalogação e sistematização de materiais, sob a coordenação de Maria de Jesus Evangelista.

¹⁰⁷ O poeta também manteve amizade com o escritor Caio Porfírio Carneiro.

¹⁰⁸ Um exemplo de matéria enviada por Cassiano Nunes a João Antônio é o texto “Quem não tem medo de dizer não deve calar”, escrita por Wilcrisson Prado, *Correio Brasiliense*, Brasília, 10 out, 1976.

A João Antônio, autor da admirável novela *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, que não me canso de louvar e recomendar, êstes poemas que são vivência e, possivelmente, lirismo. / Cassiano / Brasília, 21/3/73. (NUNES, 1972).¹⁰⁹

O encontro inicial entre os dois escritores, de acordo com as informações trazidas pelas obras dedicadas, aconteceu na década de 1970. O escritor Cassiano Nunes começou um diálogo através de suas obras, sempre as ofertando a quem demonstrou admiração por sua escrita: “A João Antônio, autor da admirável novela *MPB*, que não me canso de louvar e recomendar”. E, por essa declaração final, atuou como divulgador da obra do amigo-escritor, ou seja, do dedicatário. O diálogo que fomentou, ao se referir a sua própria obra *Jornada*, é visto por seu criador “[...] como poemas que são vivência e, possivelmente, lirismo”.

Três aspectos são expostos nesse paratexto. O primeiro realiza-se com o reconhecimento do outro escritor pela obra de João Antônio, denominada novela, cujas expressões, “admirável” e “que não me canso de louvar”, ganham significado relevante e atuam como crítica sobre o livro referenciado. Para o dedicatário, essa alusão a sua novela é importante, uma vez que um participante de sua comunidade se torna leitor de sua obra. Na verdade, mesmo que seu apontamento tenha ficado apenas no nível do particular, para o contista, o olhar do especialista em assuntos literários atuou como parâmetro delineador sobre a repercussão e aceitação de sua narrativa no meio literário. O segundo aspecto se relaciona ao fato de o dedicador enfatizar que irá recomendar a sua novela, logo, não só há um compromisso com o narrado, ou com a produção nacional, mas, sobretudo, com a responsabilidade de fazer a obra alheia ainda mais lida.

O terceiro fato identificado na dedicatória é a crítica que o poeta faz sobre sua obra *Jornada*, que, segundo ele, é carregada de vivências pessoais e de muita poesia. Desse modo, os papéis sociais se invertem e João Antônio pode atuar como leitor da obra poética, propiciando-lhe a oportunidade, igualmente, de tecer sua crítica diante do que Cassiano Nunes produziu e lhe enviou para apreciação. Era fundamental, tanto para o dedicador quanto para o dedicatário, que suas obras fossem lidas e comentadas, porque, naquele momento, o que se instaurava era o pedido sincero para a leitura.

A segunda dedicatória, enviada no mesmo ano de 1973, é:

¹⁰⁹ NUNES, Cassiano. *Jornada: poemas*. São Paulo: Clube da Poesia, 1972.

Ao João Antônio, afetosamente. / Cassiano 27/7/73. (NUNES, 1973).¹¹⁰

Interessante observar que as duas dedicatórias expressam, respectivamente, um discurso que se refere à primeira obra do contista e a segunda, com um tom terno, a lembrança ao nome do dedicatário, enviando-lhe uma de suas obras. A amizade entre os dois se reafirmou, por conseguinte, porque aconteciam as afinidades literárias, conseqüentemente, as atividades profissionais dos dois escritores se formavam, estabelecendo seus propósitos literários.

No ano seguinte, em 1974, o dedicador externou novamente sua admiração pela literatura de João Antônio, ressaltando seu encantamento literário ao “[...] escritor de que sou torcedor”, pelo envio de *Plipaimundo no circo*, divulgando, entre bastidores de produção, a sua composição a outro escritor de sua comunidade:

A João Antônio, escritor de que sou torcedor, envio, com Pliplaimundo, meus votos de Feliz Natal e de um 1975 - decisivo no que se refere a realizações. / Cassiano / 14/12/74. (NUNES, 1974).¹¹¹

Nesse contexto, atuou o João Antônio leitor, em primeira instância e, em segunda, o João Antônio jornalista. Não necessariamente desempenhando as duas funções, visto que somente com o texto da dedicatória não se confirmou se houve leitura feita pelo dedicatário, muito menos se a obra enviada foi divulgada em jornal. A dedicatória ainda apresentou o desejo do dedicador de ver seu amigo escritor realizando-se com seus projetos de escrita, o que de fato aconteceu, pois o contista publicou o livro *Leão-de-Chácara* (1975a), com duas edições no mesmo ano, e reeditou *MPB*, recebendo, portanto, segunda e terceira edições. Além destas, João Antônio publicou *Malhação do Judas Carioca*. O poeta, como um bom profeta, certo em suas

¹¹⁰ NUNES, Cassiano. *As luvas de Ema*: drama em um ato e quatro quadros. Rio de Janeiro: São José, 1973.

¹¹¹ NUNES, Cassiano. *Pliplaimundo no circo*: comédia para crianças (e adultos?). Rio de Janeiro: s/ ed., 1974.

profecias, anteviu o sucesso de João Antônio, no mesmo período em que se deu o que se convencionou denominar o *boom*¹¹² de publicações brasileiras.

A respeito dessa ideia sobre o país viver um *boom* literário, vale ressaltar que, para o contista, o que houve foi que, depois da repressão vivida, tanto por intelectuais quanto por escritores, principalmente a partir de 1968 e até meados de 1970, as publicações ganharam força. Muitos escritores publicaram, voltaram à cena, mas as tiragens continuavam baixas, pois, para o escritor, as publicações de cinco mil exemplares não eram nada significativas, haja vista os 180 milhões de habitantes brasileiros¹¹³.

Por esse contexto sociopolítico vivido pelos escritores nacionais, João Antônio também teve a possibilidade de ter algumas obras publicadas e outras reeditadas. Em meados de 1970, colheu bons frutos vindos de seu primeiro sucesso editorial – *MPB*. A visibilidade do autor era considerável, observado o olhar da crítica sobre a obra, especialmente depois de outras publicadas. Quanto a Cassiano Nunes, em 1975, lançou *Madrugada* e ofereceu-o ao contista, intimando-o a torná-la leitura “de cabeceira”, ou seja, sua companheira para a hora que antecede o repouso, inferindo, dessa forma, leitura frequente:

Ao João Antônio, êstes poemas para sua leitura de cabeceira, com a amizade e / admiração do Cassiano / 27/7/76. (NUNES, 1975).¹¹⁴

A alusão ao termo “cabeceira” pode significar referência ao trabalho realizado por João Antônio no *Livro de Cabeceira do Homem*¹¹⁵. Esta foi outra empreitada profissional do escritor, naquele que se considera o melhor ano de sua produção intelectual. Nesse sentido, é importante conhecer um dos objetivos de trabalho de João

¹¹² Além de João Antônio, outros autores tiveram obras publicadas, no que diz respeito ao ano de 1975, época que foi rotulada como uma boa safra. É possível destacar alguns, como Ignácio de Loyola Brandão (*Zero*), Caio Fernando Abreu (*O ovo apunhalado*), Josué Guimarães (*Os deuses de Raquel*), Moacir Scliar (*O calendário do medo*), Murilo Rubião (*O convidado*), além de muitos outros nomes (COSTA, Flávio Moreira. Apesar de tudo, foi uma boa safra. *Opinião*, 2 jan. 1976).

¹¹³ “Boom” da literatura brasileira é furado. *Jornal de Brasília*, Brasília, 25 mar. 1979.

¹¹⁴ NUNES, Cassiano. *Madrugada: poemas*. Recife: Pool, 1975.

¹¹⁵ O *Livro de cabeceira do homem* era publicado bimestralmente pela editora Civilização Brasileira, contendo “[...] reportagens, crônicas, confissões, entrevistas, contos, humorismo: os bons e os maus flagrantes da realidade”, dirigido por João Antônio, em meados dos anos de 1970.

Antônio quando da atividade em *Livro de Cabeceira...*, na década de 1970, apresentada a seguir:

O editor Ênio Silveira, da Editora Civilização Brasileira, me encomendou um projeto. Ou melhor, o reprojeto para uma nova fase do LCH. Partíamos, tanto ele quanto eu, de que não havia no mercado de publicações nada que preenchesse o vazio deixado, desde 1968, pela revista Realidade, cuja melhor fase terminou naquele ano. Pessoalmente, acho na exposição do projeto, que o jornalismo deu uma estagnada, principalmente na área da reportagem, da matéria brasileira, aquela que presta um serviço de revelação de problemas novos e revisão de antigos. A grande reportagem nacional, enfim. Afinal, vivemos um momento em que os doutores em informática e os comunicólogos andam fazendo conferências, palestras e barulhos para ditar aos jovens começando em comunicação que a reportagem morreu, viva a reportagem! Lima Barreto, se fosse vivo, chamaria essa loa de coisa de João das Regras. Por não concordar com tanta morte da reportagem, é que estou fazendo LCH, principalmente voltado para a reportagem, a sofrida, vivenciada, heroica, (como a chamam agora). Exatamente essa que dizem que morreu. (“Dois depoimentos”, 1976).

Assim, nota-se a visão crítica de João Antônio em relação à imprensa, ao seu valor, ao seu objetivo – “[...] aquela que presta um serviço de revelação de problemas novos e revisão de antigos”. Nesse trecho, há sua crítica feroz em relação aos meios de comunicação, do qual fez parte e em que consolidou também sua carreira profissional. Sua consciência em relação ao trabalho jornalístico é prova de que se preocupava com os rumos que percorria. Além dessa referência profissional de João Antônio, a dedicatória indica laços de amizade e admiração dirigidas ao contista.

Na dedicatória contida no livro *Monteiro Lobato hoje*, Cassiano Nunes citou João Antônio na página 47, portanto, concedeu-lhe a oportunidade de estar ao lado de um nome representativo da literatura brasileira – Monteiro Lobato:

Ao João Antônio – cit. à p. 47 – / com abraços do Cassiano / 10/2/79 (NUNES, s/ d.).¹¹⁶

¹¹⁶ NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato hoje*. São Paulo: s/ ed., s/ d.

Pelo fato de figurar em um estudo teórico sobre autor renomado, João Antônio não só ganhou evidência como também proporcionou a outro escritor – Cassiano Nunes – mais legitimidade a sua obra. Na época de envio da dedicatória, 1979, João Antônio havia publicado sete obras, além das antologias¹¹⁷, o que, de certa forma, conferiu-lhe prestígio entre demais escritores e intelectuais.

Com suas publicações, o resultado que João Antônio colheu levou-o ao encontro com o leitor, conhecendo lugares e públicos nas mais variadas regiões do país, o que se focaliza nesta dedicatória enviada por Cassiano Nunes: “Ao João Antônio, que ama percorrer o Brasil, estas notas sobre poesia e geografia”¹¹⁸. Sua trajetória, que se moldou a um de seus objetivos de trabalho, foi o de estar próximo ao seu público, auxiliando-o a conhecer mais de perto os anseios literários do escritor, além de seu posicionamento frente aos aspectos sociais que o Brasil vivia. Era a oportunidade que tinha de ouvir os jovens, a quem muito considerava, por ser uma camada da população que estava em formação e que ainda se acreditava em vir deles a tão sonhada transformação a partir do enfrentamento de questões sociais.

No mesmo ano de 1979, outra dedicatória, em *O sonho brasileiro de Lobato*, trouxe, em seu teor, a referência às filiações literárias de João Antônio, igualmente conhecidas por Cassiano Nunes:

Ao João Antônio, entusiasta do Lima e do Lobato, esta conferência cheia de amor a ambos. / Cassiano / 23/8/79. (NUNES, 1979).¹¹⁹

Lima Barreto e Monteiro Lobato foram suas referências de leitura, haja vista o registro que se apresenta em seu Acervo, em marcações de marginália que se encontram em obras de frequente leitura e consulta do contista. No caso de Cassiano Nunes, Monteiro Lobato foi uma de suas filiações literárias que lhe permitiram se debruçar sobre sua obra, como atesta o título do livro com dedicatória. E, por meio da amizade entre ambos, a qual se consolidou ao longo dos anos, as dedicatórias sinalizaram as

¹¹⁷ MPB, até 1979, ganhou 7 edições; *Leão-de-Chácara* contava 6 edições; *Malhação do Judas Carioca* estava em 3ª edição; *Casa de Loucos*, 2 edições; *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, em 1ª edição; *Lambões de Caçarola* – Trabalhadores do Brasil! em 4ª edição, e *Ô Copacabana*, em 1ª edição. Além destas e de seu trabalho jornalístico, houve as publicações de contos em antologias nacionais e estrangeiras. (ANTÔNIO, 1982)

¹¹⁸ NUNES, Cassiano. *A descoberta do Brasil pelos modernistas*. Brasília: Olímpica, 1979.

¹¹⁹ NUNES, Cassiano. *O sonho brasileiro de Lobato*. Brasília: S/ed., 1979.

fontes intelectuais de João Antônio, perfilando seu projeto literário e igualmente do outro escritor-dedicador.

2.4.2 “A João Antônio, que revela os ambientes esquecidos com mestria e poesia”¹²⁰ - década de 1980

Nesta década, Cassiano Nunes enviou muitas dedicatórias a João Antônio, visto que essa época aparece com maior recorrência de livros com paratextos dentre a coleção de livros dedicados dispostos no Acervo do escritor paulista. Nesse jogo de relações de sociabilidade que também tinha o intuito de requerer divulgação, houve, acima de tudo, a relação de amizade, carinho e admiração entre ambos. Por esses desdobramentos ligados por encontros pessoais, envio de matérias jornalísticas, compiladas pelos dois escritores – sobre produções e incursões no cenário da literatura brasileira – além das próprias obras com dedicatórias, todas essas práticas lhes possibilitaram um contato mais próximo.

Uma obra remetida expressou “saudades do Cassiano”; em outra, confirmou a atuação do contista, mestre e também poeta, segundo o dedicador:

Ao João Antônio, com as saudades do Cassiano / 15/8/80. (NUNES, 1980).¹²¹

Meu caro João Antônio: / mais de um ano depois recebo, via poesia livre, sua carta. Estes livros são meu / agradecimento e minha (sempre, e não de hoje) admiração. (NUNES, 1983).¹²²

Admiração, alusão a ambientes ficcionais de João Antônio idealizados com “mestria e poesia”, assim indicou Cassiano Nunes. A quarta dedicatória dessa década

¹²⁰ NUNES, Cassiano. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, 1982.

¹²¹ NUNES, Cassiano. *A literatura dos Estados Unidos: as regiões culturais*. Brasília: s/ ed., 1980.

¹²² NUNES, Cassiano. *A velhice do poeta marginal*. Cataguases-MG: Dubolso, 1983.

anunciou, de modo atento e fraternal, mais uma vez, a amizade que se firmou ainda mais no tempo, na obra e na vida. E, em maio de 1984, a dedicatória manuscrita foi de Cassiano Nunes, mas a obra remetida foi de outro autor e intitula-se *Gottfried Keller: studio critico* foi de escritora estrangeira, Matilde Egg, referindo-se a outro autor – Gottfried Keller:

Ao João Antônio, escritor que nos revelou camadas obscuras do povo brasileiro, a / notícia de grande autor suíço, clássico da língua alemã. / Cassiano Nunes / Maio / 84. (EGG, 1931).¹²³

Matilde Egg, escritora alemã, analisa a obra de Gottfried Keller, poeta e romancista suíço do século XIX, que compôs alguns de seus livros usando um tom de zombaria, discorrendo sobre a “falsa cultura”, descortinando a vaidade e a desonestidade provincianas, “[...] num estilo rico de metáforas engraçadas e originais.”¹²⁴

Primeiramente, verifica-se que o texto da dedicatória ofereceu ao seu destinatário duas referências estrangeiras, Keller e Egg, como indicativas de leituras para João Antônio. Quando Cassiano Nunes as anunciou a João Antônio, possivelmente sabia que o autor suíço poderia apresentar um material de leitura pertinente para os anseios literários do contista¹²⁵.

A obra em si, vinculada a uma dedicatória, ajudou João Antônio a percorrer o universo da literatura de língua alemã, bem conhecido por Cassiano Nunes, pois a “[...] notícia de grande autor suíço, clássico da língua alemã” denotou ao dedicador, no mínimo, conhecimento de sua obra e que naquele momento de envio da dedicatória teve a possibilidade de partilhá-la com João Antônio. De fato, João Antônio entrou em contato com a obra estrangeira remetida, no sentido de aprofundar um pouco mais sua leitura do autor suíço, porque, no último texto que publicou antes de sua morte, o contista assim se referiu à obra:

¹²³ EGG, Matilde Accolti. *Gottfried Keller: studio critico*. Torino: Fratelli Bocca, 1931.

¹²⁴ Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/GotKeler.html>. Acesso em 25 abr. 2013. Outro assunto que interessou ao autor suíço foi a política.

¹²⁵ O escritor Hermann Hesse (1877-1962) também foi referência de leitura para João Antônio, levando-se em conta as marcações na obra desse escritor que o contista realizou, enquanto o lia e o relia. Suas obras mais conhecidas pelo público brasileiro são *Demian* (1917), *Sidarta* (1922) e *O lobo da estepe* (1927).

E há quem goste de sinais particulares ou detalhes marcantes – é uma das poucas pessoas de Brasília [Cassiano Nunes] e deste país que conhece a obra de Gottfried Keller, o escritor de “Henrique Verde”, romancista suíço (1819-1890), notável por seus instantâneos de aldeia e que, é lamentável, cem anos após a sua morte ainda é um desconhecido no Brasil. (grifo nosso) (ANTÔNIO, 1996).

O percurso de Cassiano Nunes pela Alemanha confirmou sua passagem pela terra estrangeira, a fim de propagar seus estudos dirigidos à literatura modernista, à qual se vinculou o nome de um dos mais representativos autores de literatura infantojuvenil – Monteiro Lobato.

Na década de 1980, Cassiano Nunes foi à Alemanha e o mesmo aconteceu com João Antônio, quando ali esteve, ao receber uma bolsa de estudos, com o intuito de falar sobre o conjunto de sua obra e de seus ideais de constituição embutidos em seu projeto literário. Esse segundo desdobramento, presente na dedicatória, evidenciou as experiências internacionais, igualmente realizadas pelos dois artistas brasileiros, divulgando seus trabalhos ficcionais e entrando em contato com outro perfil de público – em outra língua, com cultura diferente da sua e com aspectos sociopolíticos distantes de seu país de origem. Foi um aprendizado, certamente. Vivências que culminaram em contos ou poemas, como, por exemplo, na narrativa de João Antônio, “*Amsterdã, ai*”¹²⁶, incluída na obra *Abraçado ao meu rancor* (1986).

As vivências europeias de ambos os autores estão fixadas nas dedicatórias e, dessa forma, resgatam esses momentos vividos pelos dois autores. Assim como Cassiano Nunes, João Antônio também viveu em terra estrangeira com o intuito de divulgar seus livros e sua ideologia estética. O poeta se pronunciou através de outro paratexto como um meio de proporcionar ao contista o mesmo vislumbre que teve, ao estar em solo estrangeiro:

Caro João Antônio: com afeto, envio-lhe este guia turístico (e sentimental), para que você sinta, como eu senti, A sedução da Europa. / Cassiano / 1/3/85. (NUNES, s/d.).¹²⁷

¹²⁶ Nesse conto autobiográfico, o narrador personifica a cidade de Amsterdã e registra todos os espaços pelos quais passou, quando de sua viagem à Holanda. O narrador faz referências a lugares boêmios e observa toda a ambiência vivida pelo povo daquela terra estrangeira.

¹²⁷ NUNES, Cassiano. *Sedução da Europa*. São Paulo: Saraiva, s/ d.

O título do livro, *Sedução da Europa*¹²⁸, remete à trajetória de Cassiano Nunes ao viver em outro lugar, fora de seu contexto brasileiro, de sorte a mostrar ao público de lá o seu trabalho literário, haja vista o seu estudo sobre a literatura nacional. Apresentando esta sedução a João Antônio, o poeta possibilitou ao contista o encontro com suas aspirações e descobertas em um país culturalmente rico, que, com certeza, lhe trouxe uma experiência inigualável, almejada por qualquer escritor que objetiva ver suas obras conhecidas pelo leitor estrangeiro.

A dedicatória, datada de março de 1985, aponta que o dedicador sabia dos propósitos de João Antônio, que era o de ir à Europa, demonstrando, portanto, no momento de escrita do paratexto, a participação ativa na vida do escritor paulista. Essa interação, fruto da amizade de longos anos, faz com que se avalie o quanto a comunidade de escritores se empenhava em divulgar seus trabalhos no cenário nacional e, nesse caso, explicitar ainda o quanto se preocupava em dividir anseios, apreensões, notoriedade e cumplicidade, em suas trajetórias.

A segunda dedicatória de Cassiano Nunes da década de 1980, que se refere à sua experiência na Alemanha,¹²⁹ complementa a primeira, já que expressa o resultado da vivência europeia do dedicatário:

A João Antônio, valoroso escritor, agora enriquecido de vivências européias, com o / abraço / do Cassiano / 5/9/85. (NUNES, 1985).¹³⁰

Essas experimentações em local estrangeiro foram comuns aos dois escritores, pois ambos receberam bolsas de estudos, a fim de desenvolverem pesquisas. No caso de João Antônio, em viagem para a Alemanha, em meados dos anos de 1980, visitou faculdades e palestrou sempre ao encontro de seu leitor.

João Antônio, ao estar em outro país, ver e conhecer diferente cultura, refletiu sobre as condições de formação da cultura brasileira, o que lhe permitiu compará-la com outras com as quais teve contato. Em face dessa abordagem, João Antônio enfatizou que:

¹²⁸ Nesse livro, Cassiano Nunes traça um itinerário crítico e poético dos lugares pelos quais passou, como Itália, França, Portugal e Alemanha.

¹²⁹ Apesar de a dedicatória disposta no livro *Estética e poética* ser datada de 1985, optou-se em analisá-la neste momento, por tratar-se de assunto referente às experiências vividas na Alemanha. É a única que não está disposta em ordem cronológica nesse estudo.

¹³⁰ NUNES, Cassiano. *Estética e poética*. Brasília: Thesaurus, 1985.

[...] todo produtor cultural brasileiro é elegante, antes de tudo. Se você pegar desde a poesia de Gregório de Mattos Guerra, passar por Aleijadinho, o maior de todos os artistas brasileiros, e Noel Rosa, Pixinguinha, Guimarães Rosa, Paulo Mendes Campos, você vai ver um traço que diferencia a nossa arte da de outros países: um toque de elegância. (ANTÔNIO *apud* ARAÚJO, 1992).

Por tais aspectos, a dedicatória de Cassiano Nunes aproximou lugares, escritores e amigos. Nesse sentido, as dedicatórias enviadas por Cassiano Nunes evocaram a atenção do leitor para uma reflexão acerca do compromisso que tiveram, diante de seus objetivos profissionais.

A João Antônio, um dos escritores brasileiros que mais admiro - pois brotou do povo e respeita as mais substanciais tradições da nossa cultura. / Cassiano / 20/5/83. (NUNES, 1983).¹³¹

A referência feita pelo poeta às origens de João Antônio, marcada pela expressão “brotou do povo”, revela seu conhecimento das origens do dedicatário, que nunca negou suas raízes, registrando-as, inclusive, em algumas narrativas de cunho autobiográfico. Consequentemente, por toda a proximidade com a camada mais simples da população, João Antônio a absorveu como elemento de composição ficcional e, a partir de sua observação, ele a retratou, com suas particularidades, com fala típica, vivências e experiências sofridas. Acima de tudo, como frisou o poeta-dedicador, João Antônio as respeitou de modo a realçar seres humanos que também ajudam a compor a história da cultura nacional. Assim, o reconhecimento de outro membro de sua comunidade sobre a sua escolha composicional atesta o quanto estavam comprometidos com sua produção ficcional, mas, sobretudo, com a do outro escritor. Tais relações, verificadas nas dedicatórias, ajudam a traçar a trajetória do contista, dialogando com parte de seu projeto literário, visto que elas se referem ao seu momento de criação e trabalho jornalístico, sempre com o intuito de chegar, diante de todas as possibilidades, aos veículos de divulgação.

Ainda no ano de 1983, Cassiano Nunes fez o “Estudo Introdutório: Releitura de João Antônio”, no livro *10 contos escolhidos* (1983). Neste, o poeta-crítico-amigo-

¹³¹ NUNES, Cassiano. *O último sonho de Monteiro Lobato: o Georgismo*. São Paulo: s/ ed., 1983.

admirador analisou as obras do contista até aquela data, num tom empenhado em mostrar ao leitor o quanto a genialidade do escritor-dedicatário brotava das páginas ficcionais. Para o poeta, João Antônio não era o criador apenas de uma obra-prima, *MPB*, mas de outras mais, segundo seu olhar de expectador:

Tanto em *LEÃO-DE-CHÁCARA*, como em *CASA DE LOUCOS* ou *DEDO-DURO*, há páginas admiráveis que nos abalam até o âmago – páginas reveladoras que jamais poderemos esquecer. Assimilamos a sua essência reimosa. Depois que as lemos ficamos acrescentados de algo que nos modificou, como experiências marcantes, vivências perturbadoras – [...]. É raro encontrarmos contos ou reportagens que assim nos gravem uma lembrança perene – qual tatuagem na alma. (NUNES, 1983, p. 33).

A apreciação crítica de Cassiano Nunes vislumbrou a qualidade estética do contista, com o objetivo de ressaltar a crítica social que se descortinava entre seus contos, contos-autobiográficos, contos-reportagem e em entrevistas que o autor concedeu, durante sua carreira. O que esse “Estudo Introdutório...” apresentou é mais do que a admiração pelo trabalho alheio: explicita o significado que a obra joãoantoniana representava a tantos escritores, intelectuais e público leitor. Tal representatividade, que é também o resultado de sua formação cultural, comprova que o poeta acompanhou de perto a trajetória do escritor paulista:

Há páginas dele de mera descrição de ambientes, em que transparecem intenções de crítica social, que, considerando a diferença das épocas e dos estilos, é verdade, nos lembram os capítulos fortes, poderosos, das *FARPAS* – essa lição indispensável de comunicação que os nossos comunicólogos desconhecem -, de autoria dos dois impressionantes iniciadores do realismo em Portugal: Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. (NUNES, 1983, p. 34).

Em suma, nesse ensaio, Cassiano Nunes enfocou o panorama de um dos escritores que se destacou, sobremaneira, na década de 1980, frente a outros autores que buscavam reconhecimento e leitura, quando do compromisso em produzir uma literatura que tivesse como meta o resgate e a preservação da memória e da cultura brasileira.

Outro modo de o contista estar em evidência veio com sua participação na obra alheia, nesse caso, de Cassiano Nunes, que assim se reportou em texto dedicado:

A João Antônio, citado em poema de *Jornada lírica* com a ternura e a admiração do / Cassiano / 3/5/84. (NUNES, 1984).¹³²

O livro *Jornada lírica* foi acompanhado pelo registro paratextual realizado pelo poeta ao amigo contista, o que demonstra legitimidade de seu nome, pois se perpetua junto à obra. Por se tratar de uma dedicatória de obra, ou seja, impressa, tem-se a possibilidade de eternizar o nome do dedicatário, em função da amizade que crescia no tempo, sempre acompanhada por assuntos profissionais.

Em outro livro dedicado, Cassiano Nunes remeteu seu trabalho sobre o escritor Machado de Assis, referência de leitura para ambos os escritores:

Ao João Antônio, contista clássico, mais um ensaio do velho Cassiano / 10/5/84. (NUNES, 1984).¹³³

Nesse sentido, o que se acompanha é que a produção intelectual do poeta foi bem significativa, considerando o número de livros dedicados que enviou a João Antônio. Seu ensaio sobre o criador de *Capitu* desvela seu caráter multifacetado, pois debruçou-se sobre nomes da cultura brasileira, principalmente literárias. Como o próprio dedicador denomina, o livro ofertado é um “ensaio” sobre a atuação de Machado de Assis, que, com olhos de observador, soube tecer sua crítica aos momentos de sua época. Como o contista paulistano também o teve como referência literária, é notório que a obra dedicada sem dúvida seria lida por ele. Enquanto “contista clássico”, na visão do dedicador, mais uma vez se vê a lembrança à crítica feita por Marques Rebelo, quando denominou seu livro *MPB* como um “clássico velhaco”.

Assim, principal função de uma dedicatória impressa é o de oferecer homenagem a outro escritor que mereceu respeito e entendimento a partir de relações comuns a outros escritores. Ao ganharem espaço público, vindo, possivelmente, com a

¹³² NUNES, Cassiano. *Jornada lírica* : antologia poética. Brasília: Thesaurus, 1984.

¹³³ NUNES, Cassiano. *Machado de Assis, crítico da classe ociosa*. São Paulo: Copidart, 1984.

leitura deste estudo de doutorado, norteiam o leitor a entender os contatos entre os dois autores que se perpetuaram, na medida em que se encontraram e, com o decorrer dos anos, conseqüentemente, com suas produções e incursões no mercado editorial. A amizade, caracterizada pelo teor das duas dedicatórias supracitadas, se desdobra e pode ser confirmada por meio das inúmeras correspondências que trocaram, as quais abordaram os mais variados assuntos e que também estão dispostas no acervo dos dois escritores.

Destaca-se, nesse sentido, que o conteúdo de uma carta endereçada a outro escritor “[...] visa a enriquecer, pelo estabelecimento de jogos intertextuais, a compreensão da obra artística” (GUIMARÃES *apud* SANTIAGO, 2002, p. 60). Por isso, a dedicatória pode ser vista como desdobramento de uma carta, outro gênero textual, pois ambas abordam as mesmas temáticas e, dessa maneira, exibem sua correlação diante de assuntos comuns. Nesse caso, visualiza-se o quanto os projetos literários dos dois escritores se formavam, enquanto se encontravam por meio da palavra.

Ainda em 1980, o intenso registro paratextual oferecido a João Antônio, com as respectivas obras do dedicador, tratou de assuntos que, justapostos, renderam matéria para a crônica da amizade temperada ao gosto do sabor literário, das experiências vivenciadas pelos escritores – “[...] cujo nome vi hoje na primeira página do *Pasquim*”. O contista trabalhou no jornal *O Pasquim*, que lhe permitiu publicar seus contos e fazer matérias jornalísticas a propósito de outros trabalhos literários, além de considerações sobre o momento que seu país enfrentava. Na dedicatória ainda se menciona o nome do político brasileiro Paulo Maluf, polêmico e merecedor de incontáveis críticas, por causa de sua atuação política:

A João Antônio, cujo nome vi hoje na primeira página do *Pasquim*, como combatente de Maluf, o abraço afetuoso do antigo fã Cassiano / 8/8/84. (NUNES, s/d.).¹³⁴

João Antônio, como intelectual empenhado com os fatos de seu país, teve a possibilidade de discorrer sobre muitos aspectos que estavam em pauta, e um dos veículos que lhe permitiu tais atuações foram os jornais impressos. No que diz respeito

¹³⁴ NUNES, Cassiano. *O "Sonho Americano" de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, s.d.

ao assunto de caráter político veiculado na dedicatória, João Antônio, em entrevista, discorreu sobre o político, como já apontado na introdução deste trabalho¹³⁵.

2.4.3 "A João Antônio, autor importante que nos revela a vida do submundo, este ensaio que dá voz aos humildes"¹³⁶ - 1990

A primeira dedicatória que abre este subcapítulo, remetida na década de 1990, está na obra *Três poemas do povo brasileiro*:

A João Antônio, que uniu literatura e povo, de maneira mais cálida. / Cassiano / 13 de maio / 91. (NUNES, s/d.).¹³⁷

Em referência à temática dos excluídos, há o estudo crítico sobre o conjunto da obra de João Antônio, escrito por Antonio Hohlfeldt, intitulado “Pra lá de Bagdá” (1997). Abriu sua crítica com um paratexto, uma epígrafe, que se referiu ao tema dos marginalizados, amplamente discutido por João Antônio e que comungou com o tema do livro de Cassiano Nunes e igualmente com o texto dedicado. Assim, sobre o tema realçado pela dedicatória, o crítico Hohlfeldt discorreu:

O que Marx definiu como o lumpen-proletariado seria, portanto, não o lumpen, mas uma espécie de herói-vítima da resistência ao capitalismo. (HOHLFELDT *apud* ZALUAR, 1997, p. 5).

Reiterando, por vezes, a temática do dedicatário, Cassiano Nunes marcou seu posicionamento veiculado por essa dedicatória, de modo a divulgar seus caminhos literários, por isso a afinidade entre temas de cunho social do leitor, amigo e admirador de João Antônio.

¹³⁵ João. O das quebradas. (ANTÔNIO *apud* MONTEIRO) Acervo João Antônio.

¹³⁶ NUNES, Cassiano. *Cartas do povo brasileiro ao presidente*. s/l.: Ideal, s/d.

¹³⁷ NUNES, Cassiano. *Três poemas do povo brasileiro*. s/l.: Thesaurus, s/ d.

O poeta, com a obra dedicada *Cartas do povo brasileiro ao presidente*¹³⁸, relacionou ainda o mesmo tema presente na dedicatória de 1991, com o texto de Hohlfeldt, e que vem a seguir:

A João Antônio, autor importante que nos revela a vida do submundo, este ensaio que / dá voz aos humildes / Cassiano / 7/7/93. (NUNES, s/d.).¹³⁹

A obra *Cartas do povo brasileiro ao presidente*¹⁴⁰ (s.d.) dialogou com os propósitos literários de João Antônio, na medida em que trouxe à cena a voz do povo de sua nação. Cassiano Nunes envolveu-se com o gênero textual carta, durante sua produção, acreditando que seu conteúdo pode atestar “[...] o valor daquilo que comunica ou porque oferece revelações que elucidam os historiadores e ensaístas” (NUNES, s.d., p. 14), seja no campo literário, seja no social, econômico ou político. Quer dizer, a correspondência atua como meio de se compor a história à qual se pertence.

Assim, o poeta interpretou os sentimentos e anseios do povo brasileiro à época de governo do então presidente Fernando Collor de Mello (gestão 1990-1992). Por meio de cartas enviadas por pessoas do povo a esse governante, Cassiano Nunes levantou questões sociais pelas quais passou a população brasileira e, ao utilizar a expressão “consciência ingênua”¹⁴¹, cunhada por Álvaro Vieira Pinto, problematizou os meandros vivenciados pelas pessoas que necessitavam das mínimas formas de sobrevivência e que as solicitaram ao seu presidente.

E é esse mesmo herói-vítima que se expôs nas cartas ao presidente, o qual está em outros contextos de Cassiano Nunes e de João Antônio, cujo papel foi instaurado pelo tipo de desenvolvimento econômico sustentado pelo capitalismo, sufocador dessas

¹³⁸ A reflexão que o poeta teceu nesse ensaio “[...] permite-nos ouvir a voz autêntica do povo, sua língua, às vezes rústica, mas sempre sincera e espontânea” (NUNES, p. 15). Para compô-lo, registrou trechos das cartas, a fim de fazer com que seu leitor pudesse perceber o quanto as vozes presentes nas missivas deram expressão aos seus pensamentos. Como o próprio autor definiu, vê-se que o resultado desse trabalho não foi não só um exercício literário, todavia, a partir de sua percepção enquanto escritor – segundo ele – constitui-se por “[...] intuição, sensibilidade, experiência humana e formação literária” (NUNES, p. 17). Cassiano Nunes percebeu e captou, dessa forma, os momentos de escrita relacionados àquela figura política, Fernando Collor de Mello, a partir do olhar do povo.

¹³⁹ NUNES, Cassiano. *Cartas do povo brasileiro ao presidente*. s/l.: Ideal, s/d.

¹⁴⁰ Diante da dedicatória datada de 1993, a análise não se baseia pela ordem cronológica de envio da dedicatória, mas pelo seu teor.

¹⁴¹ “A consciência ingênua é, por essência, aquela que não tem consciência dos fatores e condições que a determinam” (VIEIRA PINTO apud NUNES, p. 18).

camadas desvalidas e que se tornou pano de fundo para reflexões. Sob esse ângulo, a dedicatória manuscrita remetida por Cassiano Nunes amarrou-se à situação socioeconômica de seu país, tema amplamente discutido por autores, durante o desenvolvimento histórico desta nação, em função de sua referência aos “humildes” ou, em outra conotação, aos “marginalizados socialmente”.

Antonio Candido, no artigo intitulado “Na noite enxovalhada”, exemplificou essa condição do herói-vítima, relacionando-se ao conjunto da obra de João Antônio e que de certa forma dialogou com o intuito de Cassiano Nunes, que foi o de fazer um livro com cartas de pessoas comuns enviadas a um presidente da república. Assim, ao se referir ao tema dos marginalizados, Antonio Candido enfatizou:

Uma das condições mais importantes da ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada. Isso é possível quando o escritor, como João Antônio, sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginaliza, pois ele faz com que existam, acima de sua triste realidade. (CANDIDO, 1999, p. 88).

O envio de uma obra dedicada trouxe muitas significações, sobretudo quando objetivou vislumbrar os aspectos extraliterários de seus mais variados modos de produção, todos pertencentes aos que transitaram no meio intelectual. Logo, as *Cartas do povo brasileiro ao presidente* fomentaram um diálogo profícuo entre os dois autores, amigos, leitores e admiradores de suas produções, visto que o que prevaleceu foi a fruição proporcionada pela leitura da obra e a consequente reflexão que ela suscitou aos escritores. A obra, conjugada a uma dedicatória, feita por seu produtor, confirmou posicionamentos e ações estabelecidas pelos propósitos estéticos que movimentaram a carreira dos dois escritores.

Enquanto homens empenhados, os quais tiveram como ofício o ato de escrever, trazem consigo duas posições fundamentais: “[...] o de captar a realidade e o de transpor a realidade para a literatura” (SODRÉ, 1965, p. 9).

Em poucas linhas, o dedicador analisou a atuação do outro de sua comunidade, que se deteve em também dar espaço à voz do povo. Enquanto intelectuais empenhados

em descortinar as mazelas sociais a sufocar essa população, tornaram-se referências dessa temática para outros estudiosos e escritores.

Com essas duas dedicatórias, Cassiano Nunes, além de reconhecer um dos temas caros a João Antônio – os humildes – revelou, em tom modesto, o reconhecimento ao “autor importante”. Ressalta-se que foram dois homens de “consciências críticas” os quais se empenharam em “dedicar” suas escritas a essa “consciência ingênua”¹⁴², embrionariamente desamparada e com poucos meios de se articular¹⁴³.

Nesse sentido, a dedicatória a seguir, disposta em *Grafitos nas nuvens* (1991), correlaciona-se com toda a ambiência e trabalhos fomentados pelos dois. Além disso, aponta outros desdobramentos:

Caro João Antônio: / Muito obrigado por *Guardador* - bom título, bem da época. Vou lê-lo em breve. Tenho andado ocupado demais. Amanhã, vou a Alagoas-Penedo. Fundação da Casa de Cultura. Tenho lido os seus bons artigos. Aqui vão uns grafitos para v. se divertir velhacamente. (NUNES, 1992).¹⁴⁴

Nesse teor paratextual, quatro instâncias versam sobre o envio de uma obra de João Antônio, *Guardador*, publicada em 1992: a condição de Cassiano Nunes enquanto leitor de João Antônio, e este em igual condição, quando do envio de *Grafitos nas nuvens*. As outras duas marcas dispostas na dedicatória apresentam o trabalho intelectual feito por Cassiano Nunes, assim como sua referência aos textos que João Antônio produziu em jornais. Dessa forma, houve, por parte do dedicador, o acompanhamento da trajetória do escritor-dedicatário.

No trecho “Caro João Antônio: / Muito obrigado por Guardador - bom título, bem da época. Vou lê-lo em breve.”, a alusão ao título utilizado por João Antônio realça uma das preocupações do ficcionista de *Guardador*, pois, para ele, “[...] você tem que

¹⁴² “A consciência crítica é, por essência, aquela que tem clara consciência dos fatores e condições que a determinam” (NUNES *apud* VIEIRA PINTO, p. 18).

¹⁴³ Sempre se faz necessário lembrar que João Antônio não só tematizou os considerados marginalizados socialmente, como também escreveu sobre futebol, traçou perfis de nomes da nossa cultura brasileira, articulou sobre as principais cidades de seu país entre muitos outros. Como ele mesmo apontou, “[...] jogaram sobre mim o estigma da marginalidade. Acho isso uma coisa muito injusta. Tenho textos que nada têm a ver com a marginalidade” (Entrevista concedida a José Maria e Silva, para o *Jornal Opção Cultural*, Goiânia, 5-11 de novembro de 1995).

¹⁴⁴ NUNES, Cassiano. *Grafitos nas nuvens*. Brasília: Thesaurus, 1992.

seduzir o leitor a partir do título, da primeira palavra. A literatura é um vem cá, meu amor” (ANTÔNIO *apud* ARAÚJO, 1992).

A remessa de *Grafitos nas nuvens* (1992) representa o agradecimento pelo envio da obra de João Antônio, feito pelo contista, em outro momento. Dessa maneira, o poeta retribuiu com o envio de seu livro e nota em paratexto: “Muito obrigado por Guardador”, à época de sua publicação com o livro *Guardador*¹⁴⁵.

Essa obra, um misto de republicações e alguns inéditos, foi publicada pela editora Civilização Brasileira, uma das casas editoriais de João Antônio. Entre as significações supracitadas, são sugeridas mais duas circunstâncias, com base no que se discorre acima: a republicação de contos comumente realizada por João Antônio e a referência à qualidade do título de *Guardador*, exposta por Cassiano Nunes, no corpo do texto dedicado.

João Antônio, ao ser questionado sobre a republicação de seus contos, em entrevistas a variados jornais impressos, refletiu sobre essa prática. Talvez essa republicação tenha se legitimado pelo autor, porque cada texto criado foi trabalhado por ele inúmeras vezes, segundo apontamento de Ary Quintella, como

[...] um trabalho rigoroso, competente, em que retoma seu texto tantas vezes quantas se fizerem necessárias, até atingir o que julga ser limite extremo de sua capacidade discursiva. (QUINTELLA, 1986).

A troca de obras, quer com dedicatórias manuscritas, quer impressas, para João Antônio, formalizou-se como um hábito entre os escritores e capaz de constituir uma forma de propagar seu projeto literário, sobretudo entre os demais escritores e intelectuais. Ao se fazerem lidos, puderam se unir por uma causa em comum: a literatura. Tal postura se confirmou quando, em entrevista a Wilcrisson Prado, do jornal *Correio Brasiliense*, em 1976, João Antônio apontou o que realmente seria necessário fazer, tendo em vista que as livrarias brasileiras pouco apoiavam o autor nacional:

¹⁴⁵ O livro é composto pelos contos “Tatiana Pequena”, “Retalhos de fome numa tarde de G.C.”, o conto-título “Guardador”, “Joubert – Maringá”, “Tuaregue”, “Morre o valete de copos” e, por fim, o texto “É uma revolução”. Além destes, a obra contém um texto crítico introdutório de José J. Veiga, outro escritor que apareceu entre a coleção de obras dedicadas.

Precisamos urgentemente formar um mutirão neste país e nos conhecermos a nós mesmos (sua comunidade de escritores). Essa briga é de todos nós – moços, médios e velhos. É um mutirão: não podemos descansar enquanto não melhorarmos a situação. (grifo nosso) (ANTÔNIO *apud* PRADO, 1976).

O trecho “Vou lê-lo em breve” reportou à condição de leitor de João Antônio, papel invertido, quando Cassiano Nunes lhe enviou *Grafitos nas nuvens*. Sob essas duas denominações, a de criador e a de leitor, é interessante salientar o quanto a comunidade de escritores-leitores se envolveu em suas relações, a partir da obra literária, logo, motivadora de encontros e reencontros, de discussões e reflexões sobre determinado assunto.

Enquanto leitor de João Antônio, Cassiano Nunes distanciou-se de sua condição de autor e colocou-se como receptor de uma obra de um dos autores mais renomados da contística brasileira. Em 1992, apareceu com diversas publicações de contos e reportagens em jornais, com espaço na historiografia literária brasileira.

“Tenho lido os seus bons artigos” demonstra que Cassiano Nunes não só manteve amizade com João Antônio, ao longo dos anos, participando de sua carreira literária, como também compilou todo artigo de jornal que abordou a obra do contista-jornalista. Esse fato se comprovou através dos artigos enviados a João Antônio, marcados com manuscritos de Cassiano Nunes, endereçando-lhe todo tipo de matéria jornalística que se referisse ao seu fazer literário. Enviou com tanta frequência artigos a João Antônio, assim como fez com seus livros dedicados¹⁴⁶.

A maioria dos artigos teve origem em Brasília, lugar de residência e trabalho de Cassiano Nunes, por isso a observação a propósito de tudo o que se publicou sobre literatura, sobre os demais escritores, sobre o amigo e admirador João Antônio, e sobre si mesmo. O que se observa, na verdade, é que, com essa prática, há a consciência de um autor diante de sua produção e da atuação de outros escritores e, mais do que tal constatação, percebe-se a movimentação da cena literária e se configura como elemento de formação da historiografia brasileira.

Cassiano Nunes, no segmento paratextual “Tenho andado ocupado demais. Amanhã, vou a Alagoas-Penedo. Fundação da Casa de Cultura”, fez remissão a parte de

¹⁴⁶ Na página 106, em nota de rodapé, há um exemplo de texto jornalístico enviado por Cassiano Nunes a respeito de João Antônio.

suas atividades profissionais e literárias, executadas enquanto se movimentou no meio acadêmico, como professor de literatura da Universidade de Brasília (UnB).

Reportando-se ao amigo e admirador, ou ao escritor e profissional comprometido e empenhado com sua realidade, denotou conhecer minimamente denominações cunhadas por críticos em relação à obra joãoantoniana. Em trecho da dedicatória, declara: “Aqui vão uns grafitos para v. se divertir velhacamente”¹⁴⁷.

Com o tempo, a expressão “clássico velhaco” ganhou destaque entre a crítica e, mais do que a aparição de um termo que o avalizou, o autor teve condições de ver rotulada sua primeira obra como clássico. Em se tratando de um clássico, ou seja, aquele que se lê na classe, portanto, que se universaliza, permanece e se firma no tempo, esse fato se comprovou pelo significado da obra joãoantoniana em contexto brasileiro: em 2013, *MPB* comemorou 50 anos de nascimento, sendo ainda publicado¹⁴⁸ e, portanto, tendo a oportunidade de ser lido.

No livro *Versos Íntimos* (1991), o poeta anotou que continuava acompanhando a carreira de João Antônio, tanto jornalística quanto literária. À época de envio do livro dedicado, o contista trabalhava no *Jornal do Brasil*, renomado veículo impresso que propiciou ao escritor possibilidades de sobrevivência e notoriedade entre intelectuais. A referência à primeira obra do contista permaneceu igualmente no discurso paratextual, dando enfoque às mesmas condições sociais que há trinta anos o contista descreveu, no conto *MPB*:

Querido João Antônio: / Tou tão confuso que já nem sei lhe envie estes Versos Íntimos. / Anexo: recorte do CB. / Saímos juntos na gazeta! Estamos célebres! / Cassiano. / 22/11/91
P.S. A 1. Jan. 92, estarei livre... / para a literatura. / E o meu artigo sobre você no ESP?...
2.P.S. (28-11-91) Acabo de ler s/ artigo no JB. Fez-me pensar que o pauperismo que v. descreveu em Malagueta, Perus e Bacanaço saiu da sinuca e se espalhou pelo Brasil! / Wilde¹⁴⁹ dizia paradoxalmente que a vida é que imita a Arte... / V. foi profeta. (NUNES, 1991, grifo nosso).¹⁵⁰

¹⁴⁷ O vocábulo peculiar “velhacamente” tem origem a partir de uma crítica realizada por Marques Rebelo, ao avaliar a obra *MPB* (1963), primeiro livro de João Antônio. Denominando-o “clássico velhaco”, Marques Rebelo evocou e convocou novos olhares sobre o criador dos três personagens malandros da sinuca e demais personagens pingentes.

¹⁴⁸ ANTÔNIO, João. *Contos reunidos*. Apresentação de Rodrigo Lacerda. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

¹⁴⁹ Oscar Wilde (1854-1900), escritor irlandês, tem, em *O retrato de Dorian Gray* (romance), sua mais famosa obra.

¹⁵⁰ NUNES, Cassiano. *Versos Íntimos*. Brasília: Thesaurus, 1991.

A observação feita por Cassiano Nunes às estruturas sociais que continuavam tão precárias demonstrou o olhar crítico de outro intelectual que, ao ler matéria escrita realizada pelo amigo – “Acabo de ler s/ artigo no JB” – acabou se solidarizando com a ideia alheia. Espécie de depoimento a respeito do clima social da época, permite que se compartilhem momentos que não são postos de lado ao ato literário, atestando a preocupação pelo fato social que não era esquecida pelos dois intelectuais.

O discurso se completa com a frase – “V. foi profeta” – se contradiz com o que foi escrito sobre João Antônio, em entrevista ao jornalista Álvaro de Faria, no *Diário de São Paulo* (1975): “João Antônio, o que não quer ser profeta de nada”¹⁵¹. Na verdade, ao mesmo tempo em que o contista se contradiz, ao não querer ser profeta de nada, reforça-se, em 1991, com as palavras do poeta-dedicador, afirmando, com efeito, que João Antônio profetizou algumas ideias. A problemática do livro no Brasil, por exemplo, foi uma de suas reflexões, reportando-se ao fato de publicarem obras com preços caros e fora do alcance da população; a solução proposta pelo contista foi a de produzi-las com um custo mais baixo, para que toda população tivesse acesso à leitura.

Assim, ser profeta, para Cassiano Nunes, consolidava-se na medida em que os três miseráveis, personagens de *MPB*, demonstraram o quanto estavam envoltos por uma atmosfera de esquecimento do sistema sociopolítico, portanto, que não eram apenas personagens do ambiente das rodas de sinuca, porém, que tal marginalização se estendia para determinadas camadas da população em geral.

Essa ação estabelecida entre os dois escritores oferece maior relevância, quando da análise paratextual e apresentação de suas marcas, considerando a função que exerce, seja entre a comunidade de escritores, seja para aqueles que se esquecem dos bastidores de produção. Isto é, uma obra, quando pronta, não nasce preparada, ela se transforma à proporção que o jogo de relações também muda.

E esse jogo entre a comunidade evidencia o quanto os dois autores se mantinham ativos diante dos fatos que aconteciam:

Caro João Antônio: / Envio-lhe alguns dos meus últimos poemas. / Vi-o na TV, no programa Sem Censura¹⁵² (creio que este era o nome). V.

¹⁵¹ FARIA, Álvaro. João Antônio: o que não quer ser profeta de nada. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 nov. 1975.

¹⁵² O programa televisivo “Sem Censura”, na época de envio da dedicatória, era apresentado pelas jornalistas Lúcia Leme e Liliana Rodrigues, que se revezavam na condução do programa. Com entrevistas com renomados intelectuais, também trazia artistas e pensadores, a fim de que se discutissem seus

esteve muito bem / e sua crítica aos meios de comunicação foi muito justa. Há muitos anos, digo o / mesmo. É bom que já haja programas assim. Fiz conferência em SP na Acad. Paulista. / Lá encontrei o Nilo Scalzo¹⁵³, que me prometeu tentar a publicação do artigo que escrevi sobre v / Abraços / Cassiano / 31/10/91. (NUNES, 1991).¹⁵⁴

Por meio das dedicatórias, apresenta-se a riqueza cultural que cada vez mais aumentava, haja vista as referências feitas a outros nomes da cultura mundial, como Oscar Wilde, e brasileira, no caso de Nilo Scalzo. Elas expõem ainda o conhecimento das ideias e ações de outros escritores e intelectuais, aparecendo em espaços de incentivo à cultura, como a Academia Paulista. A movimentação profissional dos dois escritores objetivava estar em constante trabalho, pois havia a necessidade de publicação e de reconhecimento, paralelamente à da sobrevivência. Por trabalharem em meios de comunicação, a crítica que estes dois autores teciam funcionava como uma espécie de desabafo e, ao mesmo tempo, exigia uma reflexão sobre esse “emburrecimento da imprensa”:

Caro João Antônio: / Qual a razão do emburrecimento da imprensa brasileira? V. descreverá os jovens alienados do rap como fez genialmente, com (os merdunchos da sinuca paulistana?) / Havia mais autenticidade no mundo baixo de antigamente! / Cassiano 5/8/95. (NUNES, 1995).¹⁵⁵

Mais uma vez, o que se observa é a referência feita a *MPB*, comparando aos aspectos sociais trazidos pelos jovens que se relacionavam com o *rap*. Nesse sentido, fica evidente o quanto o contista se preocupava com os jovens de seu país, cada vez mais voltados para a cultura estrangeira e, em certos casos, que se esqueciam de procurar os aspectos culturais brasileiros ou não eram estimulados a isso.

Pelo contexto pessoal e literário de João Antônio, as dedicatórias permitiram descobrir o quanto lutaram por reconhecimento, o quanto a amizade se cristalizou, com

trabalhos e o momento social que o país vivia. Estreou em 1985 e está no ar até hoje, ancorado pela jornalista Leda Nagle.

¹⁵³ Nilo Scalzo (1929-2007) foi jornalista, redator, editor-chefe do Jornal *O Estado de S. Paulo* e membro da Academia Paulista de Letras. Recebeu o título de *Chevalier de L'Ordre des Arts et des Lettres*, do governo da França. Também atuou como professor do Colégio e da Universidade Mackenzie, além de lecionar na Escola de Arte Dramática e na Faculdade Cásper Líbero.

¹⁵⁴ NUNES, Cassiano. *Versos íntimos*. Brasília: Thesaurus, 1991.

¹⁵⁵ NUNES, Cassiano. *Justificativa e defesa da cidade de Brasília*. Brasília: Roberval, 1995.

o decorrer dos anos, o quanto suas filiações literárias estiveram presentes em seus processos de composição. Por esse caleidoscópio paratextual, Cassiano Nunes teve a possibilidade de registrar inúmeros momentos vividos pelos dois escritores e, de certa forma, quando levadas a público, este passa a conhecê-los, tendo em vista o tom sempre cordial, fraterno e carinhoso com o qual se referiu ao amigo e companheiro de escrita João Antônio.

Com efeito, esta foi a última dedicatória enviada por Cassiano Nunes a João Antônio, datada de 1995, pois não há mais registros de remessa após essa data. Para homenageá-lo, o contista escreveu um texto sobre o poeta, no *Tribuna da Imprensa*, último local de trabalho, pois, no mesmo ano e dias depois do texto publicado em jornal, João Antônio faleceu. Sob o título “Uma dívida que precisa ser paga”, o contista destacou o trabalho daquela “[...] importante figura brasileira” (ANTÔNIO, 1996). Nota-se, a seguir, como o dedicatário via a figura de Cassiano Nunes:

Cassiano Nunes é hoje, nada menos e sem favor, um ponto alto de referência no Distrito Federal. Cassiano Nunes faz parte do melhor que há em inteligência, lucidez, entusiasmo e sensibilidade em Brasília. Cassiano é mais do que um nome nacional do Planalto Central. [...] batalhador viril pelo livro e descobridor e incentivador de talentos – muitos lhe devem o apoio e até o lançamento em nível nacional – dono de uma excelente voz, de fina sensibilidade para o teatro e a música, é a generosidade em pessoa. [...] (ANTÔNIO, 1996).

Com o conhecimento mútuo que tiveram, proporcionado pela amizade nutrida pelo tempo, e pelo (re)conhecimento de trabalhos profissionais, com as dedicatórias manuscritas, vistas como marcas que as tornam singulares, verificam-se as “aventuras” profissionais entre os autores, que persistiram incansavelmente para estar no universo das letras. O empenho em colocar sua obra ao público mostrou o quanto a comunidade se articulou para ver trabalhos publicados, pois o que os aproximou foi a literatura e a dedicação a ela. Dessa forma, essa comunidade promovia-se em torno de publicações que a levava a estar cada vez mais inserida no contexto da literatura brasileira e as dedicatórias registram esses momentos de contatos entre autores.

3 COMUNIDADE DE ESCRITORES-LEITORES E O BOOM DA LITERATURA BRASILEIRA

3.1 Dedicatórias manuscritas: registros de momentos e vivências entre escritores

Entre 1960 e 1996, ano de sua morte, João Antônio publicou doze obras e algumas coletâneas de contos, abrangendo mais de cinquenta narrativas e contos-reportagem, perfis, depoimentos, sem contar os inúmeros textos que produziu e divulgou em jornais.

Com trânsito no meio intelectual, o autor se movimentou entre os demais escritores, com vistas a ser lido, discutido, comentado e divulgado, permitindo-lhe sucesso, (re)conhecimento de seu trabalho com a palavra e de seus pontos de vista sobre a realidade nacional, além de suas expectativas em relação ao que viveu e presenciou, no seu dia a dia. E essa realidade, tão refletida por ele em dezenas de contos e artigos de jornais, em se tratando de personagens, segundo o autor, pode ser vista, a seguir, em entrevista concedida a Lurdes Gonçalves:

A luta de meus personagens é premente e imediata pela sua sobrevivência. Cada esforço seu é para garantir seu prato de comida, devorada por bocas desdentadas num mundo anárquico, em que os problemas se resolvem em função do dinheiro [...] (ANTÔNIO *apud* GONÇALVES, 1983, p. 3).

Em razão do enfoque dado ao autor a essa realidade, sobre a qual se debruçou, foi visto por muitos companheiros de ofício e críticos como porta-voz da marginalidade. Ele também traçou perfis de personalidades brasileiras que, de certa forma, contribuíram para a formação cultural do país e que podem ser vistas como personalidades à margem. Casos como os de Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, Cartola, Aracy de Almeida, Darcy Ribeiro, Garrincha etc., foram alguns dos nomes e respectivos

momentos de atuação colocados sob sua análise crítica, quanto ao que significaram para a cultura nacional.

Quando há a referência ao seu projeto literário, destacam-se algumas de suas atividades: composição e divulgação de textos jornalísticos, todo o trabalho de publicação e divulgação de sua obra, acompanhado por incontáveis críticas; palestras feitas em universidades nacionais e estrangeiras; prêmios literários conquistados, trocas de correspondências com escritores, juntamente com a coleção de obras com dedicatórias manuscritas. Tudo isso consolida, portanto, muitos dos assuntos que abordou em entrevistas e em sua própria obra. Essas seis instâncias que estiveram ligadas ao fazer literário de João Antônio são vistas como ações as quais lhe conferiram notoriedade entre sua comunidade, tornando-se visível por meio de seus modos de atuação.

Ao se pensar na década de 1970, o autor usufruiu de boa notoriedade, em função das publicações de algumas obras. Assim, as dedicatórias manuscritas desvendam as relações vividas entre João Antônio e sua comunidade, já que essa ação de remeter obras dedicadas foi um momento bastante significativo para muitos autores brasileiros. Diante de um cenário político conturbado e de liberdade de opinião restrita, na década de 1970, muitos intelectuais continuaram sua vida profissional, mesmo porque, por ela, podia-se contribuir para a chamada “abertura política”.

Em termos de produção cultural, muitos teóricos chegaram a considerar que, naquela década, pensando em produção literária, vivia-se o *boom* nacional. Esse termo deu forma a essa atmosfera sociopolítica e se transformou em uma espécie de rótulo que acompanhou essa década, devido à crescente publicação de autores nacionais. Muitas dessas publicações marcaram o mercado editorial brasileiro, o qual também disputou espaço com os chamados *best-sellers*, pois a divulgação em torno deles era considerável.

Para o contista João Antônio, o que se vivia era a colheita de uma boa safra de escritores, porque estes já trabalhavam em seus escritos e por isso tentavam o reconhecimento desde a década passada. O próprio autor foi um dos que desfrutou desse momento, como já explicitado, entre meados de 1975 até 1978, tendo publicado *Leão-de-Chácara* (1975a), *Casa de Loucos* (1976), *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977), *Lambões de caçarola – trabalhadores do Brasil* (1977) e *Ô Copacabana* (1978). Nesse período, João Antônio ainda teve a primeira

obra, *MPB*, em 2ª e 3ª edições. Concomitantemente, atuava em jornais impressos, o que lhe dava a possibilidade do trabalho profissional e consequente sustento financeiro.

Nesse sentido, ao longo dos anos de 1970, seu sucesso literário consolidava-se cada vez mais, fato que lhe permitia estar entre outros autores os quais obtinham igual reconhecimento no meio crítico e, por conseguinte, com o público leitor. Assim, para o contista, esse momento vivido pela comunidade de escritores-leitores significava “[...] um ano pródigo em lançamentos da nova ficção brasileira”¹⁵⁶. Nesse cenário nacional de publicações, mais do que se fazerem lidos, o que se observou, na opinião do contista, foi a possibilidade de divulgar boa literatura. Com isso, acompanhando tais publicações, podia-se traçar um mapa literário, tendo em vista a divulgação de obras de representantes de outros Estados, descentralizando-se, portanto, do eixo Rio-São Paulo.

O percurso literário ao qual João Antônio se referiu foi instaurado por obras e autores como *O convidado* (1974), de Murilo Rubião, *Zero* (1975), de Ignácio de Loyola Brandão, *Confissões de Ralfo* (1975), de Sérgio Sant’Anna, *O nascimento dos leões* (1975), de Duílio Gomes, *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, *Qualquer coisa é a mesma coisa* (1979), de Ary Quintella, dentre tantos nomes¹⁵⁷, vistos em matérias jornalísticas com o intuito de *marketing* de divulgação.

A partir desses significativos nomes e representantes da cultura nacional, visualizam-se as inter-relações configuradas pelas dedicatórias manuscritas que o contista-dedicatário recebeu, logo, comprovando o quanto se publicou desde a década de 1970¹⁵⁸. O que se percebe é que por meio desses paratextos se vislumbram tanto o projeto literário de João Antônio como o de outros escritores que estiveram em contato com ele. As dedicatórias mapeiam a rede de sociabilidade de determinada comunidade, sublinhando o quanto esses autores se articulavam, propiciando ainda o mapeamento de produções nacionais.

No caso do romance *Zero* e de *Confissões de Ralfo*, os dedicadores assim se reportaram a João Antônio:

¹⁵⁶ Apesar de tudo, foi uma boa safra. *Opinião*, 2 jan. 1976. Acervo João Antônio.

¹⁵⁷ Alguns exemplos de obras publicadas na década de 1970 são: *Minossauo*, de Benedicto Monteiro, *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, *Tempo de Guerra*, de Josué Guimarães, *Os deuses de Raquel*, de Moacyr Scliar, *Calendário do medo*, de Carlos de Carvalho, *A morte de DJ em Paris*, de Roberto Drummond, *Olhar insano*, de Lucienne Sammor.

¹⁵⁸ Muitos livros descritos em matérias jornalísticas estão listados na coleção de obras dedicadas e fazem parte do Acervo João Antônio.

Caríssimo João Antonio / que seja o nosso ano. Ao menos estamos sendo editados / Abraço / Loyola / 31.7.75. (BRANDÃO, 1975).¹⁵⁹

Para o João, aí está este monte de irresponsabilidades (ainda que literárias) + o abraço do Sérgio / Rio 31/7/75. (SANT'ANNA, 1975).¹⁶⁰

Os dois dedicadores manifestaram-se a respeito de seus livros, cujas publicações puderam ser acompanhadas pelo dedicatário. Estas representaram momento significativo para a comunidade de escritores, uma vez que versaram sobre a edição das obras “[...] ao menos estamos sendo editados” (BRANDÃO, 1975) e a visão muito peculiar sobre a própria composição: “[...] aí está um monte de irresponsabilidades” (SANT'ANNA, 1975). Por essas manifestações, o que se observa também é que a consciência dos dedicadores e do dedicatário se atrelou ao momento no qual se inseriram no rol de publicações nacionais e o quanto tiveram a possibilidade de perpetuar a memória de seu país, por causa do legado literário que projetaram diante do compromisso em interagir pela palavra. Ademais, as dedicatórias atuam como peças de composição da memória coletiva de determinado grupo social.

Outras dedicatórias elencadas são as que fazem remissão à amizade e admiração para com o autor João Antônio e sua obra:

Para João Antônio, amigo dos mais queridos, o abraço do seu admirador/ Murilo Rubião / Belo Horizonte, janeiro 75. (RUBIÃO, 1974).¹⁶¹

Para João Antônio, com a admiração do leitor / Duílio Gomes / B.H. - Dez-75 (GOMES, 1975).¹⁶²

Para o amigo João Antônio, com um abraço afetuoso do Rubem Fonseca / 10.10.75. (FONSECA, 1975).¹⁶³

¹⁵⁹ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Zero: romance pré-histórico*. Rio de Janeiro: Brasília, 1975.

¹⁶⁰ SANT'ANNA, Sérgio. *Confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 194).

¹⁶¹ RUBIÃO, Murilo. *O convidado: contos*. São Paulo: Quíron, 1974.

¹⁶² GOMES, Duílio. *O nascimento dos leões*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

¹⁶³ FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: ArteNova, 1975.

Para Teresa e João Antônio - / com o abraço apertado do amigo, Ary / Rio, 80. (QUINTELLA, 1979).¹⁶⁴

Estas são as aparições dos respectivos livros dedicados, pois, em texto jornalístico sobre o painel de publicação da década de 1970 e sobre um dos livros do contista, *Leão-de-Chácara* (1975a), aquelas e estas já apareciam como obras de destaque no contexto da década de 1970. Em “Apesar de tudo, foi uma boa safra” (1976b), discorre-se sobre o quanto tais obras foram significativas, tendo em vista a visibilidade de seus autores. Numa espécie de roteiro de leitura, traçava-se um itinerário regional, pois, a respeito dos livros publicados, Flávio Moreira da Costa afirmava:

São livros diferentes, de autores diferentes, passados em situações diferentes – mas em quase todos eles se pode notar que o processo do modernismo brasileiro continua. Ele está presente na elaboração deliberada do romance social – seja mais histórico como em *Tempo de Guerra*, seja mais próximo de Graciliano como os livros de Assis Brasil – como também em sua vertente oswaldiana (*Confissões de Ralfo*) ou de Mário de Andrade (*Os planelúpedes*). (COSTA, 1976b).

Desse modo, os rumos trilhados pelos escritores e respectivas obras caminhavam para a consolidação da literatura brasileira contemporânea, o que se confirmou nas dedicatórias remetidas ao dedicatário. O contexto de publicação foi um dos temas focalizados nas obras dedicadas e, por isso, se verifica que, mesmo naquela atmosfera sociopolítica austera, tais assuntos puderam ser tratados sem qualquer receio de censura, devido à circulação ser instaurada apenas entre escritores.

3.2 "Para João Antônio, companheiro de lutas"¹⁶⁵

¹⁶⁴ QUINTELLA, Ary. *Qualquer coisa é a mesma coisa*. 2. ed. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília, 1979.

¹⁶⁵ CAPARELLI, Sérgio. *Quebra quebra*: novela. Porto Alegre: Paralelo, 1977. (Coleção Vereda, v. 3). "Para João Antônio, companheiro de lutas, um pedaço de Minas. / Do Caparelli / POA 1.11.77"

No capítulo anterior, examinaram-se as dedicatórias remetidas pelos escritores Jorge Amado, Caio Porfírio Carneiro e Cassiano Nunes, os quais trouxeram à tona alguns momentos presenciados pela comunidade de escritores, versando sobre temas que João Antônio discutiu, ao longo de sua carreira. Neste terceiro capítulo, o intuito é enfocar outros temas relacionados ao projeto literário do contista, com vistas a desvendar os assuntos tratados pela comunidade. Desse modo, há outras dedicatórias, de outros dedicadores, os quais abordaram o tema profissionalização do escritor, tão discutido por João Antônio enquanto produzia sua ficção, seja em jornais aos quais concedeu entrevistas, seja em palestras e encontros com os mais variados públicos.

João Antônio pôde mostrar, por meio de sua literatura, sua preocupação sobre a realidade brasileira e sua condição de escritor, visto que cada vez mais sentia a necessidade de trazer à luz esse tipo de assunto e suscitar reflexões a respeito. Por esse motivo, foi visto como um dos escritores que mais se aprofundou sobre tal tema, porque houve um empenho incansável em debater as expectativas quanto à profissão de escritor. Para o contista, não legitimar o ofício de escritor era resultado da falta de incentivo cultural a que um autor está fadado, em se tratando de país subdesenvolvido, como o Brasil, que pouco valor dá ao trabalho do escritor, embora haja casos isolados.

Nesse sentido, João Antônio foi eleito pela comunidade de escritores-leitores como um dos porta-vozes, quando o assunto foi a profissionalização desse ofício. Em várias entrevistas que concedeu a jornais brasileiros, observa-se que esse tipo de temática era um de seus motes de trabalho, já que queria que o autor nacional fosse reconhecido por seu trabalho com a palavra e, nesse caso, com a literatura, merecendo remuneração e consolidação.

Nessa mesma perspectiva, João Antônio foi visto entre os escritores como um homem empenhado com questões voltadas ao trabalho do intelectual. Suas atitudes o impulsionaram a trazer o tema para discussão, portanto, a de requerer benefícios que uma profissão legalizada pressupõe. Esse caráter sociocultural acompanhou João Antônio durante boa parte de sua trajetória e pode ser verificado em algumas dedicatórias que lhe foram remetidas, tais como as que se apresentam a seguir:

A João Antônio, companheiro de lutas, com a admiração do
Aguinaldo Silva / 5-3-76. (SILVA, 1975).¹⁶⁶

¹⁶⁶ SILVA, Aguinaldo. *Primeira carta aos andróginos*: romance. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

Ao querido João Antônio, visionário e esperneador, que tanto tem colaborado na luta de todos nós, com o abraço e a amizade do Elias José / Guaxupé, 5/8/77. (JOSÉ, 1977).¹⁶⁷

Para João Antônio, que também vem pregando seu evangelho - um pouco da luta de Osman e o meu abraço. / Julieta (esposa de Lins) / outubro '79. (LINS, 1979).¹⁶⁸

Para João Antônio, com a amizade e admiração da companheira de lutas Tania J. Faillace / maio / 84. (FAILLACE, 1983).¹⁶⁹

A João Antônio, companheiro de guerrilha literária, o abraço e a amizade do Roberto Drummond. (DRUMMOND, 1984).¹⁷⁰

Para João Antônio, amigo, colega de lutas - o livro e o abraço de Julieta de Godoy Ladeira / Agosto/ 84. Há ainda um cartão de visitas manuscrito no verso com os seguintes dizeres: "Em fotograma nº 2 criei meninos/personagens lembrando-me de algumas personagens suas. O livro é repleto de alusões de cinema e literárias. A nossa vida, afinal – onde essas personagens transitam e passam a ser o que somos. Julieta" Há também outro papel avulso datilografado, onde está escrito: "Levei três anos, João Antônio, escrevendo esse livro. Não foi brincadeira. É verdade que durante esse tempo organizei diversas antologias, trabalhei muito, escrevi artigos, etc. Agora, estou envolvida em outro, bem diferente. Mas esse absorveu muito de mim e nele coloquei, para o público, meu sofrimento, dor e superação de muita coisa – minhas formas de dar a volta por cima, e continuar, apesar de tudo. Minha força de sobrevivência, através da literatura - minha e dos outros. Julieta". (LADEIRA, 1984).¹⁷¹

Para o companheiro de lutas João Antônio, com o grande abraço do Cícero Sandroni / Rio, 15/8/85. (SANDRONI, 1985).¹⁷²

¹⁶⁷ JOSÉ, Elias. *Um pássaro em pânico*. São Paulo: Ática, 1977. (Coleção Nosso Tempo).

¹⁶⁸ LINS, Osman. *Evangelho na Taba*: outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979.

¹⁶⁹ FAILLACE, Tania Jamardo. *Mario - Vera*: Brasil, 1962/1964. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹⁷⁰ DRUMMOND, Roberto. *Hitler manda lembranças*: romance. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹⁷¹ LADEIRA, Julieta de Godoy. *Era sempre feriado nacional*: contos. São Paulo: Summus, 1984.

¹⁷² SANDRONI, Cícero. *O diabo só chega ao meio dia*: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Os escritores-dedicadores compartilharam do mesmo ideal de João Antônio quanto ao empenho pela profissionalização e, por isso, o viam como um dos nomes mais representativos quando esse assunto entrava em pauta. As dedicatórias abordaram tais circunstâncias, além de ressaltar a afinidade mútua entre escritores e temas, pois não se pode descartar “a luta” que mantinham em prol dos temas os quais escolheram para trabalhar. São visões de intelectuais, discutidas nas décadas de 1970 e 1980, datas expressas nos livros dedicados.

Nesse sentido, a intensa relação que os escritores estabeleceram por meio das dedicatórias não pairou apenas sobre o fato literário, mas alcançou o aspecto extraliterário vivenciado por João Antônio e demais autores, haja vista a luta pessoal que travaram ao comporem sua ficção.

No contexto sociocultural, diante da ditadura que o país enfrentou, assuntos polêmicos como este, questionando o sistema socioeconômico vivido pelos escritores, eram veiculados em esfera privada, de autor para autor, de modo a denotar maior liberdade de expressão. Para Michel Foucault, “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Todavia, a liberdade de escrita e de opinião presenciada nos textos das dedicatórias faz com que não exista a ordem autoritária instaurada naquele momento de correlação entre os escritores.

Ali, pelo espaço utilizado pela dedicatória, faziam-se cidadãos, escritores da sociedade brasileira, com pensamentos e opiniões que puderam circular sem qualquer medo de retaliação por parte do sistema de censura, porque o movimento de ideias configurado pelas dedicatórias permitiu-lhes atitudes mais livres. Por conseguinte, o caráter privado instituído pela circulação de livros com dedicatórias tornou a relação entre os escritores mais tranquila, motivando-os a explicar sobre assuntos que não precisariam passar por qualquer tipo de censura.

Em certa medida, nomes que tiveram voz e vez diante de crítica e público, tanto quanto no jornalismo impresso, estreitaram-se ainda mais, por pertencer a um mesmo grupo social, a de escritores, com obras de caráter multifacetado quanto às suas temáticas.

Quando se pensa nos aspectos que constituíram o projeto literário de João Antônio, como no tema citado, recorre-se ao texto “Corpo-a-corpo com a vida”, depoimento-manifesto escrito pelo contista, em meados da década de 1970. Esse

compreendeu o projeto literário do escritor, o qual anunciou suas discordâncias em relação ao ato de se escrever segundo normas beletristas, ligadas apenas à “[...] forma ou aos efeitos de estilo” (ANTÔNIO, 1975, p. 141). Essa visão do autor paulistano demonstrou o quanto a condição de escritor não podia se dissociar de sua produção, pois essas duas circunstâncias só surtiriam efeitos se reconhecidas pelos meios editoriais, instituições que poderiam fomentar o ofício de escritor e outras associações privadas as quais certamente deveriam contribuir com o incentivo a autores que se debruçavam sobre sua arte literária.

O “corpo-a-corpo” que João Antônio abraçou diz respeito ao ato de escritura, envolvendo-se com os fatos sobre os quais escolheu se pronunciar, escrever, desnudando para seu público a realidade nacional, voltada para seu povo. Ou, ainda, “[...] uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles” (p. 144). Esse ponto de vista, nesse pronunciamento, enfatizou a necessidade de se olhar para dentro da realidade brasileira, sem se distanciar do povo, de toda a estrutura – ou falta de – que lhe é emergencialmente requerida.

Dessa maneira aponta-se para o compromisso que o autor teve diante da palavra, cujo vínculo com a arte - a obra literária - significou, para João Antônio, a possibilidade de transformar a realidade de seu momento e de seu povo. Foi a partir desse manifesto que o autor levou adiante o desejo de profissionalizar a função de escritor, transformando-a em algo reconhecidamente social.

Em entrevistas a jornais¹⁷³, a críticos, ou enquanto palestrante em escolas e faculdades¹⁷⁴, João Antônio incorporou à sua fala o tema da profissionalização do escritor, por isso tal assunto não se dissociou de sua figura, fazendo com que os demais autores o vissem como um dos nomes que mais se empenhou em trazer à tona esse tipo de tema.

Outro empenho realizado por João Antônio recaiu sobre a questão do direito autoral, sobre o devido merecimento diante do próprio fazer literário, visto que, para sobreviver, o escritor precisava vender. Expandir as publicações, difundi-las, propagar a literatura que, para o escritor, não foram suficientes para abranger satisfatoriamente o

¹⁷³ HOHLFELDT, Antônio. João Antônio, um pingente da literatura. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12 set. 1976; MONTEIRO, Nilson. João. O das quebradas. *Folha de Londrina*, Londrina, 19 set. 1984. Estes são alguns dos exemplos de textos jornalísticos que versam sobre o tema profissionalização do escritor, frequentemente discutido pelo contista João Antônio.

¹⁷⁴ “Veja, passei a ser convidado por universidades, faculdades, institutos de letras e escolas de comunicação para debates, conferências e encontros em que falo sobre literatura e comunicação – o que cria uma margem apreciável de interesses e público.” (ANTÔNIO *apud* VIEIRA, 1976e).

contexto de divulgação da obra literária. Segundo João Antônio, essa questão de divulgar um livro, no caso do Brasil, foi e ainda permanece restrita. O autor sempre se questionou sobre o papel da cultura brasileira e, por isso, sustentou: “[...] não temos um governo que esteja apostando na cultura” (ANTÔNIO *apud* MONTEIRO, s.d.). Se essa “luta” resultasse em profissionalizar a condição do escritor, o problema do direito autoral também teria outros rumos, levando qualquer artista a legitimar ainda mais sua situação entre os demais profissionais.

Estas são contradições brasileiras, se se atentar para o fato de que o autor questionou o reduzido número de livrarias que existiam no país, em sua época. Atrelou-se à profissionalização a referência as poucas livrarias brasileiras que aqui surgiam, o que lhe permitiu pensar sobre o descaso cultural motivado pelos governantes, empresários ou envolvidos com a questão do livro no Brasil. Embora hoje existam mais livrarias, não se vê alterado o quadro esboçado por João Antônio, já na década de 1970, de modo que o preço de um livro ainda não está em condições de chegar às mãos do povo brasileiro¹⁷⁵.

Toda essa negligência para com o escritor nacional fez com que João Antônio saísse a campo e procurasse seus leitores, percorrendo os mais diferentes lugares do país cheio de contradições e ambições, assunto também discutido pelo autor em debates, em espaços acadêmicos e escolares. Com esses questionamentos, o contista levava os jovens a refletir sobre tais aspectos:

Confesso que a maioria dos estudantes fica maravilhada por saber que um escritor é um homem normal, que respira e fala. Que tem altos e baixos, algumas virtudes e defeitos, que sofre, ri ou tem perplexidades como os outros homens. Assim, quando lhes chega alguém, escritor, falando uma linguagem companheira, sem imposturas e sem tons professorais, mais questionando e debatendo do que ditando regras, a rapaziada mostra como é – potencialmente rica, honesta, interessada em problemas brasileiros, entusiasta, na força da idade e do espírito, sem corrupções e vícios. Séria e muito fecunda – contrariando preconceitos que lhes sobrecaem. Só lhes falta orientação, aberturas, horizontes. Quando alguém, limpamente, lhes oferece oportunidade de

¹⁷⁵ Para minimizar essa ausência de livros entre o povo, é preciso haver mais bibliotecas, espaços culturais, salas de leitura em escolas e lugares periféricos, já que o objeto livro ainda continua distante daqueles que são desprovidos economicamente. Com preços fora da realidade do povo, o valor monetário de uma obra literária não acompanha a vontade de se apreciar a leitura de um texto clássico, por exemplo, que se volta para a cultura brasileira e é, portanto, universal, pois, mais negativo do que não promover a própria literatura é divulgar aquela considerada *best-seller* e ícone de vendas.

participar, discutir, trocar conhecimentos, demonstram vivacidade e sensibilidade. (ANTÔNIO, 1979).

Essa articulação entre leitores foi uma de suas ações, quando o assunto era a literatura e todo seu contexto de produção e de divulgação. Se não se comprometesse tanto assim com sua escrita, talvez João Antônio não usufrísse de toda a repercussão que sua obra teve, entre outros escritores e público. O empenho travado com as contradições de sobrevivência impulsionou-o a pensar sobre seu ato de escrita, sobre suas manifestações e sobre seu próprio objetivo literário diante dos temas sobre os quais escolheu discorrer, seja enquanto jornalista, seja enquanto ficcionista.

Ao receber um livro dedicado por outro autor, João Antônio promoveu modos de se fazer ouvido, quando o tema era a luta pela profissionalização do escritor, em suma, dos bastidores de produção. Todos os autores que o acompanharam ou que mantiveram contato mais próximo com ele sabiam que suas ações literárias e extraliterárias foram significativas para a composição de seu projeto estético e, por extensão, de um projeto social.

A partir do teor de uma dedicatória, por exemplo, sua condição de combatente voltou à cena e fez com que a dedicatória fosse vista como uma marca textual que elucida os questionamentos referentes ao seu processo criativo e às ações de bastidores. Esse tema, tão caro ao escritor, jamais foi esquecido por ele, propósito que foi um dos incentivos para percorrer tantos centros de cultura e de público.

João Antônio, por conseguinte, chamou para si a responsabilidade de aprofundar debates, quando o assunto era a profissionalização do escritor, de tornar legitimadas as ações daqueles que se debruçaram sobre situações cotidianas de sua realidade nacional. Ele argumentou:

No meu caso, acho simplesmente que o escritor não se profissionaliza porque não começa a abrir caminhos, estudar novas possibilidades, mesmo que seja a peitadas e remando contra a maré. Há outros entraves e a verdade é que vivemos ainda num país de cultura muito provinciana. Se um escritor não fala, ele é omissor; se fala, é cabotino. Escritores em geral têm trabalhado mais em função de um pó de vaidade pessoal do que em termos de uma possível, embora distante e difícil, profissionalização. Muito necessária outra consciência não apenas literária mas também como política de trabalho. (João Antônio: o escritor não é um burocrata – Acervo João Antônio).

Assim, João Antônio problematizou o tema profissionalização do escritor, defendendo os encontros com o leitor, de modo a não só divulgar livros, mas, sobretudo, partilhar a reflexão suscitada pelos temas que escolheu trabalhar. Esse assunto, muito sério para o contista, manifestou-se como “política de trabalho”, com o intuito de chamar a atenção de sua própria comunidade. Aliando-se à constituição de seu projeto literário, é imprescindível destacar o quanto a sua busca por leitores e de levar sua mensagem deu-se como uma espécie de roteiro de composição a ser passado para aqueles que apreciavam sua escrita. Por isso, ao percorrer escolas e faculdades, encontrou-se com seu maior incentivador cultural: o leitor.

Nesses encontros, João Antônio tinha também a possibilidade de conhecer de perto o perfil do leitor, elaborar reflexões sobre seu país, chamar a atenção desse público que, para ele, era importante na trajetória de qualquer escritor. Sobre esse assunto, é interessante destacar o posicionamento do crítico Antonio Candido, o qual faz uma reflexão sobre a tríade escritor-obra-público, que, de certa forma, está associada ao assunto remuneração do trabalho do autor:

Se a obra é mediadora entre autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição do autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. (CANDIDO, 1985, p. 75-76).

Essa definição de si mesmo, ou seja, do autor ante o ato criativo, sob o ponto de vista do leitor, tem ressonância em qualquer artista que espera algo de seu público, criando, ele próprio, expectativas sobre seu trabalho, porque sua produção foi criada para determinado público. E esse trabalho, sendo remunerado ou reconhecido, sem dúvida permite ao criador estar em uma situação, de certa forma, mais confortável. São os jogos estabelecidos pela comunidade, muito comum de serem vividos e vistos, e que visam a buscar reconhecimento.

Assim, no paratexto remetido por Julieta Ladeira de Godoy, há um dos exemplos em que se percebe o jogo editorial vivido por mais uma integrante da comunidade e

entre João Antônio, demais autores e casas editoriais, cujas estratégias mercadológicas e intelectuais são enfocadas:

Levei três anos, João Antônio, escrevendo esse livro. Não foi brincadeira. É verdade que durante esse tempo organizei diversas antologias, trabalhei muito, escrevi artigos, etc. Agora, estou envolvida em outro, bem diferente. Mas esse absorveu muito de mim e nele coloquei, para o público, meu sofrimento, dor e superação de muita coisa – minhas formas de dar a volta por cima, e continuar, apesar de tudo. Minha força de sobrevivência, através da literatura – minha e dos outros. Julieta. (LADEIRA, 1984).¹⁷⁶

Por isso, mesmo circulando em âmbito privado (de autor para autor), as dedicatórias desdobram-se como meios de se compreender a formação da rede de sociabilidade utilizada pelos escritores de sua época, as apreensões quanto a publicar ou não, tudo atrelado ao prazer de se comunicar por meio da palavra e trazer ao público reflexões sobre momentos particulares, de vivência pessoal, mas transpostas com o objetivo de proporcionar ao homem o encontro com a palavra.

As relações entre dedicador e dedicatário se acercaram de fatos pessoais, históricos, sociais, políticos e literários e, nesse sentido, contemplaram parte da constituição do projeto literário de João Antônio. Um autor, ao fazer uso de uma dedicatória manuscrita, lança-se num jogo de relações, testemunhando, sobretudo, estratégias mercadológicas, cujos diálogos entre autor, obra e receptor desta possibilitam interlocuções com os fatos histórico, social e cultural do momento. A marca autoral fixada pela dedicatória possibilita não só compreender o posicionamento de determinados intelectuais e do próprio escritor, mas também emoldurar parte da história literária.

3.3 “João Antônio, espero que te agrade esse estudo – inevitavelmente apaixonado pelo nosso Lima Barreto”¹⁷⁷

¹⁷⁶ LADEIRA, Julieta de Godoy. *Era sempre feriado nacional: contos*. São Paulo: Summus, 1984.

¹⁷⁷ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ; UNICAMP, 1993.

Beatriz Resende ¹⁷⁸ foi a autora dessa dedicatória e identificou uma das atmosferas vividas pelo contista paulista, que foi a alusão à obra de Lima Barreto, pois as dedicatórias desvendam o gosto do dedicatário por essa filiação literária. Com a alusão a Lima Barreto, João Antônio divulgou sua admiração a ele e esse fato é verificado em alguns textos das dedicatórias manuscritas, reconhecido por sua comunidade. Outras filiações literárias apareceram entre a coleção de obras dedicadas, tais como Máximo Górkí, Mário de Andrade, Alcântara Machado, Monteiro Lobato. Simpatias e fontes literárias conhecidas foram lembradas por outros escritores nos paratextos enviados, como se observa a seguir:

Ao escritor e amigo, João Antônio - que é do Lima Barreto com o abraço de sempre do / H. Pereira da Silva / 79. (SILVA, 1977/1978).¹⁷⁹

João Antônio / Neste quase final do século em que despontou Lima Barreto, trazer para a literatura / nossa vivência negra continua a ser desconcertante para a cultura brasileira. / SÃO PAULO, 14 MAIO 84. (BARCELLOS, 1982).¹⁸⁰

Ao João Antônio, 'máximo' e 'gorki', afetuosamente o Hermann / 11.2.63 (REIPERT *apud* GOOSSEN, 1961).¹⁸¹

Ao meu caro João Antônio, irmão em Mário de Andrade, com o abraço do Moacir / Werneck de Castro / Rio, agosto 1991. (CASTRO, 1989).¹⁸²

Para João Antônio, esse novo Antônio de Alcantara Machado, of. / Dacyr Gatto. (GATTO, s/d).¹⁸³

¹⁷⁸ Beatriz Resende é doutora em literatura comparada, crítica e ensaísta. Trabalha atualmente na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e escreve periodicamente em suplementos de São Paulo e Rio de Janeiro.

¹⁷⁹ SILVA, H. Pereira da. *Montaigne: Brasil, alma e obra*. Rio de Janeiro: Mseográfica, 1977/78.

¹⁸⁰ BARCELLOS, Luiz Claudio. *Cadernos negros - 5: poesia*. São Paulo: Copidart, 1982.

¹⁸¹ GOOSSEN, E.C. *Stuart Davis*. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

¹⁸² CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

¹⁸³ GATTO, Dacyr. *Sonetos do meu caminho*. s/l.: Cupolo, s/d.

Entre as obras supracitadas, há o contato com o rol de autores a que frequentemente João Antônio se referiu e, possivelmente, leu. Considerados autores clássicos da literatura nacional e estrangeira, tais escritores figuram no Acervo João Antônio, com as mais variadas obras, tornando-se fonte de consulta efetiva do escritor-dedicatário, portanto, fontes para novos desdobramentos e pesquisas.

A partir de uma das dedicatórias transcritas, percebe-se, além de Lima Barreto, outro nome que se associou à filiação literária de João Antônio, o também escritor Máximo Górkí. Este, transitando na biblioteca pessoal do contista por meio de sua obra, é também uma das fontes de referência do dedicatário e, por isso, coopera com sua formação intelectual. Prova disso é que estão dispostos em seu Acervo pelo menos sete obras de Máximo Górkí, com marginália feita por João Antônio, a qual estreita essa relação entre autor (escritor russo) e leitor (João Antônio). Enquanto leitor de Máximo Górkí, não só se apresenta uma de suas filiações literárias, como se conhece o autor estrangeiro como um dos nomes relevantes da ficção russa que foi fundamental para a formação cultural do dedicatário, sem aqui deixar de mencionar a importância, para o contista, de outro autor russo – Fiodor Dostoiévski, além das que vieram inicialmente:

Vieira, Bernardes, Eça. Através destes caras descobri o resto. O resto no caso é a vasta literatura mundial da qual soube recolher o melhor: Zola, Steinbeck, Jack London. (“Lima Barreto, agora”, 1976c).

Quanto à dedicatória enviada pelo escritor José Hermann Reipert¹⁸⁴, ela revelou que o dedicatário tinha consciência da preferência de leitura de João Antônio, pois, enquanto amigo pessoal e assíduo em correspondências que trocaram, ao longo de suas carreiras, José Hermann Reipert conheceu o gosto literário de João Antônio.

As outras filiações literárias de João Antônio apresentadas nas dedicatórias são Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Alcântara Machado. Essa tríade intelectual recebeu o mesmo respeito e consideração, por parte do contista, que Máximo Górkí, tendo em vista as leituras que ele fez das obras desses escritores. Receberam atenção especial, porque as obras desses três autores aparecem encapadas e com marginália, atitude tomada pelo contista, quando considerava algum trecho interessante, tecendo seu

¹⁸⁴ José Hermann Reipert (1916-1988) foi romancista, contista, ensaísta. *Publicou Gente nova de São Paulo* (1972), *Afonso Henrique, nome de rei* (1976), *Aleluia Profana* (1983), dentre outros. Todas essas obras figuram também na coleção de livros dedicados a João Antônio.

comentário crítico. Tal ação de João Antônio aponta o quanto o autor recorreu a essas leituras, a fim de estar em contato com outros estilos ficcionais.

Ver, em seu *Acervo*, esses clássicos da literatura nacional e universal permite que se conheçam as práticas de leituras de João Antônio, que, ao longo de sua carreira, se consolidaram e resultaram em pauta para estudos particulares e discussões, além do reconhecimento de obras e legados, quando o autor paulistano os classificou como homens que se propuseram discutir sobre a realidade na qual viveram.

João Antônio, homem atuante em sua realidade, especialmente quando se referia ao projeto literário de um escritor, reafirmou seu posicionamento, ao destacar que o propósito de um autor deveria estar atrelado à realidade de seu povo. Por isso, o contista discorreu sobre um ideal notabilizado no ensaio “Corpo-a-corpo com a vida”, relacionado à escrita dos autores supracitados, lembrado nesse depoimento e apresentado pelos teores das dedicatórias.

Máximo Górkí, Monteiro Lobato, Mário de Andrade ou Alcântara Machado não são mencionados no ensaio “Corpo-a-corpo com a vida”, mas nem por isso deixam de se associar a esse propósito joãoantoniano, porque buscaram produzir uma literatura com marcas de universalidade, motivada a dar voz ao povo ou aos marginalizados.

Enquanto leitor das obras dos escritores-dedicadores, João Antônio, participante ativo de sua comunidade, dialogou com eles, sempre atento aos seus anseios, aos seus lugares. Por esse viés, Michel de Certeau observa que o texto lido

[...] se torna texto através de sua relação com a exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de ardis entre duas expectativas combinadas: aquela que organiza um espaço legível (uma literalidade) e aquela que organiza uma diligência, necessária à efetuação da obra (uma leitura). (CERTEAU *apud* CHARTIER, 1990, p. 247).

João Antônio, enquanto leitor, participou de sua rede de sociabilidade e pluralizou a circulação de seus escritos, pois, a partir de leituras de obras de outros escritores, promoveu uma movimentação intelectual considerável para sua atuação e formação, emoldurando seu destino pessoal e, conseqüentemente, coletivo.

Essa congregação de relações cristalizou-se nos textos das dedicatórias, os quais abriram caminhos para a leitura da obra ficcional e, por esse processo de caminhos duplos, a alteridade entre os escritores se legitimou. A leitura do outro formou seu

processo criativo e suas experiências formativas. Segundo as considerações deixadas pelo pensador russo Mikhail Bakhtin, vê-se que “[...] são as relações com os outros que nos constituem” (FARACO *et al.*, 2007, p. 11) Em *Diálogos com Bakhtin* (2007), no texto de apresentação, os autores Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza e Gilberto de Castro, refletem sobre a relação com o outro:

É por ouvir amorosamente a palavra dos outros que Bakhtin percebe com clareza a relevância das perguntas que levantaram. E não aceitando as respostas, por discordar de seus fundamentos, oferece outras respostas engenhosas e inovadoras a essas perguntas indispensáveis, numa prática exemplar da compreensão responsiva de que tanto ele nos fala em seus textos. (FARACO *et al.*, 2007, p. 12).

Essa relação que se estabelece com o outro, no caso, com o dedicador, motivou o escritor João Antônio a tecer algumas reflexões sobre determinadas questões, tais como o aparecimento de novos escritores no mercado editorial brasileiro, além de suas apreensões, a produção brasileira, no âmbito da literatura, além de outros aspectos que as próprias dedicatórias, aqui apresentadas, evidenciam ao longo deste estudo.

Assim, o que se observa é que a constituição do projeto literário de João Antônio foi configurada desde seus primeiros contatos com a leitura, mas esta não poderia ser formada sem a contribuição familiar que o contista vivenciou. À medida que se transformava por esses incentivos vindos de casa, bem como pelo itinerário de leitura que trilhava, João Antônio formava-se escritor. As filiações literárias que integraram o percurso desse dedicatário-leitor fizeram com que ele observasse o quanto a literatura produzida em âmbito mundial e nacional era cercada de um olhar crítico em face da realidade daqueles nomes que, de certa forma, o impulsionavam a escrever. Nomes como os considerados clássicos – Gregório de Matos, Ramalho Ortigão, Cervantes, Balzac, Fiodor Dostoiévski, Anton Tchecov, Máximo Górkí, Graciliano Ramos, Machado de Assis –, só para citar alguns, nortearam seu olhar crítico sobre o que de fato escolheria como matéria para compor sua produção.

3.4 "Para Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia e João Antônio – escritor"¹⁸⁵

Na terceira temática aqui abordada, João Antônio problematizou o assunto “marginalizados sociais” ou os seus “pingentes urbanos”, suscitando em seus dedicadores-leitores a recorrência a esse tema. Por meio dos assuntos tratados em sua obra, iniciaram-se diálogos, reportando-se aos “desvalidos”, fato que se percebe nos textos dedicados transcritos abaixo:

Ao caríssimo João Antônio que transforma em palavras as almas da noite. Com um abraço fraternal do Paulo Bomfim. (BOMFIM, 1963).¹⁸⁶

Para João Antônio / lembrança pobre do malandro frustrado e amigo e admirador seu / MSB / 14-9-66. (BRITO, 1966).¹⁸⁷

Para o João Antônio, modesta contribuição à linguagem do malandro com o abraço do / D'Almeida Vitor. (VITOR, 1969).¹⁸⁸

Para João Antônio, admirável retratista do sub-mundo, dos marginalizados - com a viva admiração do autor / Brasigóis Felício / Go 13/3/76. (FELÍCIO, 1975).¹⁸⁹

Para João Antônio, escritor do nosso povo, dedico com admiração. Murilo / 7-5-76. (SOARES, s/d).¹⁹⁰

¹⁸⁵ NEJAR, Carlos. *De "Sélesis" a "Danações"*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1975. (Coleção Sélesis). "Para Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia e João Antônio - escritor – a homenagem amiga do Carlos Nejar / P.A. out / 76".

¹⁸⁶ BOMFIM, Paulo. *Sonetos da vida e da morte*. São Paulo: Martins, 1963.

¹⁸⁷ BRITO, Mário da Silva. *Poemário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

¹⁸⁸ VITOR, E. D'Almeida. *Pequeno dicionário de gíria entre delinqüente*: pesquisa em torno da linguagem de um subgrupo social. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

¹⁸⁹ FELÍCIO, Brasigóis. *Monólogos da angústia*: contos. Goiânia: Oriente, 1975.

¹⁹⁰ SOARES, Murilo Cesar. *Anaflor, uma noite*: contos. São Paulo: Símbolo, s/d.

Para o João Antônio, que trouxe o povo para a literatura atual, estes latidos do Moacyr Scliar. (SCLIAR, 1977).¹⁹¹

Ao autor de 'Malagueta, Perus e Bacanaço' que denuncia a marginalidade em que vive grande parte da população de nosso continente, com um abraço / SP/ 4/8. (LESCANO, 1978).¹⁹²

Para João Antônio, escritor importante, conhecedor da violência, à espera das boas. (LINS, 1983).¹⁹³

Para João Antônio, que já me encantou com tantos malandros e outros tipos, retribuo agora humildemente e com a velha amizade. / Zé Armando / 6-5-91. (SILVA, 1991).¹⁹⁴

Diante do exposto pelas dedicatórias, observa-se que os escritores ofereceram-lhe obras tendo como assunto a temática desenvolvida pelo contista, tornando-se reconhecido na comunidade por sua criação ficcional. Por outro lado, muitos dedicadores, ao mesmo tempo em que se referiram ao trabalho de ficção, expuseram suas produções e consequente pedido de leitura. A admiração pelo trabalho ficcional de João Antônio foi narrada pelos dedicadores, cuja oportunidade de manifestação de apreço se fez presente no teor das dedicatórias.

A admiração por sua produção permitiu a João Antônio firmar seu propósito de escrita, motivo que o levou a estar em contato com demais escritores que, em certa medida, conheciam o que se produzia entre sua comunidade. Essa intensa relação de reconhecimento mútuo levou-os a criar vínculos cada vez mais motivadores, pois serem lidos era um dos objetivos principais da comunidade¹⁹⁵.

¹⁹¹ SCLIAR, Moacyr. *Mês de cães danados*. Porto Alegre: L&PM, 1977.

¹⁹² LESCANO, Mário Jorge. *Amanhã São Perón*: contos. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção de Autores Brasileiros, 27).

¹⁹³ LINS, Ronaldo Lima. *A lâmina do espelho*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1983.

¹⁹⁴ SILVA, José Armando Pereira da. *O teatro em Santo André - 1944-1978*. Santo André: Public, 1991.

¹⁹⁵ Dentre a coleção de obras dedicadas, 23 resenhas foram elaboradas pelo escritor João Antônio, quando de sua atuação no jornal *Tribuna da Imprensa* (1993-1996). Algumas dessas resenhas foram, com respectivos artigo e obra: “Moacyr Félix, o poeta da geografia humana”, livro dedicado *Antologia poética de Moacyr Félix* (1993); “Uma força da terra nos versos de cordel”, livros dedicados de Dalton Trevisan *Vampiro de Curitiba* (1970) e *Cemitério de elefantes* (1972); “O nome curto é de um senhor poeta”, livro dedicado *Curral de peixe* (1995), de Lêdo Ivo.

3.5 "Para João Antônio o Paulo Emilio"¹⁹⁶

Como último exemplo, destaca-se a prática clássica e mais usual da dedicatória, mais próxima do estilo conciso que uma dedicatória manuscrita pode demonstrar – “De X para Y” – que é a de homenagear o dedicatário, enviando-lhe uma obra. Interessante notar como foi o registro de admiração, de respeito, de amizade e de afetuosidade divulgados por outros escritores, por meio das dedicatórias. Escritores ou poetas como Manoel de Barros, Hilda Hilst e Assis Brasil são alguns exemplos que figuram na coleção de obras dedicadas e que se reportaram à homenagem sincera e amiga:

Ao João Antônio, estas estórias do cotidiano, ofereço com a homenagem e amizade do seu admirador maior / Henrique / 11 - fev. - 1976. (ALVES, 1975).¹⁹⁷

A João Antônio o abraço, a admiração de H. Hilst / 1977. (HILST, 1977).¹⁹⁸

Para João Antônio / homenagem ao escritor e um abraço / Manoel de Barros / em 27-4-84. (BARROS, 1982).¹⁹⁹

Para João Antônio, amigo - em - Joel Silveira, com a admiração do João Cabral de Melo Neto / 1985. (MELO NETO, 1984).²⁰⁰

Primavera, 1984 / Para o querido João Antônio, o carinho e a admiração sempre, da Lygia. (TELLES, 1984).²⁰¹

¹⁹⁶ GOMES, Paulo Emílio Salles. *Três mulheres de três ppês*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Paralelos) "Para João Antônio o / Paulo Emilio / SP Abril 1977". Este é um dos exemplos de dedicatória clássica “De X para Y”.

¹⁹⁷ ALVES, Henrique L. *Círculo negro: contos*. São Paulo: H, 1975.

¹⁹⁸ HILST, Hilda. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977.

¹⁹⁹ BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

²⁰⁰ MELO NETO, João Cabral de. *Auto do frade: poema para vozes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Coleção Poiesis).

²⁰¹ TELLES, Lygia Fagundes. *Os melhores contos*. Seleção de Eduardo Portella. 2. ed. São Paulo: Global, 1984.

Para João Antônio, do velho admirador / Assis Brasil. (BRASIL, 1995).²⁰²

Por conseguinte, há ainda, em outros momentos de envio das dedicatórias, muitas que registram o quanto a comunidade de escritores se pronunciou sobre a admiração e carinho que tinham sobre a figura de João Antônio.

Nesse inventário literário e historiográfico suscitado pelas dedicatórias manuscritas, diversos autores entraram em contato com o escritor João Antônio. À proporção que divulgavam obras, sempre que possível remetendo-lhe não somente marcas paratextuais, os dedicadores mostram registros de percurso de trabalho quando integrantes de uma comunidade. Foram vistas as memórias vivenciadas pelas ações coletivas que levavam a um objetivo comum: chegar ao público e à crítica. E, nesse jogo de relações, vê-se de que forma projetos literários foram constituídos a partir dos assuntos tratados nas dedicatórias.

²⁰² BRASIL, Assis. *Teoria e prática da Crítica Literária*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

4 PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA: AUTORIA E PUBLICAÇÃO DE ESCRITORAS E AS INTER-RELAÇÕES COM JOÃO ANTÔNIO POR MEIO DAS DEDICATÓRIAS

Abordar a representatividade feminina na literatura brasileira, a partir dos textos das dedicatórias, possibilita que se conheçam as atividades extraliterárias entre a comunidade, experiências trocadas que culminaram em publicações e reconhecimento de trabalhos entre João Antônio e as escritoras elencadas neste capítulo.

Quatro nomes foram escolhidos para figurar na análise deste capítulo, tendo como ponto de partida alguns pressupostos: a notoriedade das escritoras Clarice Lispector e Nélide Piñon, tanto em território nacional quanto estrangeiro, e, por essa visibilidade, descobre-se com as dedicatórias quais os anseios e modos de pensamento ante suas ações literárias e extraliterárias, todas partilhadas com o contista.

No caso de Cleonice Rainho, por representar a região mineira, a escolha de seu nome permitiu ver como o espaço mineiro pode aproximar autor e autora; quanto a Nelly Novaes Coelho, por ter exercido a sua visão de crítica literária e porque todos os seus livros podem ter feito parte do repertório de leitura do dedicador. No entanto, o que prevalece dentre essas escolhas é que todas, ao longo de suas carreiras, mantiveram contato com João Antônio e puderam manifestar opiniões, cuja inter-relação norteia pensamentos e atitudes de escritoras as quais lutaram para conquistar espaço na cultura nacional²⁰³.

As obras dedicadas enviadas pelas quatro escritoras mostram ações aliadas à divulgação de seus trabalhos, mas, sobretudo, apresentam bastidores de criação, os quais, por sua vez, trazem à tona o conhecimento de trajetórias pessoais. Refletir sobre temas que as escritoras discutiram, em suas épocas, representa um dos modos de se constituir um breve panorama da literatura contemporânea, em se tratando de vozes femininas.

Assim, pelo conjunto da coleção de obras dedicadas, as escritoras tiveram a possibilidade de se inter-relacionarem com o autor João Antônio, permitindo-lhes movimentarem-se entre os demais escritores, a fim de se fazerem ouvidas no meio

²⁰³ Sônia Coutinho (1939-2013), com *Os venenos de Lucrecia*, *O caso Alice* (1991) e *Nascimento de uma mulher* (1996), remeteu ao autor essas três obras; Guimar de Grammont (1963) enviou ao escritor o livro *O fruto do vosso ventre* (1994), Leda Miranda Hühne (1934) mandou-lhe *O Jardim Silencioso* (1995), entre tantas outras escritoras.

intelectual. As dedicatórias enviadas ao contista registraram os caminhos percorridos por escritoras de renome nacional e internacional, que, em igual medida, tiveram a oportunidade de lançar reflexões sobre a obra joãoantoniana, sobre as suas e, em consequência, a propósito de outros autores.

Nesse aspecto, enquanto escritoras-leitoras, elas evidenciaram, pelas dedicatórias, o reconhecimento do trabalho do escritor, considerando os assuntos que lhe foram caros. Ao mesmo tempo, elas²⁰⁴ viram no autor a possibilidade de divulgarem suas obras, e não apenas homenageá-lo, função primeira de uma dedicatória.

4.1 De Clarice Lispector a João Antônio: amizade intelectual e pessoal

João Antônio e Clarice Lispector (1920-1977) tiveram muito em comum, a começar pela idade precoce com que iniciaram seus escritos. Nascida em 1920, com apenas nove anos de idade, ela produz uma peça de teatro intitulada *Pobre menina rica*²⁰⁵. No entanto, ela não foi publicada. Quanto a João Antônio, aos doze, escreveu seus primeiros textos, em uma revistinha com temática infantojuvenil chamada *O Crisol*.

Estes foram seus inícios extraoficiais e significativos em suas formações. Marcos importantes porque ajudam a compor a personalidade e formação de um escritor, por isso sempre devem ser resgatados de modo a fazerem com que o leitor ou pesquisador de suas obras entenda o percurso realizado, no decorrer do tempo, até chegarem de fato à sua consagração.

João Antônio e Clarice Lispector teceram várias reflexões ao longo de sua escrita. Assim, a publicação oficial de Clarice Lispector veio depois de vinte anos, ou seja, em 1940. O texto foi o conto “Triunfo”, publicado no jornal *A Noite*. Na década de 1940, também teve a publicação da primeira obra, *Perto do coração selvagem*²⁰⁶ (1943).

²⁰⁴ Não no caso de Clarice Lispector, pois já era escritora reconhecida pela crítica.

²⁰⁵ O texto, uma peça de teatro em três atos, foi rasgado pela escritora: “Perdi, não sei o que foi feito deles [...] e como eu já falava de amor, escondi a peça atrás de uma estante, com medo de que a achassem e me revelasse, infelizmente rasguei o texto. Digo infelizmente porque tenho curiosidade do que eu achava de amor aos nove precoces anos” (LISPECTOR *apud* PEREZ, P. 70).

²⁰⁶ A obra *Perto do coração selvagem* enfoca as situações cotidianas da personagem Joana, a qual parece estar sempre em busca de algo, com questionamentos interiores, mas que nunca encontra respostas.

A trajetória de Clarice Lispector inclui suas incursões no trabalho jornalístico, que foi um modo de publicar sua literatura, além de buscar sobrevivência. Nessa época de trabalho jornalístico, fim da década de 1950, Clarice Lispector separou-se do marido e não queria viver apenas da pensão paga pelo ex-companheiro. O momento de término do casamento fez com que Clarice Lispector retornasse ao trabalho como jornalista. Foi quando compôs para a revista *Senhor* alguns de seus contos que, posteriormente, foram publicados em livro²⁰⁷.

O trabalho na revista *Senhor* aconteceu concomitantemente à data de envio de uma das três dedicatórias ao escritor João Antônio. Foi quando os dois autores se conheceram e, segundo o contista, em depoimento a Octávio Ribeiro (1978), discorreu:

eu conhecia a Clarice Lispector desde 1963 quando ela lançou, incrivelmente só, naquela época, a segunda edição de "Perto do Coração Selvagem", em São Paulo, na Livraria Francisco Alves, rua Líbero Badaró, numa noite. Nessa época era uma mulher de uma beleza inquietante, uma beleza muito pessoal, muito marcada, singular, uma beleza quase selvagem. Ela tinha uma beleza loura e ao mesmo tempo meio tomada de certa tropicalidade. E, ao lado disso, uma escritora que tinha essa mesma personalidade escrevendo. Quer dizer, talvez tenha sido uma das grandes escritoras brasileiras e quem sabe do mundo todo, principalmente hoje, por ser uma das mulheres de escritura mais feminina. (ANTÔNIO *apud* RIBEIRO, 1978).²⁰⁸

Dessa forma, a dedicatória da autora, de 1963, também pode confirmar a timidez observada por João Antônio:

A João Antônio, com votos de felicidade, Clarice Lispector / S. Paulo, maio 1963. (LISPECTOR, 1963).²⁰⁹

Para João Antônio, que, a partir de 1963, publica oficialmente a primeira obra, *MPB*, receber uma dedicatória de Clarice Lispector marca a amizade que já existia. Foi

²⁰⁷ “No volume *Alguns contos* há parte dos textos publicados anteriormente na revista *Senhor*” (GOTLIB, p. 398).

²⁰⁸ RIBEIRO, Octávio. Ela era uma discordância total. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 jan. 1978.

²⁰⁹ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves; Edição Popular, 1963.

o primeiro contato registrado a partir das dedicatórias, mas o que se observa é que já tinham laços de amizade. Ao desejar-lhe “votos de felicidade”, revelou o desejo de se aproximar de sua comunidade de escritores, a vontade de partilhar rumos promissores com João Antônio.

A dedicatória foi feita no primeiro livro da autora, *Perto do coração selvagem*, o qual, em 1963, estava em sua segunda edição. Para ambos os autores, 1963 concretizou-se como um ano de realizações e conquistas. Tal dedicatória denotou uma formalidade ainda tímida, em comparação com outra²¹⁰, a qual sinalizou maior proximidade entre os dois escritores.

Em entrevistas diversas que concedeu e pela rede de amizade intelectual que passou a ser pessoal, Clarice Lispector não se desvencilhou de seu papel intelectual com a palavra. Embora se recusasse a ter tal rótulo, foi escritora e intelectual, literata e profissional das letras, jornalista e tradutora, pois se aplicou tanto nessas incursões que não se pode ficar na denominação de mulher simples e comum. Contudo, no fragmento a seguir, traduziu suas sensações quando do contato com a palavra:

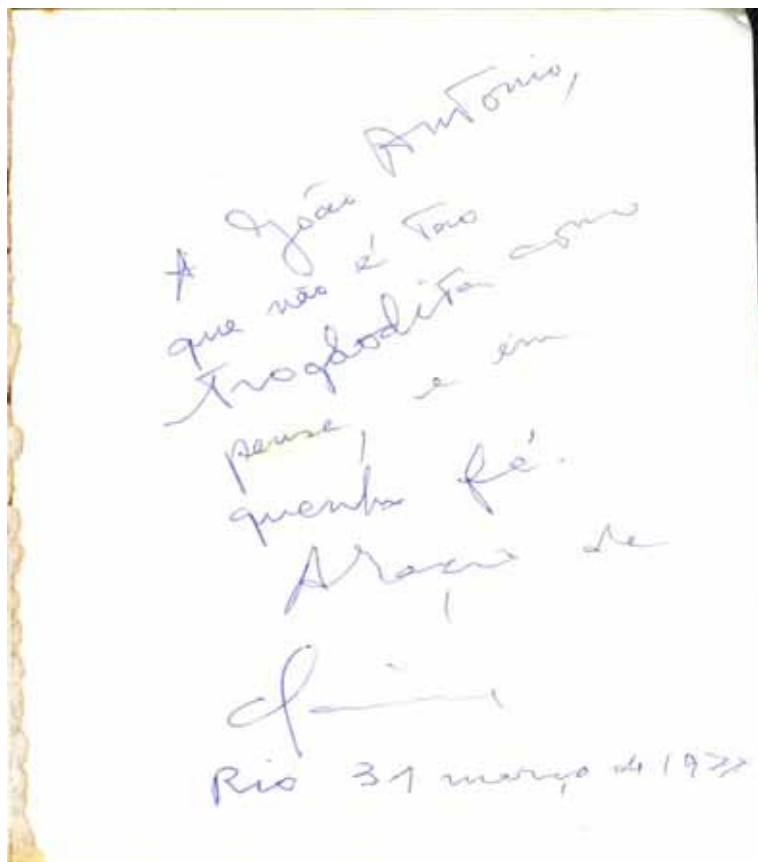
Não, não estou falando em procurar escrever bem: isso vem por si mesmo. Estou falando em procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir como um parto a primeira palavra que a exprima. (LISPECTOR, 2007, p. 21).

Assim Clarice Lispector se referia ao ato de escrever e se dizia morta, quando acabava um trabalho, de sorte a sempre estar em interação com a palavra.

Depois de 14 anos sem dedicar obras a João Antônio, provavelmente pela ausência do escritor no cenário de publicações, justificada por ter voltado a público somente em 1975, ficando desde 1963 fora do espaço literário, os dois escritores se encontraram por meio das obras dedicadas. Em dois paratextos de Clarice Lispector, observa-se um texto mais informal, explicitando uma aproximação e intimidade manifestadas pelas palavras transcritas abaixo:

²¹⁰ “A João Antônio, que é um puro mas que topa brigas, com amizade, / Clarice / Rio”. (LISPECTOR, 1963)

Ilustração 9: Dedicatória manuscrita de Clarice Lispector (1973)



A João Antônio, que não é tão troglodita como pensa, e (ilegível) fé. / Abraço de Clarice / rio 31 março de 1977 (LISPECTOR, Clarice. *A imitação da rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973).

Outra dedicatória que compõe seu Acervo é:

A João Antônio, que é um puro mas que topa brigas, com amizade, / Clarice / Rio 31 mar.1977. (LISPECTOR, 1963).²¹¹

As expressões “A João Antônio, que não é tão troglodita como pensa” e “A João Antônio, que é um puro mas que topa brigas” denotam uma sensibilidade da dedicadora e certo estreitamento com o autor, pois, como saber, sem se conhecerem, que se “é puro”? Somente um espírito sensível pode reconhecer outro, cujos olhares – ou para a

²¹¹ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves; Edição Popular, 1963.

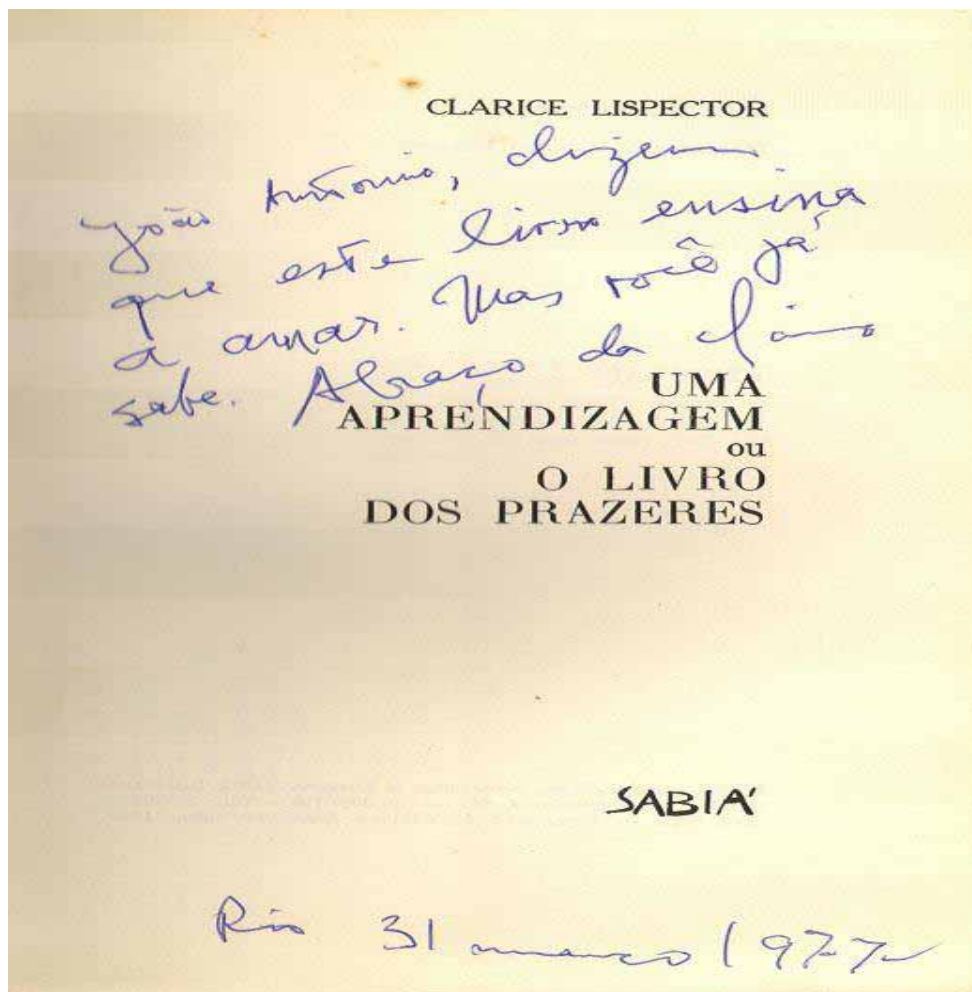
camada popular ou para a introspecção – se aproximaram e se verteram para a composição de suas obras e objetivos de escrita literários.

Enquanto escritor e intelectual, “puro”, “não [...] troglodita quanto pensa” descobriu-se por meio do outro, ou seja, teve a possibilidade de se conhecer ainda mais a partir da fala de Clarice Lispector. O contato realizado pela dedicatória da autora constituiu a figura do autor de um modo tão particular, tanto que pareceram se conhecer mutuamente. Nessa relação de amizade, iniciada no meio intelectual, os dois autores permitiram-se o encontro através de suas obras, com suas respectivas temáticas, envoltas pela constituição de seus projetos literários, dialogando a partir de uma dedicatória carinhosa e atenciosamente enviada, manuscrita, a outro da comunidade. É a relação literária materializada pelos bastidores de produção. É a “[...] história da amizade que se tece com enredos simples” (PIÑON *apud* GULLAR, 2007).

Após o envio da primeira dedicatória, em 1963, o segundo contato por meio do paratexto manuscrito aconteceu no ano de 1977, ano da morte da escritora. Importante enfatizar que as duas dedicatórias, datadas de 1977, contêm tons mais afetuosos e descontraídos, auxiliando a inferir que, ao longo dos anos, a relação entre ambos os escritores foi se estreitando. Os laços sugeriram mais proximidade e, dessa forma, aproximação intelectual, resultante do trabalho que desenvolveram com a palavra, buscando o leitor em vários espaços escolares e acadêmicos.

Com sua obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, houve um convite para se conhecer as reflexões suscitadas por uma das temáticas mais discutidas em todos os espaços de relação humana: o amor e seus desdobramentos.

Ilustração 10: Dedicatória manuscrita de Clarice Lispector (1969)



“João Antônio, dizem / que este livro ensina / a amar. Mas você já / sabe. Abraço da Clarice / Rio 31 maio 1977” (LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*: romance. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969).

João Antônio, ao estar diante dessa obra clariceana, teve a possibilidade de se constituir como seu leitor e reafirma essa condição ao deparar-se com o convite implícito à leitura, igualmente motivada pelo contexto da dedicatória. Clarice Lispector, todavia, remeteu-lhe a obra com a dedicatória sem intenção explícita de pedir a João Antônio que a divulgasse. Foi o oferecimento de um encantamento narrativizado, materializado pela escritora com suas palavras paratextuais.

Uma das possibilidades de interpretação está contida no trecho “[...] dizem que este livro ensina a amar”, denotando a crítica feita em torno de sua obra, a qual lhe trouxe clareza e conhecimento sobre o que se escreveu a respeito dessa produção literária. O verbo, de modo impessoal, demonstrou distanciamento sobre como a crítica se referiu a *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, entretanto, um distanciamento consciente, sem que com ele tomasse partido de nenhuma crítica. Por outro lado, ao se

posicionar com a frase “[...] mas você já sabe”, confirmou a temática utilizada em seu livro, convidando o leitor-dedicatário a apreciar sua narrativa.

Na verdade, “[...] mas você já sabe” colocou os dois autores em condições iguais de companheirismo e conhecimento mútuo sobre trabalhos com a produção ficcional e com os meios extraliterários de movimentação intelectual e pessoal. Ao lado dessa possibilidade de contato, no teor paratextual, há um carinho e afetuosidade bastante significativos, conforme o tom demarcado pela frase supracitada. Em se tratando de assunto tido como sublime – o amor, a dedicatória de Clarice Lispector mostrou sua sensibilidade em relação ao tema e, mais do que isso, fez com que houvesse a aproximação de duas amigas que ultrapassaram os contatos formais.

O que se pode pensar, a partir do trecho referente ao amor, é que toda a obra de João Antônio e consequente luta pelo reconhecimento foi o resultado de amor à literatura. Sua entrega em relação à palavra, aos seus ideais, aos seus objetivos de trabalho, tudo foi planejado e executado com consciência e amor à literatura.

A comparação das quatro dedicatórias de Clarice Lispector a João Antônio faculta ver que a primeira é simbolizada pelo tom formal, considerando a maneira como a assinou, ou seja, registrou seu nome inteiro. Nas dedicatórias posteriores, a assinatura informou uma proximidade mais particular: “Abraço da Clarice”.

Assim como João Antônio, Clarice Lispector simpatizou com as atitudes de outros intelectuais, quando a causa apontou a busca por reconhecimento diante do trabalho que realizaram, enquanto homens e mulheres que refletiram sobre as questões sociais de seu país.

4.2 Nélida Piñon: encontro com outra narrativa feminina

A escritora brasileira Nélida Cuiñas Piñon nasceu no mesmo ano do dedicatário. Esta foi a primeira afinidade. Contemporâneos de nascimento, adentraram igualmente no universo das letras. Desde muito cedo, Nélida Piñon encontrou-se com o mundo das palavras, criando ficções e reflexões sobre sua pátria e seu mundo de vivências. Enfatiza autora, em pronunciamento recente, datado de maio de 2013:

Sem a palavra não somos muito. A palavra diz o que tem de dizer, tem seu mistério, somos criaturas muito misteriosas. Não creio que a humanidade dispense o verbo, a menos que nos entreguemos a uma barbárie.²¹²

Publicações de suas obras resultaram em inúmeras atividades relacionadas à palavra, tais como palestras, encontros com leitores, divulgação de ideias, além de um significativo momento para qualquer escritor: a presidência da Academia Brasileira de Letras. Nesse espaço, desde o ano de 1997, está ao lado de nomes representativos da cultura nacional, permitindo-lhe frequente diálogo com renomados intelectuais.

E, nesse contexto profissional, norteado pela literatura, um detalhe importante não pode deixar de ser lembrado: foi a primeira mulher a presidir aquela instituição, logo, um momento memorável para a vida da escritora. Se antes dessa posição colheu bons frutos, resultado de sua produção ficcional, depois desse reconhecimento foi ampliado ainda mais sua visibilidade, enquanto escritora e pensadora de seu tempo.

Por esses caminhos percorridos, suas ideias e ações tornam-se imortais no contexto de nossa historiografia literária, cujo principal objetivo é associar os momentos de produção aos bastidores de criação de uma personalidade das letras. Nessa interlocução com sua atitude criativa, aliaram-se as práticas realizadas entre outros escritores e uma delas se constituiu pelo envio de dedicatórias que realizou para João Antônio.

A escritora Nélida Piñon é uma das renomadas artistas que manteve contato com João Antônio, por meio das dedicatórias. Encontraram-se pelas correlações paratextuais, permitindo, dessa forma, que se conheçam os assuntos que os aproximaram, mesmo que o encontro inicial tenha sido formal e respeitoso, como de praxe acontece, quando pouco se conheciam. Entre os anos de 1966 e 1994, Nélida Piñon enviou a João Antônio quatro livros dedicados.

A primeira dedicatória manuscrita remetida a João Antônio é de 1966, data de publicação de sua obra *Tempo das frutas*²¹³:

²¹² PIÑON, Nélida. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=14856&sid=960>. Acesso em: 25 out. 2013.

²¹³ “Depois de minhas duas primeiras obras, não sei por que me senti tentada pelo desejo de contar uma série de histórias breves em que se introduzia o proibido. Em um dos relatos, por exemplo, se fala de uma mulher que, com setenta anos, está disposta a parir” (PIÑON, 1966).

Ao prezado João Antônio, a estima e a admiração da Nélida Piñon.
(PIÑON, 1966).²¹⁴

Em face do teor vinculado à obra supracitada, dá-se o primeiro contato entre os dois. Contato inicial protocolar, ação comum entre escritores que quiseram fazer-se lidos e discutidos pela própria comunidade. Muitas vezes, o que se percebe diante do conjunto das obras dedicadas é que elas se colocaram como produtos simbólicos que fundamentaram o primeiro contato. Como João Antônio ocupava lugar de destaque entre escritores e intelectuais, desde 1963, sua movimentação entre os intelectuais e escritores de sua época resultou em encontros com tantos nomes de sua comunidade.

Em 1976, a segunda dedicatória instaurou o contato com teor menos formal, inferindo maior aproximação com o escritor. Na dedicatória feita em *Tebas do meu coração* (1974), cujo texto pode ser visto como desbravador da realidade brasileira, Nélida Piñon evidenciou, pela dedicatória, alguns aspectos singulares:

João Antônio, você é um príncipe de carne exposta. Cuide-se sempre. Você é muito importante para nós. Te (agradeço) algumas novas inquietudes da Nélida / P.A. 29.10.76 / Feira do livro (PIÑON, 1974).²¹⁵

Ao denominar o escritor como “um príncipe de carne exposta”, a autora expõe seu olhar agudo sobre a personalidade de João Antônio. Na condição de realeza, mas sem toda a honra concedida a um príncipe, a autora viu-o como um escritor dotado de delicadezas, “um puro”, como igualmente Clarice Lispector o definiu em dedicatória, discutida em momento anterior. Apresentar-se, com sua “carne exposta”, configurou ao autor a condição de observador e homem atuante frente às vicissitudes que um escritor se dispõe a enfrentar, em um país que não acolhia, na época de envio do paratexto, a leitura como prática primordial para o desenvolvimento da sua nação.

Por sua expressividade no meio literário, quando da enumeração de tais procedimentos que anularam a divulgação da leitura, o autor expôs suas ambições literárias para não só se legitimar na área das letras, como também chamou para junto de si a opinião de outros escritores de sua época.

²¹⁴ PIÑON, Nélida. *Tempo das frutas*: contos. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1966.

²¹⁵ PIÑON, Nélida. *Tebas do meu coração*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

Na expressão “[...] você é muito importante para nós”, resumiu-se o ideal dos escritores brasileiros, cujo empenho pelo reconhecimento de suas atividades, permeadas pela escrita, tornou-se motivo para discussão e reflexão. Esse papel foi desempenhado por João Antônio ao longo de toda sua carreira, bastando observar a infinidade de entrevistas e depoimentos que concedeu, além de palestras, cujo tema se referiu a esse desejo de tornar a profissão de escritor reconhecida pela sociedade.

Outra característica a ressaltar é o momento de escrita da dedicatória, uma tradicional feira de livro, realizada no sul do país. Os dois escritores certamente se encontraram naquele ambiente, divulgando suas obras e pensamentos. Em 1976, aconteceu, em Porto Alegre, a 22ª Feira do Livro, ambiente frequentado pelos escritores, a fim de divulgar suas produções e se encontrar com demais intelectuais. O início dessa feira porto-alegrense data de 1955, ano de realização da primeira reunião para se divulgar a produção nacional e, em 2014, estará em sua 59ª edição. No começo, os ideais da Feira eram:

A ideia de vender livros ao ar livre era justamente para quebrar o tabu de que a livraria era um lugar de elite. Os livreiros queriam popularizar o livro e incentivar a leitura, e, aos poucos, o objetivo foi alcançado. Logo na segunda edição, em 1956, surgiram as sessões de autógrafos. A iniciativa que começou de maneira informal, para aproximar escritores e leitores, se transformou em uma das principais atrações.²¹⁶

Pelos objetivos mencionados por João Antônio, promover-se num local como este, de certa maneira, correlacionou-se também com seu projeto literário. Estar em contato com o público, em um ambiente que não fosse somente uma livraria, ratificou seu desejo de colocá-lo em contato com uma obra de ficção.

As possibilidades enumeradas pelos textos das dedicatórias resgatam momentos relevantes para a história da literatura, sem que se esqueça de seus bastidores de constituição, especialmente quando o autor-dedicatário emoldurou suas práticas por meio da inter-relação e encontros com diversos escritores de sua comunidade. Sob tais práticas, é importante resgatar um posicionamento do teórico Mikhail Bakhtin:

216

Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?p_noticia=164730&prefeitura+firma+convenio+para+a+realizacao+da+feira+do+livro. Acesso em: 25 out 2013.

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Sob essa perspectiva, o paratexto de Nélida Piñon apresenta significações que elucidam parte da vida do homem e do escritor João Antônio, composição de mão dupla capaz de fazer visualizar suas experiências no campo literário, tanto da dedicadora quanto do dedicatário. Quando a dedicatória foi escrita por Nélida Piñon, há de se pensar sobre seus desdobramentos devido à atitude responsiva de João Antônio. Quando do envio dessa segunda obra dedicada, Nélida Piñon tinha seu espaço de consagração no *métier* literário e, portanto, tencionou receber a leitura do outro escritor. De certa forma, pareceu esperar a apreciação de João Antônio a propósito de sua obra.

Quanto ao terceiro paratexto, remetido em 1980, Nélida Piñon fez referência à legitimação da condição do escritor, marcado pelo tom da escrita da autora, reconhecendo-se mutuamente, enquanto escritores brasileiros e atuantes de seus momentos:

Ao João Antônio, valente e digno companheiro de ofício, o abraço muito afetuoso da Nélida Piñon / Rio, 10.10.80. (PIÑON, 1980).²¹⁷

Os termos “valente e digno companheiro de ofício” denotam uma simbologia significativa para os escritores, para suas ambiências vividas pelo universo da escrita ao qual estiveram inseridos. Ademais, para o contista, ao se tratar o assunto profissionalização do escritor, Nélida Piñon foi considerada por ele como outro nome igualmente associado a essa questão, conforme aponta o trecho a seguir:

Talvez você seja um dos poucos escritores brasileiros a abrir o jogo nas suas relações com as editoras. Como tem repercutido seu esforço no sentido de uma profissionalização do escritor nacional? Não sou o

²¹⁷ PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

único. Sou talvez o mais barulhento, o de maiores arroubos. [...] Um dia a conscientização será geral entre os escritores. Estou pagando para ver, mesmo que deixe a pele pelo caminho. Os lutadores vão surgindo, falando, fazendo coisas – Nélida Piñon, Antônio Torres, Loyola [...] (FARIA, 1979).

Além dos adjetivos designados pela escritora, comuns ao dedicatário e à própria dedicadora, há a admiração e carinho por João Antônio, marcando contato mais próximo que, ao longo dos anos, tendeu a se intensificar.

A última dedicatória, feita pela autora, em 1994, revela o quanto se trabalhou com o imaginário do escritor, com vistas a oferecer-lhe não somente mais um de seus livros. Mais do que isso, a dedicatória apontou o tipo de ação que se fez e que se faz, quando um escritor finaliza seu livro e o remete a outro autor:

Querido João Antônio, que este O pão de cada dia ilumine a mesa do seu cotidiano, com o abraço e a admiração da Nélida Piñon. (PIÑON, 1994).²¹⁸

O envio do livro inferindo leitura liga-se com a ideia de iluminar “a mesa de seu cotidiano” e, por isso, se revela como um chamamento para a sua apreciação. Palavras manuscritas que evocaram o leitor João Antônio, homem que incentivou a produção literária dos demais escritores, ora se referindo às suas escritas, ora aos obstáculos enfrentados antes de divulgar suas criações.

Por essa ótica de produção e pedido de leitura, ao se referir à “mesa de seu cotidiano”, há trajetos de leituras que podem se constituir pelo autor que recebe um texto dedicado vinculado a uma obra. Por isso, João Antônio teve a possibilidade de mapear sua rede de relações e a de suas leituras contemporâneas.

A troca de obras entre os dois nomes e com os que aqui se apresentaram motivou não só afinidades literárias, como também o conhecimento de outras obras que circularam no mesmo momento de criações e publicações.

É também interessante refletir sobre o recebimento de um texto dedicado, escrito de próprio punho, o qual testemunha a atenção do dedicador e o apreço pelo dedicatário,

²¹⁸ PIÑON, Nélida. *O pão de cada dia*: fragmentos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

principalmente quando o paratexto saiu da esfera do simples e formal oferecimento e adentrou no diálogo das ideias expostas por outro escritor.

Nesse sentido, Nélida Piñon registrou alguns de seus momentos vividos pela conquista da publicação, partilhando-os com João Antônio. Ao constituir seu projeto literário, discorreu sobre o universo feminino e, em entrevista, relatou a experiência com a palavra que a motivou a escrever sobre a condição feminina:

Tengo el gusto de prestar servicios en la literatura con memoria y cuerpo de mujer. Bajo la custodia de tiempos inmemoriales, me esfuerzo por buscar, entre tantas memorias, precisamente la memoria femenina. Intento saber con qué materia, con qué tejido, ella se fue fabricando. Esa memoria que, al fin de cuentas estuvo en todas partes, en todos los tiempos, desde la creación del mundo. (PIÑON, 2006).

Esse encantamento motivado pela literatura, vivido por esses dois nomes, surge, de acordo com o paratexto manuscrito, como uma característica inerente à comunidade de escritores, enfatizando a ação muito comum de se dedicar uma obra a outro escritor.

4.3 Nelly Novaes Coelho: olhar da admiradora e da crítica

A literatura aproxima, transforma, muda, transmuta o ser, em suas mais díspares vivências. Ela legitima e consolida vozes, motiva o ser a buscar novas perspectivas. Por tais possibilidades, a escritora e professora Nelly Novaes Coelho²¹⁹ encontrou-se com a literatura e difundiu-a entre sua comunidade, leitores, alunos e orientandos. Marcou seu espaço quando do encontro com essa arte, tanto a teorizando quanto a divulgando junto aos professores em formação. Escritora atuante, que percorre espaços acadêmicos em terras brasileiras e estrangeiras, caminho natural para aqueles que se entregam à

²¹⁹ Nascida em 1922, Nelly Novaes Coelho é ensaísta, crítica literária e professora. Desde 1992 está aposentada compulsoriamente, porém, continua atuando como professora convidada e orientadora de projetos científicos. Também é autora de obras de referência, como o *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira* (1983), e do *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, lançado em 2002.

literatura e à crítica. Seu mais recente livro²²⁰ é uma espécie de mosaico literário, em que apresenta 81 autores brasileiros, a partir de obras que publicaram, analisando-as sob a visão da ensaísta preocupada com os rumos literários da sua geração. Nele, tece considerações sobre João Antônio e, por esses e outros motivos, também se destaca sua participação na vida extraliterária de João Antônio. As dedicatórias que a autora lhe remeteu os aproximaram; elas caracterizam caminhos e fabulações dispostas apenas em nível privado, mas que, ao estarem em contato com os demais públicos, ganham maior visibilidade e desvendam ações, às vezes pouco perceptíveis aos leitores.

Admiração, homenagem e carinho foram os temas tratados nas dedicatórias a João Antônio, e estes foram os sentimentos que o contista despertou entre tantos escritores. Esses três substantivos abstratos denotaram a concretude desse homem que teve como objetivo difundir o gosto pela literatura. Tais paratextos representaram carinho e homenagem pelo trabalho realizado, desde 1967 a 1975, anos iniciais da atuação do escritor entre sua comunidade.

Ao observar duas das três dedicatórias, vê-se homenagem e apreço pelo trabalho de João Antônio com a literatura:

Ao querido João Antônio, com o forte abraço da Nelly / Fevereiro, 1967. (COELHO, 1966).²²¹

Para João Antônio, sempre lembrado, com a fraternal homenagem / Nelly / S. Paulo / junho 76. (COELHO, 1976).²²²

Assim, há a prática mais usual da dedicatória que é a de prestar uma homenagem e carinho. Esses dois livros publicados por Nelly Novaes Coelho, *O ensino da literatura* (1966) e *Literatura e linguagem* (1976), indicam o tipo de temática empreendida pela estudiosa, publicações que permitem visualizar sua inserção no espaço da crítica

²²⁰ COELHO, Nelly Novaes. *Escritores Brasileiros do Século XX* – um testemunho crítico. Taubaté-SP: Letra Selvagem, 2013.

²²¹ COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura: sugestões metodológicas para o curso secundário e normal*. São Paulo: F.T.D., 1966.

²²² COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976.

nacional. Ambas as obras, que compreendem a coleção de livros dedicados, podem ter ainda atuado como material de referência para as leituras de João Antônio.

Na terceira dedicatória enviada pela autora, há um tom mais informal, sublinhando o desdobramento da produção literária que o contista viveu, já que, em 1975, o autor voltou a divulgar novas obras e a reeditar seu primeiro livro *MPB*:

Ao muito querido João Antônio este livro a "quatro mãos" com a afetuosa homenagem e a grande alegria pelo "boom" que, hoje, seus livros estão provocando. / Da admiradora e amiga certa, / Nelly / S. Paulo 27/10/75. (COELHO, 1975).²²³

A referência ao *boom*, feita pela autora, denota a atmosfera cultural da época brasileira na qual muitos autores nacionais foram publicados, dividindo espaço com a divulgação de obras estrangeiras, os considerados *best-sellers*, momento já discutido no capítulo anterior.

Torna-se relevante pensar sobre o quanto João Antônio foi conhecedor do panorama editorial brasileiro de 1975, citando nomes de outras regiões brasileiras que mostraram novos rumos para a literatura nacional. Além dessa observação atenta do escritor, todas as obras às quais se referiu, em entrevista a Flávio Moreira da Costa²²⁴, estão listadas na coleção de livros dedicados, confirmando a sua noção a respeito da produção literária de mesma época em que suas obras também foram divulgadas.

O assunto abordado pela escritora Nelly Novaes Coelho – na dedicatória manuscrita – ratificou o quadro cultural do país que abrangeu novos nomes da ficção nacional. Enquanto crítica literária, a autora demonstrou, nessa dedicatória, o seu igual (re)conhecimento ante o quadro literário de outros escritores e o vivido por João Antônio. Nessa relação paratextual, a autora partilhou com o escritor a sua frequência editorial, pois a “grande alegria” ao vê-lo publicado atrelou-se ao sucesso que João Antônio recebeu, destacando-se entre a comunidade de escritores.

Os três textos dedicados por Nelly Novaes remetem a assuntos que pairaram sobre suas experiências com a palavra. Contatos que fomentaram suas ações e que

²²³ COELHO, Nelly Novaes; VERSIANI, Ivana. *Guimarães Rosa: (dois estudos)*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1975. (Coleção Escritores de Hoje).

²²⁴ Referência ao texto de Flávio Moreira da Costa, feita no Capítulo 3, na página 135, a respeito da publicação intensa de escritores brasileiros na década de 1970.

continuaram em entrevistas concedidas a jornais ou em encontros literários, para se discutir o fazer estético. Por esses motivos, as dedicatórias atuam como parte de seus projetos literários, haja vista a batalha que travaram nos bastidores de produção para, de fato, verem suas obras publicadas.

4.4 Encontro em Minas Gerais com Cleonice Rainho

Cleonice Rainho²²⁵ (1919-2012) encontrou-se com João Antônio por meio da literatura e de três dedicatórias manuscritas que fornecem elementos para que se entenda o contato entre os dois escritores.

O discurso paratextual entre os dois relata a representatividade que tiveram, nos meios intelectuais, principalmente porque a autora atuou como presidente da Associação Cultural Luso-Brasileira. Por esse trabalho realizado por ela, obteve importante destaque ao receber reconhecimento do governo de Portugal, por sua ativa participação e divulgação de escritores da literatura nacional, à frente daquela Associação. Assim, durante vinte e cinco anos, Cleonice Rainho teve a possibilidade de entrar em contato com diversos escritores, dando-lhes espaço para se manifestarem acerca de suas produções e pronunciamentos em relação aos seus projetos literários.

Enquanto autora de trinta obras, três delas enviadas a João Antônio – *O chalé verde* (1964), *Três quilômetros e picos* (1980) e *João Mineral* (1983) – Cleonice Rainho compôs o quadro literário nacional, entre os demais autores de sua época, que tiveram como objetivo difundir obras, principalmente no espaço mineiro.

Cleonice Rainho manifestou-se por meio da dedicatória na obra *O chalé verde* (1964), como modo de agradecimento pela ida do escritor à Associação Luso-Brasileira. Junto com o escritor Jefferson Ribeiro de Andrade, João Antônio e Cleonice Rainho protagonizaram o momento quando do encontro com uma plateia de universitários, a fim de discutir assuntos voltados à literatura e a todo seu contexto sociocultural.

Reportando-se ao autor com muito respeito, admiração e amizade, as dedicatórias revelam o trabalho em comum com a palavra e, em meados da década de

²²⁵ Nascida em Angustura, distrito da cidade de Além Paraíba (MG), integrou o quadro docente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), enquanto professora do Curso de Letras. Antes de se consolidar no espaço literário e no meio acadêmico, colaborou em diversos jornais de sua cidade, veículos que lhe abriram os caminhos para sua entrada no universo da literatura, mesma trajetória da maioria dos escritores.

1970, percorrendo toda a década de 1980, eles se inter-relacionaram, com o intuito de fortalecer seus laços fraternais e literários. Com o primeiro texto dedicado, Cleonice Rainho teve a possibilidade de agradecer a João Antônio pela visita a Juiz de Fora:

Ao escritor e amigo João Antônio, com votos de Boas-Vindas a *O chulé verde*, / oferece a autora, muito reconhecida pela honra e alegria de sua proveitosa visita a Juiz / de Fora. / Cordialmente, Cleonice Rainho. / J. Fora, 04.11.76. (RAINHO, 1964).²²⁶

Além do agradecimento por sua ida ao estado de Minas Gerais e consequente encontro para tratar de literatura, a autora ofereceu-lhe sua obra, inferindo leitura e possível interlocução diante de *O chulé verde*, ao referir-se textualmente “Ao escritor e amigo João Antônio, com votos de Boas-Vindas a *O chulé verde*, oferece a autora”. Não há como afirmar que João Antônio tenha lido tudo o que recebeu, no entanto, ao guardar as obras remetidas, percebe-se a ação cultural de um autor que vislumbrou o desejo de acolher em sua biblioteca pessoal todos os nomes que passaram em sua vida de escritor.

Esse ato representa a consciência do autor, ao tentar compor um painel da literatura brasileira, haja vista que, ao estar diante de tantos nomes nacionais e internacionais e de suas respectivas obras, evidenciava-se certo poder cultural de sua biblioteca. Seu Acervo, nesse caso, torna-se um importante centro de referência para pesquisas voltadas, sobretudo, à história de composição da literatura brasileira contemporânea.

Assim, a confirmação da visita do escritor João Antônio àquela região deu-se por matéria jornalística, publicada no *Diário da Tarde*, datada de 5/11/1976:

Ontem, às 5 horas da tarde, a livraria Península, na Galeria Hallack, estava repleta de universitários. Ao centro, dois escritores batiam papos informais com os presentes e davam autógrafos. João Antônio, autor de 4 conhecidas obras chamadas pelos críticos de “representação máxima do folclore marginal brasileiro” e Jefferson Ribeiro de Andrade, contista mineiro e editor de publicações literárias eram as principais figuras da tarde. (“Contista falou sobre literatura”, 1976, p. 2).

²²⁶ RAINHO, Cleonice. *O chulé verde*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1964.

Dessa forma, a dedicatória pode atuar como desencadeadora de ações de bastidores, cujo objetivo maior foi o de problematizar situações vividas pela comunidade de escritores, tendo em vista um dos aspectos centrais da idealização joãoantoniana para constituir e firmar seu projeto literário: o corpo-a-corpo com seu leitor. Estar ao lado de outros dois escritores legitimou sua ação intelectual em prol da difusão de uma literatura nacional. Sempre trabalhando em vias de mão dupla – autor/leitor – João Antônio aceitou o convite para estar diante dos jovens daquele encontro, a fim de ouvir e ser ouvido. Esteve em contato com seu público, norteando-o sobre seu próprio fazer literário, já que para o escritor esse estreitamento era bem significativo, representando ainda um *feedback* sobre sua literatura e de que modo era recebida por seus leitores.

Como discutido anteriormente, o texto da dedicatória, e que se complementa à matéria referente a Jefferson Ribeiro, apesar de se apresentar timidamente, sublinhou algumas instâncias que configuraram o autor e demais escritores por meio de suas vivências, fazendo com que se percebam as movimentações em diferentes momentos vividos por três autores brasileiros.

A marca paratextual mostra ações passadas na região de Minas Gerais, não apenas como formalização de um agradecimento ou pedido de leitura. Mais do que esse contato aparentemente formal entre escritores, a dedicatória fortaleceu anseios vividos pela comunidade de escritores-leitores, propiciando uma continuação de posturas reflexivas quanto ao ato de produção que uma obra literária suscita.

Nessa década de 1970, e na que a antecedeu, tanto João Antônio quanto Cleonice Rainho²²⁷ tiveram premiações literárias, todas oriundas do resultado de suas produções. João Antônio, desde 1963, ano de início de suas publicações, até o final de 1970, viu seu percurso intelectual permeado pela divulgação de sete obras²²⁸ e, além destas, inúmeras antologias de contos figuraram no cenário literário nacional e internacional. Esse reconhecimento foi cada vez mais legitimado entre crítica e demais intelectualidade, de maneira a aproximar os escritores. No caso de Cleonice Rainho,

²²⁷ A autora recebeu o prêmio “Cidade de Belo Horizonte”. Também foi agraciada com o prêmio “Orthon Linch Bezerra de Mello” e em 1966, com o prêmio “João Alphonsus Guimaraens”, ambos pelo livro *O Chalé Verde*.

²²⁸ 1963 – *Malagueta, Perus e Bacanaço*; 1975 – *Leão-de-Chácara*; 1976 – *Malhação do Judas Carioca*; 1976 – *Casa de Loucos*; 1977 – *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto e Lambões de Caçarola*; 1978 – *Ô Copacabana*.

suas oito²²⁹ publicações até fins de 1970 somaram-se à produção jornalística, trabalho na imprensa escrita comum aos dois escritores.

A produção cultural de ambos, obtida por suas publicações, permitiu-lhes que percorressem o Brasil e outros países, a fim de estabelecerem contatos com seus interlocutores, com intelectuais e com a crítica.

Com o teor da primeira dedicatória manuscrita enviada a João Antônio, a escritora, professora e educadora demonstrou sua condição de companheira intelectual de João Antônio, reconhecendo a posição do escritor naquele momento de encontro presencial confirmado pelo envio da dedicatória. O paratexto denota formalidade, mas, ao mesmo tempo, tornou próximos dedicatário-leitor e dedicadora-autora, pela cumplicidade movida pela palavra e pelas ideologias que os cercaram. Enviar a dedicatória, na qual registrou estar “[...] reconhecida pela honra e alegria de sua proveitosa visita a Juiz de Fora”, possibilitou-lhes o reconhecimento mútuo e respeitoso, condição essencial para se fundamentar as boas relações entre intelectuais.

A segunda dedicatória remetida a João Antônio, disposta na obra *Três quilômetros e picos* (1980), trouxe à tona a consciência de Cleonice Rainho quanto à profícua edição de obras do escritor, que o alçou a uma condição de um dos autores mais atuantes no cenário literário brasileiro, quando da época do envio paratextual:

A João Antônio, feliz de vê-lo numa excelente fase de prestígio literário por belas reedições, esta lembrança e o abraço amigo de Cleonice Rainho / J. Fora, março 81. (RAINHO, 1980).²³⁰

A movimentação entre a comunidade de escritores, além do público leitor, em geral transpôs João Antônio a uma posição de destaque, consagrando-o cada vez mais.

Toda essa visibilidade no meio cultural foi fruto do trabalho de divulgação muito bem realizado pelo próprio autor, que batalhou na linha de frente do mercado editorial, principalmente quando o objetivo foi alcançar seu sucesso literário. Os assuntos que pautaram sua produção, tanto jornalística quanto literária, culminaram com a constituição de seu projeto literário, com propósitos muito bem embasados. A consciência que teve sobre as condições de trabalho, pressupostas pelo ofício de um

²²⁹ 1956 – *Poesias e Sombras e sonhos*; 1964 – *O chalé verde*; 1965 – *Ternura páginas maternais*; 1970 – *Terra corpo sem nome*; 1973 – *Varinha de condão*; 1976 – *O galinho azul*; 1979 – *Voo branco*.

²³⁰ RAINHO, Cleonice. *Três quilômetros e picos*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

escritor, foi motivada por vivências e encontros com o leitor. Além desse empenho viabilizado por seu maior mote, ou seja, seu corpo-a-corpo, João Antônio cristalizou seus ideais de escrita também entre a crítica e outros autores, conforme apontado pelas dedicatórias até aqui analisadas.

A dedicatória feita por Cleonice Rainho – “feliz de vê-lo numa excelente fase de prestígio literário por belas reedições” – tornou-se coerente com o projeto literário de João Antônio, pois seu prestígio o colocou em posição de destaque, no cenário cultural brasileiro. Foram dois autores que buscaram esse reconhecimento, assim como todos os que se comprometeram com sua escrita a suscitarem reflexões acerca da realidade de seus momentos, condição essencial de um escritor. Nelson Werneck Sodré ressalta:

Escritor é aquele que mantém um diálogo com o povo, que dele recebe alguma coisa e que a ele oferece alguma coisa; não aquele que guarda para si o que pensa e que se fecha às influências exteriores. Enquanto escritor, pois, tem uma situação de homem público, isto é, de homem que julga e que é julgado, cujas ações são acompanhadas e aplaudidas ou negadas e repudiadas pelo público. De sua qualidade, como artista, e da qualidade do público, no fim de contas, dependem as influências que o escritor recebe. (SODRÉ, 1965, p. 74).

Enquanto escritor, João Antônio manteve diálogo com o povo, matéria-prima para compor suas criações. Não guardou para si todo o conhecimento e vivência que obteve, ao longo dos anos, de sua formação, de sua participação na realidade do país enquanto cidadão, divulgando-as e compartilhando-as sempre junto a todos que o liam. Julgou atitudes ao observar e analisar dados de sua realidade, trabalhando em diversos periódicos impressos; foi julgado pela crítica e por escritores e público, ora sendo aplaudido, ora repudiado por suas ideias. O valor da dedicatória manuscrita de Cleonice Rainho dialogou com o projeto literário de João Antônio e mostra uma de suas funções, que foi a de compactuar com os seus propósitos intelectuais, já que a autora atuou em uma instituição cujo mote foi o de divulgar a cultura brasileira, por meio da literatura.

A dedicatória de Cleonice Rainho em *Três quilômetros e picos* (1980) destaca ainda a atuação de João Antônio na imprensa escrita, em paralelo com a ficção, para exemplificar esse contato entre os dois autores. Entre 1975 e 1982, muitas matérias foram publicadas pelo escritor-jornalista nos meios impressos: *Jornal Panorama*, como

repórter especial, *Livro de Cabeceira do Homem*, atuando como diretor, *Jornal Movimento*, *Última Hora*, entre outros. Estes foram os seus meios de sobrevivência. Igual prática teve Cleonice Rainho, deixando inferir que, mesmo a contragosto, sem conseguir dedicar-se integralmente à criação ficcional, o espaço dado pelo jornal a ajudou a estar em contato com o leitor, com a crítica, com suas próprias escritas. Num exercício frequente com a palavra, cada autor, à sua maneira, manifestou-se por meio da palavra, discutindo assuntos de suas épocas e abrindo caminhos para a ficção que produziram.

Quanto à terceira dedicatória manuscrita, voltando ao contexto de encontro entre Cleonice Rainho e João Antônio, a autora desvelou o seu ponto de vista sobre o contista, tido como um dos escritores mais representativos de sua geração, agrupando-o entre nomes notáveis do gênero conto:

A João Antônio, contista dos maiores e amigo dos mais diletos, com minha cordial homenagem, este livro de muita mineiridade. / Cleonice Rainho / J. Fora, jan. 84. (RAINHO, 1983).²³¹

Em 1984, data da dedicatória, João Antônio já colecionava mais e mais prêmios²³², além de experiências em outras regiões que não as do Rio de Janeiro e São Paulo, caso, por exemplo, de Londrina²³³. E essa oportunidade em terra vermelha, como assim é conhecida, serviu para divulgar sua ficção e expressividade intelectual referente à sociedade da época.

Nessa década de 1980, João Antônio circulou entre seus leitores, comunidade e crítica, proferindo palestras em faculdades e em bienais do livro, autografando e divulgando obras. Autor ativo e ainda mais requisitado entre seus leitores, entre 1980 e 1984, como pensar em tímida participação de João Antônio na cena literária? Embora alguns críticos se manifestassem a respeito da republicação de contos como maneira de “requestrar” suas produções, esse tipo de atitude foi, para João Antônio, um modo de configurar-se como um escritor em ativo trabalho.

²³¹ RAINHO, Cleonice. *João Mineral*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

²³² A trajetória de conquista de prêmios foi apresentada nos capítulos anteriores.

²³³ Em João Antônio de pés vermelhos: a atuação do escritor-jornalista em *Panorama* (2005), discorro sobre sua participação no jornal impresso londrinense, intitulado *Panorama*, divisor de águas para o escritor, pois sai do eixo Rio-São Paulo com o intuito de publicar seus escritos e ser lido.

Mesmo que “requeentasse” seus contos, foi um jeito de divulgar o seu trabalho e, por meio desse painel contraditório, talvez essa polêmica o tenha elevado ainda mais em rodas de discussão a respeito do seu objetivo de trabalho.

Ao atuar como intelectual receptor de obras de autores contemporâneos a ele, e posterior divulgador dos livros com dedicatórias, foi um homem com ampla movimentação em espaços culturais, tanto que, ao ter um material tão vasto quanto os livros dedicados, essa interação permitiu-lhe ter em mãos um caleidoscópio de temas. Os teores das dedicatórias compõem a formação de um painel multifacetado de desvendamento do que pretendeu discorrer sobre a sociedade brasileira. Autores das mais variadas regiões do país abordaram temas referentes aos seus lugares de origem e vivências, trazendo, dessa forma, um mapa bem diversificado para a história da identidade literária brasileira.

Por transitar em diferentes regiões brasileiras, João Antônio teve a oportunidade de conhecer muitos escritores. Cleonice Rainho foi uma delas. Tida como uma das principais autoras mineiras, tornou-se um dos maiores nomes da cultura de seu local. A partir da dedicatória “A João Antônio, contista dos maiores e amigo dos mais diletos, com minha cordial homenagem, este livro de muita mineiridade”²³⁴, Cleonice Rainho chamou o contista para fazer parte de sua leitura, assim como ela também reconhece em seu povo e em sua terra elementos de composição para sua obra. Ações parecidas, efetivadas pelos dois escritores, consolidaram-se à medida que projetaram seus objetivos literários.

Falar sobre sua terra, costumes de suas gentes, cultura miscigenada, gostos e desgostos, toda temática desse tipo atraiu o olhar do escritor, o qual se debruçou sobre seu povo e seu momento. É sob essas possibilidades de reflexões que Cleonice Rainho mostrou ao escritor João Antônio o quanto de mineiridade pode descobrir em *João Mineral* (1983). Mineiridade ou brasilidade? Com esse convite ao escritor e com um vocativo sempre muito cordial, a autora dirigiu-se a ele, provando que, antes de se iniciar qualquer assunto ou referência a outrem, surgiu o respeito, aliado à homenagem entre os dois escritores.

Na data de envio da dedicatória, os dois nomes apareciam em seus locais com merecido reconhecimento, porque, ao refletirem sobre suas atitudes, fomentaram em outros o mesmo exercício de reflexão quanto ao contexto social no qual viveram. Estar

²³⁴ RAINHO, Cleonice. *João Mineral*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

no mesmo universo de produção, como outros escritores, evidenciou não somente afinidade intelectual, mas, sobretudo, uma amizade desdobrada com o passar dos anos.

Uma obra enviada permite ao dedicador firmar-se com respeito ao outro escritor, porém que, em âmbito privado, tende a tornar-se público, quer pela divulgação dos textos dedicados, quer pelo desejo de ver resenha sobre sua obra, uma produção comum entre escritores que atuaram nos jornais impressos.

As dedicatórias de Cleonice Rainho possibilitam que se conheça também o universo do contista e o seu próprio, pois sua participação ativa na imprensa e nos cursos de Letras foi importante para a história cultural de seu entorno. Toda essa movimentação cultural foi articulada através de suas narrativas, poesias e encontros culturais, a fim de se fazer ouvida e de notabilizar escritores que se propuseram discutir questões regionais, comuns a autores de outras terras, e como se deu com João Antônio.

Com uma vida dedicada à literatura e à educação, seu envolvimento com a cultura nacional e a de sua localidade levou-a a compor sua biblioteca pessoal, com cerca de dois mil títulos²³⁵, doada em vida ao Museu de Arte Murilo Mendes.

Assim como João Antônio, a autora proferiu palestras em outros países e publicou algumas de suas obras em antologias nacionais e internacionais. Por tais facetas e ações é que Cleonice Rainho, enquanto intelectual preocupada com a extensão e difusão da literatura nacional, segundo atesta o escritor Wanderley Luiz de Oliveira, seu biógrafo, “[...] marcou a cultura e as letras de Juiz de Fora não somente por sua vasta produção, mas também pelas instituições que fundou” (OLIVEIRA, 2012) e pelo apoio a novos escritores.

Outro nome importante que enfatiza a atuação de Cleonice Rainho e que ajudou a divulgar a cultura de Juiz de Fora é o da historiadora Lucilha Magalhães²³⁶. O encontro com a escritora, ainda em vida, deu-se por meio da doação de toda sua biblioteca para o Museu Murilo Mendes²³⁷.

²³⁵ “Em 2011, o acervo de Cleonice Rainho foi incorporado ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), onde as obras se encontram acessíveis a pesquisadores de todo o país. [...] Foi uma forma que encontramos não só de preservar, como de colocar tudo à disposição do público”, resumiu, na época da doação, o filho da escritora, Fernando Rainho. Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2012/05/23/clipping-ufjf-23-de-maio-de-2012>. Acesso em: 25 out. 2013).

²³⁶ Em entrevista concedida a esta pesquisadora, por e-mail, em 4 de julho de 2012, Lucilha Magalhães discorreu sobre os caminhos que antecederam a doação da biblioteca de Cleonice Rainho.

²³⁷ Pelo encontro com Cleonice Rainho, a historiadora Lucilha Magalhães e sua equipe têm a possibilidade de mostrar a cultura local e nacional divulgada pela autora. O trabalho inicial da historiadora e de seu grupo com o acervo da escritora mapeou e sistematizou as informações colhidas e vivenciadas pela autora durante os anos dedicados à literatura. São ações que legitimaram ainda mais as atitudes extraliterárias de escritores que deixaram seus recados por meio da arte literária.

Sem esses profissionais, a história literária deixa lacunas e por isso o reconhecimento por suas ações também aparece neste estudo, como uma espécie de homenagem pelo trabalho que a literatura proporciona ao meio cultural nacional.

Como se pode observar, o envio de obras dedicadas realizado por Clarice Lispector, Nélida Piñon, Nelly Novaes Coelho e Cleonice Rainho mostra o quanto a comunidade se estreitava na medida em que apareciam oportunidades de trabalho. Outro aspecto apresentado é quando a dedicatória também evidencia registros de apreensões ao buscarem publicação. Ao compartilharem tais anseios com o escritor João Antônio, estabelece-se uma relação de cumplicidade. O que se registra são demonstrações não só de apreço frente ao trabalho realizado pelo contista, mas também momentos de reflexões acerca da busca por divulgação de obras e consequente repercussão entre crítica e leitores.

Além desses aspectos, o que se visualiza é o modo de possivelmente se constituírem como autoras lidas por João Antônio, participando de sua rede de sociabilidade e, portanto, com possíveis repercussões a leitores de João Antônio, que teve a possibilidade de divulgá-las, também, em entrevistas concedidas a vários veículos de comunicação. Assim, são quatro nomes que mostraram as amarras do jogo editorial e, em juntamente com o contista, representam parte da história literária contemporânea nacional.

CONCLUSÃO

João Antônio construiu, ao longo de sua trajetória jornalística e literária, modos diversos de compartilhar ideias e ações, atitudes que o mostram como um intelectual que trabalhou muito para tornar-se lido e discutido. Não se autodenominou intelectual, no entanto, o que se observa é o oposto, pois o autor desenhou sua aparição no contexto da historiografia literária nacional a partir de “[...] um empenho pessoal no sentido de garantir o seu lugar de escritor no cenário cultural brasileiro de seu tempo e para além disso” (OLIVEIRA, 2006, p. 209).

O autor buscou espaço entre a rede de sociabilidade que se delineou, principalmente, por meio de atuação em jornais, e teve o mesmo objetivo quando de sua publicação literária. Por essas atuações, não pode deixar de ser visto como um profissional das letras, que tanto lutou para que o escritor fosse reconhecido, sendo um dos mais importantes representantes de sua época em relação ao tema profissionalização do escritor.

Compôs a sua história e ela vem se perpetuando a cada novo trabalho, acadêmico ou não²³⁸, realizado em torno de seu nome, de seu legado, e que se apresenta como possibilidade de entendimento de sua aparição no cenário da literatura brasileira. Dessa forma, o projeto literário de João Antônio foi enfocado a partir de inúmeras ações que desempenhou, ao longo de sua trajetória e, dentre elas, estão as dedicatórias.

Analisá-las possibilitou compreender o modo como também constituem o seu projeto literário. A expressão “Pela força aos novos e à literatura”, parte do título deste trabalho, resume um dos objetivos firmados pelo contista, já que sempre esteve em contato com nomes os quais despontaram no cenário literário, além da relação com os escritores renomados. O título sinaliza igualmente como ele demonstrou sua preocupação quanto aos rumos da literatura brasileira.

Assim, as dedicatórias aparecem como elementos constituintes do projeto literário do escritor João Antônio, na medida em que possibilitam o conhecimento de

²³⁸ CORRÊA, Luciana Cristina. *Do real à ficção: a busca de um retrato brasileiro na construção de personagens de João Antônio*. 2006. (Doutorado em Letras), Unesp-Assis, 2006. ZENI, Bruno Gonçalves. *Sinuca de malandro – narradores, protagonistas e figuras paternas em João Antônio*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – USP-FFLCH, São Paulo, 2012. Há consideráveis pesquisas em torno do nome João Antônio o que possibilita um amplo repertório de discussões e divulgação da obra do escritor.

ações comuns vividas por autores-dedicadores e autor-dedicatário, numa espécie de mapeamento de uma rede de sociabilidade.

Nesse sentido, o que prevaleceu entre a comunidade de escritores foi a manifestação de pensamentos e ações atreladas ao fazer literário de cada autor e, de certa forma, de seus projetos literários, como se vê em um dos exemplos dispostos na coleção de dedicatórias, além dos até aqui focalizados:

P/ João Antônio. - Nem quis te comunicar. Fiquei c/ pudor. Você me conhece. / Dedico e, a sua maneira, consagro, este Bolero que vai servir ao menos para deslanchar o meu projeto literário. / Teu, / Wilson Bueno / 19/12/86. (BUENO, 1986).²³⁹

Diante de um número de 1100 dedicatórias, foi difícil nomear aquelas com as quais iríamos trabalhar, haja vista o amplo repertório cultural e social apresentado por elas. A escolha por trabalhar com Jorge Amado, por exemplo, deu-se por sua representatividade no espaço literário nacional e internacional. Esse autor apareceu como referência para vários escritores, tanto iniciantes quanto veteranos nas letras, de sorte que tal oportunidade de contato permitia aos que o procuravam maior visibilidade em face do que se propunham publicar.

O contato entre João Antônio e Jorge Amado evidencia que os dois autores trocaram experiências comuns, como divulgação de livros e sua possível leitura, trabalho em mesma casa editorial, como a Record, além da aproximação pessoal que ao longo dos anos a literatura lhes facultou. A remessa de livros dedicados por Jorge Amado a João Antônio revela a trajetória de publicação do dedicador, partilhando seu momento de publicação com o dedicatário. Dessa forma, ressalta-se o quanto o autor paulista teve a possibilidade de atuar como leitor das publicações amadianas e, ao mesmo tempo, constituir seu repertório de leitura. Estar na condição de leitor da obra amadiana propiciou-lhe conhecer um pouco mais sobre sua nação, uma das condições essenciais ao bom escritor que se aproxima de seu povo e de seu momento.

A aproximação dos dois escritores também resultou no texto de apresentação, feito por Jorge Amado, de uma das obras de João Antônio, o que certamente foi pensada pelo contista com vistas a estar entre os leitores do escritor baiano e entre a crítica.

²³⁹ BUENO, Wilson. *Bolero's bar*. Curitiba: Criar, 1986.

Essas possibilidades de trânsito entre novos públicos e crítica, ou melhor, entre a rede de leitores de determinado escritor e aqueles que desenhavam criticamente a trajetória de um autor, tornariam possível sua aparição no jogo de relações. Trata-se de fato extremamente importante para aquele que tem o objetivo de estar em evidência e de assim poder mostrar o seu trabalho.

O segundo aspecto que norteou esta pesquisa ligou-se à intenção de se trabalhar algumas das dedicatórias devido ao fato de se relacionarem ao projeto literário do contista, pois alguns dos temas que lhe foram caros, frequentemente, foram citados por outros escritores, nos paratextos. E esse reconhecimento da temática abordada por João Antônio fez entender que seus contemporâneos de escrita conheceram os caminhos percorridos pelo contista, o que confirmou a consciência formada em torno de suas próprias produções.

O autor-dedicatário não só se firmou no meio literário como um dos maiores nomes da contística nacional, como também impulsionou outros escritores a lutar por seus objetivos, a fim de igualmente se fazerem lidos pelo público e vistos pela crítica:

Para o grande amigo João Antônio, que me deu coragem suficiente para publicar este livro. Gilberto - Rio, 27/04/1995. (VILLAR, 1995).²⁴⁰

Um dos motivos de João Antônio receber tantos livros de diversos autores acontecia pelo fato de desempenhar atividades jornalísticas, função que lhe possibilitou o encontro com inúmeros escritores e com outras mídias. Seu comprometimento e empenho com a arte literária aproximou-o dos bastidores de produção de outros autores. Esse trânsito, ao participar dos percursos extraliterários de suas próprias obras e das alheias, condicionou-o para que seu trabalho com a escrita ganhasse igual respeito e atenção. Portanto, a força e incentivo aos novos escritores foi um de seus objetivos de trabalho. Talvez essa atenção aos novos tenha se estabelecido por ter recebido atenção e, conseqüente avaliação de sua primeira obra, no início da carreira, de dois nomes importantes da crítica – Paulo Rónai e Mário da Silva Brito.

²⁴⁰ VILLAR, Gilberto. *O primeiro brasileiro*: onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão-novo, instruído, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição. São Paulo: Marco Zero, 1995.

No que diz respeito às obras dedicadas pelo escritor Caio Porfírio Carneiro, nota-se uma relação de amizade, de maior proximidade, muitas vezes exposta pelo dedicador como uma relação fraternal. Por esse tipo de contato, percebe-se que os pedidos para divulgação de cada obra enviada eram feitos frequentemente. Por trabalhar em jornais, João Antônio era visto por muitos escritores como um nome a ser lembrado e requisitado para leitura e posterior divulgação de obras.

A aproximação entre esses dois nomes permitiu ao dedicador fazer tais pedidos, pois não cultivavam formalidades entre si. O mesmo acontecia com João Antônio, porque também pedia a Caio Porfírio que o divulgasse, já que tinha cargo importante na UBE – União Brasileira de Escritores - SP. Um dos exemplos dessa amizade e que também se estendia aos seus trabalhos enquanto escritores encontra-se em uma das muitas cartas que os dois autores trocaram, como no caso a seguir:

Falei ao Ênio hoje. Falei ao Mário da Silva Brito hoje. Falei ao Fausto Cunha hoje. Sempre sobre você. Resultado: o Ênio vai lhe publicar O Sal da Terra. Fique descansado. (ANTÔNIO, 2004, p. 15).

Nesse tipo de relação, o que se percebe é que tanto dedicador quanto dedicatário tinham o intuito comprometido com a literatura, o que os movia a se ajudarem, como afirmou João Antônio, em outro registro epistolar:

Quanto ao fato de nossas mútuas ajudas, parece-me que não fazemos mais do que nossa obrigação e interesse, pois, caso contrário, jamais chegaremos no Brasil à condição de escritores profissionais. (ANTÔNIO, 2004, p. 19).

Promoviam-se sempre que possível, numa estratégia que lhes ajudou a se encontrar com outros intelectuais, naturalmente voltados ao mercado editorial e que, de certa forma, eram escritores integrantes da boa safra intelectual a qual se formava e constantemente se articulava.

No caso de Cassiano Nunes, a amizade também foi mais próxima, que se consolidou na medida em que se “encontravam” por meio das dedicatórias. Com

experiências estrangeiras comuns, sempre com o objetivo de divulgar sua obra e estar perto do público leitor, os dois escritores tiveram muito assunto a tratar. Por isso, boa parte dos paratextos que Cassiano Nunes enviou a João Antônio contém reflexões sobre o painel da sociedade brasileira e que se ampliam, quando as dedicatórias são estudadas em seu conjunto. As constatações que foram frutos dessa análise figuram em torno de três situações-chave: o trabalho dos escritores diante de propostas de escrituras, o vínculo estabelecido pela comunidade de leitores-escritores e o mapeamento da composição do projeto literário de João Antônio e, conseqüentemente, do dedicador.

Outro aspecto relevante abordado nos paratextos remetidos por Cassiano Nunes diz respeito a outras filiações literárias de João Antônio, como Monteiro Lobato, além de Lima Barreto, esta última filiação também referenciada nas dedicatórias de Jorge Amado. O reconhecimento do outro, a partir da formação intelectual do dedicatário, é significativo para se entender os modos de relação entre a comunidade de escritores, quando se verifica o quanto uma amizade ultrapassa os pedidos de divulgação meramente formais e, de certa forma, muito comuns.

Ainda no universo das manuscritas, houve um espaço de análise reservado às escritoras e que mostram situações referentes à produção e divulgação de obras, à condição da profissionalização do escritor, nada diferente do que foi apresentado pelos escritores dedicadores, como Jorge Amado, Caio Porfírio Carneiro e Cassiano Nunes. Diante da produção de autoria feminina demonstra-se como as escritoras se encontraram com o autor a partir das dedicatórias remetidas, como nos exemplos de Clarice Lispector e Nélida Piñon, respectivamente: “A João Antônio, que é um puro mas que topa brigas” (LISPECTOR, 1963) e “João Antônio, você é um príncipe de carne exposta” (PIÑON, 1974).

Outro aspecto a ser ressaltado quanto à escolha desses nomes femininos abordados nesse estudo recai sobre o fato de querer destacá-las frente à comunidade que se associavam, tendo em vista o conjunto de dedicatórias, que é composto em grande parte por escritores. São momentos embasados por experiências em torno da literatura, como no caso de Cleonice Rainho, em referência à ida do escritor João Antônio a Minas Gerais. Ou se constituem simplesmente como situações de declarações de admiração, mas que, vinculadas aos títulos dos livros dedicados, registram um possível repertório de leitura do contista, como apresentado pelo envio dos livros de Nelly Novaes Coelho, que versam sobre crítica literária.

Em suma, o que se viu no contexto das dedicatórias foi a repercussão da atuação do escritor sendo reconhecida pelas autoras, como no caso de o verem como representante de autores quando o assunto era a luta pela profissão de escritor. Pelos pontos de vista das escritoras, o que se observa igualmente é que, nas dedicatórias, João Antônio é visto de fato como integrante de uma “comunidade de leitores-escritores”, pois, segundo a perspectiva de Roger Chartier, ele passa a desempenhar o papel de leitor. Enquanto destinatário dos paratextos, essa recepção se fundamenta no conceito de Chartier, para quem “[...] um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado” e que diante do mesmo “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1999, p. 16).

No contexto das dedicatórias impressas, houve a possibilidade de demonstrar ao leitor o quanto as filiações pessoais e literárias de João Antônio são significativas em sua carreira. As pessoas de seu contato familiar são notabilizadas nas dedicatórias, de modo a se perpetuarem na história de formação do escritor e, por isso, passam a ser conhecidas pelo público, na medida em que se interessam por também conhecer quem de fato foram os nomes homenageados pelo contista. Citar a avó Nair Cardoso, o pai João Antônio Ferreira e o filho Daniel Pedro, para o autor, é uma prova do quanto tiveram participação em sua vida e de como o marcaram, durante sua formação.

Essa constituição de cunho familiar, portanto pessoal, marca a trajetória do escritor, permeada de registros familiares que não apenas têm a função de homenageá-los, pois, ao serem partilhadas com o público, ganham espaço, mas também podem causar no leitor uma curiosidade para se saber quem são esses nomes e o porquê de estarem impressos em suas obras. Trata-se de uma espécie de testemunho que João Antônio compôs, visto que se passa a conhecer a luta vivida por seus pais e avós, todas as situações enfrentadas por eles, a fim de buscar melhores condições de vida.

A história de seu pai, por exemplo, é singularizada pela imigração, com uma infância sofrida e em constante busca por melhorias. E essas apreensões e conquistas foram também sentidas pelo escritor, porque a história relatada por seus pais e avós lhe permitia conhecer as suas raízes familiares.

No caso de Paulo Rónai e de Mário da Silva Brito, a homenagem veio acompanhada pela consciência do contista em saber exatamente o quanto eram figuras representativas no cenário da intelectualidade, logo, não foram feitas pelo autor pela formalidade de agradecimento por todo o respaldo inicial que lhe deram. Foi também e

– talvez principalmente - uma atitude mercadológica, incluindo-os, estrategicamente, a sua obra de estreia. As ações de João Antônio eram arquitetadas de sorte a tornar a sua obra cada vez mais lida e comentada, o que lhe permitiu estar ao lado de nomes de destaque, entre o que se constituía em termos de produção literária.

Assim, o grau de proximidade entre autor-dedicador, leitor-dedicatário e obra ajuda a visualizar que as dedicatórias fornecem elementos para se compreender o projeto literário do contista, haja vista as entrelinhas do jogo cultural a que todos os envolvidos com o paratexto tiveram acesso.

Tais aspectos possibilitam que se reafirme a importância de João Antônio, no cenário da literatura brasileira contemporânea, porque o ato de dedicar um livro envolve não apenas a necessidade de divulgação da obra ofertada ou de mero agradecimento, mas o contato que denota amizade, respeito e reconhecimento de seu fazer estético. O paratexto manuscrito ou impresso permite aos escritores a oportunidade de fomentar uma inter-relação um pouco mais livre de formalidades e convenções, especialmente porque as dedicatórias feitas por João Antônio e outras enviadas a ele fizeram parte de uma época em que não existia mais o papel social do mecenas.

Essas recorrências a nomes da literatura os quais figuraram nas dedicatórias elencadas neste estudo proporcionam que se compreenda o caráter multifacetado de produção e de atividades sociais e literárias de João Antônio e, ademais, que se conheçam as produções dos autores-dedicadores. Outro ponto importante a ser destacado é que as dedicatórias, enquanto fontes primárias, são elementos importantes que ajudam a desvendar as atividades da intelectualidade, com assuntos pertinentes à produção autoral, vistos como parte da história cultural brasileira.

Assim, as dedicatórias mostram o envolvimento de autores, que, acima de qualquer ação, eram primeiramente leitores. Entender essa participação no universo ficcional brasileiro, que ganhou vulto à proporção que se encontraram não apenas pessoalmente, mas, sobretudo, quando discutiram temas sobre suas literaturas, leva a entender como suas ações paratextuais se configuram no estabelecimento de uma teia de relações. João Antônio e dedicadores foram parceiros no ato de escritura e nos objetivos literários, vivendo em constante interação dentro da comunidade de leitores-escritores e que se reconheceram mutuamente, exercendo seus ofícios de modo a trabalhar muito para alcançar a legitimidade, na historiografia literária nacional.

Um autor, ao fazer uso da dedicatória, lança-se no jogo editorial, a fim de realizar estratégias mercadológicas e intelectuais, ensejando, assim, relações entre

dedicador e dedicatário, além de facilitar a associação com fatos socioculturais presenciados por eles. A marca autoral registrada pela dedicatória, sobretudo porque se vislumbrou como parte da composição do projeto literário de João Antônio, é permeada por ações efetivas, auxiliando o pesquisador a compreender o posicionamento de determinados intelectuais e do próprio escritor.

Por meio da possível leitura de João Antônio de alguns livros dedicados, enquanto leitor e crítico, a dedicatória fornece elementos relevantes para que se aponte um paralelo entre produções contemporâneas – décadas de 1960 a 1990 – e suas possíveis discussões propagadas no âmbito da historiografia e do mercado editorial brasileiro.

Em muitos casos, a dedicatória introduz o tema abordado no livro dedicado, convidando à leitura, de maneira peculiar, o leitor-dedicatário e desejando que o mesmo seja cúmplice da história narrada, como revela o exemplo a seguir:

A João Antônio - Amigo, eis uma teoria (prática) do mano. Com amizade – irmã / - Marcus / S. Paulo, 84. (ACCIOLY, 1977).²⁴¹

De certa maneira, o que se observa, ainda, é que se acompanha igualmente a trajetória do livro ofertado e, por isso, seus passos de divulgação se tornam elementos para perceber todo o trajeto de empenho e luta feito pelo autor-dedicador, ao publicar a sua obra. No caso a seguir, João Antônio foi visto como um dos incentivadores do livro publicado, sublinhando a importância de seu nome para outros escritores que o viam como um escritor reverenciado:

Para João Antônio, meu querido amigo, este meu primeiro livro uruguaio, parte de um projeto pessoal de ignorar e superar os limites fronteiriços - Com um grande abraço de fraterna admiração e a esperança de breve reencontro. Schlee - OUT/91. (SCHLEE, 1991).²⁴²

²⁴¹ ACCIOLY, Marcus. *Poética: pré-manifesto ou anteprojeto do realismo épico (ÉpocaÉpica)*. Recife-PE: Universitária, 1977.

²⁴² SCHLEE, Aldyr García. *El día en que el Papa fue a Melo: cuentos*. Montevideo: Banda Oriental, 1991.

A dedicatória que aparece atrelada ao contexto de produção de obras e sua posterior divulgação propicia verificar como as ideias circularam, os gostos e preferências por determinada temática que foram focalizados, ora por razões literárias, ora por agradecimento ou para se reconhecer o trabalho do contista com a linguagem.

Com vistas a esclarecer a permanência literária de João Antônio entre a crítica e entre outros escritores e leitores, nota-se que as trocas de opiniões dos demais intelectuais, sob um viés de amizade e respeito, incursionam no espaço utilizado pela dedicatória.

João Antônio, ao receber 1100 obras com dedicatórias, tem um papel significativo, pois, enquanto intelectual empenhado em mostrar seu trabalho ajudou na preservação da memória cultural da comunidade de escritores, ensejando compreender um momento particular, ampliando sobretudo o reconhecimento de atividades de outros autores. Assim, envolvidos nessa prática paratextual, esse gênero manifestou-se como peça de entendimento da trajetória literária joãoantoniana e demais escritores de sua época.

As práticas sociais e literárias presentes nas dedicatórias, principalmente nas manuscritas, permeiam a realidade do universo intelectual dos autores. O ato de dedicar um livro não simbolizou somente a homenagem de caráter superficial e de manutenção de protocolos, mas propagou os assuntos que os aproximaram e os legitimaram, entre nomes de ampla veiculação entre o conjunto de leitores-escritores. Essa circulação, *a priori*, de aspecto privado, ganha representatividade e repercussão quando divulgada e discutida, como aqui proposto, com o objetivo de anunciar os assuntos e ideias versadas pelos autores. A noção de coletividade ganha espaço e retrata ações comuns vividas por uma comunidade, preocupada tanto com os bastidores de produção quanto com o meio social no qual viveram.

Embora os paratextos se configurassem, muitas vezes, de modo conciso – “Ao João Antônio, cordialmente” –, de algum modo serviram para se estabelecer o contato, relação essa firmada com o propósito de divulgação de livros. Com essa fórmula clássica, a da homenagem simbolizada pelo objeto livro, muitos fizeram dedicatórias a João Antônio, demonstrando-lhe admiração e, de certa forma, confirmando o quanto o viam como um dos representantes mais significativos de sua época.

Muitas das dedicatórias aqui examinadas evidenciaram como João Antônio construiu sua rede de relações e, inserido nessa rede de sociabilidade, de que maneira as dedicatórias também atuaram como marcas de legitimidade de seu projeto literário.

Além dos assuntos concernentes à produção do dedicador e à do dedicatário, os paratextos permitem que se visualize o mapeamento do mercado editorial de sua época, atitude que ajudou João Antônio a ter noção e ciência sobre o que se produziu, em termos de literatura nacional.

As dedicatórias que nortearam este estudo registraram momentos de outros escritores, cujo jogo estabelecido pelo texto manuscrito dedicado, por exemplo, foi suscitado pela relação que firmaram, em prol da literatura brasileira. Mesmo que as dedicatórias estejam atreladas à homenagem a João Antônio, aquelas que foram analisadas enfatizam aspectos pouco conhecidos do grande público, pois abrangem o âmbito pessoal e avançam em direção ao caminho de divulgação escolhido pelo autor-dedicador.

O estudo dessa temática delineou o mapeamento do projeto literário de um escritor, compreendendo de que maneira um projeto literário pode ser composto. Em se tratando de João Antônio, os elementos constituintes de sua formação de escritor abarcam desde sua história inicial de formação, e que cresceu à medida que esboçou e guardou seus manuscritos ficcionais, textos produzidos para jornal, até as críticas que recebeu, no decorrer de suas produções. Analisar o conteúdo exposto pelas dedicatórias trouxe esclarecimentos sobre suas relações entre a comunidade de escritores, além de conhecer o tipo de relação estabelecida com o dedicador.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- _____. **Leão-de-Chácara**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975a.
- _____. **Malhação do Judas carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975b.
- _____. **Casa de Loucos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976a.
- _____. **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- _____. **Meninão do Caixote**. O moderno conto brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. **Dedo-Duro**. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. **Abraçado ao meu rancor**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- _____. **Guardador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- _____. **Dama do Encantado**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- _____. **Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas**. São Paulo: Ateliê Editorial; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2004.
- _____. Lima Barreto, agora. **Última Hora**, Rio de Janeiro, Coluna Corpo-a-corpo, 13 mai 1976c.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **"Ao querido malungo..."**: Dedicatórias a José Lins do Rego. João Pessoa: Funesc, 1991.
- ARAÚJO, Celso. O Brasil que ninguém lê. **Jornal de Brasília**, Brasília, 18 jun., 1992.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- BANDEIRA, Manuel. **Mafuá do Malungo** – versos de circunstância. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução Jaime Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- _____. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. Na noite enxovalhada. **Revista Remate de Males**, 1999.

_____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1999.

CLARICE LISPECTOR: a hora da estrela. Curadoria de Ferreira Gullar e Julia Peregrino. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Escritores brasileiros do século XX** – um testemunho crítico. Taubaté: Letra Selvagem, 2013.

COSTA, Flávio Moreira da. Apesar de tudo, foi uma boa safra. **Opinião**, 2 jan. 1976b.

_____. Contista falou sobre literatura. **Diário da Tarde**, Juiz de Fora, 05 nov. 1976b, p. 2.

DELMAS, Ana Carolina Galante. “Do mais fiel e humilde vassalo”: uma análise das dedicatórias impressas no Brasil joanino. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Organizadores: Beth Brait... [et al.] 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FARIA, A. João Antônio enfrenta a selva de Copacabana. **Estado de Minas**, 23 mar, 1979.

FERRAZ, Eucanaã. (Org.). **Carlos Drummond de Andrade** – Versos de Circunstância. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **Dedicatórias manuscritas**: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira. 2013. Dissertação de mestrado. UniRio. 2013, (406 p.)

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

GONÇALVES, Lurdes. João Antônio – um incrível banho de humanidade. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 abr. 1983.

GOTLIB, Nádya Batella. **Clarice**: uma vida que se conta. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

JOÃO ANTÔNIO, corpo-a-corpo numa casa de loucos. **LIG**, 19 set. 1976.

JOÃO ANTÔNIO, boêmio, escritor e consciente. **Correio Serrano**, Ijuí, 27 jul. 1976d.

JOÃO ANTÔNIO, o criador de velhacos. **O Diário** – o jornal de Minas, Belo Horizonte, 21 fev. 1979.

JOÃO ANTÔNIO: o escritor não é um burocrata. Acervo João Antônio.

LOEB, Lucia Mindlin. “**Para a tão falada biblioteca de José e Guita**”: dedicatórias. São Paulo: EDUSP, 2013.

MACIEL, Nilto. **Conversa com Caio Porfírio Carneiro**. 20/11/2010. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4814>> Acesso em: 10 dez. 2012.

MARQUES, Vanessa Zampier. **Dedicatórias como vestígios de memória**: um estudo na biblioteca de Machado de Assis. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso – UFF, Niterói, 2005.

MONTEIRO, Nilson. João, o das quebradas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno 2, s.d.

MORAES, Renata Ribeiro de. **Estudo e sistematização das dedicatórias recebidas pelo escritor João Antônio**. 2001. Relatório (Iniciação Científica) – UNESP, Assis, 2001.

NUNES, Cassiano. **10 contos escolhidos**. Brasília; Belo Horizonte: INL, 1983.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. João Antônio, profissão escritor. In: **Escritura e sociedade**: o intelectual em questão. Org. Patrícia Peterle *et al.* Assis: FCL-Assis-Unesp-Publicações, 2006.

OLIVEIRA, André de. Você sabe com quem está jogando? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 jun. 2013. Caderno Aliás, E10.

OLIVEIRA, Wanderley Luiz. Cleonice Rainho a busca e o encontro: uma biografia. Juiz de Fora: Funalfa, 2010.

OLIVIERI, Alcione Lidia Abreu. **Incursões na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto**. Cataguases-MG: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.

ORNELLAS, Clara Ávila. **João Antônio, leitor de Lima Barreto**. São Paulo: EDUSP, 2011.

PIÑON, Nérida. La memoria femenina en la narrativa. **Revista Diógenes**, edição 201. Universidad Nacional de Córdoba, 2006.

PRADO, Wilcrisson. Quem tem o que dizer não deve calar. **Correio Brasiliense**, Segundo Caderno, 10 out. 1976.

QUINTELLA, Ary. A gente cai, a gente se levanta: João Antônio, contista brasileiro. Entrevista a Ary Quintella, 1963.

REBELLO, Gilson. João Antônio, retratos da realidade. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 set. 1982.

RIBEIRO, Octávio. Ela era uma discordância total. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 1978.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de. **Carlos e Mário**. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SILVA, José Maria e. O autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* fala sobre sua obra, política e cultura. **Jornal Opção Cultural**, Goiânia, 5-11 nov., 1995.

SILVA, Pedro Mendes da. **João Antônio e Lima Barreto**. 2005. Relatório (Iniciação Científica) - Unesp, Assis, 2005.

SIMÕES, Neusa Quirino. **Dedicatórias a Mário de Andrade**. Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, V. 42, n. 4, out.-dez. 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Ofício de escritor**: dialética da literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

TORRES, Antônio. João Antônio e a sua 'Malagueta'. **Gazeta**, São Paulo, 28 jul. 1975.

VIEIRA, Cora Rónai. João Antônio (valores mais verdadeiros: literatura). **Jornal de Brasília**, Brasília, Suplemento, Edição Especial de Domingo, fev. 1976e.

<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/morre-cleonice-rainho-aos-97-anos>
1.1095188 <Acesso em 2 de Maio de 2012>

[WWW.funalfa.pfv.mg.gov.br](http://www.funalfa.pfv.mg.gov.br) <Acesso em maio de 2013>

<http://www.ufjf.br/procult/2011/02/16/mamm-abriga-biblioteca-de-cleonice-rainho/><Acesso em mar 2013>

<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/viewfunalfa.php?data=9/6/2009&modo=link2>
<Acesso em mar 2013>

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5766 <Acesso em dez 2012>

http://www.nelidapinon.com.br/autora/aut_biografia.php <Acesso em mar 2013>

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10> <Acesso em fev 2013>

<http://www.feiradolivro-poa.com.br/a-feira> <Acesso em jan 2013>

<http://www.ufjf.br/secom/2012/05/23/clipping-ufjf-23-de-maio-de-2012/> <Acesso em jan 2013>

Referências das dedicatórias citadas e descritas neste trabalho

ALEGRIA, Lopo. **Assim foi Roberto Lyra**. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1984.

ALVES, Henrique L. **Círculo negro**: contos. São Paulo: H, 1975.

AMADO, Jorge. **Bahia de todos os santos**: guia de ruas e mistérios. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

_____. **Capitães da areia**. 5. ed. São Paulo: Martins, s/d.

_____. **Farda fardão camisola de dormir** - fábula para acender uma esperança: romance. Rio de Janeiro: Record, s/d.

_____. **Gabriela, cravo e canela** (crônica de uma cidade do interior): romance. São Paulo: Martins, 1963.

_____. **Jubiabá**: romance. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. **O Menino Grapiúna**. Rio de Janeiro: Record; MPM, 1981.

_____. **Tieta do Agreste**: pastora de cabras ou a volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo – emoção e suspense: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMÂNCIO, Edson. **Em pleno delito**: contos. Santos-SP: Idiomax, 1986.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BOMFIM, Paulo. **Sonetos da vida e da morte**. São Paulo: Martins, 1963d.

BRASIL, Assis. **Teoria e prática da Crítica Literária**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BRITO, Mário da Silva. **Poemário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CARNEIRO, Caio Porfírio. **Trapiá**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

_____. **Os meninos e o agreste**: contos. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

_____. **Perfis de memoráveis:** autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio. São Paulo: RG, 2002.

_____. **Sale verde della terra:** romance. Palermo: I.L.A. Palma, 1971.

_____. **Uma luz no Sertão.** São Paulo: Clube do Livro, 1973.

_____. **O casarão:** contos. São Paulo: Do Escritor, 1974.

_____. **Chuva:** os dez cavaleiros. São Paulo: Hucitec, 1977.

_____. **O sal da terra:** romance. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção de Autores Brasileiros, 25)

_____. **O contra-espelho:** contos. s/l: Traço, 1981.

_____. **Veredas da caminhada.** São Paulo: RG, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **O ensino da literatura:** sugestões metodológicas para o curso secundário e normal. São Paulo: F.T.D., 1966.

_____. **Literatura e linguagem:** a obra literária e a expressão linguística. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976.

_____.; VERSIANI, Ivana. **Guimarães Rosa:** (dois estudos). São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1975. (Coleção Escritores de Hoje).

DRUMMOND, Roberto. **Hitler manda lembranças:** romance. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

EGG, Matilde Accolti. **Gottfried Keller:** studio critico. Torino: Fratelli Bocca, 1931.

FAILLACE, Tania Jamardo. **Mario - Vera:** Brasil, 1962/1964. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FELÍCIO, Brasigóis. **Monólogos da angústia:** contos. Goiânia: Oriente, 1975.

GATTO, Dacyr. **Sonetos do meu caminho.** s/l: Cupolo, s/d.

HILST, Hilda. **Ficções.** São Paulo: Quíron, 1977.

JOSÉ, Elias. **Um pássaro em pânico.** São Paulo: Ática, 1977 (Coleção Nosso Tempo).

LADEIRA, Julieta de Godoy. **Era sempre feriado nacional:** contos. São Paulo: Summus, 1984.

LESCANO, Mário Jorge. **Amanhã São Perón:** contos. São Paulo: Ática, 1978 (Coleção de Autores Brasileiros, 27).

LINS, Osman. **Evangelho na Taba:** outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Ronaldo Lima. **A lâmina do espelho**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1983.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves; Edição Popular, 1963.

_____. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **A imitação da rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Art Nova, 1973.

MELO NETO, João Cabral de. **Auto do frade**: poema para vozes. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NUNES, Cassiano. **Jornada**: poemas. São Paulo: Clube da Poesia, 1972.

_____. **Pliplaimundo no circo**: comédia para crianças (e adultos?). Rio de Janeiro: s/ed., 1974.

_____. **Madrugada**: poemas. Recife: Pool, 1975.

_____. **O sonho brasileiro de Lobato**. Brasília: s/ed., 1979.

_____. **A descoberta do Brasil pelos modernistas**. Brasília: Olímpica, 1979.

_____. **Monteiro Lobato hoje**. São Paulo: s/ed., s/d.

_____. **A correspondência de Monteiro Lobato**. São Paulo: Copidart, 1982.

_____. **A literatura dos Estados Unidos**: as regiões culturais. Brasília: s/ed., 1980.

_____. **A velhice do poeta marginal**. Cataguases-MG: Dubolso, 1983.

_____. **O último sonho de Monteiro Lobato**: o Georgismo. São Paulo: s/ed., 1983.

_____. **Jornada lírica**: antologia poética. Brasília: Thesaurus, 1984.

_____. **Machado de Assis, crítico da classe ociosa**. São Paulo: Copidart, 1984.

_____. **O "Sonho Americano" de Monteiro Lobato**. São Paulo: Copidart, s.d.

_____. **Sedução da Europa**. São Paulo: Saraiva, s/d.

_____. **Estética e poética**. Brasília: Thesaurus, 1985.

_____. **Justificativa e defesa da cidade de Brasília**. Brasília: Roberval, 1995.

_____. **Três poemas do povo brasileiro**. s/l: Thesaurus, s/ d.

_____. **Versos íntimos**. Brasília: Thesaurus, 1991.

PIÑON, Nélida. **Tempo das frutas**: contos. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1966.

- _____. **Tebas do meu coração.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- _____. **O calor das coisas:** contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **O pão de cada dia:** fragmentos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- RAINHO, Cleonice. **João Mineral.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- _____. **O chalé verde.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1964.
- _____. **Três quilômetros e picos.** Belo Horizonte: Comunicação, 1980.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos.** Rio de Janeiro: UFRJ; Campinas: UNICAMP, 1993.
- SANDRONI, Cícero. **O diabo só chega ao meio dia:** contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SCLIAR, Moacyr. **Mês de cães danados.** Porto Alegre: L&PM, 1977.
- SILVA, Aguinaldo. **Primeira carta aos andrógynos:** romance. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.
- SILVA, H. Pereira da. **Montaigne:** Brasil, alma e obra. Rio de Janeiro: Mseográfica, 1977/1978.
- SILVA, José Armando Pereira da. **O teatro em Santo André - 1944-1978.** Santo André: Public, 1991.
- SOARES, Murilo Cesar. **Anaflor, uma noite:** contos. São Paulo: Símbolo, s/d.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Os melhores contos.** (Seleção de Eduardo Portella). 2. ed. São Paulo: Global, 1984.
- VITOR, E. D'Almeida. **Pequeno dicionário de gíria entre delinquente:** pesquisa em torno da linguagem de um subgrupo social. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

ANEXO

OBRAS COM AS DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENVIADAS A JOÃO ANTÔNIO – POR ORDEM ALFABÉTICA DE AUTORES (ENTRE 1960 E 1990)²⁴³

A

1-ABREU, Caio Fernando. Triângulo das águas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

"Ao João Antônio com carinho e saudade do velho companheiro. / Caio Fernando / J. 83"

2-ACAIABA, Cícero. Sonetos de circunstância: redescoberta do amor. São Paulo: João Scortecci, 1986.

"João Antônio: / você me esqueceu. Eu não te esqueci. Nunca. Com os votos de Boas Festas junto aos / entes queridos vão estes Sonetos de circunstância do amigo e sempre admirador, / Cícero Acaiaba / Varginha, 24.12.986"

3-ACAIABA, Cícero. O homem com a faca no peito: contos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1989.

"Para João Antônio, com o abraço do amigo, leitor e admirador, - Cícero Acaiaba / Rio, 09.12.89"

Obs.: Na mesma página da dedicatória encontram-se os seguintes dizeres:

("Há vários erros de Revisão. Numa 2ª edição pretendo corrigi-los")

4-ACAIABA, Cícero. Diário lírico. São Paulo: Edicon, 1992.

"Ao João Antônio, um dos mais brasileiros dos contistas contemporâneos, com o forte abraço mineiro do amigo e profundo admirador, / Cícero Acaiaba / Rio, 6-11-992"

5-ACCIOLY, Marcus. Ó(de)Itabira. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.

"A João Antônio, - escritor verdadeiro, com uma - Amizade - e que como diria - Guimarães Rosa - cresceu antes, para / brotar depois. - Marcus Accioly / São Paulo, março 84"

²⁴³ Das 1100 dedicatórias, foram escolhidas 388 para transcrição nesse anexo. O critério utilizado para tal seleção foi, em primeiro lugar, o conteúdo dessas dedicatórias e as possibilidades investigativas abertas por elas. Além disso, levamos em conta também a legibilidade do paratexto, uma vez que nem sempre foi possível uma transcrição completa de algumas dedicatórias.

6-ACCIOLY, Marcus. Poética: pré-manifesto ou anteprojeto do realismo épico (Época Épica). Recife-PE: Universitária, 1977.

"A João Antônio - Amigo, eis uma teoria (prática) do mano. Com amizade – irmã / Marcus / S. Paulo, 84"

7-AGOSTINHO, Cristina. Luz del fuego (a bailarina do povo): uma biografia. São Paulo: Best-Seller, 1994.

"Para o querido João Antônio, que, junto comigo, partilhou da amizade e da companhia do saudoso França, com a alegria do reencontro e o meu abraço mais carinhoso. / Cristina/94"

8-AGUIAR, Flávio. Ora pro nobis. São Paulo: Ática, 1977. (Coleção de Autores Brasileiros)

"Pro João: Ora pro nobis. / Com o abraço deste seu admirador e aluno / Flavio / - (out)77"

9-AIRES, Aidenor. Na estação das aves. Goiânia: Livraria Editora Cultural Goiana, 1973.

"A minha admiração e o meu respeito ao escritor em corpo a corpo com a vida, João Antônio, / Goiânia, 26 de outubro/76

10-ALBUQUERQUE, Josina Maria. Viver em Cuba: uma experiência inesquecível. 2. ed. Brasília: Goethe, 1986.

"Ao grande amigo João Antônio, uma lembrança desta Ilha: / Havana 21/2/87"

11-ALEGRIA, Lopo. Assim foi Roberto Lyra. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1984.

"Ao caro amigo João Antônio, inimitável retratista da vida carioca e êmulo ímpar do nosso Lima Barreto, com a amizade e a admiração do Lopo Alegria / Rio, 1/11/84"

12-ALMEIDA, Lúcia Machado de. Menina, Menina... São Paulo: Cultrix, 1985.

"Para João Antônio, esta lembrança da endiabrada e ingênua que foi um dia sua amiga Lúcia Machado de Almeida / São Paulo / março 1986"

13-ALVES, Henrique L. Sua excelência o samba. São Paulo: Palma, 1968.

"Ao João Antônio, irmão ciente das coisas do samba, ofereço a minha humilde - contribuição para a poesia da MPB com a homenagem e amizade / Henrique L. Alves / São Paulo / 24/4/68"

14-ALVES, Henrique L. Círculo negro: contos. São Paulo: H, 1975.

"Ao João Antônio, estas estórias do cotidiano, ofereço com a homenagem e amizade do / seu admirador maior Henrique / 11 - fev. - 1976."

15-ALVES, Henrique L. Caminhos do desejo: contos. São Paulo: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 1995.

"Ao João Antônio um pouco da ficção da paulicéia de tantos desvairados. - Henrique L. Alves"

16-AMADO, Janaína. Dandara. São Paulo: Maltese, 1994.

"João Antônio: / Que lembrança do dia em que, leitora antiga, conheci o escritor que tanto admiro. / B&B 5/11/94 / Abraços de Janaína"

17-AMADO, Roberto. Os últimos super-heróis. Rio de Janeiro: Record, 1984.

"Para João Antônio com o abraço amigo / Roberto Amado / Abril 84"

18-AMADOR, Paulo. Cascos de tartaruga para o exército inglês. Belo Horizonte: Comunicação, 1976.

"A JOÃO ANTÔNIO, mais uma pedrinha, obscura e mínima, na construção da difícil e desejo da cultura brasileira. / Paulo Amador / Rio, novembro / 1976".

19-AMÂNCIO, Edson. Em pleno delito: contos. Santos-SP: Idiomax, 1986.

"Para João Antônio - mestre de longa data - ofereço este meu primeiro livro de aprendiz. / Com o abraço do autor / Edson Amâncio / Santos 14/9/86"

20-AMÂNCIO, Moacir. O saco plástico. São Paulo: Do Escritor, 1974.

"Para João Antônio amigo e personagem, O saco plástico com o maior abraço do Moacir Amâncio / SP 11/3/74"

21-AMÂNCIO, Moacir. O riso do dragão: contos. São Paulo: Ática, 1981.

"Ao João Antônio, velhinho de guerra e tão saudavelmente sem juízo, com o abraço do Moacir Amâncio. / S.P> / 4/8/82".

22-AMORIN, Antônio César Drumond. De Milena, circo e sonhos: caleidoscópio. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1975.

"Ao João Antônio, colega de peleja. / Antônio César / B.H. 2.III.76"

23-ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos de Aprendiz. 8. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1951.

"A João Antônio, contista, o aprendiz Carlos Drummond de Andrade / 2.VI.72"

Obs.: anexo: "A João Antônio, com um abraço de C. Drummond / Rio, 19.VI.72"

24-ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. No carnaval, confetes e serpentinas: contos. São Paulo: Liberdade, 1973.

"Falou bicho!!! / Jeferson Ribeiro / Rio"

25-ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. Edições marginais - 2. Belo Horizonte: Copibel, 1976.

"Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura, os cumprimentos do amigo. Jeferson / 17/7/76"

26-ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. Senhoras e senhores, a voz do Brasil: ficção e reportagem. Rio de Janeiro: Record, 1980.

"Meu caro João Antônio, este Senhoras e senhores, a voz do Brasil quando novamente procuro mostrar alguns cidadãos anônimos deste país. E, aproveitando, desejar a seus livros que serão relançados pela Record, o mesmo sucesso já obtido em outras casas editoras. Você tem a certeza que muito farei por eles nas ocasiões possíveis. Um abraço do seu companheiro, Jeferson / 15.9.80"

Obs.: O autor pede a João Antônio a leitura da obra em questão e que a divulgue.

27-ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. A origem de Deus e de tudo: contos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

"Ao João Antônio e Tereza e este A origem de Deus e de tudo que são "contos", João, que falam de nossa gente, deste nosso sacrificado país. Espero que gostem. O abraço amigo do Jeferson / Rio 8.6.83"

28-ANDRADE, Jeferson Ribeiro. Um homem bebe cerveja no bar do Odilon: contos. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

"Para João Antônio este Um homem bebe cerveja no bar do Odilon com o nosso povo contando suas histórias. / O abraço do velho amigo Jeferson / SP. 7.2.95"

29-ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. (1º tomo). 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL - Fundação Pró-Memória, 1982.

A dedicatória está em um papel à parte (1ª folha):

"B. Horizonte, 22/6/84 / João Antônio

Segue os livros pedidos. Estimo as melhoras do seu pai. Vou agora a um destes lugares - palavrão: otorrinolaringologista. Dizem que estou com labirintite. Mas não é coisa que se dá apenas no ouvido, então o remédio ilude um tempo, como na vida, afinal.

Um beijo / Tania / Os livros, com 10% de desconto, ficaram por 12.000,00"

30-ANÍSIO, Chico. Carapau: romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

"Ao João Antônio com alegria / Chico"

31-Antologia. A poesia maranhense no século XX. (Organização, introdução e notas de Assis Brasil). Rio de Janeiro: Imago; São Luís: Sioge, 1994.

"Para o amigo e companheiro João Antônio, com a velha admiração do Assis Brasil."

32-Antologia I. Concurso Municipal de Poesia. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1986.

"Caro João Antônio, / Temos arregaçado as mangas e trabalhado em prol da democratização da cultura, meta / principal da secretaria Municipal da Cultura, como prova a edição desta coletânea. / O afeto de Jane Vieira /Aracaju - 4/7/87"

33-Antologia. Em revista 3. São Paulo: Do Escritor, 1977.

"Para:/ João Antônio com meu abraço bem grandão, do José Pires Barrozo Filho / 25/8/78"

34-Antologia. Em revista 11. São Paulo: Do Escritor, 1981.

"Para João Antônio, / com meu / Ah! Braçamigo / Total / Barrozo / Campina Grande, / 20/09/82".

35-Antologia. Estudio 44. São Paulo: Do Escritor, 1975. (Coleção Do Escritor, v. 10)

"Ao amigo / João Antônio (Ferreira Filho), humilde lembrança ao autor do conto FOME./ 29/07/76 Roosevelt da Silveira"

36-Antologia brasileira de humor. Porto Alegre: L&PM, 1976. 1 v.

Dedicatórias reunidas dos vários autores presentes nesta antologia:

"Ao mais consciente e profissional escritor brasileiro, de um humorista com muito amor, ou de um amorista com muito humor./ Com um abraço / Carlos Eduardo Novaes seu colega de Associação / 31-10-76"

"Bom, João, / já que tu achaste exagerado o outro autografo então vamos continuar nessa batalha de / procurar o povo. Mas tu vais na frente. / Edgar Vasquez / 31/10/76"

"Literatura alienada não, João Antônio sim! / Fraga / 31.10.76 / com um abraço e a amizade"

37-Antologia brasileira de humor. Porto Alegre: L&PM, 1976. 2 v.

"Ao fenômeno João Antônio um antológico abraço do Juska"

38-ANTÔNIO, Marco, GONÇALVES, Clêuton. Estórias agora. São Paulo: Parma, s/d.

"Ao João Antônio, com um grande abraço venho florescer mais um galho da árvore literária, cordialmente, / Marco Antônio"

39-APERITIVO POÉTICO. Aracaju: s/ ed., 1986.

"Meu caro João Antônio, / Segue esta inusitada coletânea, reunindo as mais variadas tendências da poesia / sergipana. Precisamos cada vez mais elevar a nossa voz para decidirmos o nosso destino / como pátria independente. Aguardo sua apreciação. O abraço de / Aracaju, 4/7/87"

40-As anedotas do Pasquim: Uma antologia mundial de anedotas de salão. Rio de Janeiro: Codecri, 1974.

"Rio, rua Saint Roman, 142 / 1.10.74

Pro companheiro João Antônio, do seu fiel Jaguar".

41-ASCENCIO, Synesio. Meu amigo, o ministro. São Paulo: 4 artes, 1965.

"João Antônio, você focalizou precisamente um ângulo da vida em São Paulo, em seu Malagueta, Perus e Bacanaço. A minha história focaliza outro. Espero que ela corresponda a tôdas as leituras - como o seu livro. / Cordialmente, / Synesio Ascencio / SP. 27/8/65"

42-As grandes entrevistas do Pasquim. Rio de Janeiro: Codecri, 1975. (Coleção Edições do Pasquim, v. 2)

"Para o nosso irmão João Antônio, o abraço do Jaguar"

Obs.: João Antônio escreve no verso de papel de cigarro:

"Eles são muitos mas / Eles não sabem voar. (Referência ao título de um dos textos reunidos nesta antologia) - "Estou com trinta anos cravados. E lá embaixo há mais de 20 mil homens atrás de mim para me capturar. / No craco: dei-lhes uma, dei-lhes duas e dei-lhes três".

43-ASSUNÇÃO, Ademir, MONTEIRO, Nilson, CAPUCHO, Nelson. Em família: poemas. Londrina: S.C.P., 1982.

"A gente tá aqui. Amanhã, quem sabe? João, 1 abraço de marginal / Teu amigo Nilson / SP – Bienal / Agosto/84"

B

44-BACK, Silvio. O auto retrato de Bakun. s.n.t.

"Para o amigo e escritor MAIOR, / João Antônio, com minha admiração / abraços / S. Back / CUB 12/85"

45-BARCELLOS, Caco. Nicarágua - A revolução das crianças. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

"Querido João Antônio, finalmente saiu! / Como sou seu fã, você é no mínimo cúmplice dessa história apaixonada. Me permita / pressionar: quero que você goste do livro! É que preciso de energias para partir para / uma outra. - Grande abraço com amor / Caco Barcellos / outubro / 82"

46-BARRETO, Antônio. A barca dos amantes. Belo Horizonte: LÊ, 1990.

"Ao meu grande amigo, incentivador e mestre João Antônio, "ponta-de-lança" do melhor time da literatura nacional, com o abraço afetuoso do "regra-três". / Antônio Barreto / SP/ 16/12/90"

47-BARRETO, Antônio. A guerra dos parafusos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

"Para o meu irmãozinho e mestre, JOÃO ANTÔNIO, detonador e guardador desta rosca espanada de meus dias mais miúdos - e que me mostrou a grandeza dessa gente brasileira, pela primeira vez, chutando tampinhas - com um beijo do amigo Antônio Barreto / Rio / 30/9/90"

48-BARROS, Manoel de. Arranjos para assobio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

"Para João Antônio / homenagem ao escritor e um abraço Manoel de Barros / Em 27-4-84"

49-BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. São Paulo: Pancrom, 1993.

"A João Antônio querido amigo / querido escritor / abraço afetuoso do Manoel / Em 19.12.93"

50-BARROSO FILHO, Natalício. Poemas de Abril. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1987. (Coleção Cavalo Azul - 2)

"Para João Antônio / Escritor de todos os tempos / com um abraço do amigo Natalício Rio, 22/05/88"

51-BARROSO, Juarez. Joaquinho Gato: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 225)

"Ao João Antônio, padrinho deste Joaquinho Gato, o muito obrigado deste amigo e leitor. / Juarez / Rio, VIII / 76" / A nota de contra-capá é de João Antônio.

52-BAZZO, Ezio Flavio. Elogio do crápula. Brasília: TAO, 1977.

"Pro meu amigo João Antônio, um pouco do crápula que habita o fundo de cada ser! / Londrina 1977 / Ezio Flavio Bazzo".

Obs.: Da dedicatória, feita por Bazzo: / "No dia da cassação do ilustre Alencar Furtado"

53-BELL, Lindolf. As vivências elementares. São Paulo: Massao Ohno - Roswitha Kempf, 1980.

"Ao João Antônio o abraço fraterno e o poema entre sempre e sempre. / Bell"

54-BELL, Lindolf. Incorporação: doze anos de poesia - 1962 a 1973. São Paulo: Quíron, 1974.

"Ao João Antônio / o Leão atrás das folhagens e o abraço de terra à terra. - 17/6/86 / abraço amigo / Bell"

55-BERNARD, Jorge L., POLA, Juan A. Quiénes escriben en Cuba- responden los narradores. Cuba: Letras Cubanas, 1985.

"Ao caro amigo João Antônio, com os melhores votos por sua saúde - este livro - oferecido pela Agência Literária Latinoamericana, seu diretor Jorge T. e por - intermédio do patricio e amigo Hélio Dutra / 24/02/87"

56-BEZERRA, Elvia. A trinca do curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

"Ao João Antônio, com antiga admiração, as notícias desta trinca. Elvia / Rio 15/12/95"

57-BILAC, Olavo. Obra reunida. (Organização Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

A dedicatória está em um papel avulso: / "João Antônio, Aí está o (ótimo) livro do Rodrigo Lacerda. E também esta (bela) edição da Nova Aguilar. Afeto, Bety Serpa / Rio, 22-8-96"

Obs.: O livro de Rodrigo Lacerda que é citado intitula-se A dinâmica das larvas.

58-BITTENCOURT, Esther Lúcio. No país das palavras onde moram os homens mudos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

"Para o João Antônio, entusiasmada com sua intensa produção, que creio está definindo um momento de nossa vida literária. Afetuosamente / Esther / 24/1/76"

59-BOJUNGA, Claudio. Viagem à China aberta. São Paulo: Brasiliense, 1974.

"Ao João Antônio, de quem sou leitor há muitos anos / C. Bojunga".

60-BOMFIM, Paulo. Sonetos da vida e da morte. São Paulo: Martins, 1963.

"Ao caríssimo João Antônio que transforma em palavras as almas da noite. Com um abraço fraternal do Paulo Bomfim".

61-BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1985.

"Para João Antônio, pela atenção e pelo texto aqui incluído, meus agradecimentos e meu abraço. / Beth Brait / S.P. 11/02/85"

62-BRANDÃO, Adelino. A noite de Al-KDR. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

"Para João Antônio, que Alá há de levar para o céu, mesmo que outros queiram ver no inferno. Com o abraço do admirador e amigo / Adelino Brandão / Jundiaí, SP = 28/9/91"

63-BRANDÃO, Adelino. Crime e castigo no cordel: (crime e pena no Folheto de Cordel e no Romanceiro Folclórico do Brasil). Rio de Janeiro: Presença, 1990.

"Pro colega João Antônio - povão, como o autor, meu abraço fraternal, - Adelino Brandão. / Jundiaí - 15/XI/91 / Dia do Professor!"

64-BRANDÃO, Alexandre. Contos de Homem. Rio de Janeiro: Aldebarã, 1995.

"Ao João Antônio, / antes que o computador acabe com a literatura, deixo um pouco da minha pra você. / Tomara que seja boa. / Abraços / Alexandre Brandão / 21.04.95" / Rio/Brasil

65-BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Pega ele, silencio: contos. 2. ed. São Paulo: Símbolo, s/d.

"Ao João Antônio / com o abraço do Loyola e a vontade de que você fosse dessa gente toda. / 17.2.76"

66-BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Zero: romance pré-histórico. Rio de Janeiro: Brasília, 1975.

"Caríssimo João Antonio / que seja o nosso ano. Ao menos estamos sendo editados / Abraço / Loyola / 31.7.75"

67-BRANDÃO, José. Exílio. São Paulo: Massao Ohno, 1983.

"Caro João Antônio. / Além do Mário da S. Brito - nossa glória sentimental - a cidade de Dois Córregos, que ainda luta para não fazer parte do Mapa do Brasil, ou de outro mapa qualquer também possui o poeta José Brandão. Eu soube ontem que este livro ganhou o prêmio "José Ermírio de Moraes", outorgado pelo PEN - Centre de S.P. ao melhor livro de poesias editado em 1983. O prêmio em prosa ficou para o Pietro Maria Bardi, diretor do Masp. Aceite esta lembrança com o abraço amigo de / H. Grael Tablas / Dois Córregos, em 19/junho/1984

68-BRANDÃO, José Carlos Mendes. O emparedado. Rio de Janeiro: Americana, 1975.

"Ao João Antônio, este O emparedado, com o abraço amigo do José Carlos. / 16-8-91"

Obs.: Há uma carta do autor que pede a João Antônio para que avalie seu projeto intitulado 'Memória da terra' e lhe manda uma cópia.

69-BRASIL, Assis. Ciclo do terror: romances. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: INL, 1984.

"Para João Antônio, com a velha admiração do companheiro Assis Brasil / Rio, 84".

70-BRASILEIRO, Antônio, SENNA, Eduardo, AZEVEDO, Idalina. Arupemba. s.n.t.

"Ao João Antônio um pouco da poesia da Bahia / Rio / 3/11/65"

71-BRITO, Antônio Carlos de. Tudo da minha terra: bate-papo sobre poesia marginal. s.n.t.

"Para o João Antônio, com um grande abraço do Cacaso / 9-75"

72-BRITO, Mário da Silva. Cartola de mágico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 227)

"Para João Antônio - mágico do conto - lembrança do seu admirador Mário da Silva Brito / Rio, agosto, 76"

73-BRITO, Mário da Silva. Natal de ontem, de hoje - e de sempre. Rio de Janeiro: Sabadoyle, 1976.

"Para João Antônio com o velho bem-querer do Mário da Silva Brito / Rio, 9 - Jan.-1976" / Obs.: Há impressa uma dedicatória a Plínio Doyle, à sua esposa Esmeralda, à Sônia e aos companheiros do Sabadoyle.

74-BRITO, Mário da Silva. Poemário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

"Para João Antônio / lembrança pobre do malandro frustrado e amigo e admirador seu / MSB / 14-9-66"

75-BRITO, Mário da Silva. Poesia do Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 128)

"Para o paulista João Antônio - lembrança afetuosa do carioca / MSB / Rio, 21-3-68"

76-BRUNO, Haroldo. As fundações da morte. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1976.

"Para João Antônio, mestre da arte do conto e de outras artes, com o abraço amigo"

77-BRUNO, Haroldo. Novos estudos de literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasileira: INL, 1980.

"Para João Antônio, com o abraço amigo e a admiração literária de que é prova o comentário às p.p. 242/245, onde puramente circunstancial e de superfície. - Rio, 27.3.81 / v. pag. 242"

78-BUENO, Wilson. Bolero's bar. Curitiba: Criar, 1986.

"P/ João Antônio. - Nem quis te comunicar. Fiquei c/ pudor. Você me conhece. / Dedico e, a sua maneira, consagro, este Bolero que vai servir ao menos para deslanchar o meu projeto literário. / Teu, / Wilson Bueno / 19/12/86"

79-BUENO, Wilson. Manual de Zoofilia. Santa Catarina: Noa Noa, 1991.

"João Antônio. / aí está zôo a que andam exagerando o encantamento. Só para você, só para você ver / para crer. O teu sempre amigo, Wilson Bueno"

80-BUENO, Wilson. Mar Paraguayo. São Paulo: Iluminuras; Paraná: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

"João Antônio, / todas as águas deste mar. / Teu, Wilson Bueno / Verão/92"

81-BURGOS, Valéria. Brincar de viver. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

"Querido João Antônio, / Começando e já aprendendo a tirar da vida o melhor: o prazer de estar no mundo com / pessoas como você. / Beijos / Valéria Burgos / Março /84 / Diretas já!"

82-BURNETT, Lago. Três momentos de liberdade. São Luís: SIOGE, 1984.

"Para João Antônio, esta lembrança dos tempos heroicos. / Seu amigo Lago Burnett Rio, natal de 1984".

C

83-CACASO. Mar de mineiro: poemas e canções. Rio de Janeiro: Edição Do Autor, 1982.

"Para o João Antônio, que esse mar (de mineiro) não está para peixe... - Com o abraço do Cacaso / 3-85"

Obs.: Há um poema de Cacaso na mesma página da dedicatória.

Ao contrário da referência anterior, nessa edição o autor assina a obra como Cacaso e não tem a referência Antônio Carlos de Brito, pois é uma edição feita pelo próprio autor.

84-CALDAS, Álvaro. Tirando o capuz. 4. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

"Para João Antônio, uma parte daquele drama em que o vento forte da História tocou nossos destinos. / Com o abraço do Álvaro / Rio out. 92"

85-CAMINHA, Edmílson. Palavra de escritor. Brasília: Thesaurus, 1995.

"Para João Antônio, com o muito obrigado pela excelente entrevista que enriquece esta coletânea, o abraço cordial do amigo e leitor Edmílson Caminha / Brasília, natal de '95"

D

86-DANTAS, Jaime Hipólito. Estórias gerais. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1986.

"Ao admirável contista João Antônio, que leio desde os tempos de Malagueta, Perus e Bacanaço, com toda a admiração do Jaime H. Dantas Natal, 08/10/86"

87-DANTAS, Paulo. Quem foi Antônio Conselheiro?: roteiro histórico e biográfico. São Paulo: Gráfica Carioca, 1966.

"Ao João Antônio, paulistano, cabra sempre lembrado no meu afeto, amigo, meu camarada, - esta humilde recordação do Paulo Dantas S.P. Abril, 66"

88-DERENGOSKI, Paulo Ramos. O desmoronamento do mundo Jagunço. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

A dedicatória está em um cartão postal: "Lages - SC 12-8-87 Ao velho amigo João Antônio, envio este livro, que, talvez, pudesse ir à Alemanha para, eventualmente, ser traduzido Paulo Ramos" Obs.: Envia endereço e há poesias de jornal - (nº 1, ano II, abril/junho 1985 -*Alguma poesia*)

89-D' INCAO, Maria Conceição, ROY, Gérard. Nós, cidadãos aprendendo e ensinando a democracia. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

"Ao João Antônio, na expectativa da sua leitura e com o carinho de Gerárd e Conceição S. Paulo, 05/06/95"

90-DRUCKER, Márcia. Os convites. s.n.t.

"pois é meu querido João Antônio eu gostaria que você soubesse o quanto é importante para mim, lembrar da sua ternura, seu amor tão grande por tudo, e do seu inevitável desencontro. Como você meus contos são zangados e mesmo violentos por muito amor não entendido. Um abraço mesmo Márcia São Paulo, 16/3/72 (ainda) “

91-DRUMMOND, Roberto. Hitler manda lembranças: romance. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

"A João Antônio , companheiro de guerrilha literária, o abraço e a amizade do Roberto Drummond. Veja: é a 5ª edição (em tempo recorde) e eu devo muito a aquela reportagem no "Jornal da Globo" / e portanto, também a você / a acolhida que este livro está tendo".

92-DUARTE, José Afrânio Moreira. O menino do parque: contos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1966.

"Para o excelente ficcionista João Antônio, autor, entre muitas outras coisas ótimas, do genial Meninão do caixote, com a muita admiração do contista menor José A. Moreira Duarte Belo Horizonte, 11-3-1969"

E

93-ESPINHEIRA FILHO, Ruy. O Nordeste e o negro na poesia de Jorge de Lima. Salvador: Fundação das Artes; EGBA, 1990.

"Ao João Antônio esta humilde colaboração ao estudo do admirável Jorge de Lima. Com a amizade de Ruy Espinheira Filho" - Obs.: Há um manuscrito de João Antônio na p. 15 com os seguintes dizeres: '(mundonga - mulher imunda e desmagelada) Carta a Virgínia Ishibe'.

94-ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Últimos tempos heróicos com Manacá da Serra. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. (Coleção Mínima, Série Literatura)

"Ao grande João Antônio, mestre da prosa e da amizade, conhecedor, como poucos, da condição humana - com a admiração e o abraço do Ruy Espinheira Filho - setembro de 91".

95-ESPÍNOLA, Adriano. Em trânsito (Táxi / Metrô). 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

"Ao João Antônio, estes versos em trânsito, correndo por algumas ruas do Brasil e da Poesia ... Com um abraço amigo e a admiração de sempre do Adriano Espínola. Rio, 16.7.96"

F

96-FAILLACE, Tania Jamardo. Mario - Vera: Brasil, 1962/1964. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

"Para João Antônio, com a amizade e admiração da companheira de lutas Tania J. Faillace maio / 84"

97-FARACO, Sérgio. Noite de matar um homem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

"Para João Antônio, mais o recuerdo do seu amigo velho, o Faraco Porto Alegre 1986"
Obs.: Nota de contra-capas de João Antônio.

98-FARIA, Álvaro Alves de. Em legítima defesa. São Paulo: Símbolo, 1978.

"João Antônio, você que guarda no coração um lugar para a poesia Um abraço fraterno do Álvaro Alves de Faria setembro / 78"

99-FARIA, Alvaro Alves de. Quatro contos de pavor e alguns poemas desesperados. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973.

"Para João Antônio, esta tentativa de poetas enquanto há tempo. Com o abraço amigo do Álvaro Alves de Faria outubro / 75"

100-FELDMAN, Cláudio. O rapto da mulher barbada. Santo André-SP: Taturana, 1978.

"Para João Antônio, escritor que faltava na literatura brasileira, com a maior admiração de Cláudio Feldman S. André, 7/78"

101-FELÍCIO, Brasigóis. Diários de André. Goiânia: Oriente, 1974.

"Para João Antônio, que veio trazer força e vigor à esvaziada e inofensiva literatura brasileira a minha admiração por sua obra do autor, Brasigóis Felício Go/13/3/76"

102-FELÍCIO, Brasigóis. Monólogos da angústia: contos. Goiânia: Oriente, 1975.

"Para João Antônio, admirável retratista do sub-mundo, dos marginalizados - com a viva admiração do autor Brasigóis Felício Go 13/3/76"

103-FÉLIX, Moacyr. Antologia Poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

"Com 1/3 do que escrevi como poemas, esta Antologia Poética, para você, meu caro João Antônio, figura humana que a vida ensinou-me a admirar e estimar pelo que faz e sente como escritor e como ser humano! Carinhosamente, Moacyr Félix. Rio, 13/7/93"

104-FERREIRA, Delson Gonçalves. O Aleijadinho. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.

"João Antônio: este livrinho é um testemunho de amor para com o nosso grande mulato - Antônio Francisco Lisboa. Mando-lhe como prova de amizade e de admiração. Sou antigo e constante leitor, ainda preso às seduções de Malagueta, Perus e Bacanaço. Um abraço do Delson. B.H. 26/6/1984".

105-FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Em busca de Thargélia: poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo Oitocentismo (1870-1920). Tomo I. Recife: Fundarpe, 1991.

"Ao querido João Antônio, colega e cúmplice nestlérianos, amigo, irmão, com muito carinho, Luzilá".

106-FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Lima Barreto e o fim do sonho republicano. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

"Ao João Antônio, interlocutor de raros momentos com intensos diálogos. Com um abraço, da Carmem"

107-FINATTO, José Adelar. Claridade. Porto Alegre: Movimento; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1983. (Coleção Poesiasul, v. 43)

"Porto Alegre 28.03.84 Meu caro João Antônio é com muita alegria que volto a fazer contato contigo, desta vez te enviando esse Claridade. Ele foi relacionado para publicação através do Plano Editorial 1983 da nossa secretaria de Cultura e o

lançamento será no próximo dia 17/4 às 18h30min. Heitor Saldanha, nosso amigo comum, diz para te mandar um abraço. Te queremos bem, João. Um abraço fraterno do Adelar".

108-FOLLEREAU, Raoul. O livro do amor. São Paulo: Mundo 3, s/d.

"João Antônio Aqui em Campos você nos deu sua experiência e recebeu uma avalanche de amor. Este livrinho é oferecido para completar tudo isto. Com os agradecimentos da IIIª Fiel. - Margô Tinoco"

109-FRANCO, Marco Valença. Faca de Ponta. Niterói-RJ: Centro Educacional de Niterói, 1976.

"Pro João Antônio - corpo a corpo - caos a caos - dia a dia - mano a mano com a vida - Marco Valença Franco"

110-FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. Os dois irmãos: romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1976.

"João Antônio, vai este para você. E saiba da minha maior admiração pela sua luta em prol de nossa literatura, e pelo trabalho literário que vem realizando. Oswaldo F. Júnior Rio, 1976"

111-FRANÇA JUNIOR, Oswaldo. Recordações de amar em Cuba. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

"João Antônio, para você o abraço muito amigo, do seu leitor e admirador, França Jr. 1986"

112-FREITAS FILHO, Armando. Cabeça de homem (1987 - 1990) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

"Para João Antônio, que escreve em bom português, contos inesquecíveis, com o abraço, o apreço e a velha admiração sempre nova em - folha, do Armando".

G

113-GALDINO, Luiz. Urutu Cruzeiro: narrativas. São Paulo: Clube do Livro, 1982.

"Para o João Antônio, mestre de Malagueta, Perus e Bacanaço, o abraço amigo desse companheiro obscuro. Luiz Galdino" Obs. : Há uma carta do autor para João Antônio.

114-GARCIA, José Godoy. Os morcegos. S/l.: Thesaurus, s/d.

"Ao João Antônio juventude invencível da vida com abraços de José G. Garcia. Brasília . set, 86"

115-GARCIA, José Ribamar. Em preto-e-branco. Rio de Janeiro: Litteris, 1995.

"Ao mestre, o maior contista destes temas, João Antônio, com humildade. José Ribamar Rio 11/9/95"

116-GARCIA, José Ribamar. Imagens da cidade verde: depoimentos. Rio de Janeiro: Carimbão, s/d.

"Ao mestre João Antônio - o melhor contista do País. Do sempre admirador e amigo. José R. Garcia Rio, 26/10/81"

117-GATTO, Dacyr. Sonetos do meu caminho. s/l.: Cupolo, s/d.

"Para João Antônio, esse novo Antônio de Alcantara Machado, of. Dacyr Gatto"

118-GOÊS, Fernando. O tecedor do tempo. São Paulo: Martins, 1969.

"A João Antônio, estas confissões paulistanas do seu amigo Fernando Goês S.Paulo, março, 1970".

119-GOMES, Duílio. Janeiro digestivo: contos. Belo Horizonte: Comunicação, s/d.

"Ao João Antônio, nosso contista, meu contista, Com o abraço do Duílio junho 82"

120-GOMES, João Carlos Teixeira. O domador de gafanhotos. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976. (Coleção Ilha de Maré, v.1)

"A João Antônio, modesta homenagem do autor pelo seu trabalho em favor dos novos escritores brasileiros. Salv. 25/ João Carlos Teixeira"

121-GOMES, José Edson. Agonia no Natal. Porto Alegre: Mercado Aberto, 196. (Série Novelas, 25)

"Para João Antônio, o melhor entre os melhores e amigo. José Edson Gomes Rio. RJ em 10 set. 86"

122-GOMES, José Edson. As sementes de Deus. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

"Para João Antônio, amigo, misto de genial e vigarista, um segundo livro (o terceiro já autografado, aguardando que perca mais êste) o aprendiz, José Edson Gomes Rio 31 - Dz - 65"

123-GOMES, Roberto. Crítica da razão tupiniquim. Porto Alegre: Movimento; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.

"Ao amigo e companheiro de batalha, João Antônio. Curitiba 14/12/77 Roberto Gomes"

124-GOMES, Roberto. Curitiba: scentia et labor, (verificar editora e local),1988. (Série Paranaenses nº 1)

"Ao amigo João Antônio, como expressão da minha estima pelo seu trabalho literário. Com o abraço do Roberto Gomes"

125-GOMES, Roberto. Os dias do demônio. Porto Alegre: Mercado Aberto; São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 1995. (Série Novo Romance)

"Ao mestre sempre lembrado, João Antônio, com o abraço amigo do Roberto Gomes 26/02/96"

126-GRAMMONT, Guiomar de. O fruto do vosso ventre: contos. São Paulo: Maltese, 1994.

"Para João Antônio, com a minha profunda admiração e o desejo de principiar a nossa amizade. G.G."

127-GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Graciliano Ramos e a fala das memórias. Maceió; Ediculte/ Seculte; Edufal, 1987.

"Ao grande escritor e jornalista João Antônio quando em visita a Maceió, uma recordação da Secretaria de Cultura e Esportes. Maceió, 20.06.91 Aleta Andrade Alencar"

128-GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Vidas secas: um ritual para o mito da seca. Maceió; Ediculte/ Seculte; Edufal, 1988.

"Ao escritor João Antônio uma lembrança dos funcionários da Secretaria de Cultura e Esportes de Alagoas. Maceió , 20-06-91" (contendo todas as assinaturas dos funcionários)

129-GUIMARÃES, Márcia. O rabo do presidente: e outras histórias. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985. (Coleção Prosa Brasileira, 10)

"A João Antônio, esperando que sinta o mesmo prazer e a mesma dor que senti ao escrever estas histórias. Um abraço e a amizade da Márcia Rio, 17/10/85"

130-GULLAR, Ferreira. Poema sujo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 231)

"Para João Antônio, com a admiração e o abraço afetuoso do Ferreira Gullar Rio, out. 1977".

H

131-HENFIL. Diretas Já! Rio de Janeiro: Record, 1984.

"João Antônio - JÁ! - Beijão direto do mano Henfil"

132-HILST, Hilda. Ficções. São Paulo: Quíron, 1977.

"A João Antônio o abraço, a admiração de H. Hilst 1977".

133-HIRSCH, Sonia. Só para mulheres: e homens que gostam muito das mulheres. s.n.t.

"Para João Antônio, com carinho, Sonia - 95"

134-Horas vagas. (Org. Joanyr de Oliveira). Brasília: Senado Federal, 1981. (Coleção Machado de Assis, v. 42)

"Ao João Antônio, uma lembrança de alguns amigos de Brasília, 19/11/83 - Esmerino Magalhães Jr., Solomão Sousa, Alan Viggiano, Nilto Maciel, Aluísio P. Valle".

135-HUZAK, Iolanda, AZEVEDO, Jô. Crianças de fibra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

"João Antônio Estou te enviando dois trabalhos meus. Um deles certamente irá te entristecer. Mas para compensar espero que o outro encha teus olhos de alegria. Um abraço Iolanda"

(2ª p.): "Ao João Antônio com meu carinho e admiração por conhecer pessoa tão bela Iolanda Huzak 16/3/95".

I

136-IBIAPINA, Fontes. Mentiras grossas de Zé Rotinho: contos populares do Folclore do Piauí. Teresina-Pi: Edição do Caderno de Letras Meridiano, 1977.

"Para João Antônio, com um pai d'égua abração escancarado Fontes Ibiapina Parnaíba, 12/8/77"

Obs.: Em uma nota à parte: "Prezado João Antônio Espero que acuse recebimento de Mentiras grossas de Zé Rotinho, também aguardo sua palavra-de-ordem com algumas apreciações sobre o mesmo. Caso publique qualquer nota por aí a respeito, manda-me um exemplar do jornal ou revista que a divulgar. Um abraço amigo Fontes Ibiapina Parnaíba, 12/8/77".

137-IBIAPINA, Fontes. Tombador: romance. Teresina: Comepi, 1971.

"João Antônio: para que suas horas vagas sejam mais vagas por uns dias. Fontes Ibiapina Piripiri, 29-2-72"

138-IVO, Lêdo. Os melhores contos. (Sel. Afrânio Coutinho). São Paulo: Global, 1994.

"A João Antônio, mestre na arte de contar histórias, seu amigo aprendiz. Lêdo Ivo 1995"

J

139-JAMARDO, Dominga. Vozes perdidas: poesia. Porto Alegre: Lume, 1975.

"Para João Antônio autor inteligente de Leão de Chácara o meu abraço. Dominga Jamardo".

140-JATOBÁ, Roniwalter. Sabor de química: contos. 3. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

"Ao amigo João Antônio, batalhador das Letras, estas histórias paulistanas e de migrantes nordestinos. Com o grande abraço do Roniwalter Jatobá SP 30/7/91"

141-JOANIDES, Hiroito de Moraes. Boca do lixo. São Paulo: Edições Populares, 1977.

"Ao mestre João Antônio Mestre da nossa nova literatura, com o abraço do Hiroito Joanides 21/10/77"

142-JOHNS, Per. Cemitérios marinhos às vezes são festivos: romance. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

"A João Antônio, mestre da ficção e de muitas outras sabedorias, meu agradecimento pela generosidade e um abraço de muita estima. Rio, 12/9/95 Per Johns"

Obs.: Nota de capa de João Antônio.

143-JORGE, Miguel. Caixote: romance. Goiânia: Oriente, 1975.

"Para João Antônio, com o grande abraço amigo do Miguel Jorge maio/76"

144-JOSÉ, Elias. A estrela e o Deus-menino. 2. ed. São Paulo: FTD, 1991. (Coleção Ave Alegria).

"Ao querido João Antônio, a poesia que há na fé, com nossos agradecimentos, retribuindo-lhe os votos de um Natal feliz e um 1992 pleno de boas idéias, sucessos e alegrias. Abraços dos amigos Silvinha e Elias Guaxupé, 13/12/91"

145-JOSÉ, Elias. Segredinhos de amor. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1991. (Coleção Girassol)

"Para João Antônio lembrar-se com alegrias os seus primeiros Segredinhos de amor com um abraço carinhoso pelo lançamento do belo Zicartola dos amigos Silvinha e Elias Guaxupé, 13/12/91"

146-JOSÉ, Elias. Um pássaro em pânico. São Paulo: Ática, 1977. (Coleção Nosso Tempo)

"Ao querido João Antônio, visionário e esperneador, que tanto em colaborado na luta de todos nós, com o abraço e a amizade do Elias José Guaxupé, 5/8/77"

147-JURANDIR, Carlos. Morto moreno: romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 277)

"Este Morto moreno vai para o amigo João, um dos seus inspiradores, homens de Letras e guerra, de santa fúria e doce bonança, de cuja cabeça têm saído algumas das coisas mais importantes de nossa literatura de hoje. Com um abraço do amigo Carlos Jurandir Rio, 28/5/79" - João Antônio escreve na contra-capa deste exemplar.

148-JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de cachoeira. 3. ed. Pará: Governo e Secretaria do Estado, 1991.

"Ao bandeirante de frases, João Antônio, o nosso grão de Marajó. Abraço Jurandir - Belém - 22.05.92".

L

149-LACERDA, Nilma Gonçalves. Manual de Tapeçaria : romance. Rio de Janeiro: Philobiblion; Fundação Rio, 1986.

"A João Antônio este Manual de Tapeçaria -porque - Leia - Quero a fome - o trigo - o homem - e mais a aventura da alquimia. A minha admiração de leitura sua me alimentando na tarefa da escritura. O abraço grande, Nilma Gonçalves Lacerda".

150-LADEIRA, Julieta de Godoy. O desafio de criar: o sonho e o chão da palavra escrita. São Paulo: Global, 1995.

"João, amigo: aí vai este livro onde você é muito citado - com a maior justiça do mundo. O abraço de Julieta julho'95"

151-LADEIRA, Julieta de Godoy. Passe as férias em Nassau. Rio de Janeiro: GRD, 1962.

"Ao amigo João Antônio, - contista sério - a admiração e o abraço muito cordial de Julieta. 8-7-62"

152-LADEIRA, Marilda de Menezes. O enunciado da flor e da pedra. s/l., s/ed., 1978.

"João Antônio, o resultado visual para uma jornalista e publicitária não deve ser analisado. Fruto de todas as dificuldades por que passam aqueles que pretendem ser escritores. Quanto ao resto, se tiver tempo, veja se tem algum merito. Foi feito com amor Um abraço Marilda de Menezes"

153-LAGO, Mário. Chico Nunes das Alagoas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

"João Antônio velho, você é substantivo. Pra que adjetivos que atrapalham. Abraços. Mário Lago 23/9/77"

154-LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Brasiliense, 1982, (Coleção Primeiros Passos, v. 53)

"Para João Antônio, que já sabe o que e como é, com a amizade da Marisa"

155-LAURITO, Ilka Brunhilde. Janela de apartamento. São Paulo: Cúpulo, 1968.

"Para João Antônio, o amigo, da Ilka Brunhilde 28/11/1968 São Paulo"

156-LEITE, Alciene Ribeiro. Eu choro do palhaço. Belo Horizonte: Comunicação, 1978.

"Ao caro João Antônio para chorarmos juntos os palhaços que fazemos de nós mesmos. Alciene Ribeiro Leite (Ituitaba), 12-5-78"

157-LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas, 6)

"Para João Antônio, de uma leitora assídua da sua ficção e da sua 'confissão' Com o abraço da Lígia SP. set/83"

158-LEMUS, Virgilio López. Garcia Marquez: una vocacion incontenible. Cuba: Letras Cubanas, 1982. (Colección Espiral)

"Para meu amigo João Antônio, en su visita a Cuba, por sus cuentos formidables para que recuerde a su Virgilio López Lemus (poeta y crítico, que tem vocação marxita, mais que tem nacido baixo o signo das balanças). La Habana, 1987".

159-LIMA, Carlos Emílio Corrêa. Ofos. Fortaleza: Nação Cariri, 1984.

"Para João Antônio, todo o furor, a mistura dos mundos, o transcendental (que não é imaginado), o cotidiano, a terra, a água, por dentro das frases, o fogo. Com o abraço do Carlos Emílio"

160-LINHARES FILHO. A metáfora do mar no Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. (Coleção Temas de Todo Tempo, 21)

"Para João Antônio esta tentativa de interpretação de Machado em um de seus livros. Com o alto aprêço intelectual e o abraço amigo do Linhares Filho Campina Grande, setembro, 1982".

161-LINHARES FILHO. Voz das coisas: do espaço, do inespço, da vida e da morte. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará, 1979.

"Para João Antônio, com real admiração pela legitimidade de sua arte e pela riqueza de sua figura humana. Com o cordial abraço e a amizade do Linhares Filho Campina Grande, setembro, 82"

162-LINS, Osman. Nove, novena: narrativas. São Paulo: Martins, 1966.

"Ao companheiro João Antônio, amigo do peito, abraço do Osman. - rio - 17-8-66"

163-LINS, Osman. O visitante: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

"Para o João Antônio, com todos os espaços e claridades dêste dia, um abraço de amigo Osman Lins S.Paulo, 27-10-62"

164-LINS, Osman. Um mundo estagnado. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

"Para o João Antônio, meu aliado e amigo, Osman S.P. Nov. 66"

165-LINS, Ronaldo Lima. A lâmina do espelho. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: Inl, 1983.

"Para João Antônio, escritor importante, conhecedor da violência, à espera das boas impressões como este relato. Abraços Ronaldo Lins Rio, 3/11/83"

166-LOBATO, Manoel. A verdadeira vida do irmão Leovegildo: romance. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

"A meu fraterno João Antônio (e para Teresa) esta lembrança do Manoel Lobato".

167-LOBATO, Manoel. Contos de Agora. Belo Horizonte: Oficina, 1970.

"A meu velho companheiro João Antônio e também para a Marília esta fraterna lembrança do Manoel Lobato. 21.10.70"

168-LOBATO, Manoel. Os outros são diferentes. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1971.

"À Marília e ao João Antônio a fraterna estima do Manoel Lobato 6-5-71"

169-LOBATO, Manoel. Você precisa de mim?: o antúrio não é uma flor séria. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

"João Antônio, fraterno, - Hoje, dia de seu aniversário - mando-lhe um abraço em meu nome e no de minha gente, desejando-lhe felicidade ao lado de sua admirável GUARDIÃ, a Tereza com zê. Z é símbolo, por isso grafo com esse. Só para ficar "diferente". Teu velho Manoel Lobato 27.1.81"

170-LOBO, Luiz, CÂMARA, Leopoldo Adour da. A arte do rabo de galo: breve discurso em torno de copos e garrafas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

"Para João Antônio, da Lapa, A arte do rabo de galo, uma reportagem do seu amigo Lobo dez 66"

171-LOREDANO, Cássio. Nássara desenhista. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985.

"Pro bom amigo João Antônio, meus escritor predileto, que me dá o prazer (e a honra) de ser leitor deste livro com o abraço do Nássara 11/5/94 Tem que ser festejado com fôgos e foguetes de rojão Nássara"

172-LOURENÇO, Edival. A centopéia de Neon. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1994.

"Ao escritor João Antônio, com minha admiração e respeito com o abraço do Edival Lourenço. - 11/10/95"

173-LOURENÇO, Edival. Coisa incoesa: poemas. Goiânia: Criassã, 1993.

"Ao amigo João Antônio este compêncio para suas horas de lazer. Com o abraço do Edival Lourenço. - 11/10/95"

174-LOUZEIRO, José. A gang do beijo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

"Ao companheiro, grande escritor João Antônio, esta lembrança e sincera homenagem. Abraço José Louzeiro Rio/84"

175-LOUZEIRO, José. Em carne viva. Rio de Janeiro: Record, 1980.

"Ao amigo, grande escritor João Antônio esta história de uma melhor coragem. Diga o que acha! José Louzeiro Rio/80"

176-LOUZEIRO, José. Lúcio Flávio / o passageiro da agonia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

"Ao extraordinário contador de estórias que é João Antônio este exercício do romance Lúcio Flávio do José Louzeiro 1975"

177-LOUZEIRO, José. O estrangulador da Lapa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

"Ao amigo e companheiro de literatura e jornalismo João Antônio Abraços José Louzeiro 1976"

178-LOYOLA, Ignácio de. Depois do sol: contos. São Paulo: Brasiliense, 1965.

"Ao João Antônio uns pedaços deste São Paulo que a gente está pegando de jeito, tirando a sua semi-vidgindade literária e cinematográfica, que é para êle deixar de ser besta Loyola 11.11.65"

179-LUCAS, Fábio. Horizontes da crítica. Minas Gerais: Movimento-Perspectiva, 1965.

"Para João Antônio lembrança muito cordial do Fábio Lucas"

180-LUCENA, Antônio Carlos. Para latir na calçada. São Paulo: s/ed., 1978. (Coleção Sanguinovo)

"P/ o João Antônio: c/ 1 gde. abraço do companheiro na poesia - Vamos em frente que a vida não espera - 1 abraço - Touchê - 7/mar/80"

181-LUFT, Lya. O quarto fechado: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

"A João Antônio minha amizade Lya Luft abril 84"

M

182-MACHADO, Ana Maria. Alice e Ulisses. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

"A João Antônio, cordialmente, Ana Maria Machado set. 83"

183-MACIEL, Laury. Corpo e sombra: contos. Porto Alegre: Movimento; Instituto Estadual do Livro, 1977. (Coleção Rio Grande, v. 31)

"Para João Antônio - mestre do conto no Brasil e entre cujos discípulos me incluo - o abraço muito amigo do Laury Maciel 20.7.78"

184-MACIEL, Laury. Corpo e sombra: contos. Porto Alegre: Movimento; Instituto Estadual do Livro, 1977.

"Para o João Antônio, inovador do conto no Brasil, a partir de Malagueta, Perus e Bacanaço. O abraço muito amigo e o apelo para que não seja muito severo ao julgar este Corpo e sombra. Laury Maciel - 1º.10.78"

185-MACIEL, Nilto. Estaca zero. São Paulo: Edicon, 1986.

"Para João Antônio, com minha admiração. Nilto Maciel Brasília, 4/90"

186-MAGALHÃES JUNIOR, Esmerino. Ir entre os vivos: poemas. Brasília: Alterosa, 1978.

"Ao João Antônio, um dos meus mestres favoritos do conto brasileiro (está no meu pódio sentimental junto com o Dalton, José J. Veiga, Bernardo e Piroli), com o abraço sincero do Esmerino 19/11/83"

187-MALAQUIAS, Terezinha. Menina coco. São Paulo: J. S. Impressora, 1991.

"João Antônio Você me encantou com a sua fala carregada de paixão. Obrigada por me proporcionar tamanha alegria. Um abraço da menina coco. Terezinha Malaquias São Paulo 03/07/91"

188-MALDONADO, Paulo. O último gole. Rio de Janeiro: Unigraf Editora e Planejamento, 1988.

"Para o João Antônio, irmão, amigo e muito, muito mais, com a profunda admiração do Maldonado - 3/11/88"

189-MANDATTO, Jácomo. Testamento: poesia. Itapira - SP: Gráfica Itapireense, 1993.

"Ao meu velho amigo João Antônio, contista pinacular da literatura brasileira!, ofereço este punhado de poemas crepusculares, com a admiração nunca esquecida nem diminuída do Jácomo Mandatto Itapira, agosto, 1993".

190-MARCHETTI, Antonio. Baleiro, balas: romance. São Paulo: IBREX, 1983.

"Para João Antônio, celebrado contista de nossa literatura, jornalista e crítico emérito, com os melhores votos e sincera gratidão de Marchetti 7/9/83 Monte Aprazível - SP"

191-MARCOS, Plínio. Uma reportagem maldita (Querô): romance. São Paulo: Símbolo, s/d.

"Ao João Antônio um abraço do Plínio"

192-MARINHO, Jorge Miguel. Mulher fatal: histórias de sabor explícito. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

"Para João Antônio, com quem eu já convivo literariamente, e agora pretendo, com ele, construir muitas histórias... Abraço afetuoso do Jorge"

193-MARINS, Francisco. Grotão do café amarelo. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

"Para o João Antônio homenagem e apreço intelectual do Francisco Marins 1968"

194-MARTINS, João. Os indesejados: romance. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

"A João Antônio, romancista de raça, do seu colega de prostituição jornalística João Martins Rio, setembro, 65"

195-MARTINS, Julio Cesar Monteiro. O espaço imaginário: um romance irresponsável. Rio de Janeiro: Anima, 1987.

"Para o meu amigo de fé João Antônio, companheiro de primeira hora e de todas as horas, este nosso espaço interior e o abraço afetuoso do amigo Julio Cesar ago. 89"

196-MARTINS, Julio Cesar Monteiro. Sabe quem dançou: contos. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

"Aí, João. Salve, amigo e mestre! A gratidão e a admiração incondicional do seu amigo e irmão Julinho jul. 78 - nota: beijos na Tereza"

197-MARTINS, Maria Teresinha. O ser do narrador nos romances de Clarice Lispector. Goiânia: Cerne, 1988.

"Ao João Antônio, como agradecimento pelo exemplo de vida. Teresinha, 03/11/95"

198-MARTINS, Marlene Andrade. Sonhos de vitrines. Belo Horizonte: O Lutador, 1993.

"Para João Antônio, com o meu melhor abraço. Atenciosamente, Marlene Andrade Martins Brasília, 14-8-1993"

199-MARTINS, Tânia. A doçura dos tigres: contos. Uberlândia-MG: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1995.

"Ao João Antônio irmão sofrido de histórias sobre histórias pós-tupiniquins, dedico estes tigres, gatos e cavalos brasileiros. Um beijo Ouro Branco, 16.04.95 Tânia Martins"

200-MATHIAS, Sofia. De choros e luas: poesia. São Paulo: LR, 1984.

"João Antônio, um pouco da minha vida "poetada" neste segundo trabalho. Um abraço, Sofia Mathias 16.10.84"

201-MATTOS, Florisvaldo. A caligrafia do soluço e poesia anterior. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996.

"Para João Antônio, grande do conto e da crônica, que me deu a oportunidade de compreender o lirismo de vida urbana. Com um abraço do Florisvaldo Mattos Bahia, 07/96"

202-MATTOS, Lourdes. Retalhos da vida. s.n.t.

"Da-me tua mão e eu subirei esta colina Ao Sr. João Antônio cumprimentos da Lourdes Mattos Agosto 76"

203-MEDAUAR, Jorge. Visgo da terra. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1983.

"João Antônio: Você não precisa de dedicatória: já somos visgados numa velha amizade, Medauar Com votos de festas para 1983/84"

Obs.: Há na primeira folha a seguinte citação à parte:

"Como vê, não sós os livros - mas todo o Brasil precisa de uma boa revisão. - Medauar" (indicando a Errata que segue anexa)

204-MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

"João Antônio companheiro no garimpo do diálogo social. Beijo da Cremilda S.P. out. 86".

205-MELLO, Amaury de Souza. A vida como ela quer: contos. Rio de Janeiro: Cátedra, 1971.

"Ao brilhante literato João Antônio com um abraço" Rio 20/12/72 Amaury"

206-MELLO, Thiago de. Faz escuro mas eu canto - porque a manhã vai chegar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 96)

"Para o João Antônio do meu coração, que tanto me ajudou no exílio, (com os meus livros,) a amar ainda mais o Brasil, o seu povo e a sua arte. Com o respeito do Thiago".

207-MELO NETO, João Cabral de. Auto do frade: poema para vozes. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Coleção Poiesis)

"Para João Antônio, amigo - em - Joel Silveira, com a admiração do João Cabral de Melo Neto 1985"

208-MENEZES, Carlos. Elesbão, o bleso - e outras histórias. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

"Para o querido e fraternal amigo João Antônio, mestre maior do conto brasileiro, estas tentativas de um velho aprendiz de contador de estórias, Carlos Menezes"

209-MENEZES, Holdemar. Os residentes: romance. Porto Alegre: Movimento, 1982. (Coleção Santa Catarina, v. 20)

"Para João Antônio, mestre na arte de narrar, com minha profunda admiração Holdemar. Desterro: 7.11.82"

210-MIKETEN, Antonio Roberval. Enigma e realidade: ensaios críticos. Brasília: Thesaurus, 1983.

"Para João Antônio, o escritor da doida alma brasileira, ofereço este livrinho, com admiração e muito respeito. Brasília, 12.12.83 MIKETEN"

211-MIKETEN, Antonio Roberval. O inconsciente do signo. Brasília: Thesaurus, 1982.

"Para João Antônio, tão bom contista quanto amigo, com o abraço do Miketen - 19.11.83"

212-MIRANDA, Luiz de. Memorial. Porto Alegre: Nação, 1973.

"Para João Antônio Ferreira Filho, que sabe falar da vida com fidelidade dos grandes mestres o Memorial, a amizade do Luiz de Miranda

P.S. "E que possamos tomar uma cachaça depois da meia-noite para que a alma fique mais limpa".

213-MIRANDA, Luiz de. Solidão provisória. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.

"Ao escritor e amigo João Antônio, companheiro desta solidão provisória, com abraço gaúcho e a esperança acesa Luiz Miranda Rio, 26/ nov/ 78"

214-MIRANDA, Macedo. Roteiro da Agonia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

"A João Antônio, um dos meus prazeres de leitura. Macedo Miranda Rio, out., 65"

215-MOACIR, Amâncio. Estação dos confundidos. São Paulo: Símbolo, 1977.

"Ao João Antônio: quem não sai do trilho é trouxa e trem Abraço do Moacir Amâncio SP / 24-1-78"

216-MONTE, Airton. Alba sangüínea. Fortaleza: Editel, s/d.

"Pro João, com a amizade cearense do Airton Monte" Obs.: Envia endereço e telefone.

217-MONTE, Airton. Alba sangüínea. Fortaleza: Editel, s/d.

"Para o João, a minha visão meio agoniada deste país. Com a amizade do Airton Monte"

218-MONTE, Airton. Memórias de botequim: poemas. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

"Para o João Antônio, estes textos escritos nos bares da vida. Com a amizade do Airton Monte"

219-MONTEIRO, Nilson. Simples. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

"Ao João Antônio, a quem admiro pela simplicidade / grandeza da convivência maior com as palavras (vida) - Um forte abraço do Nilson Cutba 23/02/94"

220-MONTELLO, Josué. Um rosto de menina. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983.

"Ao João Antônio, mestre na arte de contar histórias, esta afetuosa lembrança de seu velho admirador e agora amigo Josué Montello - 1993"

221-MORAES, Herculano. A nova literatura Piauiense. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

"Para João Antônio, o afeto e a amizade deste "cangaceiro desterrado". POA, novembro, 1977 - Herculano"

222-MORAES, Herculano. Seca, enchente, solidão. Porto Alegre: EMMA, 1977.

"Para João Antônio, esta: imagem raquítica do Piauí. POA, novembro, 1977. Herculano"

223-MORAES, Herculano. Visão histórica da literatura Piauiense. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, s/d.

"A João Antônio, para que conheça um pouco da literatura do Piauí. - Poa, novembro, 1977 Herculano Moraes"

224-MOREL, Edmar. Venda da liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Coleção Retratos do Brasil, v. 53)

"Ao João Antônio esta história que está na História do Brasil. - do Edmar Morel - 18-1-72"

225-MOTTA, Pascoal. Cantiga de adormecer tamanduá e acordar uns homens. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

"Pro João Antônio, o maior malandro da LB, este Cantiga de adormecer tamanduá e acordar uns homens, com o abraço de Tamanduá, de tanta admiração: Pascoal - 10.10.84"

226-MOTTA, Pascoal. Ver de boi: poemas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

"Para João Antônio, escritor de muitas admirações, este meu primeiro Ver de boi com o abraço do Pascoal - jul / 75"

227-MOURA, Antônio José. Dias de fogo. 2. ed. São Paulo: Global, 1984.

"Para o João Antônio, com as bençãos (espero) do velho Afonso Henriques de Lima Barreto. Consagro - Moura - maio / 85"

Obs.: Recebe um cartão com os seguintes dizeres: "Goiânia, 22.05.85 A benção. Aqui vão os cumprimentos e a oferta de amizade do Moura".

228-MOURA, Antônio José. Dias de fogo. 2. ed. São Paulo: Global, 1984.

"Ao João Antônio, esses Dias de fogo. E o abraço do Moura - Goiânia, 14.12.95"

229-MOURA, Antônio José de. Notícias da Terra. São Paulo: Símbolo, 1978.

"Para João Antônio estas (já velhas) Notícias da Terra. E mais o abraço e a admiração do Antônio José de Moura".

230-MOURA, Antônio José. Sete léguas de Paraíso: romance. São Paulo: Global, 1989.

"Ao João Antônio, contista da minha devoção, essa fantasia em torno de uma santa do Planalto. Do-sempre amigo - Moura - Goiânia, 14.12.95"

231-MULLER, Alberto Beutten. Espadamormarmorte. São Paulo: Brasil, s/d.

"Ao João Antônio - companheiro, amigo e cúmplice das lutas comuns desse nosso século, o abraço e a esperança nessa ansia de ser Alberto Beutten Müller - Festival de Areia - 1979"

N

232-NADOTTI, Nelson, LERRER, Sérgio, GROISMAN, Alberto. Classe de 58. Porto Alegre, s/ ed., 1978.

"Para João Antônio, homem do povo e escritor brasileiro, com um abraço. Nelson"

233-NASCIMENTO, Esdras do. Solidão em família: romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 49).

"Ao João Antônio, com votos de muito êxito para o "Malagueta", o abraço amigo do Esdras Nascimento Rio, Abril, 1963".

234-NASCIMENTO, Flávio. Viagens: poesia. Rio de Janeiro: Frei Luiz, 1979.

"Para o João Antônio amigo dessa luta corpo a corpo da poesia andarilha. Flávio Nascimento junho , 80"

235-NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

"Ao João Antônio, com admiração e amizade. Raduan SP 30.12.75"

236-NASSAR, Raduan. Um corpo de cólera: novela. São Paulo: Cultura, 1978.

Está em um cartão avulso: "Ao João Antônio, com o abraço e o afeto do Raduan - agosto 78"

237-NAVEIRA, Raquel. Fonte luminosa. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

"Ao escritor João Antônio, ofereço estes poemas impregnados de memória. Raquel Naveira julho / 91"

238-NEJAR, Carlos. De "Sélesis" a "Danações". São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1975. (Coleção Sélesis)

"Para Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia e João Antônio - escritor - a homenagem amiga do Carlos Nejar P.A. out / 76"

239-NEPOMUCENO, Eric. Cuba: novas anotações sobre uma revolução. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

"Para João Antônio, irmão de tantas (boas) batalhas, abraços. Sempre Eric."

240-NÊUMANNE, José. A república na lama: uma tragédia brasileira. 3. ed. São Paulo: Geração Editorial, 1992.

"Para João Antônio, esta má malandragem, Nêumanne São Paulo, 16/10/92"

241-NÊUMANNE, José. Solos do Silêncio: poesia reunida. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

"Para João Antônio, esta poesia, ainda vã, mas sempre necessária, Nêumanne - São Paulo, 25/4/96"

242-NÊUMANNE, José. Veneno na veia: romance policial. São Paulo: Siciliano, 1994.

"Para João Antônio, esta história dos subterrâneos de Brasília, Nêumanne - S. Paulo, agosto de 94"

243-NEVES, Amilcar. Movimentos automáticos. São Paulo: Massao Ohno, s/d.

"Para o João Antônio, com minha satisfação por conhecê-lo pessoalmente minha admiração pela força de sua obra e meu grande abraço. Amilcar Neves São Paulo, 03.07.91"

244-NEVES, Gastão. Romance de Lisboa. Rio de Janeiro: Cátedra, 1973.

"À Tereza e João Antônio o abraço da amizade brasi-lusa do Gastão Neves Rio, 27/1/76"

245-NEVES, Libério. Pequena memória de terra funda. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

"Para João Antônio com os cumprimentos do Libério Neves"

Obs.: Há ainda um bilhete agradecendo a João Antônio por tê-lo citado em sua coluna "Corpo-a corpo" do dia 25/6/76. Pede-lhe que tenha 'especial atenção' para o conto "Bolas em jogo", do livro Mil quilômetros redondos, lembrando alguma coisa do tema de Malagueta, Perus e Bacanaço.

O

246-O conto baiano contemporâneo. (Org. Valdomiro Santana). Bahia: EGBA, 1995.

"A João Antônio, este panorama da Bahia e a amizade do Valdomiro Santana Rio - 11 - janeiro/ 96"

247-OLIVEIRA, Ariosto Augusto de. A noite do galo doido: contos. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Cantadas Literárias, 43)

"Para João Antônio, forte companheiro de ofício, este galo doido que mais louco ficará nas suas mãos. Abraços do Ariosto 25/3/86"

248-OLIVEIRA, Ariosto Augusto de. A noite do galo doido: contos. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Cantadas Literárias, 43)

"Para João Antônio, irmão de armas, com o forte abraço do Ariosto 29/12/86"

249-OLIVEIRA, Ariosto Augusto de. A pesada memória da noite: romance. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

"Para João Antônio cuja obra abriu caminhos novos e reais na literatura brasileira Com o forte abraço - Ariosto 15/7/91"

250-OLIVEIRA, Ariosto Augusto de. Caradura: minicontos. São Paulo: Brasiliense, 1987.

"Para João Antônio, companheiro forte tanto de ofício como de copo. Abraços do Ariosto - 12/8/87"

251-OLIVEIRA, Ariosto Augusto de. Na mão grande: contos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1983. (Coleção Atualidade, v. 28, série 2)

"Para o João Antônio que abriu os caminhos para esta ficção. Com o abraço do Ariosto 15/10/83"

252-OLIVEIRA, José Carlos. Domingo 22: romance. São Paulo: Ática, 1984.

"Querido João Antônio, aí está meu artefato copiado da estrutura da telenovela. Para ver se ganho dinheiro. Um abraço José Carlos Oliveira Rio Natal 84"

253-OLSEN JUNIOR, Oldemar. Os esquecidos do Brasil. Florianópolis: Paralelo 27, 1993.

"Para João Antônio, depois de longo e tenebroso inverno (espero), finalmente a "estréia", esperando que o amigo - que conhece este povo brasileiro a- precie este Os esquecidos do Brasil, com a amizade e o abraço do Oldemar Olsen Jr. Desterro 22/IV/93"

254-Os escolhidos do Stanislaw. Luís Maria Acunã... [et al] (Coordenação de Flavio Moreira da Costa) Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

"João Antônio, companheiro de luta, que nossas palavras lavem a terra neste tempo de guerra. abraços - nov. / 92"

/ Obs.: Há um cartão de Flávio Moreira da Costa - "Prefeitura - Assessor I do Secretário"

255-Outros catarinenses escrevem assim. (Organizada pro Oldemar Olsen Junior) Blumenau-SC: Acadêmica, 1979.

"Ao escritor João Antônio, desmistificador maldito, consciente do engajamento, na mesma luta com o 'Leão-de-Chácara', malhando o 'Judas Carioca' com a 'Malagueta, Perus e Bacanaço'... A modificação no 2º título foi apenas para o trocadilho dar certo. 80 será o ano da literatura, contamos contigo no acadêmico - um abraço fraterno. Apesar de tupiniquim, o organizador - 07/1/80"

P

256-PAES, José Paulo. A aventura literária: ensaio sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

"Ao João Antônio, com o velho abraço do José Paulo Paes" / Obs.: Há anotações de João Antônio na primeira página.

257-PAEZZO, Sylvan. Diário de um transviado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 53)

"Ao João Antônio, maior revelação dêste nosso ano-bom, com o abraço do amigo e o respeito do colega. Paezzo Rio 63"

258-PAIXÃO, Fernando. Fogo dos rios: poemas, São Paulo: Brasiliense, 1989.

"Ao João Antônio, irmão no garimpo da palavra, que, quando ouve, é fogo que queima os olhos, com o abraço do Fernando Abril / 89"

Obs.: Encontram-se os seguintes dizeres nas páginas 48/49: "João Antônio, Aí vai o (ilegível) do meu livro, para a sua leitura, sempre atenta e sensível. Vale pela 'solidariedade da palavra', que nos une. Um abraço Fernando"

259-PAIXÃO, Fernando. Vinte e cinco azulejos: poesia. São Paulo: Iluminuras, 1994.

"Ao João Antônio, que sabe luzir e explodir azulejos, com o abraço do Fernando out/94"

Obs.: O autor envia um cartão de visitas com seu endereço e telefone e no verso está escrito: 'Eiaôôôô, grande poeta! Fernando'

260-PALLOTTINI, Renata. A faca e a pedra: poesia. São Paulo: Brasil Editôra, 1965.

"Ao João Antônio, com o abraço amigo da Renata 1966"

261-PAPI, Luiz F. Este ofício: seleção poética. Rio de Janeiro: Folhetim, 1976.

"Para João Antônio, 'este ofício' de amizade do velho companheiro Luiz F. Papi Out. 76"

262-PASCHOAL, Marcio. Cada louco com sua mania: uma visão bem-humorada do comportamento humano. Rio de Janeiro: Record, 1995.

"Ao: mestre João Antônio incentivador nas artes e amigo na vida ofereço, com carinho.
Marcio Paschoal 06/06/95"

263-PASOLINI, Pier Paolo. O pai selvagem. (Tradução de Silvana S. Rodrigues) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Biblioteca do Leitor Moderno, v. 169)

A dedicatória está em um cartão a parte (1ª folha): "Rio 11/11/83 Decio Drummond
Meu caro João Antônio: Aí vão exemplares de livros de autores italianos que consegui localizar no arquivo. Os outros estão todos esgotadíssimos. Abração do Decio"

264-PAULAFREITAS, Luis. Linhas paralelas: contos. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

Há os seguintes dizeres em um papel avulso: "Escritor João Antônio Conforme desejo escrito de papai estamos enviando, ao senhor, um exemplar de 'Linhas paralelas'. Era sua vontade fazer-lhe uma dedicatória. Devido ao agravamento do seu estado de saúde, isto não foi possível. Deus assim o quis. Os filhos"

265-PAULO, José. O tempo e a sorte. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

"A João Antônio, O tempo e a sorte, como lembrança de uma entrevista. Rio 26-VIII-69"

266-PEIXOTO, Mário. O inútil de cada um. Rio de Janeiro: Record, 1984. (Coleção Itamar, v.1)

"A João Antônio - certamente um "encontro" - que espero frutifique - para "coisas" do nosso Brasil. O apreço de Mário Peixoto Angra - em 20 de junho de 1984".

267-PELLEGRINI JUNIOR, Domingos. O homem vermelho: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

"Ao João Antônio com o afeto e a gratidão do Domingos Pellegrini".

268-PELLEGRINI JUNIOR, Domingos. Os meninos. São Paulo: Vertente, 1977.

"Ao João Antônio, com amizade do D. P. - 23/8/77, dia em que ainda se encontra preso o escritor Renato Tapajós, pelo 'crime' de escrever um romance. Ao João Antônio com o afeto e a gratidão do Domingos Pellegrini".

269-PEREIRA, Manoel. Canto terceiro e a patética. Teresópolis: Imperatriz, 1979.

"Ao João Antônio, que não é Leão de chácara nenhum, meu canto terceiro nesta noite patética. do autor Manoel Pereira 8.2.79"

270-PEREIRA, Otoniel Santos. A pedra na mão. s/ l.: Massao Ohno, 1964.

"João Antônio você é o camaradão do teu camaradinho Otoniel"

271-PEREIRA, Uilcon. A implosão do confessionário. São Paulo: Do Escritor, 1984.

"A implosão do confessionário para o João Antônio meu prosador evaristo este livro sobre os mil e um evaristos abraço e amizade do Uilcon / dez 84"

272-PEREZ, Renard. Irmãos da noite: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 276)

"Para João Antônio - irmão da noite, este mergulho na nossa Copacabana, fraternalmente, Renard Perez - Rio, 15-5-1981".

273-PEÇANHA, Sônia. Depois de sempre. Niterói-RJ: EDUFF, 1992.

"Ao escritor João Antônio, a alegria por repartir estes primeiros passos no mundo das letras. Sonia Peçanha"

274-PEÇANHA, Sônia. Depois de sempre. Niterói-RJ: EDUFF, 1992.

"João Antônio, na simplicidade de 'Depois de sempre' o meu respeito, a minha alegria de poder compartilhá-lo com você, 'Guardador' do melhor de nossas letras. - Sônia Peçanha"

275-PICCHIA, Menotti Del. A "semana" revolucionária. (Org. Jácomo Mandatto). Campinas - SP: Pontes, 1992.

"Itapira, 10 de agosto de 92 Meu caro, velho e dracular João Antônio: ainda estou vivo!!!!!! Veja: aí está o livro que criei e não constava na bibliografia do velho Menotti, cujo centenário estamos comemorando e você deve ter visto algumas coisas que promovi e venho promovendo sobre ele. Só ainda não vi o SEU artigo sobre. Agora você não tem desculpa pra faturar uma das suas crônicas - ou artigo? - no "Jornal do Brasil". Melhor pretexto não pode existir pra arrancar da sua velha maquininha um artigo sobre A "SEMANA" REVOLUCIONÁRIA, QUE organizei e que lhe mando como uma parte de mim !!!!! E me mande recorte, que irá pro acervo da "Casa de Menotti" e pra Editora, que é aqui de Campinas. Beba dez chopes por mim !!

O abraço muito dracular do Jácomo (vide) * * e me mande nomes pra quem a editora deve mandar o livro com a certeza de que será registrado. TE ABRAÇO, IRMÃO !!!! JÁCOMO Ao meu velho e dracular irmão João Antônio, esta lembrança carinhosa do Jácomo Itapira, 10/ago/92"

276-PINTO, João. Luzes esvaídas. Teresina-PI: Projeto Petrônio Portella, 1991.

"Para João Antônio, a quem considero como um dos grandes e maiores contistas da literatura brasileira, do João Pinto Manaus, Am., 1991".

277-PINTO, José Alcides. Fúria: poesia. Fortaleza: IOCE, 1986.

"Ao escritor João Antônio: o conto, a poesia, o amor, o social, o erótico e o pornô, tudo por dentro da vida, tudo por dentro do mundo. - Fortaleza 1986 - José Alcides Pinto"

278-PIRES FILHO, Ormindo. O social e outros ensaios. São Paulo: Quíron; Recife: Prefeitura Municipal, 1976. (Coleção Logos)

"Prezado amigo: Creio que nós, que escrevemos, formamos uma comunidade universal, independente de línguas e de fronteiras. Creio que nossa missão é trabalhar por um mundo mais justo e mais humano: mais belo. Ormindo Pires Filho"

279-PIROLI, Wander. A mãe e o filho da mãe. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, s/d.

"Taí, João. Você e o Fábio ajudando a carregar esta nobreza. Um bom abraço - BH - 15/2/74"

280-POERNER, Artur José. Nas profundas do inferno: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

"Para João Antônio, com o prazer de tê-lo como companheiro de equipe e a amizade do Poerner Rio, 6/VII/84"

281-POLISTCHUCK, Myriam. Entranhas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1991.

"Com o mais dos prazeres e honradamente entrego esta loucura. Boa Sorte! Myriam - 10.5.93"

282-POMBO, José do Patrocínio. Quarto: auto-poema-retrato. Campina Grande: Snta Fé, s/d.

"João. Não amar essa coisa bela como é a poesia, é ser um "Dedo-Duro" meu abraço Pombo 24/09/82"

283-PONTES, Ipojuca. Brasil filmes ltda. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

"Este Brasil filmes ltda para João Antônio irmão de tôdas as horas, talento literário que nem o Brasil sufoca, futuro parceiro nas aventuras do Sargento Panta, alías, Cabo Rosinha Com os cumprimentos de Ipojuca P.S. Favor não faltar na noite de autógrafos."

284-PRADO, Adélia. Bagagem. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. (Coleção Poiesis)

"João Antônio, ache nesta Bagagem minha amizade este desejo: seja feliz! Alegrias! Adélia Prado 24.7.84 Divinópolis - Minas"

285-PRADO, Adélia. Solte os cachorros. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

"Para o João Antônio, bem mansinhos, vão meus cachorrinhos. O abraço de Adélia Prado 24.7.84 - Divinópolis, Minas"

286-PUIG, Manuel. The Buenos Aires affair: romance policial. (Trad. Glória Rodríguez) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Biblioteca do Leitor Moderno, v. 156)

"Meu querido João Antônio São poucas as oportunidades como esta. Atrevo-me a escrever ao escritor. Ao grande escritor que eu admiro. Não escrevi este livro, mas desenhei a capa. Que é uma arte também. Para você, com aminha homenagem Novembro de 1975 Eduardo"

287-PUNTEL, Luiz. Açúcar amargo. São Paulo: Ática, 1986. (Série Vaga-Lume)

"João Antônio, meu mestre, é preciso adoçar este açúcar, colocar um pouco de mel em vidas tão cheias de fel. Abraço do Puntel. Ribeirão Preto, 9/8/86"

288-PY, Fernando. A construção e a crise. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

"Para Marília e João Antônio êstes garranchos de uma poesia em crise em construção permanentes o abraço amigo do Fernando Py - Rio, 1969"

289-PY, Fernando. Antiuniverso. Rio de Janeiro: Sette Letras; Petrópolis-RJ: Fírmio, 1994.

"Ao caríssimo João Antônio, criador de gente extraordinária, como Malagueta, Perus e Bacanaço, este Antiuniverso, e o melhor abraço amigo do leitor e admirador, Fernando Py Rio, março 86"

Q

290-QUEIROZ, Maria José de. Como me contaram: fábulas históricas. Belo Horizonte: Imprensa/Publicações, 1973.

"Para João Antônio, que conhece Baudelaire e sabe que a poesia está em toda parte, estas fábulas de vinte anos passados. Como nem Minas nem nós, os mineiros, em nada mudamos, ignore a data - 1973, e prestigie a outra com a sua leitura. a Maria José de Queiroz No Rio, aos 5/1/95"

291-QUEIROZ, Maria José de. Homem de sete partidas: romance. (Apresentação de Pedro Nava). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980. (Coleção Vera Cruz, v, 305)

"Para João Antônio, num amor comum à degustação das palavras, com a estima da M. José de Queiroz Rio, 24/1/96"

292-QUEIROZ, Rachel de. O galo de ouro: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

"Ao João Antônio, sua velha leitora Rachel de Queiroz Rio, out. 85"

293-QUINTELLA, Ary. Qualquer coisa é a mesma coisa. 2. ed. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília, 1979.

"Para Teresa e João Antônio - com o abraço apertado do amigo, Ary Rio, 80"

294-QUINTELLA, Ary. Um certo senhor tranquilo. Rio de Janeiro: Bonde, 1971.

"Caro João Antônio: repare só que fiz força para chegar perto do Bacanaço. Do admirador, Ary Rio, 75"

R

295-RAMOS, Ricardo. Os desertos: contos. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

"Ao João Antônio, com amizade, o melhor abraço do Ricardo S. Paulo - 28/Nov./61"

296-RANAURO, Hilma. Descompasso: poesia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. (Coleção Tempoesia, nº 29)

"Para você, João Antônio, minha poesia, na busca do "compasso". Em 24/12/84 Hilma Ranauro"

297-RANGEL, Paulo. O irreverente punhal da subversão: contos e novelas. Rio de Janeiro: CODPOE, 1987.

"João Antônio Levei 17 anos para completar este livro. Quis escrever contos perfeitos, na forma e no conteúdo. Cheguei a fazer sete ou oito versões de alguns deles. Afiei o bisturi e cortei, implacável, gorduras e repetições. Busquei 'consolidar' uma linguagem falada pelo homem do povo e pelo intelectual. Alguns trabalhos satirizam costumes militares, como uma contribuição para que nunca mais tenhamos ditaduras - nem civis nem armadas. Se as intenções atingiram os objetivos, só os especialistas, como você, podem julgar. Com os cumprimentos do autor, Paulo Rangel Rio 4-7-87"

298-REBÊLO, Marques. O simples coronel madureira. Rio de Janeiro: BUP, 1967. (Ficção Brasileira, v. 63)

"A João Antônio seu amigo Marques Rebêlo".

299-REIMÃO, João Batista. Tessitura de violeta: contos. s/l., s/ed., 1962.

"Ao amigo João 'Meninão do caixote' um abraço do João 19.3.63"

300-REIPERT, Hermann José. Arraia miúda e o avião de Paris: contos. São Paulo: Do Escritor, s/d.

"Ao amigo João Antônio, para quem reservei um lugar no meu "Avião de Paris", com aquele abraço do Hermann Prefeito da Travessa 5-10-1981"

301-REIPERT, Hermann José. Gente nova de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1972.

"Para o irmão João Antônio, a quem mais uma vez, oferece este livro, o Hermann. 30.11.72" Obs.: Nas páginas 13,14 e 15 o autor dedica Cogumelos do cotidiano a João Antônio. Há um convite para noite de autógrafos do livro O livro de Carlos de Edilberto Coutinho.

302-REIPERT, Hermann José. O bico do pássaro. São Paulo: Do Escritor, 1984.

"Para João Antônio com abraço do amigo Hermann S. Paulo 1/11/84" / Obs.: Nota de contra-capla de João Antônio.

303-RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: UFRJ; Unicamp, 1993.

"João Antônio, Espero que te agrade esse estudo - inevitavelmente apaixonado - pelo nosso Lima Barreto. Abraços Beatriz"

304-Revista Perspectiva. Ano 6 - nº12 - Janeiro/Junho de 1989 - Florianópolis. (Revista do Centro de Ciências da Educação)

"João Antônio, parte pequena do trabalho que escrevi a partir das entrevistas de escritores, está aqui, nesta revista de educação. O conjunto ainda busca editor. Muito obrigada e um grande abraço da Tânia Em 5/9/89" / Obs.: Nota de João Antônio - p. 74/75.

305-REY, Marcos. A última corrida (ferradura dá sorte?): romance. 2. ed. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção de Autores Brasileiros, 80)

"Para João Antônio amigo de todas as corridas Marcos Rey 24-/1/82" / Obs.: Uma das notas de orelha é de João Antônio.

306-REY, Marcos. Bem-vindos ao Rio. São Paulo: Ática, 1986.

"João Antônio bem no seu estilo, leia e confira Marcos Rey 26/03/86"

307-REY, Marcos. Doze horas de terror. São Paulo: Ática, 1993. (Série Vaga-Lume)

"Para o João Antônio uma fatia do meu pão de cada dia Marcos Rey"

308-REY, Marcos. Malditos paulistas: romance policial picaresco. São Paulo: Ática, 1980. (Coleção de Autores Brasileiros, 52)

"Para João Antônio do leitor e amigo Marcos Rey 13/3/80" Obs.: Há um bilhete de trem nas páginas 4 e 5 / p. 10 e 11 há um ticket de supermercado / p. 16 e 17 há um marcador (papel de cigarro); - Há marcadores de páginas: p. 166, 167 e 168.

309-REY, Marcos. Não era uma vez. São Paulo: Escrita, 1980.

"Para João Antônio, meu livro mais importante, Marcos Rey - 29.10.80"

310-REY, Marcos. O entêrrô da cafetina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 124)

"embora tardiamente, apresento-lhe uma (senhora?) das minhas relações. Marcos Rey 22/9/67 / Obs.: João Antônio é citado na 2ª orelha deste volume.

311-REY, Marcos. O pêndulo da noite: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

"Para o João Antônio, o amigo definitivo, do Marcos Rey 17/8/77" / Obs.: Nota de contra-capla de João Antônio.

312-REY, Marcos. O último mamífero do Martinelli. São Paulo: Ática, 1993.

"Ao João Antônio com quem faço a dupla Xitãozinho e Xororó da literatura Marcos - Rey 12/2/93"

313-RIBEIRO, Darcy. Configurações histórico-culturais dos povos americanos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Perspectiva do Homem, v. 103, Série Antropologia)

"Para João Antônio que me dá ânimo de escrever reinventando uma língua madre e reinstalando o escritor numa postura limabarretica frente ao povão. Abraços Darcy Rio - Fev. 77"

314-RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

"Para João Antônio, (concidadão?) e membro emérito da Irmandade, com o abraço grande de João Ubaldo Rio, 27.12.84"

315-RIBEIRO, Octávio. Barra Pesada. Rio de Janeiro: Codecri, 1977.

"Ao mestre João Antônio: Começaste na literatura como ateu. Agora tá virando Papa, hein? Então segure este Barra Pesada, cujo autor é um analfabeto que nunca chegará a ser um cardeal, né? Abraço 23/4/77 - Octavio Ribeiro"

316-RIDA, Zulema. Cachimbo, cachorro e clube. São Paulo: Francisco Alves, 1963. (Coleção Alvorada, v. 10)

"João Antônio não é tarde Obrigada! Zulema Rida 27/6/63 - P.S. Leia com carinho!"

317-RIZZINI, Jorge. Caso Arigó. São Paulo: Supertipo, 1963.

"Ao João Antônio, 'reporter-fantasma' do Caso Arigó, com a velha amizade do seu Jorge Rizzini. S.P. 8/7/963"

318-ROSA, Luciano Caetano da. O ofício da voz. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita, 1989.

"Para os meus queridos amigos João Antônio e Solange, com um forte abraço de amizade e de camaradagem do Luciano. Ffm, set. 89"

319-ROSA, Luciano Caetano da. Textos bilingues. Gesamtherstellung: Institut für brasilienkunde, s/d.

"Para o João Antônio e a Solange, sete crônicas sobre o nosso querido Brasil. Com um abraço do Luciano. / P.S. Os direitos autorais deste livro são para o menor abandonado. - Março'90"

320-ROSA, Luciano Caetano da. Textos bilingues. Gesamtherstellung: Institut für brasilienkunde, s/d.

"Para o João Antônio e a Solange, estas sete crônicas s/ o Brasil, infelizmente cheias de 'gralhas' (erros de imprensa)

A venda do livro aqui reverte a favor do menor abandonado no Brasil. / Não se resolve nenhum problema, com isso, mas cada um faz o que pode. A Solange pode aprender mais um pouco de alemão com a tradução. Um abraço muito grande do sempre nosso Luciano Frankfurt, 14-11-90"

321-RUBIÃO, Murilo. O convidado: contos. São Paulo: Quíron, 1974.

"Para João Antônio, amigo dos mais queridos, o abraço do seu admirador Murilo Rubião Belo Horizonte, janeiro 75"

S

322-SÁ, Carlos AA. de. Profissão: escritor (entrevistas). Porto Alegre: Emma, 1978.

"Ao João Antônio, desejando que coloque sua voz em prol do respeito ao direito do autor. Com o abraço do Carlos Sá Rio, junho / 78"

323-SABINO, Fernando. O gato sou eu. Rio de Janeiro: Record, 1983.

"Ao João Antônio, esta lembrança amiga, com o melhor abraço do seu Fernando Sabino 10/11/83"

324-SACHA, Francisco López. El cumpleaños del fuego: novela. Cuba: Letras Cubanas, 1985. (Colección Espiral)

"Para João Antônio gran amigo en estos dias de la Habana pro aquellas largas conversaciones en tanti spiritos Un abrazo Sacha 12/2/85 La Habana Cuba"

325-SANCHES NETO, Miguel. O artifício obsceno: visitando a polaquinha. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1994.

"Prezado João Antônio, mando este livrinho por saber, através do Wilson Bueno, que você tem particular admiração pela Polaquinha. Receba, com este, um abraço - 17.10.94"

326-SANDRONI, Cícero. O diabo só chega ao meio dia: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

"Para o companheiro de lutas João Antônio, com o grande abraço do Cícero Sandroni Rio, 15/8/85"

327-SANTANA, Ailton. O passeio de J.C.: contos. Salvador: Jotadablio, s/d.

"Caro João: O conto "O rei do pedaço" é para você, todinho seu! Gostou? Ailton Santana em 6/3/89" Obs.: O conto "O rei do pedaço" é dedicado a João Antônio.

328-SANT'ANNA, Sérgio. Confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 194)

"Para o João, aí está este monte de irresponsabilidades (ainda que literárias) + o abraço do Sérgio Rio 31/7/75"

329-SANT'ANNA, Sérgio. Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer): contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

"Para João Antônio e Tereza, com o afeto do Sérgio Sant'Anna Rio 31/ 7 /75"

330-SANT'ANNA, Sérgio. Um romance de geração: comédia dramática em um ato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Coleção Vera Cruz, v. 315)

"Para o João Antônio, esperando que curta a brincadeira - citação de pag. 28, aqui vai mais este livro e o abraço do Sérgio. Rio, março, 1981".

331-SANTANA, Valdomiro. Literatura Baiana: 1920-1980. Rio de Janeiro: Philobiblion; Brasília: INL, 1986. (Coleção Visões e Revisões, v. 6)

"João: esqueça a ignomínia dos erros tipográficos da orelha e veja estes 60 anos de baianadas. Com o abraço fraterno do Valdomiro Salvador, fevereiro de 1991".

332-SANTIAGO, Silviano. Crescendo durante a guerra numa província ultramarina. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

"Para João Antônio, em agradecimento pela remessa de livros, com o abraço do seu leitor e admirador, Silviano Santiago 12/8/81"

333-SANTOS, João Felício dos. João Abade. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

"Ao João Antônio, o João Felício pede passagem para o João Abade, numa abundância de Joões, muito cheio de graça! ...e de amizade Felício. - 1966"

334-SANTOS, Lidia. Flauta e cavaquinho. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense - Eduff, 1989.

"Ao João Antônio, mestre do conto, com admiração, - Lidia Santos 9-89"

335-SARCINELLA, Luigi. O salto no escuro. São Paulo: Quatro artes, 1968.

"Ao ilustre jornalista João Antônio com toda a amizade do autor Luigi Sarcinella São Paulo, abril 1968".

336-SARUSKY, Jaime. Los fantasmas de Omaja. Cuba: Unión, 1986.

"Para João Antônio fraternalmente en estos dias de alegria y amistad brasileña - cubana - latinoamericana el abrazo do Jaime Sarusky 1987"

337-SAVARY, Olga. Sumidouro. São Paulo: Massao Ohno - João Farkas, 1977.

"João Antônio, por este encontro em São Paulo, o primeiro livro (prova ainda) da fornada Abraço amigo da Savary S.P., 1 out. 1977"

338-SCHMALTZ, Yêda. O peixenauta. Goiânia: Oriente, 1975.

"Ao escritor João Antônio, com admiração da autora, Yêda Schmaltz Goiânia, 4.4.76"

339-SCHMALTZ, Yêda. Baco e Anas brasileiras. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

"Para o escritor João Antônio, com o abraço da Yêda Schmaltz - Go, set, 85"

A autora pede para que João Antônio divulgue o livro.

340-SCLIAR, Moacyr. Mês de cães danados. Porto Alegre: L&PM, 1977.

"Para o João Antônio, que trouxe o povo para a literatura atual, estes latidos do Moacyr Scliar."

341-SCLIAR, Moacyr. O centauro no jardim: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

"Para o João Antônio esta aventura gaúcha, com o abraço do Moacyr Scliar".

342-SENNA, Homero. República das letras: entrevistas com 20 grandes escritores. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

"Ao prezado João Antônio, que com Dalton Trevisan e Guimarães Rosa renovou o conto brasileiro, lembrança cordial do Homero Senna Rio, março 96"

343-SEQUEIRA, J. Antônio de. O resto. Campinas: Teixeira, s/ d.

"João, que o meu resto seja esperança - O autor J. Antônio Sequeira 20.10.75 Campinas"

344-SEVERO, José Antônio. A invasão. Porto Alegre: L&PM, 1979.

"João Antônio: Primeiro leitor e grande incentivador deste livro, receba meus agradecimentos e com abraço do amigo JS Rio, 13/7/79 Sexta-feira Lua Cheia"

345-SILVA, Aguinaldo. A república dos assassinos: romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira, v. 232)

"Para João Antônio, companheiro, este romance sofrido e o abraço do Aguinaldo Silva 2.12.76"

346-SILVA, Aguinaldo. Memórias da guerra. Rio de Janeiro: Record, 1986.

"Para o meu irmão João Antônio, estas Memórias da guerra, que saem com suas bênçãos, e mais o abraço amigo do Aguinaldo Silva Rio, 30.1.86"

Obs.: Nota de contra-capas de João Antônio

347-SILVA, Aguinaldo. No país das sombras: novela. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

"Para João Antônio, companheiro velho de Guerra, com o abraço do Aguinaldo Silva Rio, 3-7-79"

348-SILVA, Anita. Talvez nas flores... São Paulo: João Scortecci, 1988.

"João Antônio, o ser do poeta reflete na intimidade das palavras, na transparência de seus gestos e sentimentos, no desorgulho de gritar a sua dor, sua paixão... Um forte abraço - Anita dez / 88"

Obs.: No interior deste exemplar há uma carta da autora na qual a autora comenta sobre a descoberta do escritor João Antônio e diz ter ido ao seu encontro para obter maiores informações sobre ele, visitando a casa dos pais do escritor em Presidente Altino - SP.

349-SILVA, Deonísio da. A mesa dos inocentes. S/l.: Artenova, 1978.

"Meu querido João Antônio: receba esta mesa rodeada de gente sem vergonha como você e eu, com o abraço do companheiro e seu leitor Deonísio 29.V.78"

350-SILVA, Deonísio da. Avante, soldados: para trás. São Paulo: Siciliano, 1992.

"Ao João Antônio, amigo de sempre e companheiro de tão memoráveis jornadas, este Avante, soldados: para trás com o melhor abraço do seu leitor e fã Deonísio 5/10/92"

351-SILVA, Deonísio da. Cenas indecorosas. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

"Ao grande João, que tanto tem feito pela literatura brasileira, com a admiração e o apreço intelectual do Deonísio da Silva 23.12.76 NB. Teu Casa de Loucos tá ótimo".

352-SILVA, Deonísio da. Um novo modo de narrar: ensaios. São Paulo: Livraria Cultura, 1979.

"Ao 'velho' e querido companheiro, João Antônio, escritor de minha particular estima, com o melhor abraço do seu leitor e amigo Deonísio 15.11.79 Afinal, proclamaram mesmo esta bosta? Nem parece!"

353-SILVA, José Armando Pereira da. O teatro em Santo André - 1944-1978. Santo André: Public, 1991.

"Para João Antônio, que já me encantou com tantos malandros e outros tipos, retribuo agora humildemente e com a velha amizade. Zé Armando 6-5-91"

354-SILVEIRA, Helena. Na selva de São Paulo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

"Para João Antônio Na selva de São Paulo com a simpatia da Helena Silveira Julho 1966 Rio"

355-SOARES, Murilo Cesar. Anaflor, uma noite: contos. São Paulo: Símbolo, s/d.

"Para João Antônio, escritor do nosso povo, dedico com admiração. Murilo 7-5-76"

356-SODRÉ, Muniz. Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

"Para João Antônio, mestre do conto, o abraço do Muniz Sodré".

357-SOUSA, Salomão, PRADO, Wil. Esbarros. s/ l., s/ ed., 1977.

"João Antônio, meu prezado amigo de letras e lutas, receba uma nossa humilde (porém humana) tentativa de fazer literatura. - com a mais viva admiração, a homenagem dos amigos Wil Prado e Salomão Souza em 14/6/77"

358-SOUZA, Márcio. As folias do latex: vaudeville. Manaus: Prefeitura Municipal, 1976.

"Ao companheiro João Antônio ofereço As folias do latex que é uma caminhada pelos meandros de nossa exploração pelo imperialismo, com as saudações do Marcio Souza 18/10/76"

359-SOUZA, Márcio. A ordem do dia: folhetim voador não identificado. 2. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero: 1993.

"Para o João Antônio, com a saudação do amigo e colega, Márcio Souza Rio - 1993"

360-SOUZA, Tárík de. E esse nó no peito. S/l.: Do Autor, 1978.

"Ao João Antônio do seu leitor assíduo (e aprendiz de malandrags editoriais) Tárík"

361-STEEN, Edla van. Viver & escrever. (v.2) Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982.

"Para João Antônio, com o carinho e a admiração da Edla van Steen"

T

362-TATAGIBA, Fernando. O sol no céu da boca: contos. Vitória-ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida; Fundação Cultural do Espírito Santos, 1980.

"Para o grande amigo João Antônio, estes contos curtos e mercenários que mostram fatos e personagens do submundo 28/8/80 Fernando"

Obs.: Há uma nota à parte: "Caro João Antônio: Seria possível você conseguir alguma divulgação do livro por aí? Se você escrever sobre ele em algum lugar, mande o recorte, tá? Abraços do Fernando Tatagiba"

363-TELLES, Lygia Fagundes. Seminário dos ratos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

"Para João Antônio - meu companheiro de ofício - o abraço de antiga amizade da Lygia. julho, 1977"

364-TÉRCIO, Jason. A pátria que o pariu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

"Ao João Antônio, mestre e amigo, ofereço este (sub) mundo classe mé(r)dia com um abraço Tércio - nov. 94"

365-TINHORÃO, José Ramos. Música popular: os sons que vêm da rua. Rio de Janeiro: Fon-Fon - Seleta, 1976.

"Para o João Antônio, escritor do povo, oferece esta Música popular o Tinhão que joga no seu time Rio, 12/6/1976"

366-TORRES, Antônio. Adeus, velho. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.

"Para Teresa e João Antônio, com o abraço amigo do velho Antônio Torres Rio, 17-9-85"

367-TORRES, Antônio. Essa terra. São Paulo: Ática, 1976. (Coleção Nosso Tempo).

"Para Teresa e João Antônio, que sabem como é Essa terra - que todos nós queremos vê-la melhor um dia. Toda a minha estima. Antônio Torres Marília, 2.7.76"

368-TORRES, Ivo. Trono do amor. Rio de Janeiro: Voga, 1983.

"Ao João Antônio, homem de amor Ivo Torres - Rio 1984".

369-TREVISAN, Dalton. O vampiro de Curitiba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

"Para João Antônio, com um grande abraço do Dalton Trevisan".

370-TRINDAD, Socorro. Cada cabeça uma sentença: contos. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção de Autores Brasileiros, 23)

"Para João Antônio, amigo de ofício e luta, com o abraço de Socorro Trindad. Rio, 1º/8/78"

V

371-VALADÉS, Edmundo. La muerte tiene permiso. Mexico: Olimpia, 1975.

"Para João Antônio, un dinamo de la cuentista brasileña, con la amistad fraternal de Edmundo Valadés - octubre 1976"

372-VALLADARES, Luis Fernando. Ver de novo. Goiânia: Oriente, 1978.

"Com os cumprimentos do autor - Go, maio 1979 Luís Fernando Valladares"

Há ainda um papel avulso dizendo: "Muito agradeceria qualquer referência a VER DE NOVO, bem como, se escrita, solicito seu envio para: Luis Fernando Valladares / Go

373-VÁRIOS AUTORES. Entre vinhos e advinhos. Porto Alegre: Lume, 1977.

"João Antônio, um pouco da resistência do Sul, cooperativada. Em nome deles, Rogério Ruschel 25/10/74"

374-VÁRIOS AUTORES. Assim escrevem os gaúchos. (Organização, seleção e notas de Janer Cristaldo). São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

"Para o João Antônio com as salvas e as ressalvas do Mário Quintana P. Al. 31/10/76"

375-VÁRIOS AUTORES. Ventonovo. Curitiba: Editora Cooperativa de Escritores, s/d.

"Para João Antônio e Tereza, estes meus primeiros poemas saídos em livro, com outros 7 autores, que procuram representar o drama de uma geração do nosso povo, nesta terra sem remédios nem remendos. do amigo de sempre. Julio Cesar 1/1/1977"

376-VÁRIOS AUTORES. Zero Hora: contos, teatro, poesia. V. 2. São Paulo: Dos Autores, 1983.

A dedicatória está em um papel avulso:

"Itaquera, 17/6/83 Prezado João Antônio Remeto-lhe este exemplar do movimento Zero Hora: contos. Por favor, solicito a você alguns comentários sobre os contos do meu considerado amigo Joaquim Laporte. No início do mês vindouro irei à casa da cantora Araci de Almeida, o samba em pessoa; ela me cedeu o endereço, convidando-me para tomar um cafezinho. Vamos lá!! Tem mais, receba um carinhoso abraço Oswaldo".

377-VEIGA, José J. O risonho cavalo do príncipe. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

"A João Antônio, grande contista, grande cidadão e excelente amigo, com o abraço do J.J. Veiga Rio, 24.8.92"

378-VEIGA, José J. O trono no morro. São Paulo: Ática, 1988.

"A João Antônio, escritor que admiro, com um abraço fraterno. José J. Veiga Rio, 10.8.92"

379-VIEIRA, José Luandino. Laurentino, Dona Antónia de Sousa Neto e eu. Lisboa: Edições 70, 1981.

"Para João Antônio: em cuja amizade descansa a modéstia deste livro; e que abra um pouco a janela sobre a vida e literatura de angola e do seu povo um abraço do José Luandino Havana, 10/2/87"

380-VIEIRA, Luandino. La verdadera vida de Domingos Xavier. Habana: Huracan, 1985.

"Para João Antônio (Juan Antonio) com os sinceros votos de que este livro o ajude a falar cubano e vença o brasunhol/portunhol de todos nós. Do amigo Luandino Havana, 17/2/1987"

381-VILELA, Luiz. Graça: romance. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

"João Antônio, o velho amigo Luiz Rio, 2.9.89".

382-VILLAR, Gilberto. O primeiro brasileiro: onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão-novo, instruído, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição. São Paulo: Marco Zero, 1995.

"Para o grande amigo João Antônio, que me deu coragem suficiente para publicar este livro. Gilberto Rio, 27/04/1995"

Obs.: Há um manuscrito avulso do autor para João Antônio (primeira página) / Há também um convite para lançamento deste volume.

Obs.: Nota de capa de João Antônio.

383-VITOR, E. D'Almeida. Pequeno dicionário de gíria entre delinqüente: pesquisa em torno da linguagem de um subgrupo social). Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

"Para o João Antônio, modesta contribuição à linguagem do malandro com o abraço do D'Almeida Vitor"

W

384-WANDERLEY, Jorge. Manias de agora: poemas. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. "Para o mestre João Antônio, marco na nossa literatura desde Malagueta, Perus e Bacanaço, com a admiração do Jorge Wanderley"

385-WOLF, Fausto. ABC do Fausto Wolf: tudo o que você sempre quis perguntar sobre sexo, humor e política e nunca teve coragem para saber. Porto Alegre: L & PM, 1988.

"Para o meu querido João Antônio cujo talento será reconhecido no dia imediato à sua morte, quando poderá ser louvado sem risco. Seu amigo e admirador F. Wolf."

386-WOLF, Fausto. Matem o cantor e chamem o garçom: romance. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

"Rio, 23-11-78 Para João Antônio, com um abraço, sua macaca de auditório, F. Wolf"

387-WOLF, Fausto. Matem o cantor e chamem o garçom: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

"Eu não gosto de dar autografos para quem escreve melhor que eu mas atendendo a pedidos - João Antônio - aí vai. Fausto Wolf"

Z

388-ZIRALDO. Vito Grandom. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

"João, meu querido, vê o que ocê acha! Ziraldo 89"